TREND



GIANNE
ALBERTONI

FLORAIS DE
GIANNI VERSACE
1988


BMW I7.
O LUXO REDEFINIDO.
100% ELÉTRICO.
PRESENÇA IMPONENTE.
AUTONOMIA DE ATÉ 479 KM¹
DESCUBRA O DESIGN QUE CONQUISTA
TODOS OS ÂNGULOS E O INTERIOR
QUE ELEVA CADA MOMENTO.
APONTE A CÂMERA E EXPLORE
TODA A EXPERIÊNCIA NA
BMW OSTEN.


OSTEN
M PA 2518E
Desacelere. Seu bem maior é a vida.

RANGE ROVER
SPORT

UMA PRESENÇA IMPLACÁVEL

AUTONOMIA ELÉTRICA (ATÉ):

118 km*

*WLTP. Autonomia real esperada de até 92 km

0 A 100 KM/H (A PARTIR DE):

5,5 SEGUNDOS



APONTE A CÂMERA E EXPLORE
TODA A EXPERIÊNCIA NA
LAND ROVER OSTEN.


OSTEN
Desacelere. Seu bem maior é a vida.



HENRY CAVILL





HYDROCONQUEST

Elegance is an attitude

LONGINES

maxior

JOIAS




IODICE

Carta ao *leitor*

Há algum tempo, passamos a acreditar que estar conectados era o mesmo que estar próximos. As telas se multiplicaram, as mensagens ficaram instantâneas, os contatos infinitos. E, ainda assim, em algum lugar entre uma notificação e outra, fomos nos tornando estrangeiros uns dos outros.

Vivemos a era em que tudo pode ser enviado, mas nem tudo é recebido. Falamos mais do que nunca e, paradoxalmente, escutamos menos. Compartilhamos cada detalhe da vida, mas escondemos os silêncios que realmente importam. Construímos pontes digitais capazes de atravessar oceanos, enquanto esquecemos como atravessar a distância de uma mesa, de um olhar, de uma conversa sem distrações.

Esta edição nasce dessa inquietação. Da sensação de que algo essencial está escapando por entre os dedos. Porque nenhuma tecnologia foi capaz de substituir a força de um abraço inesperado. Nenhum algoritmo consegue reproduzir a delicadeza de uma carta escrita à mão. Nenhuma inteligência artificial, por mais extraordinária que seja, pode sentir o calor humano que existe quando alguém escolhe permanecer.

Talvez o verdadeiro luxo do nosso tempo não seja aquilo que possuímos, mas aquilo que conseguimos preservar: A atenção. A presença. A escuta. A capacidade de olhar alguém nos olhos sem a urgência de registrar o momento para o mundo inteiro. Em uma sociedade obcecada pela velocidade, talvez a maior revolução seja desacelerar para estar com quem amamos.

Por isso, esta edição é também um manifesto em defesa da memória, da arte e dos legados que resistem ao tempo. Nesta jornada, atravessamos diferentes formas de eternidade. Encontramos Tarsila do Amaral nas cores que ajudaram a desenhar a alma brasileira. Redescobrimos Gianni Versace por meio de um legado que continua a habitar museus, coleções e sonhos. E revisitamos o olhar visionário de Andy Warhol, que compreendeu como poucos o poder das imagens muito antes de vivermos cercados por elas.

Entre essas narrativas, encontramos também histórias que seguem sendo escritas. Conversamos com Maite Perroni sobre reinvenção e permanência.

Acompanhamos a força de Ana Hickmann, os novos caminhos de José Loreto e os universos criativos de Nanda Marques, Schynaider Moura e Renata Kuerten.

Celebramos ainda a potência da cultura Black Soul, lembrando que identidade, expressão e pertencimento são formas de legado tão valiosas quanto qualquer obra de arte. As mais de 400 páginas desta edição foram construídas como uma coleção de encontros. Entre moda, arte, arquitetura, comportamento, cultura e histórias de vida, cada reportagem carrega uma pergunta silenciosa: o que permanece quando tudo passa? Talvez a resposta esteja justamente naquilo que escolhemos guardar. Nas obras que desafiam o tempo. Nas ideias que continuam inspirando gerações. Nas pessoas que transformam suas experiências em pontes capazes de conectar mundos.

Vivemos cercados por estímulos, informações e distrações. Nunca tivemos tanto acesso ao mundo e, ao mesmo tempo, nunca pareceu tão urgente reaprender a estar verdadeiramente presentes nele. A arte nos lembra disso. A moda nos lembra disso. As grandes histórias nos lembram disso. Elas nos convidam a interromper o ruído para ouvir algo mais profundo: a voz daquilo que permanece

Porque, no fim, a vida nunca foi sobre a quantidade de conexões que acumulamos. Foi, e sempre será, sobre a profundidade das que permanecem. Sobre os encontros que nos transformam, as conversas que nos marcam, os afetos que atravessam o tempo e os legados que escolhemos honrar.

Que esta edição seja um convite para olhar além das telas, para valorizar a presença acima da pressa e para recordar que nenhuma inovação será mais poderosa do que um encontro sincero. Afinal, são as histórias que contamos, os vínculos que cultivamos e as memórias que preservamos que transformam o tempo em significado.

Com afeto,

Ale Monteiro
Revista TREND



Capa: José Loreto
Fotografia: Cassia Tabatini
Beleza: Maxime Weber
Direção e Styling: Luis Fiod
Vega Studios



Capa: Tarsila do Amaral
Obra: Autorretrato, 1923



Capa: Nanda Marques
Fotografia: Cassia Tabatini
Beleza: Helder Rodrigues
Direção e Styling: Luis Fiod
Vega Studios



Capa: Maite Perroni
Fotografia: Carlos Ruiz
Beleza: Pamela Segura
Styling: Gerard Angulo
Step On Fashion

TREND

Diretor Geral: Ale Monteiro
Diretora Comercial: Letícia Piva
Diretora de Comunicação e PR: Pollyana Piva
Diretora Editorial: Daizi Suchoj
Executiva de Negócios: Nelson Martinez
Diretores de Criação: John Sato e Kaique Sepulveda

REDAÇÃO
Colunistas
Saúde Mental: Edilaine Francescato
Corporativo: Zilca Saldanha
Comportamento: Claudia Matarazzo
Cultura: Laura Franco
Branding: Arthur Bender
Arte: Paola Montenegro
Crônica: Maria de Queiroz

MODA
Diretor de Moda: Rafael Menezes
Editor de Moda: Paulo Zelenka
Produtora de Moda: Lene Cruz

EDITORIA DE BELEZA
Diretora de Beleza: Maxime Weber
Edu Hyde
Tata Blanco
Jayana Araújo
Emerson Gonçalves

ASSISTENTE DE BELEZA E WELLNESS
Edvaldo Pessoa
Matheus Dutra

EDITORIA DE CULTURA E LIFESTYLE
Noá Miglio
Loharna Tardem
Elas Candido
Nicole Cruz

EDITORIAL DIGITAL
Diretor de Moda: Rafael Menezes
Editor de Moda: Paulo Zelenka
Produtor de Moda: Lene Cruz

EDITORIA DIGITAL
Marcilio Junior

SUSTENTABILIDADE
Emerson Albino

MEIO AMBIENTE
Raine Piva Amaral

ESTILO E ARTE
Lano Moreira

PRODUTORES DE CONTEÚDO
Kelvin Ramos
Kaue Vaz
Danilo Friedl
Paschoal Rodriguez
Marco Amaral
Cassia Tabatini
Marcos Duarte
Heitor Zopa
Glauber bassi
Gabriel Ramos

EXECUTIVO COMERCIAL
Nelson Martinez
Adriano Favorito

GASTRONOMIA
Debora Nejaim

CORRESPONDENTE DE MIAMI
Marcio Amaral

ANALISTA ADMINISTRATIVA
Aldo Rosalem
Luciana Brandão

CORRESPONDENTE DE MILANO
Glauber Bassi

JURÍDICO
Mateus Ferreira
Luciana Brandão

EDITOR DE JORNALISMO
Camila Novo

Marcio Amaral, Kaue vaz, Jordan vilas , Guilherme Deodato, Glauber Bassi, Anna Luah, Naty Kuprian, Natalia Rigolo, Milena Vitória, Rafael Menezes, Renan Tavares, Emerson Alves, Yan× Zhen, Loharna Tardem, Lilian Gonçalves, Pietro Brugniera, Gabriel Capella, Gabriel Guimarães, Iris Röbel, Alexandra Ioras, Fabus Junior, Ailton Design, Arabesco Decor, Flávio Meneguini, Graciela Starling, Israel Valentim, Thiago Gandra, Renner Souza, Jefferson Cruz, Guilherme Queiroz, Bianca Liahinne, Luis Fiod, Cassia Tabatini, Helder Rodrigues, Zeca Ziembik, Andre Bona, Jean Sayeg, Zene Sachs, Gabriel Soriedem, Marcelo Andrade, Renato Machado, Iago Vilerá, Henriqie Bonafe, Amanda Lavorato, Mazé Santos, Vega Estudios, Qhl Silycies Cinematograficas, Estudio acaso, Cris Lins, Luisa Victorelli, Zene Sachs, Junios costa, Gabriel Ramos, Brum Dellum, Alexandre Stefani, Sandra Tacla, Ziel Moura, Agência Lema, Naelson de Castro, Casa Vitrine, Henrique Tarricone , Rz studio, Priscila Whitaker, ToiPam, Jean Gutti, Murilo Feltran, Melissa Dias, Safira Kali, Artur G.

REVISTA TREND é uma publicação das Edições MP Conecta (MP Comunicação Estratégia de Imagem LTDA)
Rua Henrique Schaumann, 414, 2° andar, Pinheiros, São Paulo, Brasil.
E-mail para contato: redacao@revistatrend.com.br

Sumário

PÁG 11
Ana Hickmann



PÁG 37
Gianne Albertoni

PÁG 59
Trend Colors Pantone 2027

PÁG 67
Maite Perroni

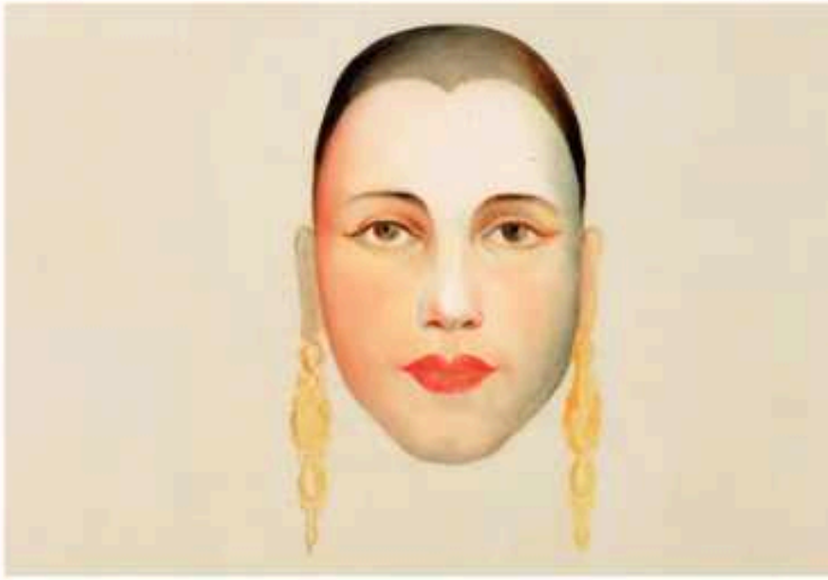
PÁG 77
Nanda Marques



PÁG 99
Beauty list

PÁG 105
Tarsila do Amaral

PÁG 121
O batom vermelho de
Tarsila do Amaral



PÁG 125
Alexandra Loras

PÁG 129
Entre legado e futuro.

PÁG 135
Brilho Retrô: Schynaider



PÁG 151
Nathalia Timberg

PÁG 157
Perfumaria

TREND

PÁG 163
Relojoaria e Jóias

PÁG 169
Claudia Matarazzo

PÁG 173
A Estética da Conexão

PÁG 177
Resistência Analógica

PÁG 179
Diagnóstico não
é identidade

PÁG 183
A Visão como patrimônio

PÁG 185
Paternidade Atípica

PÁG 187
José Loreto



PÁG 215
Black Soul

PÁG 233
Skincare e MakeUp

PÁG 237
Trend list

PÁG 239
100 anos de Marilyn Monroe

PÁG 247
Dra.Aline Lago e a Medicina Energética.

PÁG 251
Monet & Ronoir

PÁG 259
Arthur Bender

PÁG 263
Andy Warhol tinha razão.

PÁG 269
After Party

PÁG 285
Léo Picon

PÁG 299
Renata Kuerten



pág311
Guardião da memória Versace

pág315
Trend report

pág317
No salto alto da autenticidade

pág319
Entre estampas e memórias

pág325
A Arquitetura do Encontro

pág331
O fim do design perfeito

pág343
A Mulher em 3 atos



pág349
Benzin Motoclub

pág353
Segurança Blindada

pág355
O Novo Luxo é estar presente

pág359
Novo ativo da Sofisticação

pág365
Henrique Fogaça

pág369
Sofisticação do Sabor Carioca

pág375
Mandala Eventos

pág377
O sabor do Território

pág381
Esther Rooftop

pág383
Maison Dodoma

pág387
Le labo

pág389
Sato e a Cidade

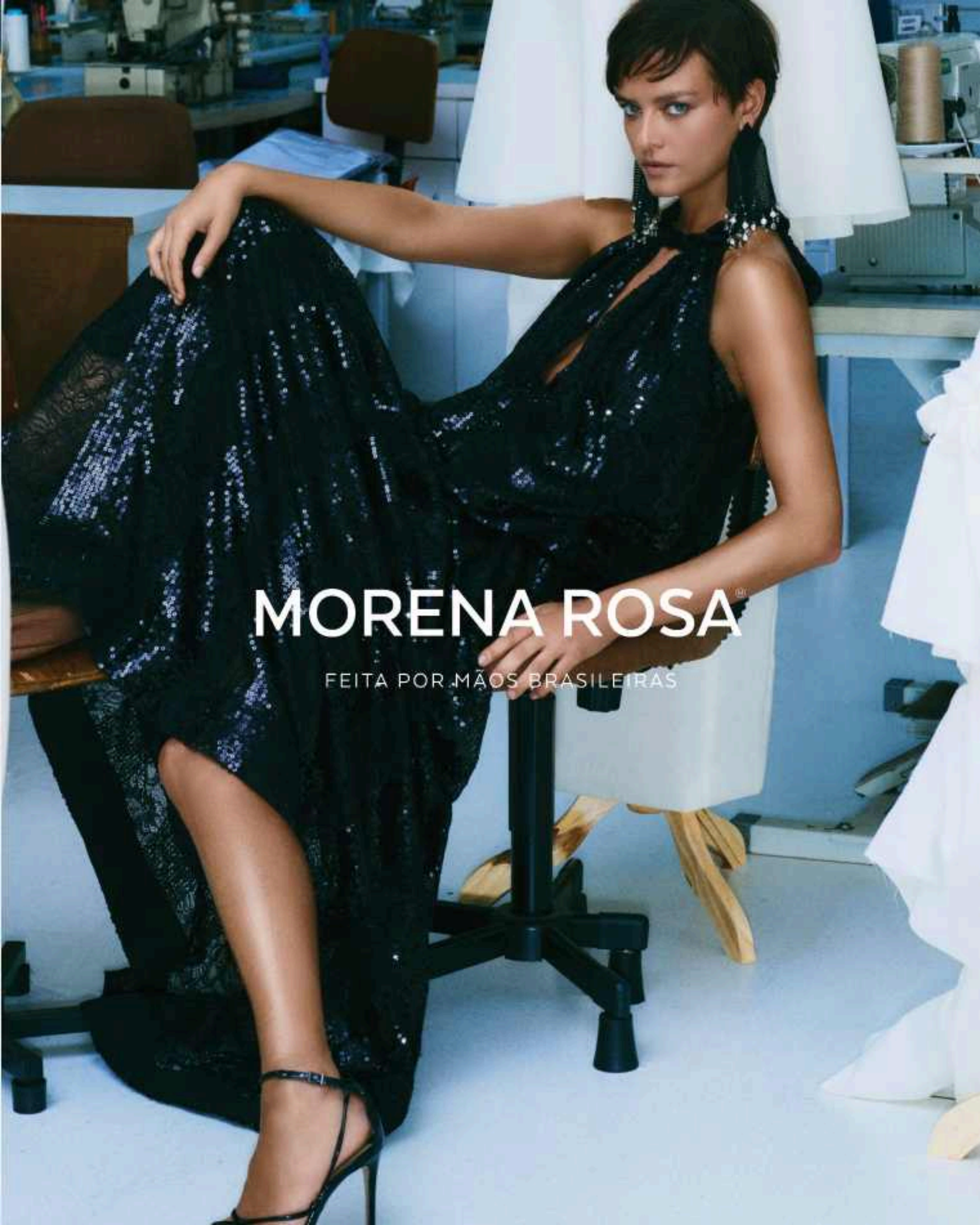
pág391
Mayana Neiva

pág403
Desconstrução

pág407
Por que ninguém
responde mais?

pág409
Crônica - Irreversível




MORENA ROSA
FEITA POR MÃOS BRASILEIRAS



ANA HICKMANN
super woman

Em um editorial exclusivo para a Trend, Ana Hickmann revisita a moda que ajudou a construir sua trajetória e personifica, em oito looks e múltiplas narrativas visuais, as diferentes versões de uma mulher que atravessou décadas sem jamais perder sua capacidade de se reinventar

DIREÇÃO E STYLING RAFAEL MENEZES

FOTO DANILO FRIEDL



A MODA

tem o poder singular de fazer algo que poucas linguagens conseguem: transformar uma imagem em memória e uma memória em legado. Em seus momentos mais extraordinários, ela não veste corpos. Ela conta histórias. Histórias sobre quem fomos, quem somos e quem escolhemos nos tornar. Talvez seja por isso que algumas mulheres se transformem em símbolos duradouros dentro da cultura. Não porque acompanharam tendências, mas porque ajudaram a defini-las. Ana Hickmann pertence a essa categoria rara. Sua trajetória não corre paralela à história da moda brasileira. Ela está profundamente entrelaçada a ela. Falar sobre Ana é, em muitos aspectos, revisitar capítulos fundamentais da construção do imaginário fashion nacional das últimas décadas.

Em uma época em que a imagem ainda possuía permanência, quando editoriais eram aguardados, colecionados e admirados como objetos culturais, Ana surgia como uma das figuras mais emblemáticas de uma geração que projetou a moda brasileira para além das fronteiras. Sua presença monumental diante das câmeras, sua elegância natural e sua capacidade quase intuitiva de compreender a linguagem da fotografia fizeram dela muito mais do que uma modelo de sucesso. Ela se tornou referência. Um rosto capaz de sintetizar glamour, sofisticação e força em uma única imagem. Décadas depois, essa capacidade permanece intacta. Não como uma lembrança do passado, mas como uma qualidade rara que continua absolutamente viva.

Foi justamente essa sensação que tomou conta do estúdio quando Ana chegou para fotografar esta capa exclusiva da Trend. Pontualmente, elegante e irradiando uma energia contagiante, ela fez questão de cumprimentar cada pessoa da equipe, conhecer os profissionais envolvidos e entender a proposta criativa do projeto. Entre conversas sobre moda, fotografia e referências visuais, um momento ganhou significado especial: o encontro com a revista impressa. Ao folhear suas páginas, Ana falou sobre a importância do material físico em um mundo dominado pela velocidade digital. Havia ali algo simbólico. Uma mulher cuja história foi construída nas páginas das revistas mais importantes do país celebrando justamente o retorno da experiência tátil, da contemplação e da permanência. Como se duas formas de resistência se encontrassem no mesmo instante: a do impresso e a do legado.

Porque este editorial não nasceu apenas da vontade de produzir belas imagens. Nasceu do desejo de revisitar a própria essência da moda. Em um cenário onde o consumo visual se tornou instantâneo e descartável, voltar ao editorial clássico é também recuperar a ideia de que uma fotografia pode ser arte, narrativa e emoção ao mesmo tempo. E ninguém poderia representar melhor essa proposta do que Ana Hickmann. Sua relação com a moda nunca foi superficial. Ela compreende seus códigos, sua história e sua capacidade de provocar transformações. Afinal, a moda não existe apenas para refletir o mundo. Ela existe para questioná-lo, expandi-lo e reinventá-lo.

Ao longo das horas de ensaio, algo fascinante acontecia diante das lentes. Não era apenas Ana Hickmann quem estava sendo fotografada. Eram muitas mulheres coexistindo em uma única narrativa visual. A Ana Romântica surgia delicada e quase etérea, envolta em uma feminilidade suave que remetia às grandes musas da pintura clássica. A Heroína Chic aparecia imponente, determinada e elegante, como alguém que conhece o próprio poder e não precisa anunciá-lo. A Girl Boss revelava a empresária, a comunicadora e a mulher que construiu uma carreira sólida muito além da passarela. A Ana Contemporânea surgia conectada ao presente, traduzindo a modernidade de uma mulher que continua dialogando com novas gerações. E havia ainda a Ana Atemporal, talvez a mais poderosa de todas, aquela que transcende modismos e permanece relevante porque sua presença não depende das tendências. Cada look revelava uma camada diferente de sua história. Cada fotografia parecia capturar uma faceta distinta de uma mulher que nunca aceitou ser definida por uma única versão de si mesma.





Existe um carisma que pode ser construído para a câmera. E existe outro, infinitamente mais raro, que acontece quando as câmeras param. Ana pertence à segunda categoria.

O mais impressionante, porém, acontecia entre os cliques. Entre uma troca de roupa e outra, entre um ajuste de luz e o próximo enquadramento, Ana permanecia sorridente, generosa e profundamente conectada com todos ao redor. Existe um carisma que pode ser construído para a câmera. E existe outro, infinitamente mais raro, que acontece quando as câmeras param. Ana pertence à segunda categoria. Seu magnetismo não nasce apenas da beleza ou da fama. Nasce de uma combinação incomum de profissionalismo, gentileza e autenticidade. Talvez seja exatamente isso que explique sua permanência. O público admira a imagem. Mas as pessoas se encantam pela mulher.

Visualmente, o editorial ganhou contornos quase renascentistas. Em diversos momentos, Ana parecia uma obra de arte viva, como se tivesse atravessado séculos para ocupar aquele espaço. Havia algo de escultórico na maneira como a luz encontrava seu rosto. Algo de pictórico na relação entre tecido, movimento e expressão. Como se a fotografia deixasse de ser apenas registro para se transformar em contemplação. Em uma era obcecada pela velocidade, aquelas imagens pareciam convidar o olhar a desacelerar. A permanecer. A observar. Exatamente como acontece diante das grandes obras de arte.

O resultado final é muito mais do que uma capa ou um editorial de moda. É uma celebração da permanência em tempos de efemeridade. Uma homenagem à força transformadora da moda, à beleza do analógico e à trajetória de uma mulher cuja história ajudou a moldar a própria identidade fashion brasileira. Ana Hickmann não representa apenas uma carreira bem-sucedida. Ela representa a rara capacidade de evoluir sem perder a essência, de habitar diferentes versões de si mesma sem abrir mão da própria identidade. E talvez seja esse o verdadeiro significado da elegância. Não resistir ao tempo. Reinventá-lo. Porque algumas mulheres seguem tendências. Outras criam momentos. E poucas, muito poucas, se transformam em legado. Ana Hickmann é uma delas.

Reinventando Clô: Ana Hickmann revisita as raízes da moda brasileira

Se a moda é feita de futuro, ela também é construída pela memória. E é justamente desse encontro entre legado e reinvenção que nasce "Reinventando Clô", novo projeto apresentado por Ana Hickmann e um dos lançamentos mais relevantes da televisão brasileira para quem acompanha moda, comportamento e cultura.



Vestido em Paetê Xavier de Menezes
Joias Deborah Kovari





Inspirado no universo criativo de Clodovil Hernandes, um dos nomes mais influentes da história da moda nacional, o reality propõe um olhar contemporâneo sobre sua obra, sua visão estética e sua contribuição para a construção da identidade fashion brasileira. Mais do que uma competição, o programa funciona como uma ponte entre gerações, conectando o legado de um criador que ajudou a moldar a moda no país com os novos talentos e perspectivas do presente.

Para Ana Hickmann, a condução do projeto possui um significado especial. Afinal, sua própria trajetória foi construída dentro da moda. Antes de se tornar uma das comunicadoras mais populares do Brasil, ela consolidou seu nome nas passarelas, campanhas e editoriais que ajudaram a definir uma era da indústria fashion nacional. Participar de um programa que homenageia uma figura tão importante para esse universo representa também um reencontro com suas próprias origens.

Ao longo dos episódios, estilistas são convidados a reinterpretar peças e conceitos associados ao imaginário criado por Clodovil, trazendo novas leituras para um legado que permanece atual décadas depois. O resultado é uma reflexão sobre criatividade, identidade, elegância e permanência, temas que continuam centrais em uma indústria constantemente movida pela transformação.

Em um momento em que a moda volta a valorizar história, autenticidade e narrativa, "Reinventando Clô" surge como uma celebração daquilo que permanece relevante apesar da passagem do tempo. E não poderia haver uma anfitriã mais adequada para essa jornada do que Ana Hickmann, uma mulher cuja própria carreira também se tornou parte da história da moda brasileira.

por **John Sato**

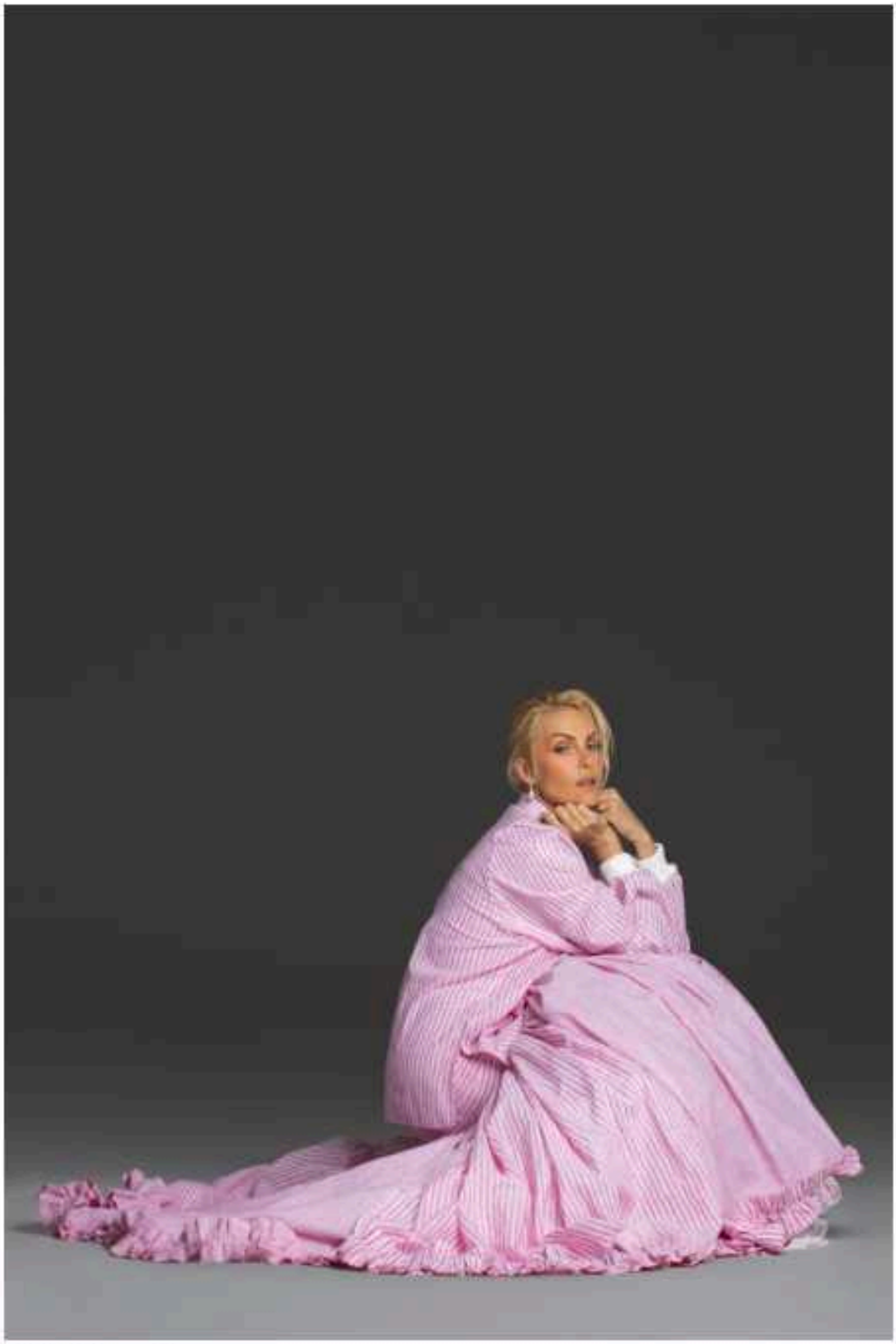


Lavan Gucci
Conjunto Samurai Delfina
Joias Maxior

Vestido em Renda Delhum
Joias Deborah Kovari
Salto Cinoplus







Look Total Augusto Paz
Joias Deborah Kovari







Camisa Renda preta Dolce&Gabbana
Blazer e Calça em Renda Zuaa
Anna Deborah Koerner
Gravata Acervo







Terno Yves Saint Laurent
Corselet Cristais Splash Boutique
Brincos Deborah Kovari







Luvas Gucci
Conjunto Samurai Delhia
Joias Maxior
Saia Augusto Paz

FOTOGRAFIA: DANILO FIDDL
DIREÇÃO & STYLING: RAFAEL MENEZES
BELEZA: MARCELO GOMEZ
ASSISTENTE FOTO: LEILA TURCHETTO
PRODUÇÃO DE MODA: BRUM DELLUM E MELISSA DIAS
MODELO: KELVIN RAMOS
PRODUÇÃO EXECUTIVA: NELSON MARTINEZ
COORDENAÇÃO: POLLY PIVA
DIREÇÃO GERAL: LETICIA PIVA
AGRADECIMENTOS: MARIA ROSA THE MINTALIST

CADA DETALHE REVELA VOCÊ

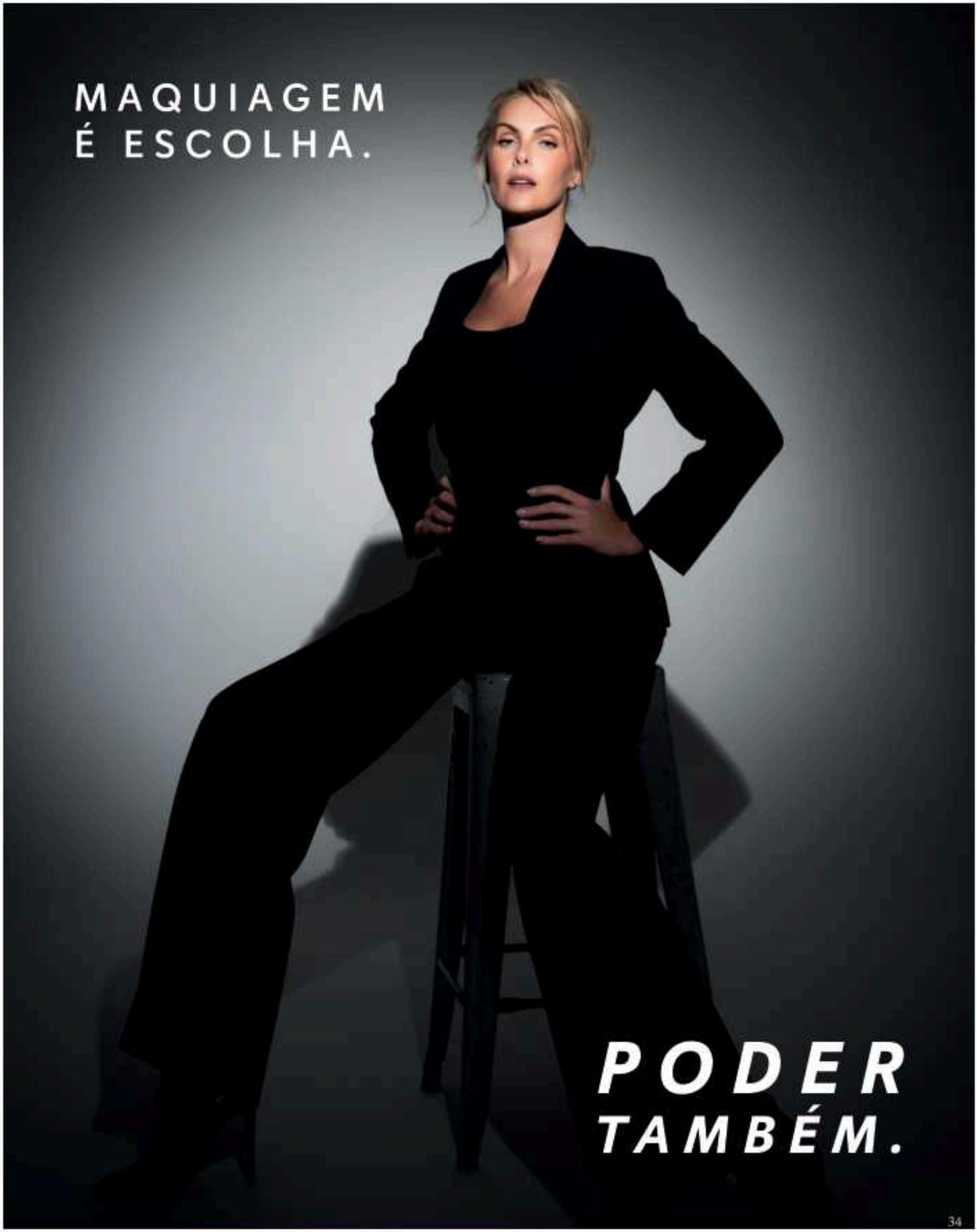
PELE LUMINOSA, TRAÇOS DEFINIDOS E CORES QUE EXPRESSAM ATITUDE.



Ana Hickmann Beauty foi criada para valorizar a beleza com naturalidade e personalidade. Cada produto nasce do equilíbrio entre performance e sensorial, com texturas confortáveis que se adaptam à pele, cores versáteis que transitam entre o clássico e o contemporâneo, e acabamentos sofisticados que elevam qualquer produção.

Pensada para acompanhar diferentes momentos e estilos, a coleção permite construir desde uma pele leve e uniforme até looks mais marcantes e expressivos, com lábios intensos e olhos definidos. Mais do que maquiagem, é uma forma de expressão intuitiva, prática e refinada, que respeita a individualidade de cada mulher. Uma coleção criada para revelar, destacar e reinventar a beleza em todas as suas formas.

1. Stick Concealer
2. Lipstick Matte Marta
3. Radiant Skin Foundation
4. Stick Blush Brigitte


MAQUIAGEM
É ESCOLHA.
PODER
TAMBÉM.




MARIA.VALENTINA

GIANNI VERSACE LEGACY



Gianne Albertoni

Gianne Albertoni revisita sua própria história em um editorial que celebra a genialidade atemporal de Gianni Versace e prova que a verdadeira moda transcende décadas, tendências e gerações.

DIREÇÃO E STYLING RAFAEL MENEZES FOTO PASCHOAL RODRIGUEZ BEAUTY MAXIME WEBER



Look Total GianniVersace Inverno 1991

Poucas experiências na moda possuem a força simbólica de um reencontro com a própria história. Em "Gianni Versace Legacy", editorial exclusivo estrelado por Gianne Albertoni.

passado e presente se encontram para construir uma narrativa que ultrapassa o universo fashion e se transforma em um tributo à permanência da beleza, da criatividade e da identidade. Mais do que vestir peças históricas, a supermodelo brasileira revive memórias de uma trajetória que se entrelaça com alguns dos momentos mais importantes da moda internacional.

Quando chegou ao estúdio de Pascoal Rodrigues, em São Paulo, Gianne trazia consigo a elegância serena de quem construiu uma carreira sólida e respeitada ao longo de décadas. Antes mesmo dos primeiros ajustes de styling, era impossível não perceber que aquele ensaio carregava um significado especial. Afinal, a modelo teve a oportunidade de desfilar para o próprio Gianni Versace no início de sua carreira internacional, vivendo de perto uma era que ajudou a transformar para sempre a cultura da moda.

Ao longo dos anos, Gianne Albertoni consolidou-se como um dos nomes mais relevantes da moda brasileira. Das passarelas internacionais às campanhas publicitárias, das capas de revista à televisão, onde também construiu uma trajetória de sucesso como apresentadora, sua carreira atravessa diferentes gerações e reflete a evolução da própria indústria. Revisitar o universo de Versace, portanto, significa também revisitar sua própria jornada, marcada por encontros com criadores visionários e momentos que hoje fazem parte da história da moda.

O conceito do editorial foi desenvolvido em colaboração entre o diretor de moda da revista, Rafael Menezes, a diretora de beleza Maxim Weber e o fotógrafo Pascoal Rodrigues. A equipe mergulhou em um extenso processo de pesquisa para resgatar a atmosfera das lendárias campanhas da Versace dos anos 1990, especialmente aquelas protagonizadas por Amber Valletta, uma das musas que ajudaram a definir a estética da marca em um dos períodos mais icônicos de sua trajetória.

A construção da beleza foi essencial para transportar o ensaio para esse universo. Os cabelos ganharam uma tonalidade loiro-platinada e um corte que remetia diretamente às referências da época, enquanto as sobrancelhas foram suavizadas para criar uma aparência mais etérea e contemporânea. A pele surgiu naturalmente luminosa, porém cuidadosamente elaborada, equilibrando sofisticação e modernidade. O resultado foi uma imagem poderosa, capaz de dialogar simultaneamente com o passado e com o futuro.

As peças utilizadas pertencem ao precioso acervo do colecionador Alexandre Stefani, responsável por preservar algumas das mais importantes criações da moda internacional. Mantidas em estado impecável de conservação, as roupas funcionam como verdadeiros artefatos culturais. Cada modelagem, cada bordado e cada estampa carregam a assinatura inconfundível de Gianni Versace, cuja visão revolucionária redefiniu conceitos de glamour, sensualidade e luxo para uma geração inteira.





Mais do que um editorial de moda, "Gianni Versace Legacy" transforma-se em uma reflexão sobre a própria natureza da criação artística. Em uma indústria frequentemente associada ao efêmero, as peças demonstram que o design excepcional não envelhece. Ao contrário, ele ganha novas camadas de significado conforme atravessa o tempo. Décadas após sua criação, os vestidos, tailleurs e conjuntos continuam tão impactantes quanto quando surgiram pela primeira vez nas passarelas.

Diante das lentes, Gianne Albertoni não apenas veste essas obras-primas. Ela lhes devolve vida. Sua interpretação constrói uma personagem forte, elegante e quase cinematográfica. Em alguns momentos, parece uma heroína contemporânea. Em outros, transforma-se em uma figura escultórica, como se ela própria fosse uma extensão da arte criada por Versace. Sua experiência e presença cênica elevam o editorial a um patamar que ultrapassa a simples apresentação de moda.

Existe também uma dimensão profundamente emocional nas imagens. Ao revisitar o legado de um estilista que marcou sua trajetória profissional, Gianne revisita capítulos importantes de sua própria história. Cada fotografia carrega um diálogo silencioso entre memória e reinvenção, entre aquilo que foi vivido e aquilo que continua inspirando novas gerações. É uma celebração da moda como patrimônio cultural e também como ferramenta de transformação pessoal.

"Gianni Versace Legacy" encerra-se como um manifesto visual sobre permanência. Um encontro raro entre uma supermodelo que atravessou décadas mantendo sua relevância e um criador cuja influência continua moldando o imaginário da moda contemporânea. Juntos, eles reafirmam uma verdade incontestável: tendências passam, temporadas terminam, mas a verdadeira grandeza criativa permanece viva, reinventando-se continuamente através do tempo.





Conjunto em Seda para Gianni Versace Inverno 1991/92





Casaco, Shorts e Colete em lã com Metais Rebites e Medusas, forro em Matelassê de seda Gianni Versace Inverno 1992



Conjunto em lã, seda, tulle bordado
e renda Gianni Versace outono/ inverno 1993/94
Sapato Priscilla Whitaker











Shorts em lã e couro com colete de lã ambos decorados com medusas douradas , Gianni Versace inverno 1992







Conjunto em Lã fria com alfinetes e fendas vazadas do verão de 1994 de Gianni Versace , também chamada de Coleção Punk, pelo uso de alfinetes, rasgos e furos. Sapato Priscilla Whitaker







FOTÓGRAFO	PASCHOAL RODRIGUEZ
DIREÇÃO & STYLING	RAFAEL MENEZES
BELEZA	MAXIME WEBER
ASSISTENTE FOTO	ARTHUR G.
ASSISTENTE DE BELEZA	TOPAH
PRODUÇÃO DE MODA	BRUM DELLUM
CURADOR GIANNIVERSACE	GIANNI VERSACE ALEXANDRE STEFANI
VIDEO	KELVIN RAMOS
PRODUÇÃO EXECUTIVA	NELSON MARTÍNEZ
COORDENAÇÃO	POLLY PIVA
MANAGER	JEAN GUTTI - MEGA MODEL BRASIL

Colete e saia de com ilhoses do verão de 1993. Coleção Miami, usado com jaqueta masculina de couro inverno 1992, tudo Gianni Versace
Sapato Priscilla Whitaker

O futuro das *cores* e *tendências* em 2027

Mais do que acompanhar tendências, as cores de 2027 revelam uma busca crescente por identidade, emoção e autenticidade.

POR **BLANCA LLAMINNE**

Existem novas correntes de tendências surgindo para o verão no final deste ano e, principalmente, para 2027. A década dos neutros parece ter chegado ao fim depois de cumprir seu papel como cores seguras para tempos difíceis. Isso não significa que deixaremos de usar nossas peças prediletas em bege, cinza ou tons entre cáqui e preto. São cores versáteis, que seguem relevantes, mas já não ocupam sozinhas o centro das influências para o futuro próximo. **Mas por que isso importa?** Porque usar cores, saber combiná-las e entender por que determinados elementos voltam à cena diz muito sobre o momento em que vivemos. Mesmo quando uma nova tendência parece questionável em termos de gosto, ela carrega sinais de comportamento, desejo e mudança.

Nem mesmo os que mais apreciam os clássicos e os neutros sustentam por muito tempo um cenário tomado pela repetição. Como grande parte das referências hoje nasce das mesmas fontes, passamos a olhar ao redor e enxergar apenas clássicos, neutros e estéticas *"old school"*.

O conhecido é seguro, mas moda nunca foi apenas sobre segurança. Moda também é coragem, personalidade e interpretação. É transformar referências coletivas em propostas autênticas, alinhadas ao DNA de uma marca, de um criador ou de quem veste. Muitas marcas surgem justamente dessa espontaneidade, conectando pessoas que compartilham sensibilidades semelhantes. No entanto, ao se aproximarem demais do *mainstream*, acabam perdendo parte da identidade que as tornou relevantes.

Em meio a uma era marcada pelo excesso de estímulos, produtividade e repetição estética, a cor volta a ocupar um lugar central como expressão de emoção, personalidade e identidade. Tons médios, transparentes e ultra profundos começam a substituir os neutros com naturalidade, trazendo mais presença e complexidade visual para a moda, os ambientes e os produtos. Mais do que acompanhar estações, as próximas tendências serão guiadas pela mensagem que cada tonalidade transmite e pela forma como ela se conecta ao desejo crescente por autenticidade, customização e experiências mais pessoais.

*A seguir, apresento as cores **PANTONE**® que começam a dominar a cena da moda, dos ambientes e dos produtos a partir do final deste ano e ao longo de 2027.*

As cores apresentadas em código **PANTONE® TCX** são apenas referências visuais. Consulte sempre os padrões originais da Pantone LLC em **www.pantone.com.br**

PANTONE®
16-2118 TCX
Pink Power



PANTONE®
18-1760 TCX
Barberry





PANTONE®
15-1049 TCX
Artisan's Gold



PANTONE®
14-5117 TCX
Aqueous

CORES DA RESILIÊNCIA

"Força e resistência"



DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
BLUSA E CALÇA **IÓDICE** COLEÇÃO ELEMENTAL ARQUITETURA
SAPATO MAXI CLARETA TWIST PEBBLE **ALEXANDRE BIRMAN**
BLAZER E SAIA **IÓDICE** COLEÇÃO ELEMENTAL ARQUITETURA

Cores super-ricas, ultra profundas e terrosas, férteis como a natureza, falam da necessidade de sermos fortes em tempos difíceis. Ideais para usar onde quiser, mas especialmente à noite, em ocasiões especiais, no estilo "Deep Glamour" evoluído, seriamente saturado e discretamente indulgente. Também são muito importantes para o setor calçadista e de acessórios, tanto para o dia quanto para a noite.

CORES DA GENTILEZA

"Um abraço reconfortante"



PANTONE®
15-1905 TCX
Burnished Lilac

PANTONE®
14-1602 TCX
Peach Infusion

PANTONE®
14-0434 TCX
Green Banana

BRINCO: ANITTA
VESTIDO: CARMEN LUIZE
BOLSA TOTE: LILLA JOHNSON
BLAZER E SAIA: IODICE COLEÇÃO ELEMENTAL ARQUITETURA

Cores gentis, suaves e médias, que evocam ternura, compaixão e simpatia, atuam como as novas bases. São cores indicadas para o cotidiano e seus momentos íntimos, onde suavidade e conforto são fundamentais. Com brilho e acabamentos inovadores, elevam-se a usos mais sofisticados e tornam-se importantes para o meio corporativo. São cores para usar com todo o guarda-roupa, pois são, acima de tudo, versáteis.

CORES TRANSPARENTES

"A fusão entre tons pastel e cores soft tech"







PANTONE®
15-4031 TCX
Windsurfer

PANTONE®
11-1400 TCX
Raindrops on Roses

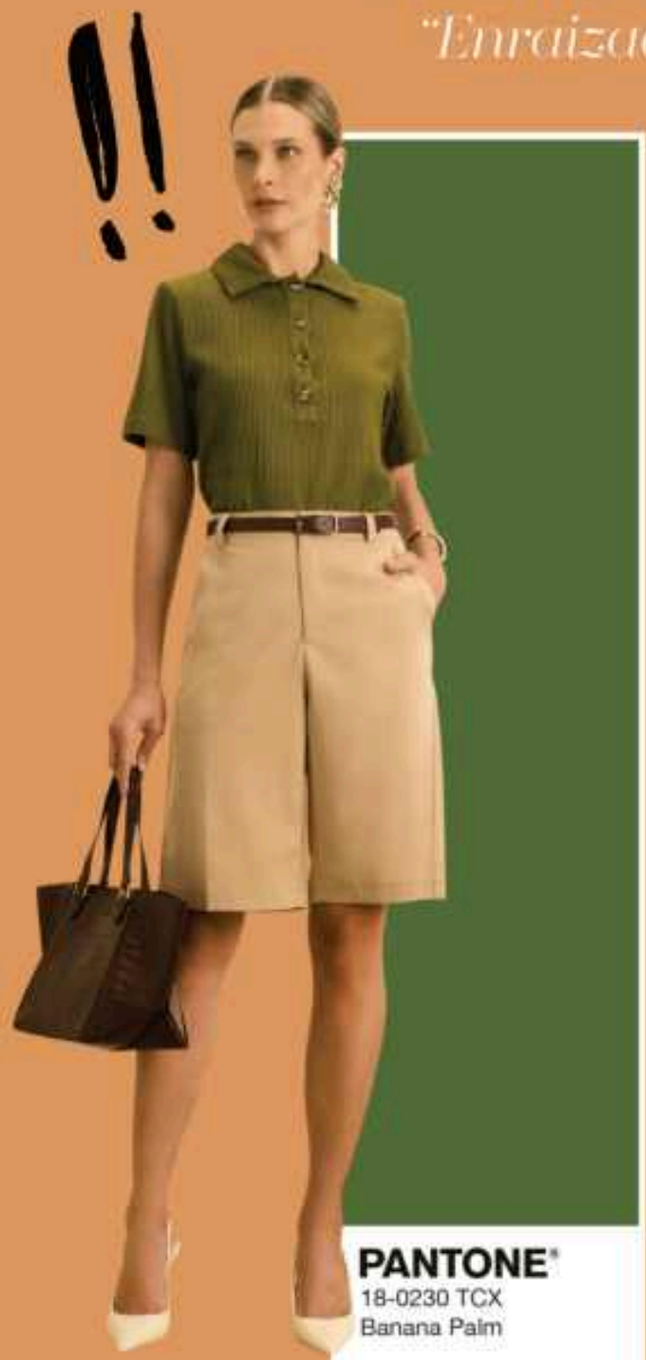
PANTONE®
11-0515 TCX
Lemon Icing

DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
VESTIDO COLORIDO ESTAMPADO **FARM**
BOLSA FRANZIA **DOLCE & GABBANA**
VESTIDO LUCIDO **LUNÇA PERFUME**

As cores perdem sua identidade e, de tão lavadas, ficam quase transparentes. Mas a cor ainda está lá, e sua mensagem também. São cores simplificadoras, muito transversais, que funcionam bem em tecidos e matérias-primas transparentes ou translúcidas. Tornaram-se símbolos de inovação. Podem ser usadas em objetos high tech, moda de alto padrão e ambientes luxuosos, mas também ganham espaço na linha cama, mesa e banho.

CORES DA NATUREZA

"Enraizadas na pureza da terra"



PANTONE®
18-0230 TCX
Banana Palm



PANTONE®
15-1237 TCX
Apricot Tan

PANTONE®
19-1317 TCX
Bitter Chocolate



DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
BLUSA E BERMUDA **MORENA ROSA**
TÊNIS **ADIDAS ORIGINALS**
BLAZER **NEW PART TIMES** E BOLSA **BOBO**

Cores naturais que inspiram o design desde sempre são o luxo moderno, pois nos conectam com nossa humanidade. Equilibradas entre a honestidade e a estabilidade, elas sinalizam nosso desejo contínuo por cores orgânicas. Ideais para o estilo *survivalist, sportswear, urbanwear* e marcas autênticas que valorizam o feito à mão e o orgânico.

CORES DO EMPODERAMENTO

"Atitude rebelde e descuidada"



PANTONE®
18-1760 TCX
Barberry

PANTONE®
18-4834 TCX
Deep Lake

PANTONE®
18-3715 TCX
Montana Grape

DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
JAQUETA E CALÇA **PACE**
SLINGBACK CARINE CETIM **LARROUDÉ BRASIL**
VESTIDO **VERSACE**

Cores bem saturadas representam uma atitude disruptiva e despreocupada, que desafia convenções. Incluem tons ricos em designs fantásticos ou combinações de cores que criam cenários de puro drama e diversão teatral. É o momento de se abstrair da realidade, fazer pose e assumir nosso alter ego. Use sem moderação nos momentos em que quiser se destacar; pois será difícil não notar você nessas cores.

CORES DA CONEXÃO

"Ultra coloridas, doces e divertidas"



PANTONE®
15-1049 TCX
Artisan's Gold

PANTONE®
14-5117 TCX
Aquacade

PANTONE®
16-2118 TCX
Pink Power

DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
VESTIDO EM POPELINE **MIU MIU**
BOLSA IVY **MIU MIU**
CASACO E VESTIDO **ZINCO**

O desejo de viver momentos de alegria, conectados a pequenos prazeres e a uma cultura de bem-estar através de cores vibrantes, está crescendo. Diante de desafios econômicos, ansiedades climáticas e conflitos globais, o apelo pela conexão e o desejo por amizade tornam-se cada vez mais fortes. Ideal para marcas disruptivas, looks para sair com amigos, férias, estilo resort, *swimwear* e *after beach*.

MAITE PERRONI

DO FENÔMENO AO LEGADO

O que começou como febre mundial se transformou em vínculo, presença e uma das trajetórias mais consistentes do entretenimento latino.

por: Melly Ramalho

Maite conquistou os palcos do mundo com o RBD, parecia impossível imaginar um auge maior. O grupo atravessou fronteiras, mobilizou multidões, marcou uma geração inteira e transformou seus integrantes em ícones da cultura pop latina. Para muitos artistas, fazer parte de uma história dessa dimensão já seria suficiente para definir uma carreira. Para Maite, foi apenas o primeiro grande capítulo.

Depois do fim do grupo, quando os holofotes poderiam ter ficado presos à memória de um fenômeno irrepetível, ela fez o caminho oposto. Emendou novos capítulos de sucesso, construiu uma identidade própria e se consolidou como uma das artistas mexicanas mais relevantes de sua geração. Primeiro, reafirmou sua voz na música. Depois, conquistou o topo do mercado das telenovelas latinas, protagonizando produções que ultrapassaram países, idiomas e gerações, muitas delas reprisadas até hoje ao redor do mundo e recebidas com enorme carinho no Brasil.

E ainda não era o auge.

Se Maite já havia conquistado o mundo com o RBD e reafirmado sua força nas novelas, ela foi mais longe. Em uma indústria transformada pelas plataformas digitais, tornou-se também uma das grandes protagonistas latinas do streaming. Com Oscuro Deseo, alcançou uma audiência global e colocou seu nome entre os maiores sucessos de língua não inglesa da Netflix naquele período. Com Tríada, confirmou sua presença no topo mundial da plataforma, interpretando múltiplas personagens em um dos trabalhos mais desafiadores de sua carreira.

O que impressiona em sua trajetória não é apenas a quantidade de sucessos, mas a capacidade de atravessar diferentes eras do entretenimento sem perder relevância. Maite Perroni foi estrela de um fenômeno musical, rosto de novelas que marcaram a televisão latina, protagonista de séries vistas em dezenas de países e presença constante em conversas sobre moda, beleza, maternidade e identidade feminina. Poucas artistas conseguiram transitar com tanta naturalidade entre nostalgia e presente, memória afetiva e reinvenção.

"Um dos maiores presentes da minha carreira foi poder me reinventar sem perder a minha essência", afirma Maite. "Comecei fazendo parte de um fenômeno muito importante, que marcou toda uma geração, e depois veio o desafio de descobrir quem eu era individualmente, que histórias queria contar e como queria evoluir como artista." Essa reinvenção talvez seja a chave para compreender por que Maite permaneceu. Sua trajetória não se apoiou apenas na lembrança de uma personagem ou na força de um grupo. Ela foi construindo, passo a passo, uma carreira que soube acompanhar as mudanças do público, da indústria e dela mesma. Hoje, seu nome carrega uma combinação rara: a força da memória coletiva e a credibilidade de uma artista que continuou trabalhando, escolhendo novos caminhos e assumindo riscos.

No Brasil, essa história tem uma dimensão ainda mais emocional. Desde as primeiras visitas com o RBD, Maite construiu com o público brasileiro uma relação que ultrapassa a lógica do sucesso comercial. É um vínculo afetivo, cultivado ao longo dos anos, que acompanhou diferentes fases da artista e também da vida de seus fãs.

"O Brasil ocupa um lugar muito especial na minha vida e na minha história pessoal", diz. "Já se passaram mais de duas décadas desde as primeiras vezes que cheguei ao país, e ainda me emociona profundamente sentir o carinho com que sempre fui recebida."



Para Maite, essa relação amadureceu com o tempo. O que começou como admiração por uma artista de um fenômeno global se transformou em algo mais íntimo, contínuo e verdadeiro. "Acho que o mais importante é que a conexão com o público brasileiro evoluiu comigo. Muitas pessoas cresceram acompanhando diferentes etapas da minha vida e da minha carreira, e eu também cresci junto com elas. Com o tempo, deixou de ser apenas uma relação artística para se tornar um vínculo emocional muito genuíno."

Esse vínculo ganhou novos capítulos com a celebração dos 20 anos de trajetória e com a publicação do livro Mi Viaje. Como Rebelde, obra que revista a experiência do Soy Rebelde Tour por meio de fotografias inéditas de sete reconhecidos fotógrafos. Mais do que um registro de turnê, o livro funciona como uma cápsula de memória. É o olhar de uma artista que retorna a uma história que marcou milhões de pessoas, mas agora com a maturidade de quem entende o peso simbólico da própria trajetória.
Mas Maite nunca pareceu interessada em viver apenas do que já foi. Sua carreira pós-RBD foi marcada por movimentos que ampliaram sua presença artística. Nas novelas, tornou-se uma das protagonistas mais reconhecidas da televisão latina. No streaming, encontrou uma nova arena de projeção internacional. Em Oscuro Deseo, sua imagem ganhou uma camada mais intensa, adulta e complexa.

"Oscuro Deseo foi um projeto que me permitiu mostrar uma faceta diferente como atriz e conectar com uma audiência global a partir de um lugar muito mais complexo e emocional", conta. "Foi muito impactante ver o alcance que as histórias podem ter hoje graças às plataformas."
A série teve enorme repercussão internacional, entrou no Top 10 da Netflix em 77 países e alcançou o primeiro lugar no Brasil durante várias semanas. Para Maite, esse impacto revelou a força universal de certas emoções. "Acredito que isso mostra como certas histórias e emoções podem se conectar universalmente, para além do idioma ou do lugar onde são contadas."
Depois veio Tríada, outro marco de sua fase no streaming. Na série, Maite interpretou três personagens dentro de uma mesma história, um exercício de precisão emocional, física e mental. "O desafio foi completamente diferente de qualquer projeto que eu já havia feito antes", afirma. "Interpretar três personagens diferentes dentro de uma mesma história exigiu construir emocional, física e mentalmente cada uma delas a partir de lugares muito específicos."

Essa busca por personagens mais densas também revela uma artista interessada em ampliar os espaços femininos na ficção. Maite parece escolher histórias em que mulheres não sejam reduzidas a arquétipos simples. Ela se interessa por personagens com contradições, feridas, força, desejo, mistério e humanidade.
"Para mim, é muito importante interpretar mulheres que pareçam reais", diz. "Acredito que a ficção tem um poder enorme de abrir conversas, questionar ideias e gerar empatia."

Essa consciência se estende para fora das telas. Ao longo dos últimos anos, Maite também passou a usar sua voz para falar sobre temas como padrões de beleza, críticas ao corpo, violência digital e a pressão enfrentada por mulheres que vivem sob exposição pública. Em uma indústria que frequentemente exige perfeição, ela aprendeu a proteger a própria identidade.
"Durante muito tempo, como muitas mulheres, cresci sentindo que precisava cumprir expectativas externas constantemente", afirma. "Com o tempo, entendi que não podia construir meu valor pessoal a partir da opinião dos outros. Aprendi a colocar limites e a cuidar da minha energia."

Talvez por isso sua imagem hoje pareça menos ligada à ideia de perfeição e mais conectada à autenticidade. Maite carrega uma elegância natural, distante do excesso e da urgência. A moda, que sempre acompanhou sua trajetória, aparece como linguagem de expressão, mas não como disfarce.
"Vejo a moda como uma forma de expressão muito pessoal", explica. "Existe uma parte estética e criativa que gosto muito, especialmente porque também ajuda a construir personagens e diferentes versões de você em cada projeto. Mas hoje me interessa sentir-me confortável comigo mesma e que o que eu use tenha a ver com quem sou e como me sinto nesta etapa da minha vida."

Essa etapa inclui também a maternidade, que abriu um capítulo profundamente transformador em sua vida. Para Maite, ser mãe



reorganizou sua relação com o tempo, as prioridades e o trabalho. "A maternidade me ensinou que não se trata apenas de fazer, mas de conectar, de estar, de construir um vínculo, de ser um lugar seguro", diz. "Isso mudou minha relação com o trabalho, com o tempo e com minhas decisões pessoais e profissionais."

Depois de mais de 20 anos de carreira, entre música, televisão, streaming, moda, maternidade e uma voz pública cada vez mais madura, Maite Perroni vive uma fase que parece reunir todas as anteriores sem se limitar a nenhuma delas. Ela é a memória de uma geração, mas também uma artista do presente. É parte de um fenômeno global, mas também autora de uma trajetória individual sólida. É símbolo de nostalgia, mas sobretudo de continuidade.

"Gostaria que o público brasileiro visse uma mulher autêntica, agradecida e em constante evolução"

, afirma. "Mais do que os personagens, a música ou os palcos, espero que possam sentir o carinho imenso que tenho pelo Brasil e a profunda gratidão que sinto por me acompanharem há tantos anos."

Maite Perroni não voltou apenas para ser lembrada. Ela permaneceu para continuar criando. E, se sua carreira já teve muitos auges, talvez o mais interessante seja perceber que ela ainda parece estar em movimento.


41
TREND
4


3H 100H5
48


48
2
TREND


TREND
4


SHOOTING TREND


6
TREND


4


TREND


38



1. Maite, sua história com o Brasil atravessa mais de duas décadas, desde suas primeiras visitas com o grupo, os grandes shows que marcaram toda uma geração e, depois, uma conexão que continuou também em sua carreira solo, tanto na música quanto nas séries, novelas e no streaming. Quando você olha para essa relação hoje, o que sente que foi sendo construído entre você e o público brasileiro ao longo do tempo?

O Brasil ocupa um lugar muito especial na minha vida e na minha história pessoal. Já se passaram mais de duas décadas desde as primeiras vezes que cheguei ao país, e ainda me emociona profundamente sentir o carinho com que sempre fui recebida. Acho que o mais importante é que a conexão com o público brasileiro evoluiu comigo. Muitas pessoas cresceram acompanhando diferentes etapas da minha vida e da minha carreira, e eu também cresci junto com elas. Com o tempo, deixou de ser apenas uma relação artística para se tornar um vínculo emocional muito genuíno.

O Brasil sempre me fez sentir em casa, e isso é algo muito difícil de explicar com palavras. Hoje sinto gratidão, carinho e também uma enorme responsabilidade de continuar me conectando a partir de um lugar autêntico.

2. Muitas pessoas conheceram você dentro de um fenômeno global, mas sua carreira solo construiu uma identidade própria muito sólida, passando pela música, televisão, cinema e, especialmente, pelo streaming, onde você alcançou grande projeção internacional. Depois de tantos capítulos importantes, que novos territórios você sonha conquistar como artista?

Acredito que um dos maiores presentes da minha carreira foi poder me reinventar sem perder a minha essência. Comecei fazendo parte de um fenômeno muito importante, que marcou toda uma geração, e depois veio o desafio de descobrir quem eu era individualmente, que histórias queria contar e como queria evoluir como artista.

Hoje me interessa muito continuar explorando personagens e projetos que tenham profundidade emocional e humana. Gostaria de seguir crescendo no cinema, produzir histórias e me envolver cada vez mais nos processos criativos.

Já não penso tanto em conquistar espaços a partir da pressão ou da expectativa externa, mas a partir da curiosidade e do desejo de continuar evoluindo.

3. Oscuro Deseo representou uma virada importante na sua trajetória internacional. A série se tornou uma das produções de língua não inglesa mais populares da Netflix naquele período, entrando no Top 10 de 77 países e alcançando 35 milhões de contas nos primeiros 28 dias, segundo dados divulgados pela plataforma. No Brasil, também teve enorme repercussão e chegou ao número 1. O que esse personagem abriu para você como atriz?

Oscuro Deseo foi um projeto que me permitiu mostrar uma faceta diferente como atriz e conectar com uma audiência global a partir de um lugar muito mais complexo e emocional.

Além disso, foi muito impactante ver o alcance que as histórias podem ter hoje graças às plataformas. A série entrou no Top 10 da Netflix em 77 países e conseguiu se conectar com pessoas de muitos lugares do mundo. Foi algo muito especial para mim.

Em países como o Brasil, por exemplo, a série alcançou o número 1 durante várias semanas, e a personagem gerou muita conversa e uma resposta muito positiva por parte do público. Acredito que isso mostra como certas histórias e emoções podem se conectar universalmente, para além do idioma ou do lugar onde são contadas.



4. Depois de Oscuro Deseo, você voltou a chamar atenção global com Tríada, uma série em que interpreta múltiplas camadas de uma mesma história e que também liderou o Top 10 global de séries de língua não inglesa da Netflix em suas primeiras semanas. O que atrai você em personagens femininas complexas, aquelas que carregam mistério, força, dor, desejo, contradição e uma profunda humanidade?

Em Tríada, o desafio foi completamente diferente de qualquer projeto que eu já havia feito antes. Interpretar três personagens diferentes dentro de uma mesma história exigiu construir emocional, física e mentalmente cada uma delas a partir de lugares muito específicos. Cada personagem tinha uma energia, uma história, feridas e uma maneira diferente de olhar para o mundo. Como atriz, passar constantemente de uma personalidade para outra era muito exigente e também muito cansativo. Sem dúvida, foi um dos projetos mais desafiadores e extenuantes da minha carreira. Mas tudo valeu a pena. Ver como a série conseguiu se conectar globalmente e se posicionar dentro do Top 10 mundial da Netflix nas primeiras semanas foi algo muito satisfatório para mim.
Acredito que Tríada demonstrou que histórias complexas, humanas e emocionalmente intensas também podem gerar uma conexão muito profunda com o público ao redor do mundo.

5. Ao longo dos últimos anos, você também usou sua voz para falar sobre temas muito atuais, como padrões de beleza, críticas ao corpo, hate nas redes sociais e a pressão que muitas mulheres sofrem para corresponder a uma imagem idealizada. Como você aprendeu a proteger sua identidade, sua autoestima e sua paz interior em meio a tantas expectativas externas?

Foi um processo muito profundo e muito pessoal. Durante muito tempo, como muitas mulheres, cresci sentindo que precisava cumprir expectativas externas constantemente.

Com o tempo, entendi que não podia construir meu valor pessoal a partir da opinião dos outros. Aprendi a colocar limites e a cuidar da minha energia.

Hoje me interessa muito abrir conversas sobre violência digital, padrões irreais de beleza e a pressão que nós, mulheres, vivemos.

6. Você já falou sobre a importância de contar histórias de mulheres que não fiquem presas a estereótipos, tabus ou papéis limitados. Como atriz, o que significa para você interpretar personagens que ajudam a ampliar o espaço da mulher na ficção e, ao mesmo tempo, provocam conversas importantes fora da tela?

Para mim, é muito importante interpretar mulheres que pareçam reais. Acredito que a ficção tem um poder enorme de abrir conversas, questionar ideias e gerar empatia.
Tenho interesse em participar de histórias em que as mulheres tenham voz, contradições, sensibilidade, poder de decisão e liberdade para se mostrar a partir de diferentes lugares. Quando uma personagem consegue se conectar emocionalmente com alguém ou fazer uma pessoa refletir sobre si mesma ou sobre a sociedade em que vivemos, entendo que a arte realmente está transcendendo o entretenimento e gerando algo muito mais profundo.

7. A moda também acompanha sua trajetória de uma forma muito natural: você já foi capa de revistas, inclusive no Brasil, e costuma ser uma presença associada ao estilo, à beleza e às semanas de moda internacionais. Hoje, como você entende a moda na sua vida: como expressão estética, ferramenta de personagem, afirmação de identidade ou uma forma de contar quem você é em cada etapa?

Vejo a moda como uma forma de expressão muito pessoal. Claro que existe uma parte estética e criativa que gosto muito, especialmente porque também ajuda a construir personagens e diferentes versões de você em cada projeto.
Mas hoje me interessa sentir-me confortável comigo mesma e que o que eu use tenha a ver com quem sou e como me sinto nesta etapa da minha vida.

8. Falando de beleza, sua imagem sempre esteve conectada a uma elegância muito natural, para além das tendências. Como mudou sua relação com a beleza ao longo dos anos, especialmente em uma indústria que muitas vezes exige perfeição constante?

Acredito que a verdadeira beleza tem muito mais a ver com autenticidade, energia, paz interior e com a maneira como uma pessoa se sente consigo mesma.

9. O bem-estar se tornou uma conversa cada vez mais importante, especialmente para mulheres que vivem entre trabalho, exposição pública, viagens, família e muitas responsabilidades. O que significa para você estar bem hoje, não apenas fisicamente, mas também emocional e espiritualmente?

Para mim, o bem-estar hoje tem a ver com a minha família. É ali que está o meu centro, meu lugar seguro, o espaço onde encontro amor, verdade e estabilidade emocional.
Poder compartilhar minha vida com as pessoas que amo é o que realmente me dá paz.

10. A maternidade também abriu um capítulo muito especial na sua vida. De que maneira ser mãe transformou sua forma de olhar para o tempo, as prioridades, o trabalho e também a maneira como você escolhe os projetos que quer fazer?

A maternidade me ensinou que não se trata apenas de fazer, mas de conectar, de estar, de construir um vínculo, de ser um lugar seguro.
Isso mudou minha relação com o trabalho, com o tempo e com minhas decisões pessoais e profissionais. Acredito que há tempo para tudo e que cada etapa tem o seu lugar.

11. Depois de mais de 20 anos de carreira, entre televisão, música, streaming, cinema, moda, maternidade e uma voz pública cada vez mais madura, que imagem de Maite Perroni você gostaria que o público brasileiro guardasse neste momento da sua vida?

Gostaria que o público brasileiro visse uma mulher autêntica, agradecida e em constante evolução. Uma mulher que viveu muitas etapas, tanto pessoais quanto profissionais, e que continua construindo seu caminho.
Mais do que os personagens, a música ou os palcos, espero que possam sentir o carinho imenso que tenho pelo Brasil e a profunda gratidão que sinto por me acompanharem há tantos anos.
O Brasil fez parte de momentos muito importantes da minha vida e da minha carreira, e isso sempre terá um significado muito especial para mim.
Acima de tudo, espero que esse vínculo continue crescendo com o tempo, porque ainda existem muitas histórias, emoções e momentos para compartilharmos juntos.



FOTOGRAFÍA @CARLOS_RUIZC
MAKE UP @PAMSEGURAMUA
CABELLO @RASEC.HAIR
STYLIST @GERARDANGULO
@STEPONFASHION
MANAGER @PALOMOCARO

TREND

NANDA MARQUES

O silêncio como revolução: a atriz que transforma presença em linguagem

Entre cinema, moda e profundidade emocional, NANDA MARQUES representa uma geração que rejeita a hiperexposição para construir personagens atravessadas por arte, memória e humanidade

DIREÇÃO E STYLING LUIS FIOD FOTO CASSIA TABATINI BELEZA HELDER RODRIGUES



Look total Salinas



Look total Osklen



Entre personagens intensas, grandes estreias e uma presença cada vez mais sólida no audiovisual brasileiro, Fernanda Marques atravessa um dos momentos mais importantes de sua carreira. Após chamar atenção em Beleza Fatal, produção da HBO Max em que viveu uma mulher marcada pelas pressões extremas da estética e da imagem, a atriz agora conquista o horário nobre da TV Globo em Quem Ama Cuida. Na trama, interpreta Bruna, filha de Carmita, personagem de Deborah Evelyn, e noiva de Pedro, vivido por Chay Suede, mergulhando em um triângulo emocional atravessado pelo desejo, insegurança e rupturas afetivas.

A atriz, que já integrou produções de destaque como Vale Tudo e Um Lugar ao Sol, também vive uma fase intensa no cinema e no streaming. Entre os lançamentos mais aguardados está Chorão: Só os Loucos Sabem, longa inspirado na trajetória do vocalista da banda Charlie Brown Jr., além da nova temporada da série Colônia, do Globoplay e Canal Brasil. No próximo ano, ela também chega às telas com Bruna Surfistinha 2, ampliando ainda mais uma filmografia marcada pela diversidade de personagens e narrativas.

Com passagens por novelas, séries, cinema e teatro, Fernanda constrói uma trajetória artística que combina sensibilidade, presença cênica e escolhas autorais consistentes. Dos palcos, em montagens como "Fala Comigo Doce Como a Chuva", de Tennessee Williams, aos projetos audiovisuais de forte impacto dramático, a atriz revela uma inquietação criativa que a mantém em constante transformação. Entre produções populares e obras de linguagem mais intensa, Fernanda Marques consolida seu nome como uma das artistas mais promissoras de sua geração.

Durante décadas, o audiovisual brasileiro aprisionou a imagem feminina dentro de arquétipos previsíveis, figuras quase decorativas moldadas para serem consumidas rapidamente pelo olhar. Hoje, no entanto, uma nova geração de atrizes começa a tensionar essa lógica, recusando personagens superficiais e reivindicando complexidade, contradição e permanência. Nanda Marques surge exatamente nesse movimento. Sua visão sobre a arte nasce da compreensão de que cinema, moda e comportamento sempre refletiram as estruturas sociais de cada tempo. Para ela, a mulher historicamente foi colocada à margem também dentro do audiovisual, consequência direta de uma construção patriarcal que atravessa séculos. Ainda assim, acredita que a arte possui uma função inevitavelmente política: devolver ao mundo um espelho do presente. Em meio ao excesso visual e à velocidade da cultura digital, ela enxerga o artista como alguém responsável por criar imagens que resistem ao consumo instantâneo. "Precisamos ser artistas do nosso tempo", diz, ecoando a célebre frase de Nina Simone. Não apenas interpretar personagens, mas provocar reflexão, abrir discussões e imaginar futuros mais justos através daquilo que permanece depois que a cena termina.

Existe algo quase arquitetônico na maneira como

Nanda pensa a construção de uma personagem. Para ela, atuação não nasce apenas da interpretação, mas da soma entre silêncio, presença, figurino, corpo, textura e comportamento. O processo é coletivo, construído em diálogo constante com diretores, roteiristas, figurinistas e preparadores, como uma estrutura que vai sendo erguida camada por camada até ganhar forma definitiva. E é justamente nesse espaço entre o interno e o visual que a estética assume protagonismo. Nanda acredita profundamente que roupa, cabelo, sapato e modelagem moldam estados emocionais reais. Não como ornamento, mas como linguagem psicológica. Uma peça específica altera postura, ritmo, sensação de pertencimento e até a forma como alguém ocupa o espaço. Por isso, faz questão de participar ativamente das decisões estéticas de cada personagem. Para ela, a caracterização não é um detalhe complementar da atuação, mas parte da própria alma da narrativa. Existe, em sua visão, uma relação orgânica entre design, emoção e identidade. Como se o figurino fosse capaz de revelar aquilo que ainda nem foi dito em cena.

Essa relação entre imagem e profundidade também atravessa sua leitura sobre a moda contemporânea. Nanda rejeita completamente a ideia da moda como superfície vazia. Para ela, vestir-se sempre foi um gesto simbólico, uma forma silenciosa de comunicação cultural. Antes mesmo da fala, a roupa já revela contexto social, memória histórica e traços íntimos de personalidade. Seu processo criativo começa justamente pela neutralidade: roupas simples, maleáveis, quase sem informação durante os ensaios iniciais. Aos poucos, conforme a personagem ganha densidade, imagens surgem mentalmente com precisão quase cinematográfica. Ela imagina tecidos, estampas, cortes, sons, hábitos e até os lugares frequentados por aquela figura ficcional. Música também se torna parte essencial desse laboratório emocional. Existe uma memória tátil e sonora que antecede a interpretação e reorganiza o corpo antes mesmo da câmera começar a gravar. Nanda descreve esse processo como uma espécie de cartografia sensorial da personagem, onde cada elemento visual ajuda a construir sua existência no mundo. Moda, nesse contexto, deixa de vestir apenas o corpo e passa a moldar subjetividades.

Em um momento em que a indústria exige presença constante e transforma artistas em conteúdo diário, Nanda Marques escolhe caminhar na direção oposta. Enquanto algoritmos aceleram narrativas e redes sociais recompensam a hiperexposição, ela defende o direito ao silêncio, ao mistério e à maturação artística. Para a atriz, a velocidade digital não alterou apenas a forma como consumimos imagens, mas também a maneira como obras audiovisuais passaram a ser produzidas. Muitos roteiros hoje já nascem programados para viralizar, obedecendo à lógica dopaminica das plataformas. O problema, segundo ela, é quando essa mesma engrenagem passa a exigir dos artistas uma performance contínua de si mesmos. Nanda usa as redes de forma mínima e recusa a obrigação da presença constante. Publica apenas quando sente que há algo verdadeiro a compartilhar. Em vez de alimentar a lógica vazia do consumo rápido, prefere usar esse espaço para dividir filmes, exposições, reflexões sobre saúde mental, feminismo e referências culturais que considera capazes de alimentar a sensibilidade humana. Em tempos barulhentos, ela acredita que preservar profundidade é também um ato de resistência.



Look Lenny
Puksenina acervo

Talvez por isso o silêncio ocupe um lugar tão importante em sua visão sobre o cinema. Nanda fala sobre pausas, olhares e ausências com a mesma intensidade que outros atores falam sobre grandes monólogos. Fascinada pelo cinema francês e pelas obras que encontram potência justamente na contenção, ela vê o silêncio como um espaço profundamente simbólico dentro da narrativa audiovisual. Gosta de cenas sustentadas apenas por ações mínimas, pela respiração compartilhada entre personagens ou pelo intervalo entre uma frase e outra, onde o pensamento ainda está acontecendo diante da câmera. Para ela, o silêncio nunca representa vazio; ao contrário, revela aquilo que palavras muitas vezes não conseguem alcançar. Em uma sociedade saturada de estímulos, o silêncio se transforma em refúgio, quase uma forma contemporânea de sofisticação emocional. Essa delicadeza também atravessa sua vida fora das telas. Seu universo criativo é alimentado por literatura, música, pintura, teatro, museus e exercícios sensoriais inspirados em métodos como Stella Adler e Sanford Meisner. Gal Costa e Maria Bethânia ocupam há anos o topo de suas playlists. A cerâmica tornou-se paixão recente, enquanto desenho e pintura seguem como desejos permanentes. Tudo vivido sem a pressão da excelência, apenas como experiência sensível. "As pessoas deveriam cultivar algo que alimenta a alma", diz.

"As pessoas deveriam cultivar algo que alimenta a alma"

No fim, quando fala sobre legado, Nanda não menciona fama, estética ou reconhecimento imediato. O que deseja preservar é a potência humana das obras das quais participa e a possibilidade de inspirar outras mulheres, da mesma forma que foi moldada por tantas referências femininas ao longo da vida. Sua trajetória é atravessada pela admiração profunda por atrizes, escritoras, pintoras, compositoras, psicólogas e pensadoras que transformaram arte em ferramenta de existência. Existe algo profundamente contemporâneo em sua maneira de enxergar autenticidade: ela entende que essência não nasce da perfeição estética fabricada pelas redes, mas da escolha consciente sobre aquilo que merece nossa atenção. Em um mundo que monetiza excesso e artificialidade, Nanda acredita na permanência do sensível, da reflexão e da arte feita com verdade. E talvez seja justamente isso que torne sua presença tão magnética: não a tentativa de ocupar todos os espaços ao mesmo tempo, mas a rara capacidade de permanecer na memória mesmo depois que o silêncio começa.

por Daizi Sacheq



Look total Francesca/ FRNC

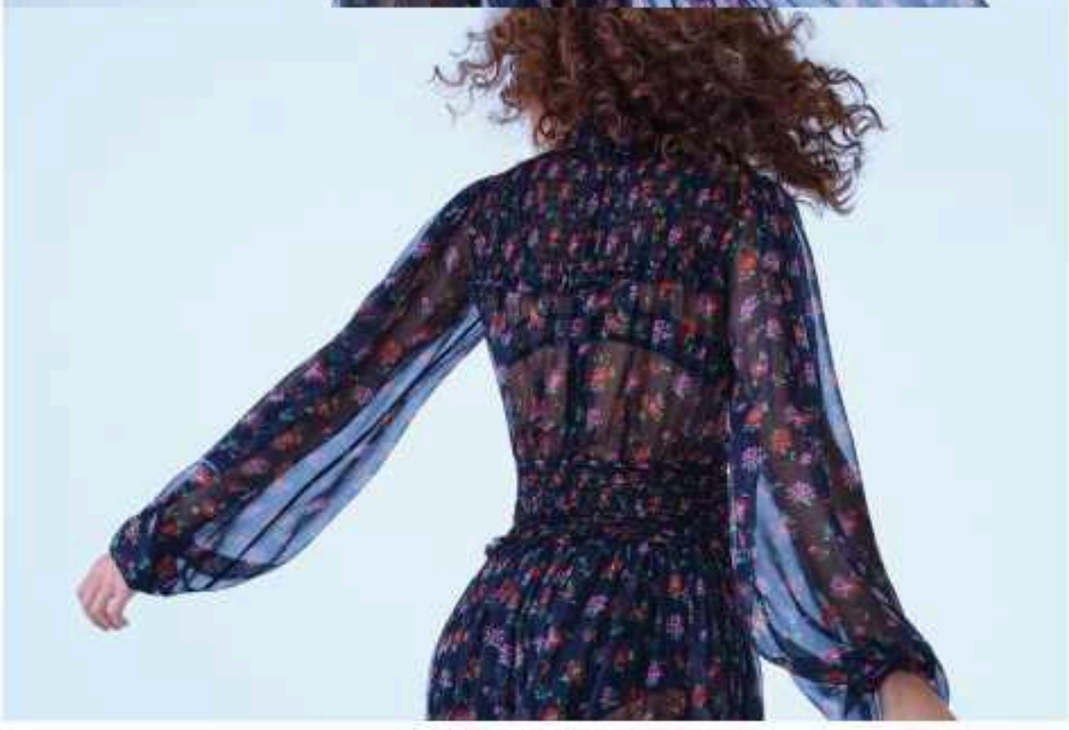




Look total
Dolce&Gabbana









Body Intimissimi
Botas Philipp Plein







Look vermelho Reinaldo Lourenço e botas Santa Lolla



Look total Animale



Brincos Dolce&G



Sabbiana



Look total Ferragamo



Maxi Overcoat Fila







Vestido Animale

DIREÇÃO E STYLING: LUIS ROD

FOTO: CASSIA TABATINI

BELEZA: HELDER RODRIGUES

PRODUÇÃO DE MODA: ZECA ZIEMBIK

PRODUÇÃO EXECUTIVA: ANDRÉ BONA

PRODUÇÃO: JEAN SAYEG
ZENE SACHS

VIDEO: GABRIEL SOREDEM
(MONTEIRO PRODUTORA AUDIOVISUAL)

ASSISTENTES DE FOTOGRAFIA: MARCELO ANDRADE
RENATO MACHADO

ASSISTENTES DE VIDEO: IAGO VILELA E HENRIQUE BONAFE

TRATAMENTO DE IMAGEM: RZ STUDIO

MAKING OF: AMANDA LAVORATO

CAMAREIRA: MAZÉ SANTOS

REALIZAÇÃO: VEGA STUDIOS

AGRADECIMENTOS: QHL - SOLUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS
ESTÚDIO ACASO

O GLOW BRONZEADO DA TEMPORADA



Matte, luminosos ou híbridos, os bronzers reafirmam seu protagonismo entre os principais produtos de beleza do verão 2026. Muito além de simplesmente aquecer o tom da pele, eles surgem como aliados indispensáveis para criar dimensão, realçar os contornos naturais do rosto e reproduzir o efeito de um bronzeado saudável conquistado ao sol. A nova geração de fórmulas aposta em texturas ultrafinas, acabamento confortável e tecnologias que garantem longa duração sem comprometer a naturalidade.

1



LA DIOR FOREVER NUDE BRONZE GLOW

A Dior inaugura a temporada com sua coleção Diorviera, idealizada por Peter Philips. O destino é a Provence e La Colle Noire, onde a luz do sul da França inspira tons radiantes e ensolarados. A Dior Forever Nude Bronze Glow se destaca tanto pelo seu design — um estojo com o icônico padrão cannage, adornado por margaridas em edição limitada — quanto por sua fórmula. Em seu interior, quatro tonalidades complementares (bronzer acetinado, contorno matte, blush e iluminador) se combinam para recriar um efeito bronzeado luminoso.
As tonalidades 031 Coral Bronze e 032 Pink Bronze proporcionam calor e brilho à pele, com um acabamento natural e de longa duração.

2



LA PALETTE BEAUTY SOULMATES FACE DE CHARLOTTE TILBURRY

A paleta de Charlotte Tilbury reúne dois essenciais para realçar a pele: o pó Airbrush Flawless Finish e o icônico Blush Pillow Talk. A fórmula do pó ajuda a uniformizar o tom, suavizar imperfeições e controlar o brilho, deixando um acabamento leve e luminoso. Já o blush oferece cor modulável e acabamento natural, garantindo um efeito saudável e radiante. Disponível nas versões Flawless Pink e Flawless Peach, a paleta combina tons delicados de rosa e pêssego para iluminar o rosto com frescor, elegância e naturalidade.

3



LA POUDRE BRONZANTE MATE SKINFINISH SUNSTRUCK DE MAC COSMETICS

Com textura macia e acabamento fosco, este bronzer aquece e define a pele com naturalidade. Sua fórmula cremosa e fácil de esfumar proporciona um efeito uniforme e luminoso, enquanto os pigmentos de alta performance garantem cor intensa e longa duração, com resistência à água, suor e umidade.

4



LE BAUME SPF 50 COLOR BALM D'ODACITÉ

Este bálsamo multifuncional para bochechas, lábios e pálpebras combina cor modulável e proteção solar mineral de amplo espectro. Sua fórmula com óxido de zinco não nano ajuda a proteger contra raios UVA, UVB e luz azul, prevenindo sinais visíveis do envelhecimento. Enriquecido com vitamina E, também oferece ação antioxidante, reforça a barreira cutânea e ainda a manter a hidratação da pele, refletindo a proposta de beleza clean e eficaz da marca.

5





DIOR FOREVER SKIN BRONZE 05 INTENSE TAN

Bronzeador em bastão, Dior Forever Skin Bronze proporciona um visual ensolarado, com acabamento natural e brilho saudável.
O Bronzeador em Bastão Dior Forever Skin Bronze traduz a expertise da Maison Dior em um produto prático e altamente luxuoso. Sua textura se adapta à pele com leveza, proporcionando um bronzeado sofisticado e natural. Enriquecido com derivados de vitaminas, o complexo Tan Beautifier oferece cuidado e conforto contínuos. O resultado é uma pele revitalizada, com brilho saudável e acabamento profissional que dura o dia inteiro.

RITUAL *CAPILAR*

Óleos nutritivos, sprays anti-frizz, fórmulas que controlam a oleosidade e até perfumes desenvolvidos exclusivamente para os fios. Em 2026, o cuidado capilar ultrapassa a estética e se consolida como um verdadeiro rito de bem-estar. Mais do que tratar ou finalizar, os novos produtos transformam a rotina diária em um momento de prazer, sensorialidade e expressão pessoal, elevando o cabelo ao centro dos rituais contemporâneos de autocuidado.



GA.MA ITALY IQ3 PERFETTO ROSE GOLD

O Secador de Cabelo GA.MA Italy iQ3 Perfetto conta com tecnologias inovadoras que ajudam a garantir alta performance com menor tempo de secagem. Além disso, também utiliza as propriedades do Oxigênio Ativo para garantir cabelos mais saudáveis, brilhantes e com a cor protegida por mais tempo.

KÉRASTASE GLOSS ABSOLU GLAZE DROPS

Óleo finalizador de alto brilho para todos os tipos de cabelo com frizz. Kérastase Gloss Absolu traz a fórmula leve, com óleo de rosas silvestres, proporciona maciez e luminosidade instantâneas, sem pesar. Descubra o toque final para um cabelo radiante e disciplinado



KÉRASTASE GLOSS ABSOLU

O Shampoo Kérastase Gloss Absolu limpa suavemente enquanto combate o frizz e revela um brilho radiante nos fios. Ideal para cabelos expostos ao calor, umidade e agressões externas, sua fórmula inovadora atua como um escudo protetor, selando as cutículas capilares e prevenindo a porosidade. O resultado são cabelos disciplinados, com toque sedoso e brilho absoluto desde a primeira lavagem.

GIVENCHY L'INTERDIT

O Perfume para Cabelo Givenchy L'Interdit revela-se em um apaixonante buquê de flor de laranjeira, jasmim, tuberosa, vetiver e patchouli. Um aroma que convida a mulher que o usa a desafiar seus limites e fugir das regras.

RIGOLIM HAIR & CO MY STYLE LIGHT SPRAY

O Light Spray é um spray antifrizz com leve fixação, ideal para modelar e finalizar penteados. Após a aplicação, é possível modelar o cabelo com tranquilidade. Não deixa o cabelo pesado e nem resseca os fios. Borrife jatos suaves a uma distância de vinte centímetros dos cabelos. Após a aplicação, é possível modelar as mechas tranquilamente. Ideal para alinhar as mechas do coque, fazer rabo de cavalo, moicano, tranças e prender fios curtos. Se desejar um efeito molhado, aplique bem próximo à raiz dos cabelos.

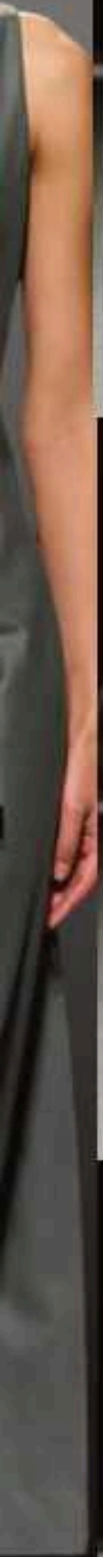
TONS DE CINZA DE *ISSEY MIYAKE*

ENTRE MATÉRIA, MOVIMENTO E SILÊNCIO, A COLEÇÃO OUTONO/INVERNO 2026-27 TRANSFORMA O CINZA EM LINGUAGEM EMOCIONAL E REAFIRMA A POESIA DA IMPERFEIÇÃO COMO UM DOS MAIORES GESTOS DE SOFISTICAÇÃO DA MODA CONTEMPORÂNEA.



Inverno 2026 de Issey Miyake











Na passarela do Carrousel du Louvre, durante a Paris Fashion Week, Issey Miyake apresentou uma coleção que parece existir entre o gesto e a pausa, entre a intenção e o acaso. Para o outono/inverno 2026-27, a maison japonesa mergulha em uma investigação sensorial sobre a matéria, revelando uma narrativa onde os tons de cinza assumem protagonismo absoluto. Não como ausência de cor, mas como um território vasto de possibilidades, nuances e emoções. Batizada de "Creating: Allowing", a coleção propõe uma reflexão rara em uma indústria frequentemente guiada pelo excesso. Em vez de controlar cada detalhe, Issey Miyake sugere uma convivência harmoniosa com o imprevisível. O resultado aparece em silhuetas que parecem ganhar forma apenas quando encontram o corpo, permitindo que cada peça seja concluída por quem a veste.

Os cinzas surgem em camadas delicadas, evocando pedra, areia, fumaça, concreto e nuvens carregadas. Há algo de profundamente contemplativo nessa paleta que percorre toda a coleção. Os tecidos absorvem e refletem a luz de maneiras distintas, criando superfícies vivas que se transformam a cada movimento. O monocromatismo torna-se uma ferramenta para destacar texturas, volumes e construções, elevando a matéria ao status de protagonista. Entre os destaques está a série Allow, desenvolvida a partir da combinação de fios elásticos e papel washi. As peças, fechadas por zíperes que formam estruturas tubulares, permitem que o próprio corpo determine a silhueta final. É uma abordagem que desafia a rigidez da alfaiataria tradicional e introduz uma elegância intuitiva, quase instintiva.

A pesquisa material continua em propostas que transitam entre o artesanal e o tecnológico. Os plissados torcidos manualmente da linha Wring Pleats parecem registrar movimentos sísmicos sobre o tecido, enquanto a série Urushi Body combina técnicas contemporâneas de modelagem tridimensional com a tradicional laca japonesa de Kyoto. O resultado são estruturas esculturais que envolvem o corpo sem restringi-lo, criando um diálogo sofisticado entre leveza e proteção.

Mesmo quando faz referência à alfaiataria masculina, Issey Miyake evita qualquer sensação de rigidez. Ombros arquitetônicos, volumes precisos e construções tridimensionais convivem com a fluidez característica da marca, reforçando uma estética onde força e delicadeza coexistem em perfeito equilíbrio.Em um momento em que a moda frequentemente busca impacto imediato, a coleção apresenta um caminho oposto. Sua potência reside na contenção. Os tons de cinza funcionam como uma metáfora visual dessa escolha: discretos à primeira vista, mas infinitamente complexos quando observados de perto. Cada nuance revela uma nova camada de significado.

Ao final, Issey Miyake reafirma uma das ideias mais sofisticadas da moda contemporânea: a verdadeira inovação não está necessariamente em adicionar, mas em saber retirar. Entre sombras, texturas e silêncios, a coleção constrói uma beleza serena e profundamente moderna, onde o cinza deixa de ser apenas uma cor para se tornar uma filosofia estética.

PODER FELINO

Roupas, bolsas e sapatos confirmam a força do animal print como um dos protagonistas da temporada.



Dolce & Gabbana
Bolsa tote Sicily mini



Dolce & Gabbana
Body slim com estampa de leopardo



Roberto Cavalli
Scarpin Mirror



Oscar de la Renta
Par de brincos de pressão com pedraria



Alberta Ferretti
Casaco animal print



Nanushka
Óculos de sol hexagonal com logo



Dolce & Gabbana
Cinto Dolce & Gabbana com estampa de leopardo e fivela DG



Dolce & Gabbana
Bota cano longo de jacquard animal print



Roberto Cavalli
Calça cargo com estampa de onça



A.P.C.
Jaqueta animal print com abotoamento duplo



Bird&Co
Loafer pelo onça Cheetah



Gianvito Rossi
Scarpin com animal print


ZINCO

Tarsila do Amaral: *A Pintora do Brasil*

Entre memória, modernismo e revolução silenciosa, a sobrinha-bisneta e gestora da **Tarsila do Amaral S/A, Paola do Amaral Montenegro**, transforma o legado da artista em uma conversa urgente sobre feminismo, identidade, raça e pertencimento no século XXI.

Existe algo profundamente simbólico em ouvir Paola do Amaral Montenegro falar sobre Tarsila. Não apenas porque ela carrega o sobrenome de uma das figuras mais emblemáticas da arte latino-americana, mas porque existe, em sua fala, uma delicadeza rara: a consciência de que administrar um legado não significa congelá-lo no tempo, e sim permitir que ele avance e ganhe o mundo.

Ao longo desta matéria, reunimos trechos de reflexões pessoais escritas por Paola, pensamentos que revelam não apenas a gestora responsável pelo legado de Tarsila, mas também a mulher que convive afetivamente com a memória da artista. Em primeira pessoa, suas palavras ampliam o olhar sobre uma Tarsila mais íntima, humana e contemporânea, criando um diálogo sensível entre obra, tempo e identidade. Sentada diante das obras da tia bisavó que ajudou a reinventar visualmente o Brasil, Paola não fala como uma executiva cultural tentando preservar um patrimônio histórico. Ela fala como alguém que convive diariamente com uma presença. "Eu tenho que dividir minha tia bisavó com o resto do mundo", diz, quase sorrindo, como quem entende que certos artistas deixam de pertencer às famílias para pertencer à memória coletiva de um país inteiro. E talvez seja exatamente essa a força de Tarsila: ela deixou de ser apenas uma pintora modernista para se tornar uma expressão da emoção brasileira.

Durante décadas, o imaginário nacional aprendeu a olhar para Abaporu como um símbolo máximo do modernismo. Mas Paola propõe uma leitura mais ampla, mais humana e, sobretudo, mais contemporânea da artista. Para ela, existe uma Tarsila muito além das molduras dos museus. Uma mulher que, nos anos 1920, rompeu padrões sociais ao se divorciar, viver sozinha em Paris e construir sua independência intelectual em um mundo dominado por homens.



PAOLA DO AMARAL MONTENEGRO



ABAPORU, 1928 - TARSILA DO AMARAL
ÓLEO SOBRE TELA. 85 X 73 CM
MUSEU DE ARTE LATINO-AMERICANA DE BUENOS AIRES (MALBA)
©TARSILA DO AMARAL LICENCIAMENTO E EMPREENDIMENTOS S.A.

"A modernidade dela não estava apenas na pintura, mas na maneira como escolheu viver"

— Paola do Amaral Montenegro

É impossível não perceber que, muito antes de o feminismo ganhar vocabulário popular, Tarsila já encarnava silenciosamente uma espécie de insurgência feminina sofisticada. Ela não levantava bandeiras públicas; simplesmente existia fora das regras impostas às mulheres de seu tempo. E isso, por si só, já era revolucionário. Ao revisitar sua trajetória, Paola enxergou uma artista cuja coragem ultrapassava o campo estético. Existe uma dimensão política na obra de Tarsila que o Brasil talvez esteja apenas começando a compreender com profundidade.



ABAPORU, 1928 - TARSILA DO AMARAL
ÓLEO SOBRE TELA. 85 X 73 CM
MUSEO DE ARTE LATINO-AMERICANA DE BUENOS AIRES (MALBA)
© TARSILA DO AMARAL LICENCIAMENTO E EMPREENDIMENTOS S.A.

"O que mais me impressiona nessa obra é justamente como ela consegue representar diferentes origens e identidades dentro de um Brasil em plena transformação industrial"

— Paola do Amaral Montenegro

Em Operários, por exemplo, a artista cria um retrato quase brutal da formação social brasileira. Rostos negros, brancos, indígenas, imigrantes e trabalhadores ocupam o mesmo espaço visual sem hierarquias aparentes. Não existe protagonismo isolado. Existe coletividade. Existe humanidade compartilhada, inclusão. Em uma era em que o mundo ainda tenta discutir diversidade como conceito contemporâneo, Tarsila já retratava, há quase um século, um país miscigenado, desigual e profundamente plural. Não como manifesto panfletário, mas como observação sensível da realidade.



OPERÁRIOS, 1933 - TARSILA DO AMARAL
ÓLEO SOBRE TELA
151 X 207 CM
ACERVO ARTÍSTICO-CULTURAL DOS PALÁCIOS DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, PALÁCIO DOS BANDEIRANTES, SP
© TARSILA DO AMARAL LICENCIAMENTO E EMPREENDIMENTOS S.A.

"Ela enxergava as pessoas de maneira muito parecida. Não existia diferença entre ninguém"

— Paola do Amaral Montenegro

Provavelmente, uma das leituras mais emocionantes feitas por Paola esteja justamente na forma como Tarsila olhava para os corpos populares brasileiros. Em obras como Morro da Favela e Segunda Classe, existe um olhar quase afetivo sobre aqueles que historicamente permaneceram à margem da representação artística tradicional. Famílias cansadas, trabalhadores silenciosos, crianças descalças, mulheres negras, paisagens suburbanas e casas simples aparecem sem caricatura, sem exotismo e sem julgamento. Paola observa algo particularmente poderoso: muitas figuras pintadas por Tarsila aparecem sem sapatos, vestindo roupas semelhantes, quase como se a artista apagasse símbolos de classe para aproximar todos de uma mesma humanidade essencial. Em tempos de hiperindividualismo e segregação social crescente, a obra de Tarsila parece menos um registro histórico e mais uma profecia estética sobre pertencimento coletivo.



SEGUNDA CLASSE, 1933 - TARSILA DO AMARAL
ÓLEO SOBRE TELA
110 X 151 CM
COLEÇÃO PARTICULAR, SÃO PAULO, SP.
© TARSILA DO AMARAL LICENCIAMENTO E EMPREENDIMENTOS S.A

"Toda vez que Tarsila viajava, ela trazia um pouco do Brasil de volta"

— Paola do Amaral Montenegro



Há algo de curioso em perceber como a própria construção da brasilidade em Tarsila nasce justamente da distância. Segundo Paola, cada viagem internacional da artista funcionava quase como um espelho invertido. Quanto mais longe ela estava do Brasil, mais profundamente o Brasil parecia emergir dentro dela. Existe algo profundamente sofisticado nessa percepção. Porque Tarsila não tentou europeizar sua arte para conquistar legitimidade internacional. Fez exatamente o contrário. Enquanto mestres franceses criticavam suas chamadas "cores caipiras", ela decidiu transformá-las em assinatura estética. Azul puríssimo. Rosa violáceo. Verde cantante. Tons que antes eram considerados excessivos, populares ou provincianos passaram a compor uma das linguagens visuais mais sofisticadas da arte moderna mundial.



A LUA, 1928 - TARSILA DO AMARAL
ÓLEO SOBRE TELA
150 X 130 CM
MUSEUM OF MODERN ART (MOMA)
© TARSILA DO AMARAL LICENCIAMENTO E EMPREENDIMENTOS S.A.

"Mais do que retratar um país, Tarsila ajudou o Brasil a se enxergar de uma maneira nova."

— Paola do Amaral Montenegro

Hoje, quase cem anos depois de sua primeira exposição de Tarsila em Paris, essa mesma brasilidade continua encontrando novas formas de existir. Sob a gestão de Paola do Amaral Montenegro, o legado de Tarsila deixa os corredores silenciosos dos museus para ocupar redes sociais, exposições imersivas, documentários, livros e experiências digitais capazes de dialogar com novas gerações. Existe um entendimento claro de que preservar não significa transformar artistas em relíquias intocáveis. Significa permitir que continuem vivos culturalmente. Em Brasília ("Transbordar o mundo: os olhares de Tarsila do Amaral", de fevereiro a maio deste ano), uma exposição inédita misturando obras originais e instalações imersivas apresentou uma nova experiência sensorial sobre o universo de Tarsila. Em São Paulo, uma megaexposição promete ampliar ainda mais esse diálogo entre arte, tecnologia e emoção, prevista para o segundo semestre em novo espaço cultural no Conjunto Nacional. Mas talvez o movimento mais revolucionário esteja acontecendo em algo aparentemente simples: vídeos curtos explicando obras, curiosidades e contextos históricos para jovens que talvez jamais tenham entrado em um museu.



COMPOSIÇÃO (FIGURA SÓ), 1931 - TARSILA DO AMARAL
ÓLEO SOBRE TELA
85 X 129 CM
COMODATO MASP RONALDO CEZAR COELHO
© TARSILA DO AMARAL LICENCIAMENTO E EMPREENDIMENTOS S.A.

Ao contrário de muitos herdeiros culturais que tentam cristalizar legados em uma reverência distante, Paola parece empenhada em devolver Tarsila às pessoas comuns. Às crianças que pintam releituras do Abaporu na escola. Às senhoras que entram emocionadas em exposições dizendo que estudaram a artista a vida inteira, mas nunca tinham visto uma obra original. Aos jovens que descobrem Tarsila do Amaral pelo TikTok antes de descobri-la nos livros didáticos. Existe algo profundamente contemporâneo em compreender que patrimônio cultural não pode sobreviver apenas da contemplação institucional. Ele precisa criar vínculo afetivo. E talvez seja exatamente por isso que Tarsila continue tão atual: porque sua obra não exige conhecimento técnico para emocionar. Ela exige apenas reconhecimento humano. Mas reduzir Tarsila apenas à inventora de um imaginário tropical brasileiro seria superficial. Existe também nela uma mulher que enfrentou perdas financeiras, desilusões amorosas, julgamentos sociais e deslocamentos emocionais profundos. Uma mulher que insistiu em trabalhar em uma época em que mulheres da elite raramente construíam carreiras independentes. Uma mulher que atravessou o século XX sem abandonar sua própria voz estética. "Ela foi atrás da própria segurança", diz Paola. E talvez essa seja uma das definições mais modernas possíveis de independência feminina. Não uma figura perfeita ou romantizada, mas alguém que escolheu existir de forma autônoma apesar das estruturas sociais ao redor.

"A arte não deveria ser elitizada"

— Paola do Amaral Montenegro



"Mais do que retratar um país, Tarsila ajudou o Brasil a se enxergar de uma maneira nova."

— Paola do Amaral Montenegro

Em muitos sentidos, Tarsila parece conversar diretamente com as discussões contemporâneas sobre liberdade feminina, identidade e autonomia criativa sem jamais soar previsível. Há também uma beleza quase melancólica na maneira como Paola descreve sua relação pessoal com a artista. Ela conta que conversa mentalmente com Tarsila, escreve cartas imaginárias para a tia bisavó e agradece diariamente pela oportunidade de cuidar de seu legado. Um livro baseado nessas cartas já está sendo desenvolvido. E talvez exista algo profundamente poético nessa tentativa de construir diálogo entre tempos tão diferentes. Porque, no fundo, é exatamente isso que grandes artistas fazem: atravessam gerações sem jamais desaparecer completamente.



A BONECA, 1928 - TARSILA DO AMARAL
ÓLEO SOBRE TELA 60 X 45 CM.
COLEÇÃO NECKEL/A E SERGIO FADEL, RIO DE JANEIRO, RJ.
© TARSILA DO AMARAL LICENCIAMENTO E EMPREENDIMENTOS SA

O batom vermelho de Tarsila

"Sempre me chamou atenção o quanto Tarsila entendia a força da própria imagem."

POR **PAOLA DO AMARAL MONTENEGRO**

Muito se fala sobre sua pintura, sobre o modernismo brasileiro, sobre Paris e sobre a revolução estética que sua obra provocou, mas eu gosto de observá-la pelos detalhes. Pelos retratos, pelas fotografias, pelas roupas cuidadosamente escolhidas, pelos acessórios, pelos tecidos sofisticados e, principalmente, pelo batom vermelho que aparece em alguns de seus autorretratos.



AUTORRETRATO I, 1924 – TARSILA DO AMARAL
ACERVO ARTÍSTICO-CULTURAL DOS PALÁCIOS DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, PALÁCIO BANDEIRANTES, SP



"O vermelho dos lábios atravessa seus retratos quase como uma assinatura."

— Paola do Amaral Montenegro

Talvez porque exista algo de muito consciente na forma como Tarsila escolhia se apresentar ao mundo. É isso, para mim, sempre foi uma das partes mais fascinantes de sua trajetória. Ela parecia compreender muito cedo algo que hoje faz parte do nosso cotidiano: imagem também comunica. E comunica muito.

Em uma época em que tantas mulheres ainda apareciam apenas como musas, esposas ou figuras secundárias ao redor de artistas homens, Tarsila construiu a própria imagem como autora. Isso aparece de maneira muito silenciosa em seus retratos.

Nada parece acidental: nem a postura, nem os vestidos, nem o olhar, nem o vermelho exato dos lábios. Existe intenção em cada detalhe, e talvez seja justamente isso que faça sua imagem continuar tão contemporânea.

Os relatos sobre Tarsila raramente falam apenas de sua obra. Muitos descrevem também sua presença: a elegância, a sofisticação, o impacto que causava nos ambientes que frequentava. Era uma mulher observada. E acredito que ela soubesse disso.

Talvez nenhuma definição tenha resumido tão bem essa dualidade quanto o verso de Oswald de Andrade no poema Atelier, publicado em Pau Brasil:

Atelier

Caipirinha vestida por Poiret
A preguiça paulista reside nos teus olhos
Que não viram Paris nem Piccadilly
Nem as exclamações dos homens
Em Sevilha
À tua passagem entre brincos

Locomotivas e bichos nacionais
Geometrizam as atmosferas nítidas
Congonhas descora sob o pálio

"Caipirinha vestida por Poiret"

Gosto especialmente desse verso porque ele consegue condensar, em poucas palavras, os dois universos que moldaram Tarsila. De um lado, a sofisticação parisiense; do outro, o interior paulista. Essa mesma dualidade aparece também em um texto de Mário de Andrade sobre sua pintura, ao descrevê-la como "[...] um certo e muito bem aproveitado caipirismo de formas e de cor, uma sistematização inteligente do mau gosto que é dum bom gosto excepcional [...]".

Enquanto frequentava ateliês, intelectuais e círculos artísticos europeus, Tarsila também carregava memórias muito profundas da fazenda, da paisagem brasileira, das cores da terra, das histórias da infância e das referências que mais tarde transformaria em pintura.

Talvez seja justamente essa mistura que torne sua imagem tão forte até hoje. Nada nela parecia fragmentado. Sua maneira de se vestir, de posar, de circular socialmente e até de se retratar parecia conversar diretamente com sua produção artística. As roupas nunca pareciam apenas roupas.

Entre as peças preservadas pela Pinacoteca de São Paulo, um corset de Tarsila sempre chama minha atenção. Existe algo de muito simbólico em vê-lo hoje, quase como uma continuação silenciosa dos retratos e fotografias da artista. A mesma preocupação com silhueta, presença e composição parece atravessar tudo.

Sempre que vejo fotografias de Tarsila nos anos 1920, me impressiona o quanto ela dominava os códigos de elegância daquele momento. Os vestidos tinham cortes refinados, os acessórios eram cuidadosamente escolhidos e existe uma sofisticação muito clara em sua construção visual. Mas, ao mesmo tempo, ela nunca parece apenas uma mulher tentando reproduzir Paris. Existe personalidade, existe uma identidade muito própria ali.

Talvez seja justamente isso que a diferencie de tantas figuras femininas da época que apenas seguiam tendências europeias. Tarsila absorvia essas referências, mas as transformava em algo pessoal, assim como fazia na pintura. Enquanto muitos artistas brasileiros ainda buscavam legitimação por meio da repetição de modelos europeus, ela começava a construir uma obra radicalmente brasileira.

E gosto muito de pensar que essa modernidade não aparecia apenas em suas telas. Ela também estava na forma como Tarsila escolhia existir publicamente: no modo como ocupava espaços, na maneira como era fotografada. Existe algo de muito moderno em uma mulher que compreende a própria imagem como extensão de sua linguagem artística, principalmente naquele período.

É exatamente isso que seus autorretratos parecem transmitir. Eles não são apenas registros de aparência, mas exercícios muito conscientes de construção de identidade — da sua própria identidade. Quando olho para eles, tenho a sensação de que Tarsila entendia perfeitamente como desejava ser vista: feminina, sofisticada, moderna, intelectual e absolutamente impossível de ignorar.

Talvez por isso suas fotografias ainda pareçam tão atuais. Existe um empoderamento na maneira como ocupa a imagem.







CÓDIGOS INVISÍVEIS DE PODER

Alexandra Loras decifra as linguagens silenciosas do luxo, da influência e do pertencimento nos ambientes onde imagem, estratégia e poder caminham lado a lado.

Pontualmente às três horas da tarde, Alexandra Loras atravessou as portas da Casa Osten com a mesma elegância serena que se tornou uma de suas marcas registradas. Sempre solícita, simpática e impecavelmente apresentada, cumprimentou cada pessoa da equipe com atenção genuína antes de seguir para a gravação. Após ser microfonada, demonstrou curiosidade sobre o rumo da conversa. Explicamos que a entrevista buscaria explorar sua visão contemporânea sobre o luxo, a relação entre moda, construção de marca e os códigos silenciosos que determinam quem pertence ou não aos ambientes de poder. Alexandra sorriu. Era um território que conhecia profundamente. Afinal, poucas mulheres transitaram por tantos universos distintos enquanto observavam, decifravam e reinterpretavam suas regras com a mesma sofisticação.

Há mulheres que transitam pelos ambientes mais exclusivos do mundo apenas como convidadas. Alexandra Loras pertence a uma categoria diferente: ela ajuda a redefinir quem tem o direito de ocupar esses espaços. Empresária, investidora-anjo, palestrante, ativista e ex-consulesa da França em São Paulo, sua trajetória atravessa universos que durante séculos foram desenhados para excluir pessoas como ela. E talvez seja justamente por isso que sua visão sobre luxo, poder e prosperidade seja tão singular. Para Alexandra, elegância nunca foi sobre exibir riqueza. É sobre compreender linguagens invisíveis.

Em uma era marcada pela velocidade, pela hiperexposição digital e pela cultura da performance, Alexandra acredita que o verdadeiro luxo assumiu uma nova forma. "O luxo do futuro não é ostentação, é essência", afirma. A frase resume uma transformação silenciosa que vem acontecendo dentro das elites globais. Se durante décadas os símbolos de status estavam associados a logos ostensivos e demonstrações explícitas de riqueza, hoje o prestígio habita territórios mais sutis: a qualidade de um tecido, a curadoria de uma experiência, a inteligência de uma conversa ou o valor de um tempo bem investido.

Essa percepção foi construída ao longo de uma jornada improvável. Nascida em um contexto distante dos círculos de poder que viria a frequentar, Alexandra precisou aprender códigos que nunca lhe foram ensinados. Sua história é também uma reflexão sobre mobilidade social. Não apenas aquela medida por patrimônio ou cargo, mas pela capacidade de desenvolver repertório, confiança e pertencimento. "Você precisa se vestir para o sonho que deseja alcançar", diz. Não como uma defesa da superficialidade, mas como uma compreensão profunda de que a imagem é uma ferramenta de comunicação tão poderosa quanto qualquer discurso.

Segundo Alexandra, grande parte das pessoas subestima o impacto da narrativa visual. Em suas mentorias para executivas e lideranças femininas, ela trabalha um conceito que une branding pessoal, neurociência e comportamento. A forma como alguém se apresenta ao mundo comunica autoridade antes mesmo da primeira palavra ser pronunciada. "A estética já é grande parte de uma conversa. A roupa, a postura, o tom de voz e a maneira de ocupar um ambiente contam uma história." Para ela, o visual não substitui a competência. Ele amplia sua potência.

Essa leitura ganha ainda mais relevância quando observada sob a perspectiva racial. Como mulher negra ocupando posições de destaque em ambientes historicamente elitizados, Alexandra desenvolveu uma percepção refinada sobre os códigos silenciosos que definem pertencimento. Durante anos, ela precisou navegar entre a afirmação de sua identidade e a necessidade de ser legitimada em espaços de poder. Uma experiência que a ensinou que muitas batalhas são vencidas não apenas pelo que se diz, mas pela estratégia com que se escolhe dizer.



Ao falar de prosperidade, Alexandra também desafia conceitos tradicionais. Para ela, riqueza começa muito antes da conta bancária. Está ligada à capacidade de sonhar sem limites impostos por origem, gênero ou classe social. Ela relembra o processo de reprogramação mental que precisou realizar para transformar sua relação com dinheiro e abundância. "Fui criada em um contexto onde a relação com o dinheiro era tóxica. Precisei me autorizar a sonhar mais alto." Desde então, passou a defender o empoderamento econômico como uma das formas mais eficazes de emancipação feminina.

Mas sua visão sobre prosperidade não se limita ao aspecto financeiro. Ela acredita que os ambientes que frequentamos moldam diretamente nossas possibilidades. Por isso, incentiva suas mentoradas a se permitirem ocupar espaços que inicialmente parecem distantes. Tomar um café em um hotel de luxo, frequentar um restaurante sofisticado ou participar de eventos fora da própria zona de conforto podem parecer gestos simples, mas carregam um significado simbólico profundo. Trata-se de construir familiaridade com lugares que antes pareciam inacessíveis.

Uma das passagens mais marcantes de sua trajetória nasceu justamente dessa experiência. Alexandra relembra uma amiga parisiense que, ao vê-la intimidada em uma festa da elite francesa, lhe ofereceu um conselho que transformaria sua vida: agir como dona do lugar. Não por arrogância, mas por legitimidade. "Ser dona do lugar é sentir que você tem o direito de estar ali." A partir daquele momento, ela passou a enxergar pertencimento não como uma permissão concedida pelos outros, mas como uma decisão interna.

Ao mesmo tempo em que circula entre marcas de luxo, fóruns internacionais e lideranças empresariais, Alexandra mantém um olhar crítico sobre as estruturas que definem quem é visto, ouvido e valorizado. Sua atuação nos bastidores da moda e da comunicação busca ampliar a presença de mulheres negras em narrativas tradicionalmente restritas. Para ela, representatividade não é apenas uma questão de imagem. É uma questão de poder, influência e construção de futuros possíveis.

“O luxo do futuro não é ostentação, é essência”

Talvez seja justamente essa combinação entre sofisticação e consciência social que torne Alexandra Loras uma figura tão fascinante. Ela compreende o luxo, mas não é seduzida por ele. Entende as regras do jogo, mas não se limita a reproduzi-las. Em vez disso, transforma códigos antes inacessíveis em ferramentas de ascensão, autonomia e transformação. Em um mundo obcecado por aparências, sua mensagem parece quase revolucionária: a verdadeira elegância não está em parecer pertencer. Está em saber, com absoluta convicção, que você pertence.

por Ale Monteiro



FOTO JORDAN VILAS

STYLIST EMERSON AVILA

BELEZA RENAN TAVAREZ



ENTRE *LEGADO* E FUTURO

A *MULHER* QUE CONDUZ A PRÓXIMA ERA DA *CORELLO*

Casaco **Vitor Zerbinato**, colar e brincos **Paco Rabanne**. Sapato **Corello**

REPRESENTANTE DA QUARTA GERAÇÃO DA FAMÍLIA, ***GABRIELA SILVAROLLI*** CONDUZ A EVOLUÇÃO DA ***CORELLO***, UNINDO TRADIÇÃO E INOVAÇÃO SEM PERDER A ESSÊNCIA QUE TORNOU A MARCA PARTE DA HISTÓRIA DE MUITAS **MULHERES.**

Há empresas que vendem produtos. Outras vendem desejo. Poucas, no entanto, conseguem ocupar um lugar mais raro: o da memória afetiva. Durante décadas, a Corello acompanhou mulheres em diferentes fases da vida, atravessando gerações com a mesma naturalidade com que uma herança preciosa passa de mãe para filha. É justamente nesse território, onde tradição e emoção se encontram, que Gabriela Silvarolli constrói sua trajetória. Representante da quarta geração da família à frente da marca, ela não fala sobre legado como quem olha para trás, mas como quem compreende a responsabilidade de conduzir uma história em constante transformação. Ao lado do irmão Felipe, que ocupa atualmente o cargo de CEO, e de sua mãe, Carla Silvarolli, presidente da marca, participa ativamente da construção dos próximos capítulos de uma empresa que se tornou referência no mercado brasileiro.

Em uma era marcada pela velocidade dos algoritmos e pela efemeridade das tendências, Gabriela surge como uma liderança que compreende o valor do tempo. Sua relação com a Corello nunca foi resultado de uma decisão pontual ou de uma escolha estratégica cuidadosamente calculada. Crescer dentro dessa história fez com que a marca se tornasse uma extensão natural de sua própria formação. Mais do que uma empresa familiar, a Corello sempre representou um patrimônio emocional compartilhado por milhares de mulheres brasileiras.

Talvez seja justamente por isso que sua visão de futuro não esteja baseada na ruptura, mas na evolução. Gabriela entende que conduzir uma marca tradicional exige uma habilidade rara: preservar a essência sem permitir que ela se transforme em prisão. Em seu olhar, tradição não significa repetição. Significa compreender quais valores são permanentes e quais precisam acompanhar as mudanças culturais, sociais e comportamentais que moldam cada nova geração de consumidoras.

Existe uma serenidade particular na forma como ela fala sobre liderança. Distante dos estereótipos tradicionais que durante anos moldaram a percepção do mundo corporativo, Gabriela defende uma gestão construída pela escuta, pela empatia e pela autenticidade. São valores que ultrapassam o discurso institucional e aparecem como ferramentas concretas na tomada de decisão. Antes de qualquer estratégia, existe o fator humano. Antes de qualquer plano de expansão, existe a compreensão de que marcas relevantes são feitas, acima de tudo, de relações genuínas.

Existe uma serenidade particular na forma como ela fala sobre liderança. Distante dos estereótipos tradicionais que durante anos moldaram a percepção do mundo corporativo, Gabriela defende uma gestão construída pela escuta, pela empatia e pela autenticidade. São valores que ultrapassam o discurso institucional e aparecem como ferramentas concretas na tomada de decisão. Antes de qualquer estratégia, existe o fator humano. Antes de qualquer plano de expansão, existe a compreensão de que marcas relevantes são feitas, acima de tudo, de relações genuínas.Essa percepção se torna ainda mais interessante quando observamos o momento atual do mercado de luxo e da moda. Enquanto o mundo parece caminhar cada vez mais para experiências digitais, instantâneas e intangíveis, Gabriela acredita que os objetos continuam exercendo um fascínio profundamente humano.





Macacão **Gloria Coelho**
Sapato **Corello**



Terno **Claudie Pierlot**, Gravata **Anacê**, Camisa **Wolford**, Sapato **Corello**





Não apenas pela sua funcionalidade, mas pela capacidade de guardar histórias. Um acessório pode atravessar décadas. Pode registrar encontros, conquistas, despedidas e recomeços. Pode transformar-se em memória. E talvez seja justamente essa permanência que o torna tão desejável.

Ao falar sobre o comportamento feminino contemporâneo, sua análise se afasta das leituras superficiais que costumam reduzir a moda a um exercício de tendências. Para ela, os acessórios são extensões da identidade. São códigos silenciosos através dos quais cada mulher comunica quem é, no que acredita e como deseja ocupar o mundo. Em tempos de excesso de informação, vestir-se tornou-se também um ato de posicionamento. Uma escolha estética que revela valores, personalidade e presença.

Sua formação internacional trouxe repertório global para dentro da companhia, mas sem diluir aquilo que considera um dos maiores patrimônios da moda nacional: a autenticidade brasileira. Gabriela acredita que a riqueza cultural do país, somada ao seu extraordinário legado artesanal, constitui um diferencial cada vez mais valioso em um cenário globalizado. Quando tudo parece semelhante, aquilo que é genuíno ganha força. E o Brasil, com sua mistura única de referências, criatividade e saberes transmitidos entre gerações, possui uma voz própria que o mercado internacional não pode reproduzir.

Quando questionada sobre o futuro da Corello, sua resposta revela uma visão clara sobre longevidade. Daqui a dez ou vinte anos, ela imagina uma marca transformada, atualizada e conectada aos novos comportamentos de consumo. Mas existem pilares que permanecem intocáveis: qualidade, autenticidade e conexão humana. Em um mercado frequentemente seduzido pela novidade a qualquer custo, sua aposta está justamente na capacidade de evoluir sem abandonar aquilo que construiu a confiança das consumidoras ao longo do tempo.

Existe também uma dimensão mais íntima nessa trajetória. Porque, além da empresária e da diretora, há uma mulher que reflete constantemente sobre o impacto de suas escolhas. Gabriela fala sobre futuro com a mesma naturalidade com que fala sobre aprendizado. Não existe a pretensão de uma liderança definitiva ou infalível. Existe, sim, a disposição permanente para crescer, ouvir, adaptar-se e continuar construindo.

Ao final da conversa, fica a impressão de que seu maior legado talvez não esteja apenas nos resultados corporativos que deixará para a próxima geração. Mas na forma como escolheu exercer o poder. Um poder menos associado ao controle e mais conectado à construção. Menos centrado na autoridade e mais fundamentado na inspiração. Em uma época obcecada por velocidade, Gabriela Silvarolli parece apostar em algo muito mais duradouro: a capacidade de fazer com que uma história continue relevante sem jamais perder sua alma.

Por Daizi Suchoj

Fotografia: Felipe Censi
Styling: Sarah Schulz
Beleza: Edu Hyde (com produtos Sisley, Lancôme e Bejer)



Blazer **Chanel**, Camisa **Carol Bassi**, Saia **Valentini**, Bota **Carrilho**



Terninho estampado, blazer em algodão, calça em seda, Gianni Versace; primavera verão 1991.
top em madrepérola, acervo

BRILHO RETRÔ

SCHYNAIDER

DIREÇÃO E STYLING RAFAEL MENEZES FOTO PASCHOAL RODRIGUEZ BEAUTY MANISH WERICK

Entre peças raras de Gianni Versace, Thierry Mugler, Yves Saint Laurent, Roberto Cavalli e Lino Villaventura, preservadas pelo colecionador Alexandre Stefani, e uma beleza futurista inspirada na teatralidade de Alexander McQueen, Schynaider Moura protagoniza uma reflexão sobre moda consciente, memória e permanência, provando que a grande moda não atravessa apenas épocas, mas também planetas.

Às 9 horas da manhã, o estúdio de Pascoal Rodriguez, no Brooklin Paulista, já pulsava com a energia de um dia que prometia ser especial. Schynaider Moura foi a primeira a chegar. Como acontece com os profissionais que carregam décadas de experiência sem perder o entusiasmo, entrou sorrindo, cumprimentando cada membro da equipe e demonstrando uma disponibilidade cada vez mais rara em uma indústria movida pela pressa. Entre conversas sobre moda, carreira e referências visuais, a modelo que iniciou sua trajetória aos 13 anos, após vencer o Elite Model Look Brasil em 2001, ocupou seu lugar na cadeira de beleza. Ali começava a construção de um editorial que não falaria apenas sobre roupas, mas sobre tempo, memória, sustentabilidade e reinvenção.

Ao lado da beauty artist Maxime Weber, a transformação aconteceu de forma gradual, quase performática. O primeiro visual partia de uma referência clássica dos anos 1980, com cabelos volumosos, exuberantes, uma espécie de glamour selvagem que remetia à força de uma leoa contemporânea. Conforme o editorial avançava, porém, a beleza ganhava novas camadas e novas narrativas. O volume inicial cresceu até alcançar proporções escultóricas, evocando as experimentações visionárias de Alexander McQueen. No último ato, os fios foram transformados em uma construção etérea, quase uma Maria Antonieta desconstruída, com textura que lembrava algodão doce e silhueta que parecia desafiar a gravidade. O resultado era simultaneamente histórico e futurista, teatral e sofisticado, como uma personagem que transitasse entre séculos e planetas.

Essa atmosfera quase alienígena serviu como contraponto perfeito para as peças escolhidas para o editorial. Em vez de apresentar as novidades recém-saídas das passarelas, Rafael Menezes, Diretor de Moda da TREND decidiu olhar para outro lugar: o acervo. Schynaider vestiu criações raras de Thierry Mugler, Roberto Cavalli, Yves Saint Laurent, Lino Villaventura, Versace e Gianni Versace, todas pertencentes ao arquivo do colecionador Alexandre Stefani. São peças que sobreviveram ao tempo não apenas pela qualidade de sua construção, mas pela força criativa que representam. Cada uma delas carrega consigo um capítulo da história da moda, preservando técnicas, materiais e visões estéticas que continuam influenciando designers contemporâneos décadas depois de terem sido concebidas.

Em um momento em que a indústria debate seus impactos ambientais e busca modelos mais responsáveis de produção e consumo, o editorial propõe uma reflexão importante sobre o valor da moda consciente. Durante muito tempo, a ideia de luxo esteve associada à novidade permanente. Hoje, porém, cresce uma compreensão diferente. O verdadeiro privilégio pode estar justamente na possibilidade de acessar peças que já provaram sua relevância cultural, objetos capazes de atravessar gerações sem perder potência estética. Mais do que roupas, elas se tornam documentos vivos de uma época, preservando a identidade de criadores que ajudaram a moldar a história da moda global.

A própria Schynaider enxerga essa transformação como um dos movimentos mais interessantes da contemporaneidade. Crescendo sob a influência das supermodelos dos anos 1990, ela testemunhou uma indústria marcada pelo glamour absoluto, pelas grandes campanhas e pela força das imagens icônicas. Ainda hoje, lembra com entusiasmo da famosa capa da Vogue que reuniu as maiores modelos antes de sua geração, uma fotografia que se tornou símbolo de uma era. Mas, para ela, revisitar o passado não significa viver de nostalgia. Significa reconhecer que a moda sempre funcionou em ciclos e que algumas ideias permanecem relevantes porque carregam autenticidade.

Essa autenticidade é justamente o que diferencia uma peça histórica de uma simples tendência inspirada no passado. O fast fashion é capaz de reproduzir silhuetas, cores e proporções em questão de semanas. O que ele não consegue reproduzir é contexto. Um vestido criado por Gianni Versace nos anos 1990 carrega a energia cultural daquele período, a visão específica de seu criador e a excelência de











Blazer Thierry Mugler vintage anos 90 com saia Gianni Versace de franjas versão 1990







Vestido slip com babados, seda pura, Roberto Cavalli primavera verão 2010

uma construção feita para durar. O mesmo vale para as estruturas arquitetônicas de Mugler, para o glamour exuberante de Cavalli ou para a elegância atemporal de Yves Saint Laurent. Existe uma dimensão emocional e cultural que não pode ser copiada, apenas preservada.

Por isso, o crescimento do mercado vintage e do consumo de segunda mão representa algo muito maior do que uma tendência de comportamento. Trata-se de uma mudança profunda na relação das pessoas com os objetos que consomem. A lógica do uso e descarte começa a dar espaço para uma visão mais consciente, em que as peças circulam, ganham novas histórias e permanecem relevantes por décadas. Como observa Schynaider, uma roupa pode sair de um closet para outro, atravessar cidades, países e gerações, acumulando memórias sem perder sua essência. Cada novo uso acrescenta uma camada de significado à sua trajetória.

O editorial da TREND materializa exatamente essa ideia. Enquanto a beleza projetava Schynaider para um futuro imaginário, as roupas a conectavam diretamente com momentos fundamentais da história da moda. A tensão entre essas duas temporalidades cria a força das imagens. O passado não aparece como algo encerrado, mas como uma ferramenta para pensar o amanhã. As peças deixam de ser relíquias estáticas para se tornarem protagonistas de uma nova narrativa visual, mostrando que a criatividade genuína continua relevante independentemente da década em que nasceu.

Existe também um simbolismo especial na presença de Schynaider nesse encontro entre memória e futuro. Sua própria trajetória reflete a capacidade de reinvenção que ela tanto admira na moda. A menina que sonhava diante da televisão e decidiu se inscrever em um concurso tornou-se uma modelo internacional, construiu uma carreira sólida e atravessou diferentes fases da indústria sem perder a curiosidade e a vontade de evoluir. Ao longo dos anos, aprendeu que beleza e sucesso não dependem apenas da imagem, mas de repertório, estudo e compreensão do contexto cultural em que se está inserido. Talvez por isso sua conexão com esse editorial tenha sido tão natural.

Ao final do dia, quando os últimos cliques já haviam sido feitos e os cabelos escultóricos começavam a ser desmontados, permanecia no estúdio a sensação de que aquelas imagens contavam uma história maior do que a soma de seus elementos. Falavam sobre sustentabilidade sem recorrer a discursos óbvios. Falavam sobre moda sem depender da novidade. Falavam sobre futuro sem abrir mão da memória. Vestindo peças raras do acervo de Alexandre Stefani, Schynaider Moura nos lembra que algumas criações são grandes demais para pertencer a uma única estação. Elas atravessam décadas, resistem às mudanças de comportamento e seguem despertando desejo porque carregam algo que nenhuma tendência consegue fabricar: história.



Tailleur marcio de gaz Gianni Versace Couture
enfeitado com bordados e lantejoulas





Vestido Louis Vuitton crepe seda



FOTOGRAFIA	PASCHOAL RODRIGUEZ
DIREÇÃO & STYLING	RAFAEL MENEZES
BELEZA	MAXIME WEBER
ASSISTENTE FOTO	ARTHUR G.
ASSISTENTE DE BELEZA	SAFIRA KÁLI
PRODUÇÃO DE MODA	BRUM DELLUPI
COLABORADOR GRAMA VERSALE	ALEXANDRE STEFANI
VIDEO	EDDIE RAMOS
PRODUÇÃO EXECUTIVA	NELSON MARTINEZ
COORDENAÇÃO	POLLY PAN
TRATAMENTO	M LACES


90
anos de
palco

Nathalia *Timberg*

97 anos, uma obra em construção permanente.

Há entrevistas que começam com uma pergunta. Esta começou com uma escuta. Antes de transcrevermos uma única palavra, foi preciso ouvir. Não apenas o que Nathalia Timberg dizia, mas a maneira como dizia. A respiração que antecedia cada resposta. As pausas longas, quase teatrais.

Os silêncios que, longe de significarem hesitação, revelavam uma mulher que ainda trata o pensamento com o respeito de quem acredita que nenhuma palavra deve nascer antes de estar pronta. Aos 97 anos, Nathalia fez questão de responder pessoalmente a cada uma das perguntas enviadas pela TREND. Poderia ter recorrido a uma assessoria, pedido que alguém escrevesse por ela ou simplesmente autorizado respostas editadas. Preferiu gravar áudios. Um a um. Com a serenidade de quem nunca confundiu rapidez com profundidade. Foi nesse instante que compreendemos que esta não seria apenas uma entrevista. Seria um encontro.

Também por essa razão, a TREND tomou uma decisão editorial incomum: preservar ao máximo a arquitetura de sua fala. Não apenas suas ideias, mas o ritmo com que elas surgiam. As pausas. Os desvios. As reflexões que amadureciam enquanto eram pronunciadas. Em uma época em que quase tudo é editado para parecer mais rápido, mais curto e mais eficiente, sentimos que a maior demonstração de respeito seria justamente não acelerar Nathalia Timberg. Algumas vozes não pedem síntese. Pedem escuta. E poucas carregam tanta história quanto aquela que nos acompanhou durante horas, refletindo não apenas sobre o teatro, mas sobre a vida, a consciência, o tempo e a condição humana.

Celebrar seus 97 anos de vida e seus 90 anos de carreira é, inevitavelmente, celebrar uma das maiores trajetórias da cultura brasileira. Mas reduzir Nathalia Timberg aos números seria cometer uma injustiça. Sua história não cabe em datas, prêmios ou personagens memoráveis. Ela atravessou praticamente toda a história da televisão brasileira, consolidou-se nos palcos, no cinema e na literatura dramática, testemunhou mudanças políticas, sociais, culturais e tecnológicas que transformaram o país e permaneceu fiel àquilo que sempre orientou sua existência: a convicção de que a arte nunca foi um exercício de vaidade, mas uma tentativa permanente de compreender o ser humano. Enquanto o mundo se reinventava em velocidade cada vez maior, Nathalia continuava fazendo aquilo que sempre fez: observando, escutando e transformando sensibilidade em arte.

Talvez por isso a primeira pergunta desta entrevista tenha encontrado uma resposta tão inesperada. Perguntamos se havia sido ela quem escolheu o teatro ou se, em algum momento, percebera que o teatro a escolhera. Qualquer artista com uma carreira dessa dimensão poderia transformar essa lembrança em um relato épico. Nathalia fez exatamente o contrário. Com a humildade que atravessa toda a conversa, recusou qualquer protagonismo. "Seria uma presunção imaginar que o teatro me escolheu. Quando se compreende a dimensão do teatro como expressão da sensibilidade humana e como uma das artes que mais profundamente procuram entender essa coisa mágica que é a vida, percebemos que não temos o direito de nos colocar dentro da dimensão dele." A frase revela muito mais do que uma resposta. Revela uma filosofia. Depois de nove décadas dedicadas ao

"A arte nos devolve o que o ser humano tem de mais precioso: a sensibilidade."

mesmo ofício, Nathalia continua falando menos sobre si do que sobre a grandeza da arte. Talvez seja justamente esse o segredo de sua permanência. Quanto maior se tornou sua obra, menor se tornou seu desejo de colocá-la acima daquilo que verdadeiramente importa.

Em tempos em que a velocidade passou a definir quase todas as relações humanas, perguntamos se a arte ainda seria capaz de ensinar as pessoas a desacelerar. Sua resposta não faz qualquer crítica ao presente, nem lamenta as transformações do mundo contemporâneo. Em vez disso, ela nos conduz ao que considera a essência da experiência humana. "A arte nos devolve o que o ser humano tem de mais precioso: a sensibilidade." Há uma simplicidade desarmante nessa afirmação, mas também uma profundidade difícil de ignorar. Enquanto tecnologias evoluem em ritmo exponencial, enquanto algoritmos aprendem hábitos, reproduzem linguagens e antecipam desejos, Nathalia continua acreditando que existe algo que jamais poderá ser substituído: a capacidade humana de sentir. Talvez seja exatamente por isso que o teatro continue sobrevivendo a todas as revoluções. Porque nenhuma inovação foi capaz de reproduzir o espanto, a compaixão, o silêncio compartilhado entre um ator e uma plateia ou a delicada experiência de reconhecer a si mesmo na história do outro.

Ao evocarmos Dostoiévski e sua célebre afirmação de que "a beleza salvará o mundo", Nathalia amplia ainda mais essa reflexão. Para ela, o ofício artístico não existe para oferecer respostas prontas, mas para registrar a complexidade da existência. "O ofício artístico procura dar consciência daquilo que significa viver. Do encantamento, da incerteza, da revolta, da beleza e da transitoriedade. O maior ensinamento talvez seja ter humildade diante desse mistério." É impossível ouvir essas palavras sem perceber que elas sintetizam uma vida inteira dedicada à arte. Em nenhum momento Nathalia fala da atuação como profissão. Ela fala da arte como consciência. Como tentativa permanente de fixar, ainda que por um instante, aquilo que existe de mais inexplicável na condição humana: o fato extraordinário de estarmos vivos.

Quando a conversa chega à pergunta inspirada por Clarice Lispector, talvez surja o momento mais íntimo de toda a entrevista. Depois de uma vida inteira emprestando corpo, voz e emoção a personagens que atravessaram gerações, quem é Nathalia Timberg quando as cortinas se fecham? A resposta poderia ser um balanço de carreira, uma definição de si mesma ou uma síntese de quase um século de existência. Mas Nathalia rejeita qualquer conclusão definitiva. "Não me considero uma obra pronta. Somos uma obra em construção permanente. À medida que vivemos, experimentamos alegrias, tristezas, descobertas, encontros. Quem sou hoje? Posso dizer apenas que sinto. Definir quem sou, isso já não consigo." Talvez nenhuma resposta explique tão bem sua trajetória. Há uma elegância rara em reconhecer que o ser humano jamais termina de se construir. Enquanto o nosso tempo exige certezas, rótulos e identidades imutáveis, Nathalia reivindica o direito de continuar mudando. Aos 97 anos, ela ainda se percebe como alguém em transformação. Não há nostalgia em sua fala. Há curiosidade. Não há a rigidez de quem acredita ter encontrado todas as respostas. Há o encantamento de quem continua fazendo perguntas.

É inevitável que, diante de uma mulher que atravessou quase um século de vida, o tema do envelhecimento apareça. Mas seria um erro reduzir essa etapa da conversa à passagem do tempo. Nathalia não fala da idade como perda, nem como conquista. Fala do tempo como movimento. "Viver é essa experiência mágica de ter alguma consciência da própria existência. E essa consciência nos mostra que somos seres em permanente mutação." Há uma delicadeza profundamente transformadora nessa maneira de compreender a maturidade. Em uma sociedade que insiste em associar beleza à juventude e velocidade à relevância, Nathalia nos lembra que amadurecer talvez seja ampliar a capacidade de perceber. Há pessoas que acumulam anos. Nathalia acumulou humanidade. Seu olhar parece dizer que envelhecer não é afastar-se da vida, mas aproximar-se, cada vez mais, de sua essência. Talvez seja essa a verdadeira elegância: permitir que o tempo refine a sensibilidade em vez de endurecer a alma.





FOTO E VISAGISMO **FERNANDO OCAZIONE**

EMPRESÁRIO **MARCUS MONTENEGRO**



Ao longo de toda a entrevista, uma palavra reaparece como um fio invisível costurando suas reflexões: humildade. Não a humildade protocolar, frequentemente confundida com modéstia, mas aquela que nasce da consciência de que a existência é infinitamente maior do que qualquer biografia. "Tantos pensadores e artistas passaram pelo mundo tentando definir o sentido da vida e nenhum conseguiu fazê-lo plenamente. Não serei eu quem terá essa pretensão." É uma afirmação poderosa justamente porque parte de alguém cuja obra poderia justificar qualquer sentimento de grandeza. Depois de noventa anos dedicados à arte, Nathalia não reivindica autoridade. Reivindica apenas o direito de continuar admirando o mistério. Talvez seja exatamente essa postura que a transforme em uma artista atemporal. Enquanto tantos buscaram deixar respostas, ela preferiu preservar perguntas.

Quando lhe pedimos uma mensagem para aqueles que hoje sonham em dedicar a vida ao ofício artístico, Nathalia não fala de sucesso, fama ou reconhecimento. Também não oferece fórmulas. Seu conselho nasce da experiência de quem compreendeu que a arte nunca foi um fim em si mesma. "É preciso ter humildade diante da vida e tentar registrar, através da arte, alguma parte da consciência que ela nos oferece." Em poucas palavras, ela resume noventa anos de palco. A arte, para Nathalia Timberg, nunca serviu para tornar alguém maior. Serviu para tornar o ser humano mais consciente de si, do outro e do mundo. É uma visão quase revolucionária em um tempo que frequentemente mede o valor de uma carreira pela visibilidade e não pela profundidade. Sua trajetória nos lembra que permanência jamais foi consequência da exposição, mas da verdade.

Ao terminar de ouvir seus áudios, compreendemos que esta entrevista jamais poderia ser publicada como um simples conjunto de perguntas e respostas. Havia algo naquelas pausas, na cadência de sua voz, na maneira como o pensamento parecia nascer lentamente entre um silêncio e outro, que precisava ser preservado. A decisão de manter suas reflexões o mais próximas possível de sua construção original tornou-se, para a TREND, uma escolha de respeito. Nossa missão nunca foi apenas registrar uma conversa. Foi preservar uma voz. Vivemos uma época em que quase tudo desaparece na velocidade da próxima atualização. Notícias envelhecem em horas. Tendências mudam em dias. Mas existem histórias que não pertencem ao presente. Pertencem à memória cultural de um povo. E a memória exige cuidado. Exige escuta. Exige tempo. É justamente para isso que a TREND existe: não para acompanhar a velocidade do mundo, mas para proteger aquilo que merece permanecer quando a velocidade passar.

Quando o último áudio terminou, a tela do celular voltou ao silêncio. Mas nem todo silêncio representa um fim. Alguns continuam ecoando muito depois da última palavra. A voz de Nathalia Timberg pertence a essa rara categoria. Ela nos recorda que interpretar nunca foi apenas representar personagens, mas investigar, com delicadeza e humildade, o mistério da existência. Celebrar seus 97 anos de vida e seus 90 anos de carreira é reconhecer uma trajetória monumental, mas ainda assim insuficiente para defini-la. Porque Nathalia já não pertence apenas ao teatro, ao cinema ou à televisão. Pertence à memória afetiva do Brasil. Pertence à história da nossa cultura. E talvez esse seja o destino reservado aos artistas verdadeiramente extraordinários: deixar de existir apenas no palco para continuar vivendo na consciência de um povo. O tempo envelhece os corpos. A grande arte, porém, transforma uma voz em eternidade. E algumas eternidades, como a de Nathalia Timberg, têm a delicadeza de continuar sussurrando às futuras gerações que a verdadeira grandeza nunca esteve em ser lembrada, mas em jamais deixar de ser profundamente humana.

por Ale Monteiro





AVENTURE-SE PELA HORTA COM

JO MALONE LONDON

Jo Malone London transforma ingredientes cultivados na terra em uma coleção olfativa sofisticada, onde vegetais ganham protagonismo em fragrâncias, velas e rituais de cuidado com assinatura britânica.

Em um momento em que o luxo busca reconectar-se à natureza de maneira mais autêntica, a Jo Malone London apresenta Veggies, sua nova coleção de edição limitada que desafia convenções e convida os sentidos para uma jornada inesperada. Distante das construções olfativas tradicionais, a maison britânica volta seu olhar para a horta e encontra em ingredientes cotidianos uma nova forma de sofisticação. Cenouras, beterrabas, tomates e abóboras deixam de ocupar apenas o universo gastronômico para assumir o papel de protagonistas em fragrâncias que traduzem conforto, frescor e uma elegância quase intuitiva. O resultado é uma coleção que captura a beleza do cultivo artesanal e a transforma em uma experiência sensorial contemporânea.

No centro da proposta estão três colônias sazonais que exploram diferentes facetas desse jardim imaginário. Velvety Butternut revela uma interpretação gourmand refinada, unindo a suavidade cremosa da abóbora-manteiga à profundidade do patchouli e ao calor envolvente da fava tonka. Já Scarlet Beetroot traduz a exuberância cromática da beterraba em uma fragrância vibrante, iluminada pela groselha-preta e equilibrada por nuances terrosas sofisticadas. Em contraste, Carrot Blossom aposta em uma delicadeza luminosa, onde a flor de cenoura encontra a flor de laranjeira e o almíscar branco em uma composição fresca, etérea e surpreendentemente elegante. Juntas, as três criações demonstram a capacidade da marca de transformar elementos improváveis em perfumes de grande apelo emocional.

Mais do que uma coleção de fragrâncias, Veggies reflete uma mudança cultural que valoriza a conexão com a terra mesmo em cenários urbanos. A inspiração surge justamente desse desejo contemporâneo de cultivar pequenas hortas domésticas, tendência observada em grandes cidades ao redor do mundo. "Adoramos a ideia de que as pessoas possam cultivar suas próprias cenouras e ervas, mesmo vivendo em metrópoles como Londres", afirma Céline Roux, diretora global de fragrâncias da marca. A observação revela o ponto de partida criativo da coleção: traduzir a autenticidade de algo cultivado em casa para uma linguagem olfativa sofisticada, preservando sua espontaneidade e seu caráter despretensioso.

A narrativa vegetal se estende além dos perfumes e alcança também os rituais de cuidado e o universo da casa. O Sabonete Líquido para as Mãos Tomato Leaf combina glicerina de origem natural e óleo de semente de cártamo para limpar a pele enquanto reproduz o aroma verde e herbáceo das folhas de tomate recém-colhidas. Já a vela Green Tomato Vine transporta para dentro de casa a atmosfera fresca de uma estufa banhada pelo sol, criando uma experiência imersiva que celebra a natureza em sua forma mais pura. Com lançamento previsto para junho de 2026, a coleção reafirma uma das maiores virtudes da Jo Malone London: transformar o inesperado em desejo, revelando que a verdadeira sofisticação pode nascer dos lugares mais simples, inclusive de uma horta.




JO MALONE
LONDON

A essência do OURO

Erba Gold: a energia solar da **Xerjoff** em uma fragrância vibrante, frutada e magnética

Há perfumes que não apenas acompanham uma presença. Eles parecem criar uma atmosfera ao redor de quem os usa. Erba Gold, da Xerjoff, nasce exatamente desse território: o de uma fragrância luminosa, envolvente e imediatamente marcante, construída para transmitir energia, prazer e uma certa sensação de movimento. Integrante da coleção Vibe, Erba Gold traduz o lado mais vibrante da perfumaria de luxo italiana. Seu perfil olfativo é fresco e frutado, mas com uma profundidade que o distancia de uma fragrância simplesmente alegre. Há uma doçura tropical sedutora, quase solar, que surge desde os primeiros instantes e se desenvolve com uma naturalidade sofisticada. A abertura combina limão de Amalfi, laranja brasileira, bergamota da Calábria e gengibre, criando uma entrada cítrica, viva e efervescente. É uma primeira impressão cheia de brilho, como o início de uma viagem para um destino desconhecido, onde tudo parece novo, estimulante e promissor. No coração, Erba Gold revela sua faceta mais suculenta e envolvente. A presença da maçã verde, do melão e da pera acrescenta frescor e textura à composição, enquanto o cravo e o cardamomo da Guatemala trazem um toque especiado, elegante e inesperado.



Esse contraste entre frutas vibrantes e especiarias refinadas dá à fragrância uma personalidade magnética, jovem e sofisticada ao mesmo tempo. A base é onde Erba Gold ganha corpo e permanência. O calor do âmbar, a cremosidade da baunilha de Madagascar, o conforto do almíscar e a elegância das notas amadeiradas criam uma assinatura mais rica e profunda. O resultado é uma fragrância que começa luminosa, mas permanece na pele com presença, sensualidade e sofisticação. Embora tenha uma composição semelhante à de Erba Pura, Erba Gold apresenta uma interpretação própria desse universo frutado e exuberante. A abertura cítrica se mantém como ponto de partida, mas o acréscimo da maçã verde e do melão no coração oferece uma dimensão mais fresca, moderna e vibrante. É uma fragrância que parece feita para quem deseja deixar uma impressão positiva, intensa e inesquecível. O foulard de seda criado pela Xerjoff e produzido pelos artesãos de Como amplia a experiência sensorial de Erba Gold, transformando o perfume em gesto, estilo e identidade. Mais do que uma fragrância, Erba Gold traduz vitalidade, encontros e memórias luminosas. Fresco, sofisticado e magnético, materializa a essência da Xerjoff: transformar perfume em presença.

Perfumes ASSINATURA

Quatro fragrâncias masculinas intensas e sofisticadas para transformar **presença em assinatura.**

1



Creed Delphinus
combina especiarias, flores cremosas e notas quentes em uma fragrância intensa, sofisticada e marcante.

2



Casamorati Mefisto
combina cítricos italianos, notas florais e madeiras suaves em uma fragrância fresca sofisticada e naturalmente elegante.

3



Tom Ford Black Orchid
combina flores escuras, especiarias e acordes intensos em uma fragrância sensual, opulenta e absolutamente magnética.

4



Layton Exclusif de Parfums de Marly
combina especiarias, madeiras nobres e notas ambaradas em uma fragrância intensa, sofisticada e profundamente envolvente.





Zielinski & Rozen chega ao Brasil

Entre arquitetura, memória e identidade sensorial, a **Zielinski & Rozen** escolhe São Paulo como porta de entrada para expandir sua experiência olfativa na América Latina.

A perfumaria de nicho israelense polonesa **Zielinski & Rozen** inaugurou seus primeiros espaços físicos na América Latina, no Brasil com três importantes marcos em São Paulo. Em março, a marca inaugurou sua primeira loja na América Latina dentro da Nano Shop, no Mata São Paulo, trazendo ao público brasileiro sua experiência olfativa autoral e sensorial, reconhecida mundialmente pela combinação entre perfumaria, lifestyle e bem-estar.

Dando continuidade à expansão, em abril a marca lançou também um corner exclusivo na multimarca do Mata Lab, reforçando sua conexão com o universo contemporâneo de moda, design e curadoria presentes no espaço. Por fim, a **Zielinski** está presente nos banheiros do Mata Citta, Lavva, Mata Lab e Casa Bradesco, dentro do complexo para que os clientes possam conhecer e sentir a marca. Desde junho, está em um novo local em São Paulo, na Casa Osten, o novo destino do luxo, arte e inspiração em São Paulo. A casa segue a nova tendência no mercado de luxo atual, as experiências culturais que fortalecem conexões reais entre marcas e consumidores.

A **Zielinski**, está em mais de 20 países e valoriza e apoia o mercado automotivo de luxo cujo grupo Osten atua há mais de 20 anos aliando vendas de carros não somente ao desempenho e design, mas sobretudo à estilo de vida, propósito e comunidade, justamente, o que a perfumaria de nicho tem como visão.

A Casa estará aberta também para eventos de todos os parceiros e outras marcas que queiram utilizar o espaço e estejam alinhados aos pilares do projeto.

Os novos espaços consolidam São Paulo como ponto estratégico para a operação da marca na América Latina e aproximam ainda mais o consumidor brasileiro do universo sofisticado da marca.

BULGARI: QUANDO A JOALHERIA ENCONTRA A ALTA RELOJOARIA

Fundada em Roma em 1884, a Bulgari construiu sua reputação ao unir a exuberância da alta joalheria à excelência da relojoaria suíça. Ao longo das últimas décadas, a marca provou que beleza e inovação mecânica podem coexistir, criando peças que são tão impressionantes por dentro quanto por fora.



Na LVMH Watch Week 2026, a Bulgari reforçou essa filosofia ao expandir suas coleções femininas com novas versões das linhas Serpenti, Tubogas, Monete e Lvcea. Os lançamentos destacam o domínio da maison em técnicas tradicionais de joalheria, lapidação de gemas e acabamento artesanal, combinados a movimentos mecânicos próprios e altamente sofisticados.

Entre os destaques está o Monete Secret Watch, que esconde o mostrador sob uma autêntica moeda romana antiga e abriga um dos menores movimentos mecânicos do mundo. Já o Tubogas Manchette revisita um dos códigos mais icônicos da marca com uma pulseira escultórica em ouro e pedras preciosas, enquanto o Lvcea Notte di Luce apresenta mostradores exclusivos produzidos à mão com a tradicional técnica japonesa Urushi. O resultado é uma coleção que reafirma a Bulgari como uma das poucas maisons capazes de transformar relógios em verdadeiras obras de arte vestíveis.



Caliber: Piccolissimo BVP 100 (Maglia) / Lady Solotempo BVS 100 (Tubogas, Serpenti)
Functions: Hours, minutes (Maglia, Tubogas) / Hours, minutes, seconds (Serpenti, Lvcea)
Thickness: 2.30mm (Maglia) / 3.00mm (Tubogas)
Power Reserve: 40 hours (Maglia) / 50 hours (Tubogas, Serpenti) / 42 hours (Lvcea)
Winding: Manual (Maglia) / Self-winding mechanical (Tubogas, Serpenti, Lvcea)
Frequency: 21,600 vph (Maglia)

CARTIER: ELEGÂNCIA QUE ATRAVESSA GERAÇÕES

Desde 1847, a Cartier é sinônimo de sofisticação, inovação e design atemporal.



Responsável por alguns dos relógios mais icônicos da história, como o Santos e o Tank, a maison francesa construiu um legado que transcende tendências, transformando seus modelos em verdadeiros símbolos de estilo e status.

O Retorno de um Ícone: Cartier Roadster

Após 14 anos fora de catálogo, a Cartier traz de volta o Roadster, um dos relógios mais marcantes dos anos 2000. Inspirado no universo automobilístico, o modelo combina linhas curvas, caixa tonneau e elementos que remetem a velocímetros e carros esportivos clássicos, resultando em uma estética ousada e imediatamente reconhecível.



Brand: Cartier
Model: Roadster

Diameter: 47mm x 38mm (Large Size); 42.5mm x 34.0mm (Midsize)
Thickness: 10.10mm (Large Size); 9.7mm (Midsize)
Case Material: Steel, yellow gold and steel, or yellow gold
Dial Color: White dial with Super-LumiNova or Dark Blue Super-LumiNova
Indexes: Varnish-applied
Water Resistance: 100m
Strap/Bracelet: Case-matched bracelet/strap equipped with the QuickSwitch system; second straps in alligator of various colors or rubber for the dark blue dial

Price: $6,300 in steel in the midsize, $10,200 in steel in large, $18,300 and $20,000 in large and small two-tone, and $32,300 and $57,000 in gold (which are limited).

Todas as imagens são da Maxior Joalheria



JÓIAS QUE SE TORNAM MEMÓRIAS

Como a Maxior transformou a joalheria em uma experiência de significado

Existe uma diferença silenciosa, mas profunda, entre comprar uma joia e adquirir um símbolo. É nessa diferença que a Maxior habita há mais de quatro décadas. Com DNA forjado na tradição de um grupo joalheiro com mais de 40 anos de história, a marca nasceu para ocupar um espaço específico no mercado de luxo: aquele onde o brilho não é apenas estético, mas emocional. Onde o ouro 18k e a prata 925 não são apenas materiais — são suportes para histórias que precisam durar.


maxior
JOIAS
FlagshipStore Shopping Eldorado / Bourbon Shopping / Shopping Ibirapuera
Shopping Villa Lobos / ParkShopping São Caetano / Shopping Center Norte
www.maxior.com.br
MAXIORJOIAS



SEM FRESCURA

CLAUDIA MATARAZZO

A elegância do simples em tempos de excesso

Com 22 livros publicados, milhões de exemplares vendidos e uma trajetória que transformou a etiqueta em uma ferramenta de convivência, Claudia Matarazzo defende que a verdadeira elegância nasce do respeito, da delicadeza e da capacidade de fazer escolhas próprias em um mundo dominado por algoritmos, aparências e excesso de informação.

Ao chegar ao estúdio para a entrevista, Claudia Matarazzo trouxe consigo aquilo que há décadas a transformou em uma das maiores referências brasileiras quando o assunto é comportamento, etiqueta e elegância: a combinação rara entre conhecimento profundo e absoluta ausência de afetação. Com mais de 22 livros publicados, milhões de exemplares vendidos e uma presença consolidada em diferentes gerações, ela continua defendendo uma ideia que parece revolucionária em tempos de excessos digitais: a de que a elegância não deve complicar a vida das pessoas, mas torná-la mais leve, mais harmoniosa e mais humana.

Filha de duas tradições familiares muito distintas, Claudia atribui parte de sua visão de mundo à convivência entre universos opostos. De um lado, a herança dos Matarazzo, símbolo da industrialização brasileira; do outro, a praticidade herdada da mãe, filha de imigrantes libaneses que reconstruíram a vida no Brasil com trabalho e disciplina. Foi dessa mistura que nasceu o conceito que marcaria sua carreira: o "sem frescura". Uma filosofia que questiona formalismos vazios e propõe uma etiqueta baseada no bom senso, na observação e no respeito ao outro, muito distante das regras rígidas e dos excessos que frequentemente são associados ao tema

Sua trajetória profissional também desafia qualquer roteiro



previsível. Antes de se tornar uma autoridade em comportamento, Claudia foi cantora, apresentadora de televisão e jornalista. Trabalhou na Editora Abril ainda muito jovem, construiu uma sólida carreira na comunicação e só mais tarde recebeu o convite para escrever um livro sobre etiqueta. O que parecia um assunto antiquado transformou-se em paixão intelectual. Ela percebeu que por trás de cada regra existia uma razão prática, uma lógica social e, sobretudo, uma tentativa de facilitar a convivência entre as pessoas. Desde então, transformou um tema considerado elitista em uma conversa acessível a todos.

Ao analisar a sociedade contemporânea, Claudia demonstra preocupação com a perda da autonomia individual diante das plataformas digitais. Para ela, os algoritmos estão substituindo gradualmente a capacidade de escolha das pessoas. Em vez de buscar conteúdos por interesse genuíno, os usuários passam a consumir aquilo que lhes é constantemente sugerido. Essa dinâmica, segundo ela, afasta o indivíduo de suas próprias prioridades e cria uma relação cada vez mais passiva com a informação. Em um cenário de estímulos permanentes, a pausa para refletir tornou-se um ato quase revolucionário.

O fenômeno das redes sociais também alterou profundamente a forma como o conhecimento circula. Claudia observa que nunca tantas pessoas tiveram tanta visibilidade em tão pouco tempo. Ao mesmo tempo, alerta para o fato de que popularidade não é sinônimo de preparo. Em sua visão, a internet ampliou vozes importantes, mas também criou um ambiente onde opiniões superficiais muitas vezes ganham o mesmo peso de décadas de estudo e experiência. Para ela, a responsabilidade de quem

e experiência. Para ela, a responsabilidade de quem comunica é enorme, especialmente quando se fala sobre comportamento, educação e convivência social.

A especialista critica a tendência de transformar a etiqueta em uma coleção de regras inflexíveis. Segundo ela, a verdadeira elegância está justamente na capacidade de adaptação. As normas existem para servir às pessoas e não o contrário. Um dos exemplos que costuma citar é o da própria cultura brasileira, que possui hábitos alimentares, costumes e dinâmicas sociais muito diferentes dos padrões europeus frequentemente reproduzidos como modelos universais. A etiqueta, explica, deve respeitar contextos culturais e não funcionar como um manual engessado de imposições.

Quando o assunto é moda, Claudia adota uma postura igualmente pragmática. Ela questiona o consumo impulsionado apenas por marcas e demonstra preocupação com a associação equivocada entre luxo e ostentação. Para ela, luxo verdadeiro está ligado à exclusividade, à história e ao significado, e não necessariamente ao preço. A valorização crescente dos brechós e do consumo consciente por parte das novas gerações é vista por ela como um sinal positivo de mudança. Em vez da busca incessante pelo novo, observa-se um interesse maior por autenticidade, sustentabilidade e propósito.

Essa reflexão conduz naturalmente a um dos temas centrais de sua filosofia: o autoconhecimento. Claudia acredita que estilo pessoal, elegância e bom gosto são consequências de uma relação honesta consigo mesmo. Antes de escolher roupas, tendências ou comportamentos, é necessário compreender quem se é. Em uma época marcada pela comparação constante e pela necessidade de validação externa, ela defende que encontrar a própria identidade tornou-se um dos maiores atos de sofisticação possíveis.

Ao falar sobre mulheres inspiradoras, Claudia surpreende ao direcionar seu olhar para longe dos holofotes. Embora admire figuras consagradas da moda e da comunicação, são as mulheres anônimas que mais a emocionam. Mães que sustentam famílias, professoras que

alimentam alunos com recursos próprios, lideres comunitárias que transformam realidades silenciosamente. Para ela, são essas histórias de generosidade cotidiana que sustentam as maiores transformações sociais da América Latina e representam exemplos genuínos de força, elegância e liderança.

"*Elegância* e *respeito* são linguagens universais."

Questionada sobre o legado que deseja deixar, Claudia responde sem hesitar: a delicadeza. Não uma delicadeza frágil ou artificial, mas a capacidade de dialogar, ouvir, negociar e respeitar diferenças. Em uma sociedade marcada pela polarização, pela agressividade e pela pressa, ela acredita que a verdadeira sofisticação está na construção de pontes. Afinal, como ela própria resume, elegância e bom gosto são linguagens universais. E sua gramática não está nas taças, nos talheres ou nas roupas, mas na forma como escolhemos tratar as pessoas todos os dias.

por AleMonteiro







A Estética da Conexão

POR **ZILCA SALDANHA**



ILUSTRAÇÃO **NOÁ MIGLIO**

Vivemos na era da precisão absoluta. O ambiente corporativo contemporâneo é regido por algoritmos preditivos, painéis de Business Intelligence em tempo real e fluxos de trabalho automatizados que prometem e muitas vezes entregam uma eficiência operacional inédita. Nunca fomos tão rápidos, tão conectados e tão baseados em dados. No entanto, por trás das telas de altíssima resolução e dos cronogramas perfeitamente alinhados no ecossistema digital, as organizações enfrentam um sintoma silencioso: a esterilização das relações humanas e o distanciamento estético do trabalho. Em uma coluna anterior nesta mesma TREND, abordei o conceito do "Belo Corporativo", não como um adorno superficial, mas como a busca pela profundidade, pela verdade e pela sofisticação nas interações humanas dentro das empresas.

Hoje, convido você a dar um passo adiante nessa reflexão. O grande desafio da liderança atual não é escolher entre a frieza do código digital e o saudosismo do papel analógico. A verdadeira maestria e a beleza da gestão contemporânea reside na capacidade de construir uma ponte entre esses dois mundos.

Entramos na era do Líder Análogo-Digital: aquele profissional poliglota que domina a velocidade do bit, mas não abre mão da solidez e do afeto que apenas o encontro real, tátil e analógico pode proporcionar. E o palco principal onde essa fusão se provará vital é no encontro (e, muitas vezes, no confronto) de gerações que hoje dividem o mesmo espaço de trabalho.

1. High Tech, High Touch: A Anatomia do Líder Híbrido

Na década de 1980, o futurista e sociólogo norte-americano John Naisbitt cunhou uma expressão que se tornou profética: High Tech, High Touch (Alta Tecnologia, Alto Toque). Naisbitt defendia que, sempre que uma nova tecnologia é introduzida na sociedade, deve haver um contrapeso humano correspondente, "o toque humano", caso contrário, a tecnologia é rejeitada ou adoece o sistema.

Décadas depois, a profecia se materializa como urgência nas diretorias. A tecnologia acelera o processo, mas é o analógico que ancora o propósito. O líder que opera puramente no espectro digital gerencia tarefas; o líder que incorpora o analógico inspira pessoas. O digital otimiza o quê e o quando; o uê e o quando; o analógico responde ao porquê e ao por quem.

Longe de ser apenas uma visão romântica da gestão, essa integração encontra eco em pesquisas rigorosas de mercado. Recentemente, a consultoria global Gartner divulgou um amplo estudo sobre o que chamou de "Liderança Humana". Os dados revelaram que líderes que demonstram autenticidade, empatia profunda e adaptabilidade no modelo de trabalho híbrido, características puramente "analógicas" e de presença, alcançam um nível 37% maior de engajamento em suas equipes. Mais do que isso: o bem-estar dos liderados dispara e a intenção de permanecer na empresa dobra.

A estética do encontro, portanto, é a habilidade de ler as entrelinhas. É compreender que um feedback de desenvolvimento não ganha tração por meio de uma mensagem de texto assíncrona, mas sim na pausa, no tom de voz, na postura corporal e no café compartilhado.

O Líder Análogo-Digital entende que a tecnologia serve para libertar o tempo humano, permitindo que as lideranças se dediquem àquilo que os robôs e as telas não podem replicar: a construção de confiança e o refinamento do caráter organizacional.

2. As "Páginas Amarelas" da Experiência e a Sincronia Geracional

Se a liderança precisa ser análogo-digital, a força de trabalho atual reflete exatamente essa mesma dualidade. Pela primeira vez na história corporativa moderna, convivemos com quatro e, às vezes, cinco gerações dividindo o mesmo teto, físico ou virtual. De um lado, os nativos digitais (Geração Z e Millennials mais jovens), que possuem uma fluência intuitiva com ferramentas de Inteligência Artificial, velocidade de processamento de dados e desapego a estruturas rígidas. Do outro, profissionais seniores (Baby Boomers e Geração X), que carregam em suas trajetórias o peso, a textura e a resiliência do mundo analógico.

O erro comum das organizações tem sido tratar essa convivência como um cabo de guerra, um conflito de espaço. A beleza corporativa, contudo, se manifesta na sincronia. Em vez de tentar "digitalizar" o sênior à força ou "engessar" o jovem, o verdadeiro líder atua como um maestro dessa orquestra geracional.

Aqui entra o poder da Mentoria Reversa, um conceito que ganhou as páginas da Harvard Business Review ao documentar como gigantes globais utilizaram essa prática para acelerar a inovação. Na mentoria reversa, as hierarquias tradicionais se dissolvem: o jovem profissional senta-se com o executivo sênior para ensiná-lo sobre novas tecnologias, dinâmicas de redes e ferramentas digitais.

Em contrapartida, o sênior compartilha suas "páginas amarelas" da experiência: a inteligência política, a capacidade de negociar crises complexas, a leitura de cenários macroeconômicos e a paciência estratégica.

Essa troca é estratégica para as organizações. Estudos da McKinsey & Company sobre Diversidade e Inclusão indicam que empresas que promovem integração entre diferentes perspectivas, especialmente a diversidade etária e a colaboração entre gerações, têm até 25% mais chances de superar a lucratividade de seus concorrentes. Isso reduz o pensamento de manada e equilibra inovação e experiência, gerando decisões mais completas e sustentáveis.



ILUSTRAÇÃO **NOA MIGLIO**

3. A Fricção Criativa: Por que a Inovação Ainda Depende do Mundo Tangível

Há uma ilusão de que a criatividade é um processo puramente linear e isolado, que pode ocorrer perfeitamente por meio de uma lista de tarefas em uma ferramenta de gestão de projetos. Não pode. gestão de projetos. A ciência cognitiva mostra que a verdadeira inovação frequentemente nasce do que chamamos de "fricção positiva" ou "fricção criativa".

Pesquisas realizadas pelo MIT Center for Collective Intelligence demonstram que a inteligência coletiva de um grupo está diretamente associada à sua capacidade de ler pistas não verbais, interpretar microexpressões e manter uma alternância fluida de turnos na conversação.

No ambiente puramente digital, onde as câmeras muitas vezes estão desligadas e as interações são friamente agendadas em blocos de 30 minutos, essas pistas se perdem. Ocorre uma erosão da empatia e, consequentemente, da capacidade de cocriação.

O analógico oferece o espaço para o rascunho, para o erro seguro, para o insight que surge no corredor, na caminhada até o almoço ou no silêncio compartilhado antes de uma apresentação importante. Quando um líder resgata a estética do encontro, ele está validando a cultura da empresa no mundo real. Afinal, a cultura de uma organização não reside na missão estampada na parede do site; ela reside na forma como as pessoas se tratam quando as telas estão apagadas.



ILUSTRAÇÃO NOÁ MIGLIO

Conclusão: O Manifesto do Líder Poliglota

O futuro do ambiente corporativo não pertence aos robôs que automatizam processos, nem aos saudosistas que negam a transformação tecnológica. O futuro pertence aos poliglotas culturais. Ser um líder análogo-digital é compreender que a eficiência do algoritmo deve sempre servir para ampliar, e nunca substituir, a beleza da experiência humana.

Ao olharmos para as nossas organizações, precisamos nos perguntar: estamos construindo catedrais de dados sobre fundações de areia humana? Ou estamos utilizando a tecnologia para pavimentar o caminho para encontros mais ricos, maduros e profundos?

Transformar o conflito geracional em valor e resgatar a estética da conexão é, antes de tudo, um ato de coragem gerencial. É o compromisso de garantir que, na velocidade do clique, a sua empresa nunca perca o ritmo do coração.

Encontre a beleza na calmaria entre dois cliques. O mercado mudou, a tecnologia evoluiu, mas a necessidade de pertencimento, respeito e conexão real continua sendo a mesma desde que o trabalho é trabalho.

Pratique o High Touch. Seja o líder que conecta, integra e permanece.



Zilca Saldanha

@zilca_saldanha

Com foco em precisão técnica e visão estratégica, a trajetória de Zilca Saldanha Restani une a Engenharia a especializações em Neurociência e Desenvolvimento de Capital Humano. Com mais de 15 anos de experiência executiva, ela fundou a Way Maker e a comunidade Bas Administram, consolidando-se como uma liderança no preparo de executivos para o mercado global e dinâmico.

Sua atuação como conselheira, consultora e coordenadora de MBA permite uma leitura profunda da Nova Economia, onde integra tendências e propósito à gestão de resultados. Zilca é hoje uma referência essencial na articulação entre o técnico e o humano, moldando o futuro da governança e da transformação corporativa.



ILUSTRAÇÃO **NOÁ MIGUIO**

A Resistência *Analógica*

Em um mundo que disputa nossa atenção a cada segundo, desacelerar tornou-se um ato de liberdade.

POR **LETÍCIA PIVA**

Vivemos sob uma ditadura invisível. Ela não usa fardas, não ocupa ruas nem impõe censura explícita. Opera de forma muito mais eficiente: por meio de algoritmos que conhecem nossos desejos antes mesmo que os formulemos. O universo digital chegou prometendo democratização, conexão e acesso ilimitado ao conhecimento. Em parte, cumpriu a promessa. Mas também inaugurou uma nova economia baseada na captura permanente da atenção humana. Somos interrompidos, rastreados, classificados e monetizados em uma escala sem precedentes. Nossa atenção, antes um território íntimo, tornou-se um ativo valioso negociado por empresas que disputam segundos da nossa concentração como quem disputa petróleo ou ouro. O resultado é uma sociedade hiperconectada e, paradoxalmente, cada vez mais exausta.

Nesse ambiente, o conteúdo também se transformou. A velocidade passou a valer mais do que a profundidade. A reflexão cedeu espaço à reação instantânea. O pensamento complexo tornou-se menos competitivo do que o estímulo rápido, fácil e descartável. Consumimos vídeos, opiniões, notícias e tendências numa sequência tão acelerada que raramente existe tempo para a digestão intelectual. O que deveria ampliar horizontes frequentemente reduz nossa capacidade de contemplação. Não é por acaso que tantas pessoas relatam a sensação de vazio após horas navegando pelas redes sociais. O excesso de informação não produz necessariamente conhecimento. Muitas vezes produz apenas saturação. A mente permanece ocupada, mas não enriquecida.

Existe ainda um componente mais silencioso e corrosivo nesse processo: a comparação permanente. As redes sociais transformaram a vida em uma vitrine global onde todos parecem mais felizes, mais bem-sucedidos, mais belos e mais realizados. São narrativas cuidadosamente editadas, apresentadas em alta definição e consumidas como realidade. Enquanto observamos essas versões idealizadas da existência, cresce uma cultura de ansiedade alimentada pela urgência do desempenho e da recompensa imediata. O crescimento explosivo das apostas online talvez seja apenas uma das manifestações mais evidentes desse fenômeno. Vivemos numa época que perdeu a tolerância ao tempo, ao processo e à espera. Queremos resultados instantâneos, validação instantânea, felicidade instantânea. E quando tudo precisa acontecer agora, qualquer demora passa a parecer fracasso.

"Em uma era obcecada pela velocidade, a capacidade de permanecer presente tornou-se um ato de rebeldia."



LETÍCIA PIVA

Empresária e estrategista, tem como propósito transformar marcas em histórias que geram conexão e significado. À frente dos negócios da TREND, Leticia é uma idealista assumida, movida pela paixão por narrativas autênticas, almas expostas e reflexões que inspiram novas formas de enxergar o mundo.



O problema é que essa enxurrada de estímulos não apenas ocupa nosso tempo; ela altera nossa relação com o mundo. Rouba o silêncio, enfraquece as conversas longas, fragmenta a atenção e elimina espaços fundamentais para a criatividade. O tédio, que durante séculos foi tratado como algo a ser evitado, talvez seja uma das experiências mais valiosas da vida contemporânea.

É no intervalo, na pausa e na ausência de estímulos que surgem ideias, memórias, reflexões e descobertas. A arte raramente nasce da pressa. A profundidade dificilmente floresce no excesso. Quando perdemos a capacidade de nos entediar, perdemos também parte da nossa capacidade de imaginar. É justamente por isso que o analógico retorna ao centro da conversa cultural não como nostalgia, mas como resistência. Escolher um livro impresso, ouvir um vinil, revelar uma fotografia ou escrever uma carta à mão são gestos aparentemente simples que carregam uma poderosa dimensão simbólica. Eles exigem presença. Exigem atenção. Exigem tempo. Em um mundo desenhado para acelerar, o analógico desacelera. Em um ambiente construído para nos empurrar continuamente para o próximo conteúdo, ele nos convida a permanecer. O luxo contemporâneo talvez não seja mais possuir algo raro, mas conseguir dedicar atenção verdadeira a alguma coisa. O analógico devolve ao indivíduo a possibilidade de escolher conscientemente o que merece ocupar seu tempo e sua memória.

A beleza, afinal, nunca sobreviveu à pressa. Ela exige contemplação, permanência e entrega. Uma imagem pode atravessar a tela em segundos e desaparecer para sempre. Uma obra de arte pode nos acompanhar por décadas. O digital não precisa ser tratado como inimigo, nem deve desaparecer. Mas talvez tenha chegado o momento de estabelecer uma relação mais madura com ele. Consumir menos. Escolher melhor. Recuperar a capacidade de filtrar, selecionar e preservar aquilo que realmente importa. Porque, no fim, a vida não será definida pelo que vimos sem querer, mas pelo que decidimos guardar. E guardar, hoje, tornou-se um ato profundamente revolucionário. Um gesto de liberdade. Um exercício de curadoria da própria alma. Uma escolha pelo real em tempos de excesso. Uma escolha, acima de tudo, pela vida.

"A criatividade floresce onde a pressa termina."

Diagnóstico não é ~~identidade~~

Quando o nome do transtorno passa a ocupar o lugar da pessoa e limita a percepção de suas possibilidades.

POR **EDILAINE FRANCESCATO**

Durante décadas, a saúde mental ocupou um lugar periférico nas conversas sociais. Hoje, felizmente, o cenário é outro. Transtornos psicológicos, sofrimento emocional, terapia e neurociência passaram a integrar debates familiares, acadêmicos e corporativos. Esse avanço representa uma conquista importante da sociedade contemporânea. No entanto, junto com a ampliação da consciência coletiva sobre saúde mental, surgiu um fenômeno igualmente relevante e que merece atenção: a transformação dos diagnósticos em identidades. Em uma cultura cada vez mais orientada por classificações, tornou-se comum ouvir afirmações como "eu sou borderline", "eu sou bipolar", "eu sou narcisista" ou "eu sou TDAH". O que parece apenas uma forma de simplificar a comunicação pode revelar algo muito mais profundo: a substituição da complexidade humana por um rótulo clínico.

O diagnóstico nasceu para ser uma ferramenta de compreensão, não uma definição existencial. Sua função é oferecer direcionamento terapêutico, organizar hipóteses clínicas e auxiliar profissionais e pacientes na construção de estratégias de cuidado. O problema surge quando essa ferramenta deixa de ser um recurso e passa a ocupar o centro da identidade da pessoa. Existe uma diferença fundamental entre possuir um transtorno e ser reduzido a ele. Um ser humano pode conviver com sintomas significativos, enfrentar desafios emocionais complexos e necessitar de acompanhamento especializado sem que isso esgote tudo aquilo que ele é. Nenhum laudo contém a totalidade de uma vida.

Essa distinção torna-se ainda mais delicada quando falamos dos transtornos de personalidade. Diagnósticos como Transtorno de Personalidade Borderline, Narcisista, Dependente ou Evitativa frequentemente carregam um peso simbólico que ultrapassa o campo clínico. Muitas vezes, após receber um diagnóstico, a pessoa passa a reinterpretar toda a sua trajetória através daquela única lente. Ao mesmo tempo, familiares, parceiros e até profissionais podem cair na armadilha de explicar cada comportamento exclusivamente pela presença do transtorno. Pouco a pouco, a individualidade desaparece e a identidade se estreita. O ser humano deixa de ser percebido em sua complexidade e passa a existir apenas como representante de uma categoria diagnóstica.

O impacto psicológico dessa redução pode ser devastador. Quando alguém acredita que está condenado a repetir indefinidamente os mesmos padrões emocionais e relacionais, a esperança de transformação enfraquece. Surge uma espécie de aprisionamento invisível, no qual o diagnóstico deixa de servir como orientação e passa a funcionar como sentença. O risco não está apenas no estigma social, mas também na internalização desse estigma. Quando a pessoa passa a acreditar que seu transtorno define seu destino, ela reduz sua percepção de possibilidades e enfraquece sua capacidade de enxergar caminhos de evolução.

A boa notícia é que a ciência contemporânea vem desconstruindo muitas das crenças que durante anos dominaram o campo da saúde mental. Durante grande parte do século passado, acreditava-se que transtornos de personalidade representavam estruturas rígidas e praticamente impossíveis de modificar. Hoje, a neurociência, as psicoterapias baseadas em evidências e a experiência clínica acumulada mostram uma realidade muito diferente. O cérebro humano possui plasticidade. Pessoas desenvolvem novas habilidades emocionais, aprendem formas mais saudáveis de se relacionar, ampliam repertórios comportamentais e conquistam níveis significativamente maiores de autonomia e qualidade de vida. Persistência não significa imutabilidade.



EDILAINE FRANCESCATO É CASE MANAGER, ESPECIALISTA EM NEUROCIÊNCIAS E PSICANÁLISE PELA PROFISSIONAL, CONSELHEIRA COMPORTAMENTAL E FUNDADORA DA FRANCESCATO FAMILY CASE MANAGEMENT (FCFS, MÉTODO QUE INTEGRA SAÚDE MENTAL, EVOLUÇÃO HUMANA E GESTÃO PATRIMONIAL).


“ Existe uma diferença fundamental entre “ter” um transtorno e “ser” um transtorno.”
— Edilaine Francescato



Essa mudança de perspectiva nos conduz a uma das perguntas mais importantes da saúde mental contemporânea: talvez a questão principal não seja mais identificar apenas qual é o diagnóstico, mas compreender como a pessoa está funcionando. O foco excessivo na classificação pode desviar a atenção daquilo que realmente determina a qualidade de vida de um indivíduo. Mais relevante do que saber o nome presente em um laudo é entender como alguém lida com suas emoções, constrói relacionamentos, enfrenta desafios cotidianos, trabalha, estuda, cuida de si e se adapta às adversidades inevitáveis da existência.

A funcionalidade humana revela muito mais sobre o potencial de desenvolvimento de uma pessoa do que qualquer nomenclatura diagnóstica. Dois indivíduos com o mesmo diagnóstico podem apresentar trajetórias completamente diferentes. Um pode viver em intenso sofrimento e dependência emocional, enquanto outro constrói vínculos saudáveis, desenvolve uma carreira consistente e encontra propósito em sua vida. O diagnóstico aponta características; a funcionalidade revela possibilidades. Confundir essas duas dimensões é um erro que frequentemente custa anos de crescimento pessoal e intervenções inadequadas.

As redes sociais desempenham um papel importante nessa discussão. Se por um lado democratizaram informações sobre saúde mental e ajudaram milhões de pessoas a reconhecer sinais de sofrimento psicológico, por outro também estimularam uma cultura de autodefinição baseada em sintomas. Em vídeos de poucos segundos, experiências humanas complexas são simplificadas, traços comuns da personalidade são confundidos com patologias e diagnósticos legítimos acabam transformados em etiquetas sociais. Nesse ambiente, o pertencimento proporcionado por um rótulo pode parecer reconfortante, mas frequentemente vem acompanhado de um efeito colateral silencioso: a limitação da percepção de mudança.

Na prática clínica, é comum que famílias perguntem se alguém deverá ser borderline, narcisista ou portador de determinado transtorno. Embora compreensíveis, talvez essas não sejam as perguntas mais relevantes. A questão central deveria ser outra: essa pessoa está construindo uma vida funcional? Porque viver bem não significa ausência completa de sofrimento. Significa desenvolver recursos internos para conviver com ele sem que ele assuma o controle da existência. Significa construir autonomia, responsabilidade, vínculos saudáveis, propósito, capacidade adaptativa e qualidade de vida. Em última análise, significa recuperar a condição de protagonista da própria história.



"O diagnóstico pode orientar o caminho, mas jamais determina o destino."

— Edilaine Francescato

Quando reduzimos alguém ao seu diagnóstico, deixamos de enxergar aquilo que existe de mais humano: talentos, afetos, sonhos, valores, potencialidades e possibilidades futuras. O diagnóstico é um mapa importante. Ele orienta processos de psicoeducação, contribui para a elaboração de estratégias terapêuticas e oferece direção em momentos de incerteza. Mas ninguém confunde um mapa com o território. Da mesma forma, um laudo jamais pode substituir a riqueza de uma trajetória humana. Por trás de cada diagnóstico existe uma história única, uma família, uma rede de relações, experiências de dor e superação, desejos, medos e projetos. É justamente nesse espaço, muito além dos rótulos, que reside a verdadeira possibilidade de transformação. Afinal, o diagnóstico pode orientar o caminho, mas é a funcionalidade que devolve sentido, propósito e humanidade à existência. E todo ser humano é, inevitavelmente, muito maior do que qualquer nome escrito em um laudo.



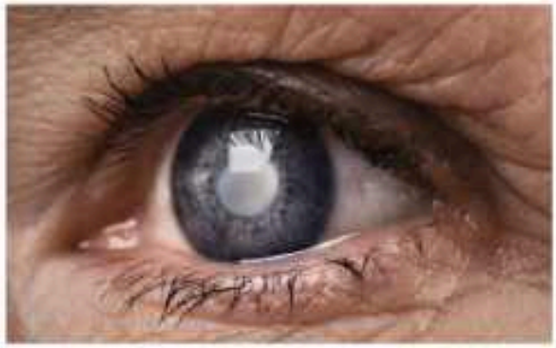
A Visão Como Patrimônio

O Papel da Oftalmologia na Prevenção das Cegueiras Evitáveis

Em uma sociedade que valoriza excelência, autonomia e qualidade de vida, **preservar a visão tornou-se mais do que uma necessidade médica: trata-se de um investimento em longevidade, independência e bem-estar.** A oftalmologia contemporânea evoluiu de maneira extraordinária nas últimas décadas, incorporando tecnologia de alta precisão, inteligência diagnóstica e tratamentos minimamente invasivos capazes de prevenir milhares de casos de cegueira evitável.

Entre as principais causas de perda visual no mundo estão a catarata, a retinopatia diabética, a degeneração macular relacionada à idade e o descolamento de retina. Embora distintas em origem e evolução, todas compartilham um ponto em comum: quando diagnosticadas precocemente, apresentam elevadas chances de controle e recuperação visual.

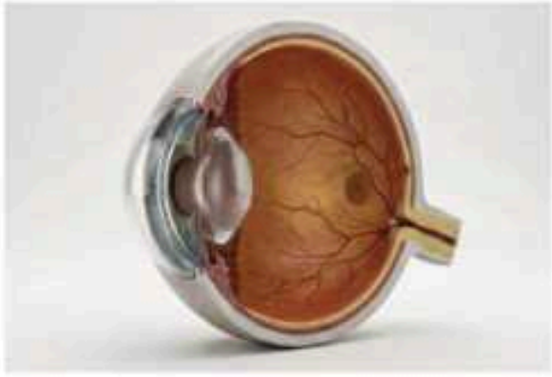
A catarata continua sendo a principal causa reversível de cegueira no planeta. Caracterizada pela opacificação progressiva do cristalino, ela compromete a nitidez da visão, reduz a percepção de cores e dificulta atividades cotidianas como leitura, direção e reconhecimento facial. O avanço da cirurgia oftalmológica transformou esse cenário. Hoje, o procedimento é rápido, seguro e realizado com tecnologia de facoemulsificação e lentes intraoculares premium, proporcionando recuperação visual altamente satisfatória. O diagnóstico precoce permite ao paciente escolher o momento ideal para a intervenção, preservando conforto visual e qualidade de vida. Já a retinopatia diabética representa um dos maiores desafios da medicina moderna. O diabetes mellitus afeta silenciosamente os vasos sanguíneos da retina e pode evoluir sem sintomas nas fases iniciais.



Em pacientes de alta performance profissional e rotina intensa, o acompanhamento oftalmológico regular torna-se indispensável. A ausência de sintomas não significa ausência

de doença. Atualmente, exames de imagem sofisticados, como o mapeamento de retina, a tomografia de coerência óptica e a angiografia digital, permitem identificar alterações precoces antes mesmo da perda visual. Com terapias modernas — incluindo laser, medicações intraoculares e cirurgia vitreorretiniana — é possível preservar a visão e impedir danos irreversíveis. Outro importante desafio do envelhecimento ocular é a degeneração macular relacionada à idade (DMRI). Trata-se de uma doença que acomete a mácula, região responsável pela visão central e pelos detalhes finos. Pacientes podem perceber distorções nas imagens, dificuldade para leitura e perda progressiva da capacidade de reconhecer rostos. A medicina oftalmológica avançou significativamente no controle da forma exsudativa da doença por meio de terapias antiangiogênicas intraoculares, capazes de estabilizar e, em muitos casos, melhorar a visão. Em um contexto de envelhecimento populacional e aumento da expectativa de vida, a prevenção e o acompanhamento periódico assumem papel central.

O descolamento de retina, por sua vez, representa uma urgência oftalmológica. Flashes luminosos, aumento repentino de "moscas volantes" ou sensação de sombra no campo visual podem indicar o início do problema. A rapidez no diagnóstico é determinante para o prognóstico visual. Graças às técnicas modernas de vitrectomia e retinopexia, muitos pacientes conseguem recuperar a visão quando tratados precocemente. Contudo, o fator decisivo continua sendo a conscientização do paciente sobre os sinais de alerta.



Nesse contexto, a oftalmologia de excelência exige mais do que domínio técnico: requer experiência, atualização científica contínua e uma abordagem profundamente humanizada. "É exatamente essa combinação que marca a minha trajetória, sou referência em cirurgias de retina e catarata no Vale do Paraíba, Litoral Norte e Sul de Minas há mais de 12 anos. Sou sócia fundadora do Instituto da Visão e graduada em Medicina pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), onde também realizei residência médica em Oftalmologia, especialização em Retina e Vítreo, além de mestrado e doutorado. Ainda possuo MBA em Gestão em Oftalmologia, sou ex-chefe do setor de Retina da UNITAU (Universidade de Taubaté) e integro o setor de Retina da UNIFESP. Com mais de duas décadas de atuação, minha experiência inclui milhares de cirurgias realizadas nas áreas de catarata e retina, utilizando técnicas avançadas e recursos tecnológicos de última geração. Meu trabalho é reconhecido pela combinação entre precisão cirúrgica, segurança assistencial e atendimento individualizado."



A medicina ocular moderna caminha para uma abordagem cada vez mais preventiva e personalizada. Em um público que valoriza alta performance, bem-estar e envelhecimento saudável, a oftalmologia deixa de ser apenas corretiva para assumir um papel estratégico na preservação da qualidade de vida. Ver bem significa viver plenamente: apreciar arte, dirigir com segurança, manter independência e continuar desfrutando dos detalhes que tornam a vida sofisticada e significativa.

A prevenção da cegueira evitável começa com informação qualificada, acompanhamento periódico e acesso à medicina de excelência. Afinal, a visão continua sendo um dos patrimônios mais preciosos do ser humano.

Para mais informações, marcação de consultas e exames, siga @dra.alinelago no Instagram ou mande uma mensagem para o WhatsApp: (12) 99705-4019.

MANOEL SOARES E A REVOLUÇÃO SILENCIOSA DA PATERNIDADE ATÍPICA

Entre vulnerabilidade, presença e transformação, o comunicador revela como a experiência de ser pai de dois filhos autistas redefiniu sua visão de amor, masculinidade e propósito.

Em uma época que celebra a velocidade, a produtividade e as narrativas perfeitas das redes sociais, Manoel Soares escolheu caminhar na direção oposta. Pai de dois filhos autistas, o comunicador, escritor e ativista fala sobre a paternidade atípica não como uma missão heroica, tampouco como uma história de superação romantizada, mas como um exercício diário de presença. Em seu relato, não há espaço para idealizações. Há amor, responsabilidade e, sobretudo, verdade. Uma verdade que nasce quando a imagem do filho imaginado dá lugar ao encontro profundo com o filho real.

Ao refletir sobre o papel paterno, Manoel propõe uma visão que foge dos discursos tradicionais. Para ele, maternidade e paternidade ocupam lugares distintos e igualmente fundamentais na construção emocional de uma criança. "Quando o pai não está presente, fica um espaço vazio", afirma. Não se trata apenas da ausência física, mas da renúncia ao compromisso afetivo que ajuda a construir segurança, confiança e pertencimento. Em sua visão, exercer a paternidade é muito menos sobre autoridade e muito mais sobre disponibilidade. É compreender que existe uma parte da existência de uma criança reservada à figura paterna e que nenhum outro vínculo consegue preencher integralmente esse espaço.

Quando o assunto é a neurodivergência, Manoel é contundente ao rejeitar narrativas excessivamente romantizadas. "Eu não gosto do autismo. Eu não gosto do que ele ocasiona na vida dos meus filhos", declara com honestidade desarmante. Não porque rejeite quem seus filhos são, mas porque conhece de perto os desafios impostos pelas sensibilidades sensoriais, pelas dificuldades de adaptação e pelos preconceitos cotidianos. Sua fala rompe com uma tendência contemporânea de transformar toda adversidade em lição inspiradora. Para ele, os filhos não chegaram para salvá-lo ou fazê-lo evoluir espiritualmente. A responsabilidade é justamente inversa: "Eu preciso ser a bênção na vida dos meus filhos."

Em um dos momentos mais profundos de sua reflexão, Manoel descreve a paternidade atípica como um processo de luto silencioso. O luto pela criança idealizada, construída nas expectativas e fantasias dos pais, que inevitavelmente dá lugar à criança concreta, com suas singularidades e necessidades reais. Ele fala sobre negação, raiva, barganha, introspecção e aceitação, etapas que muitos pais atravessam sem sequer perceber. Mais do que um conceito psicológico, esse percurso representa uma reconstrução completa da identidade familiar. Afinal, como ele próprio ressalta, não existe apenas uma criança neurodivergente. Existe uma família inteira aprendendo a habitar uma nova realidade.

Ainda assim, longe de reduzir essa experiência à dor, Manoel encontra nela uma dimensão rara de humanidade. Enquanto muitos atravessam a vida em alta velocidade, ele compara sua jornada à de alguém que caminha a pé. Mais lenta, certamente. Mais exigente também. Porém capaz de perceber detalhes que normalmente passam despercebidos. É nesse ritmo desacelerado que surgem momentos de conexão absoluta, como quando observou um dos filhos comer uma banana e sentiu, metaforicamente, o sabor da fruta em sua própria boca. Pequenos instantes que revelam uma intimidade emocional impossível de ser medida ou explicada.

Ao final, sua mensagem ecoa como um convite à coragem. Não a coragem grandiosa das conquistas públicas, mas aquela necessária para permanecer. Permanecer quando o cansaço chega, quando o medo aparece, quando a vontade de desistir se manifesta. Manoel não promete que a paternidade atípica será uma jornada fácil ou recompensadora em todos os momentos. O que ele garante é algo mais valioso: ela será transformadora. Porque, segundo ele, ninguém precisa se tornar outra pessoa para ser um bom pai atípico. Basta escolher estar presente. O resto, inevitavelmente, a própria vida se encarrega de transformar.

por Ale Monteiro



FOTO JORDAN VILAS

STYLIST EMERSON AVILA

BELEZA RENAN TAVAREZ



José Loreto

O HOMEM ALÉM DA CENA

Entre personagens intensos mergulhos emocionais e escolhas artísticas cada vez mais ousadas, José Loreto atravessa uma das fases mais interessantes de sua trajetória.

DIREÇÃO E STYLING LUIS HOD

FOTO CASSIA TABATINI



Aos 42 anos, o ator parece ter encontrado um raro equilíbrio entre inquietação criativa, maturidade emocional e consciência sobre quem deseja ser dentro e fora das telas. Mas engana-se quem associa esse amadurecimento à acomodação. Loreto continua movido por uma necessidade quase visceral de transformação. Ele rejeita a repetição, evita fórmulas prontas e faz da própria carreira um território de experimentação constante. "Não quero me repetir como artista", afirma, resumindo uma filosofia que se traduz em cada novo projeto que escolhe assumir. Seu jeito espontâneo, quase indomável, encontra definição perfeita quando ele mesmo se descreve como "meio vira-lata": um artista sem fronteiras, sem caixas e sem medo de circular entre universos completamente distintos.

Essa liberdade criativa se tornou uma assinatura da sua trajetória. Loreto transita entre o popular e o sofisticado, entre o drama psicológico e o entretenimento de massa, entre personagens violentos e figuras profundamente vulneráveis. Existe nele uma recusa em permanecer confortável dentro de um único arquétipo. Enquanto muitos atores acabam aprisionados pela imagem construída em um papel de sucesso, ele parece se alimentar justamente da quebra dessa expectativa. Talvez por isso sua carreira tenha ganhado contornos tão múltiplos. Ele próprio reconhece a sorte — e também a inteligência estratégica — de ter sido convidado para personagens completamente diferentes ao longo da vida. De galãs sedutores a homens emocionalmente destruídos, de figuras agressivas a personagens delicados, Loreto construiu uma filmografia baseada na diversidade humana. E essa multiplicidade não nasce apenas da ambição artística, mas de uma inquietação genuína sobre o comportamento humano, sobre as contradições e sobre aquilo que as pessoas tentam esconder.

Em 2026, essa inquietação ganha força em três projetos que representam versões radicalmente diferentes de si mesmo. Na novela "Quem Ama Cuida", ele interpreta Yuri, um segurança bruto, contraditório e emocionalmente instável, envolvido numa relação explosiva com sua patroa Pilar, personagem de Isabel Teixeira. Longe de construir um homem unidimensional, Loreto procura justamente investigar as rachaduras emocionais daquele personagem. O que existe por trás da brutalidade? O que um homem violento tenta esconder? Essas perguntas parecem orientar toda a sua construção dramatúrgica. Ele rejeita o herói clássico, aquele homem que surge para salvar todos sem demonstrar dúvidas ou vulnerabilidades. O ator deseja homens mais humanos, mais contraditórios, mais frágeis. Homens que pensem, sintam, falhem e revelem camadas. Mesmo em produções populares, ele busca inserir nuances que provoquem reflexão. Pequenos gestos, silêncios, fragilidades e conflitos internos passam a funcionar como rupturas dentro de personagens que poderiam facilmente cair em estereótipos masculinos já conhecidos.

No cinema, essa busca por complexidade aparece em "Pecadora", longa erótico em que interpreta Enrico, um homem sedutor e poderoso que conduz uma jovem religiosa a um despertar sexual e existencial. O filme, no entanto, vai muito além da provocação estética. Para Loreto, o verdadeiro centro da narrativa está no desejo feminino e na liberdade de uma mulher assumir sua própria sexualidade sem culpa. É significativo perceber como o ator aborda o projeto sob uma perspectiva sensível e consciente, destacando o cuidado nas cenas íntimas e a presença majoritária de mulheres na equipe. Essa postura revela uma mudança profunda em sua visão sobre masculinidade e relações de poder. Ao invés de reproduzir antigos modelos de sedução masculina baseados em dominação e controle, ele parece interessado em compreender afetos, vulnerabilidades e desequilíbrios emocionais. Seu olhar sobre o



Calça corset Lino Villaventura



masculino contemporâneo nasce justamente da desconstrução desse antigo arquétipo rígido do "macho alfa", que ele próprio admite ter absorvido durante a infância e juventude.

Essa reflexão se aprofunda ainda mais em "Chorão: Só os Loucos Sabem", projeto que Loreto define como o trabalho mais importante de sua vida até agora. Interpretar Chorão exigiu uma preparação intensa física, emocional e psicológica. Mais do que reproduzir trejeitos ou falas, ele buscou compreender as dores, os excessos e as contradições de um artista que marcou profundamente toda uma geração. Loreto demonstra enorme admiração pela sensibilidade de Chorão e pela forma como ele transformava seus próprios conflitos em identificação coletiva. Para ele, existe algo de extremamente contemporâneo na vulnerabilidade do cantor: um homem incapaz de lidar plenamente com os próprios demônios, mas profundamente conectado às dores do mundo ao seu redor. O ator acredita que faltam figuras assim hoje, artistas que usem suas fragilidades como potência criativa e não apenas como estética performática. Existe quase um sentimento de urgência em sua fala, como se defender a sensibilidade masculina fosse também um ato político e cultural.

Grande parte dessa transformação pessoal começou fora das telas, especialmente através da paternidade. Loreto não hesita ao afirmar que o nascimento de sua filha Bella foi a maior ruptura emocional da sua vida. Tornar-se pai mudou radicalmente sua percepção sobre o mundo, sobre as mulheres e sobre o próprio comportamento masculino. A experiência trouxe um nível de empatia que ele jamais havia acessado antes. Ele passou a enxergar medos, inseguranças e desigualdades sob outra perspectiva. Correr sozinho à noite na praia, por exemplo, deixou de ser um gesto banal quando ele começou a imaginar sua filha ocupando aquele mesmo espaço. O medo feminino passou a atravessá-lo de forma concreta. Essa consciência o levou a questionar padrões machistas naturalizados, muitos deles internalizados desde cedo. Loreto entende que a masculinidade contemporânea precisa abandonar o lugar de superioridade histórica para se aproximar da escuta, da sensibilidade e da igualdade.

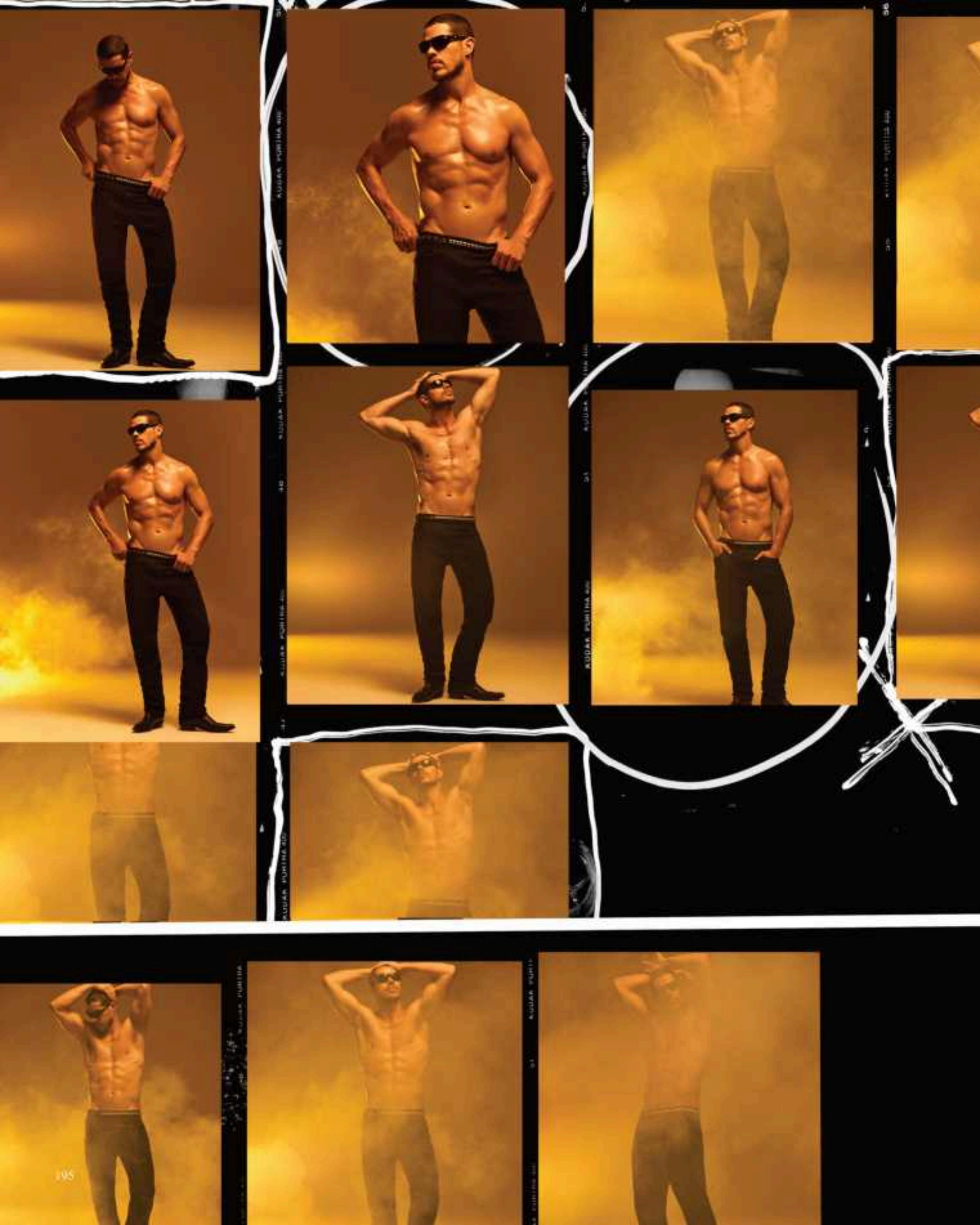
Esse processo de desconstrução ganhou força anos antes, durante sua participação no programa "Amor & Sexo", da TV Globo. Entre debates sobre gênero, sexualidade e relações afetivas, o ator começou a confrontar ideias que carregava sem perceber. Ele relembra como determinadas conversas provocaram mudanças quase instantâneas em sua percepção sobre o papel do homem e da mulher na sociedade. A partir dali, começou a entender que muitas referências românticas aparentemente inocentes carregavam expectativas profundamente desiguais. Essa tomada de consciência não aconteceu de maneira imediata ou perfeita. Pelo contrário: Loreto reconhece que o processo é gradual, cheio de contradições e até mesmo de "escorregões". Mas acredita que o mais importante é justamente a disposição em questionar modelos antigos e permitir que novas sensibilidades apareçam. Para ele, o homem contemporâneo ainda está aprendendo a acessar emoções que ficaram atrofiadas durante décadas de repressão emocional.

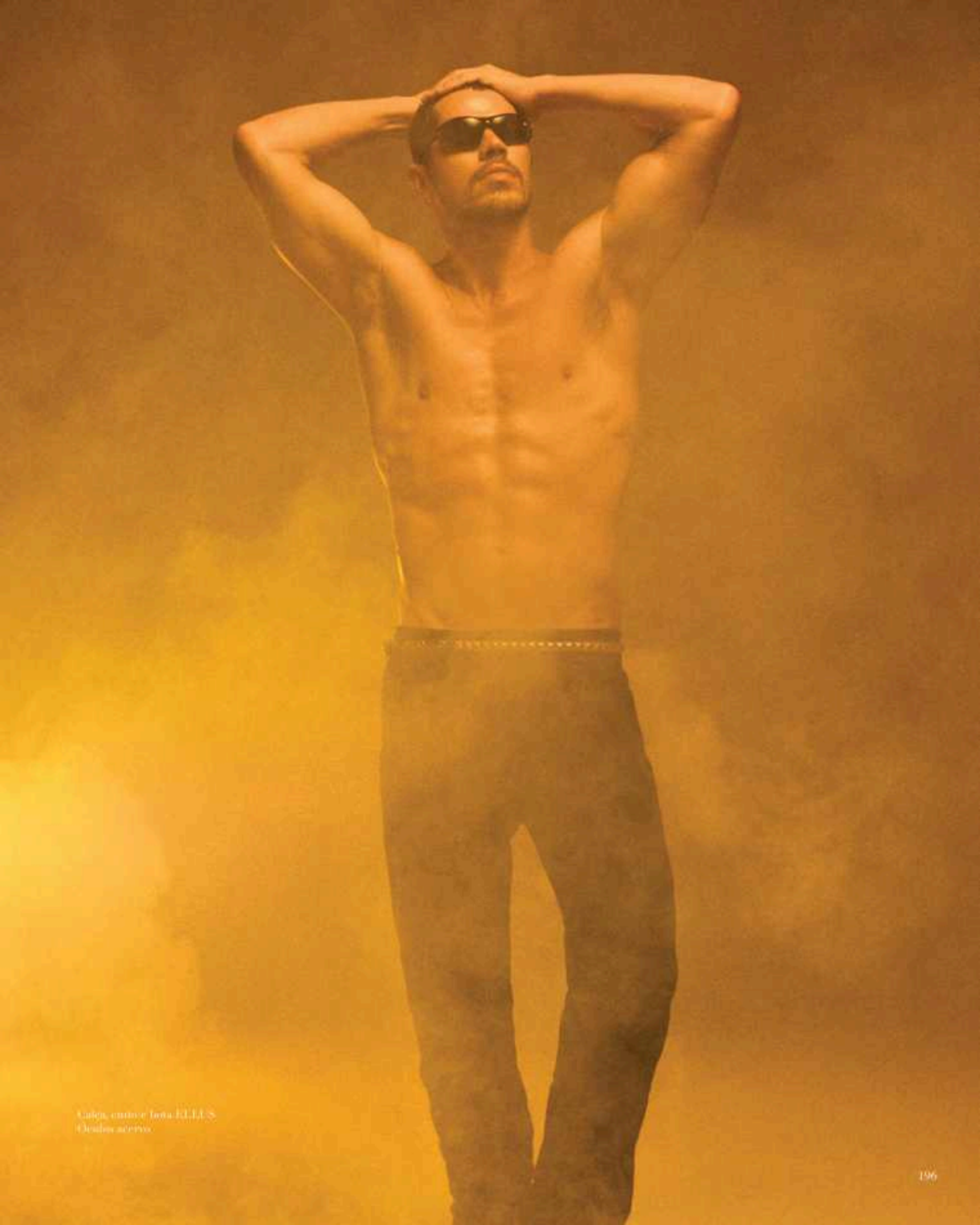
Sua relação com o próprio corpo também revela muito sobre sua trajetória. Desde os cinco anos de idade, Loreto praticou judô intensamente e chegou a sonhar em se tornar atleta olímpico. A disciplina esportiva moldou não apenas sua fisicalidade, mas também sua forma de construir personagens. Ele vê o corpo como ferramenta narrativa, não apenas estética. O judô ensinou sobre resistência, estratégia, queda e adaptação. Aprender a cair antes de derrubar tornou-se quase uma metáfora da sua própria construção artística. Essa memória corporal aparece naturalmente em cena, nos gestos, nas posturas e na energia física que imprime aos personagens. Ainda assim, o ator tenta hoje equilibrar essa força física com outras dimensões emocionais. Aos 42 anos, sua relação com a vaidade mudou profundamente. O corpo deixou de ser centro absoluto da identidade masculina. Sua maior preocupação agora está naquilo que absorve intelectualmente, nas experiências que vive e nas trocas humanas que constrói.

Em tempos de hiperconexão, redes sociais e excesso de informação, Loreto demonstra preocupação com a superficialidade contemporânea. Ele reconhece que existe hoje uma pressão constante por performance, produtividade e visibilidade. Para os artistas, essa cobrança se tornou ainda mais agressiva. Antes, bastava entregar um bom trabalho no cinema, no teatro ou na televisão. Agora, existe também a necessidade de performar nas redes, viralizar, manter relevância permanente e estar sempre disponível emocionalmente para o público. O ator entende que esse ritmo atropela processos criativos e amadurecimentos pessoais. Como forma de preservação, ele aprendeu a se desconectar. Ler livros, visitar museus, ficar com a filha e desacelerar tornaram-se mecanismos fundamentais para preservar sua essência diante da velocidade do mundo digital. Ele tenta construir um espaço interno menos superficial, menos "fast food emocional", onde ainda exista profundidade, silêncio e elaboração.



Calça, cinto e bota ELLUS
Óculos acervo

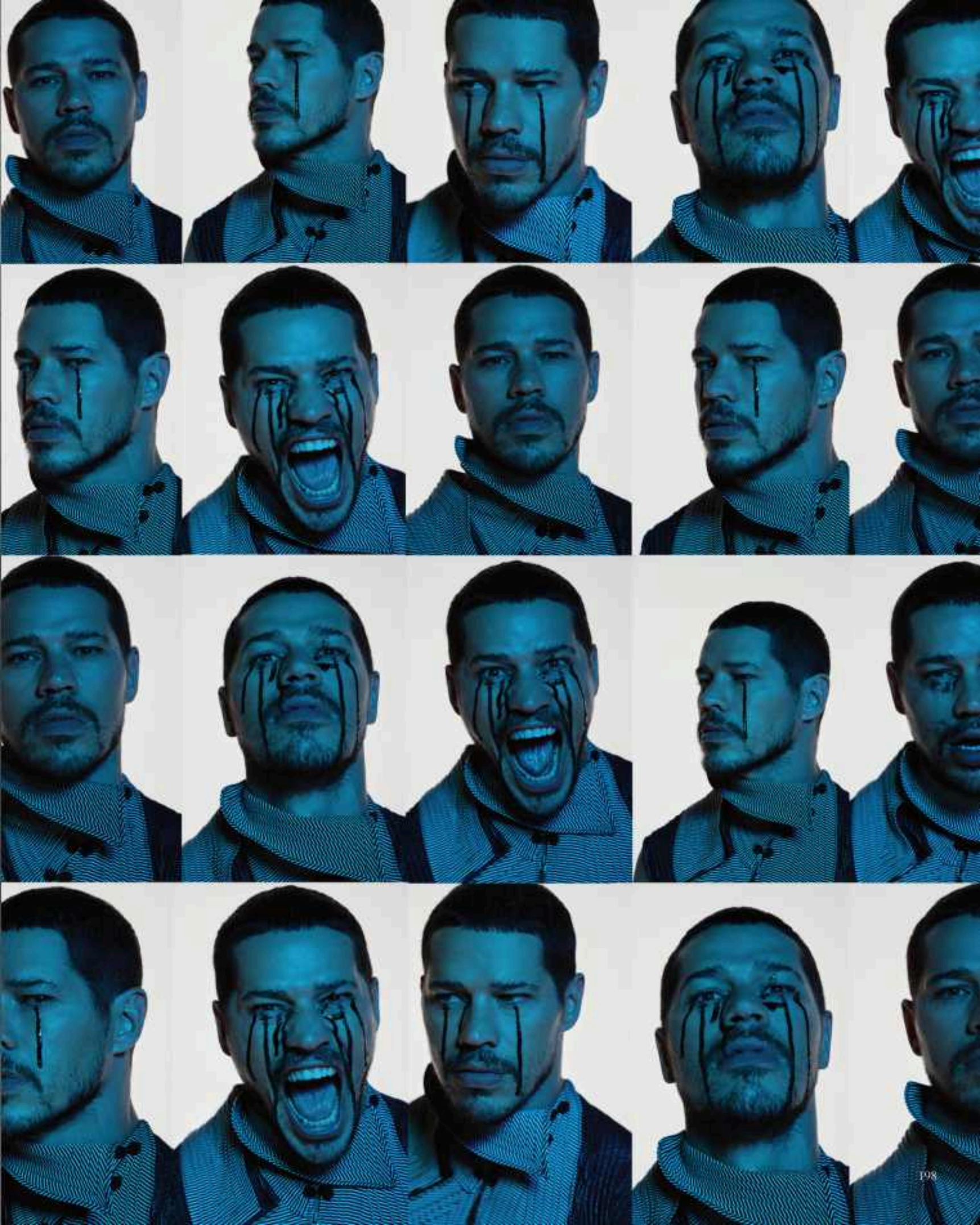




Calça, camiseta Iora H.I.M.S
Óculos acervo



Camisa Lino Villaventura





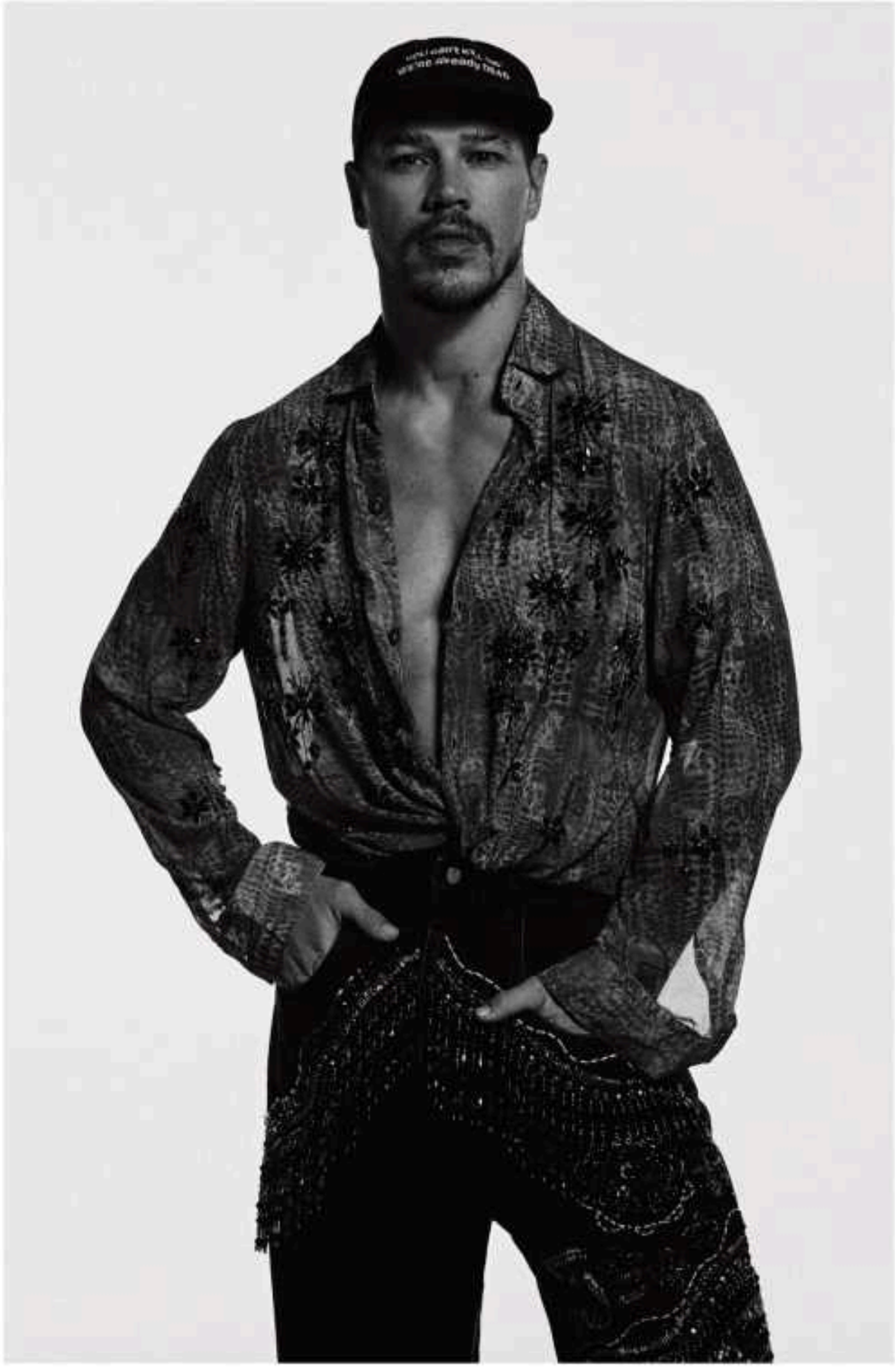
Look total Lucas Leão

“A gente também tem vulnerabilidades que estavam amordaçadas.”

José Loreto acredita que o homem contemporâneo vive um processo de desconstrução silenciosa. Criado dentro de referências rígidas de masculinidade, ele relembra o impacto de ver o próprio pai chorar pela primeira vez já na adolescência. Para o ator, desaprender o papel do “macho alfa” é um movimento gradual — e necessário. Mais do que abandonar a força, ele acredita que o desafio está em encontrar espaço para sensibilidade, escuta e consciência emocional.



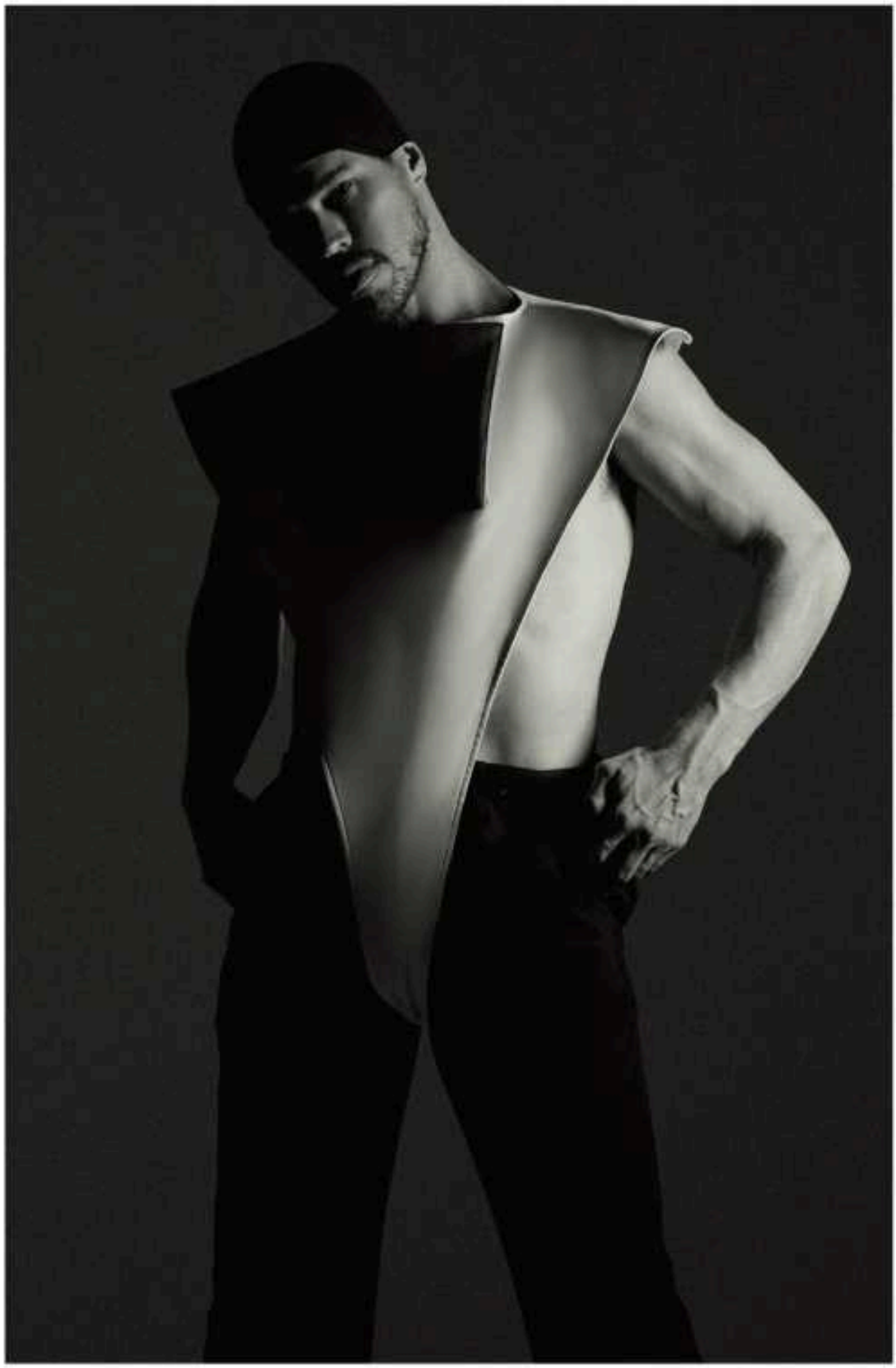
Look Canessa e calco Hisha
Collar cervo





Look (Camisa e calça) Hisha
Boné acervo





Looks Normando (nas duas páginas)
Toca na página direita acervo





Look total Apartamento 03



Look total Apartamento 03

Existe algo particularmente interessante na maneira como José Loreto fala sobre fragilidade masculina. Para ele, vulnerabilidade não diminui a força de um homem; ao contrário, a amplia. Seu interesse artístico hoje está justamente nos personagens que escondem dores, inseguranças e conflitos internos. Homens que tentam parecer fortes enquanto desmoronam silenciosamente por dentro. Esse jogo entre esconder e revelar se tornou uma espécie de obsessão criativa. Loreto acredita que o público contemporâneo também deseja enxergar masculinidades mais complexas e menos caricatas. O sucesso de personagens vulneráveis que interpretou ao longo da carreira reforça essa percepção. Homens doces, emotivos e afetivos também podem ser desejáveis, sedutores e fortes. Talvez essa seja uma das mudanças culturais mais importantes que ele tenta representar em cena: a substituição da brutalidade pela consciência emocional.

“Não quero me repetir como artista”

No fim das contas, José Loreto parece viver exatamente no cruzamento entre paz e inquietação. Existe nele uma serenidade de quem finalmente compreendeu a própria essência, mas também uma ansiedade criativa que nunca desaparece completamente. Ele continua chegando em casa depois das gravações pensando em novas possibilidades, imaginando caminhos diferentes para os personagens e tentando entender o que ainda pode descobrir sobre si mesmo através da arte. Talvez seja justamente essa combinação que faça dele um artista tão fascinante neste momento. Um homem que não deseja mais sustentar máscaras rígidas de perfeição masculina, mas também não abre mão da intensidade, da ambição e da potência criativa. Entre memórias, contradições, vulnerabilidades e reinvenções, José Loreto segue provando que sua maior qualidade talvez seja nunca parar de se transformar.

por Daizi Suchoj



Look total DEPEDRO

“No judô, a gente aprende a cair antes de derrubar.”

Muito antes da atuação, existia o esporte. Faixa preta de judô, Loreto revela que sonhava em ser atleta olímpico e que a disciplina da luta moldou profundamente sua relação com o corpo e com o trabalho. Mais do que estética, ele enxerga o físico como linguagem, ação e memória. O corpo, segundo ele, carrega reflexos emocionais e se tornou uma ferramenta essencial na construção dos seus personagens.

TREND

DIREÇÃO E STYLING:	LUIS FIOD
FOTOS:	CASSIA TABATINI
BELEZA:	MAXI WEBER
PRODUÇÃO DE MODA:	ZECA ZIEMBIK
PRODUÇÃO EXECUTIVA:	ANDRÉ BONA JEAN SAYEG
VÍDEO:	GABRIEL RAMOS
ASSISTENTES DE FOTOGRAFIA:	GIANFRANCO VACANI VITOR COHEN
ASSISTENTES DE PRODUÇÃO:	ZENE SACHS JUNIOR COSTA
ASSISTENTE DE VÍDEO:	ACAUÃ LOHAS
TRATAMENTO DE IMAGEM:	RZ STUDIO
MAKING OF:	AMANDA LAVORATO LUISA VICTORELLI
CAMAREIRA:	CRIS LINS
REALIZAÇÃO:	VEGA STUDIOS



BLACK *soul*

O fotógrafo que transformou um chamado em legado e fez da fotografia uma celebração da identidade, da ancestralidade e da beleza humana

AUTOR FOTÓGRAFO: GLAUBER BASSI

IDEALIZADOR: CARLOS CRUZ



Existem projetos que nascem de uma ideia. Outros surgem de uma oportunidade. E existem aqueles raros trabalhos que parecem nascer de um encontro entre destino, propósito e sensibilidade. Foi exatamente assim que surgiu Black Soul, a obra mais emblemática do fotógrafo Glauber, um artista cuja relação com a fotografia começou antes mesmo que ele pudesse compreender o significado de uma câmera. Filho de fotógrafo, ele cresceu cercado por filmes fotográficos, equipamentos e imagens que ocupavam naturalmente o espaço onde outras crianças guardavam brinquedos. A fotografia não entrou em sua vida. Ela sempre esteve ali. "Meu pai era fotógrafo, então eu literalmente nasci no berço da fotografia. Enquanto outras crianças brincavam com carrinhos ou bonecos, meus brinquedos eram rolos de filme fotográfico e equipamentos que faziam parte do universo que me cercava desde os primeiros anos de vida", relembra.

A convivência diária com o trabalho do pai moldou não apenas sua técnica, mas também sua forma de observar o mundo. Aos 14 anos, Glauber começou a auxiliá-lo profissionalmente e deu os primeiros passos em uma jornada que se transformaria em vocação. Com o passar dos anos, a busca por aperfeiçoamento constante fez com que desenvolvesse um olhar cada vez mais refinado e autoral. Mas havia algo maior que ele procurava alcançar. "Com o tempo, percebi que não queria apenas produzir fotografias bonitas. Eu queria criar imagens que provocassem emoção, reflexão e impacto." Essa inquietação artística seria o ponto de partida para uma das experiências mais transformadoras de sua trajetória.

A virada aconteceu quando a vida colocou em seu caminho Carlos Cruz. Durante uma sessão fotográfica, uma frase simples mudaria para sempre a direção de seu trabalho. "Glauber, você precisa fotografar o meu povo. O povo da Bahia. Tenho certeza de que você pode criar algo incrível e fazer com que eles sejam vistos." O fotógrafo recorda esse momento como um divisor de águas. "Aquelas palavras tocaram profundamente meu coração. Eu senti que existia ali uma missão maior do que simplesmente fotografar." O que surgiu a partir daquela conversa foi muito mais do que um projeto visual. Era uma oportunidade de criar visibilidade,



Glauber Bassi e Carlos Cruz, modelo e idealizador do projeto Black Soul.



reconhecimento e protagonismo para histórias que carregavam séculos de memória, força e identidade.

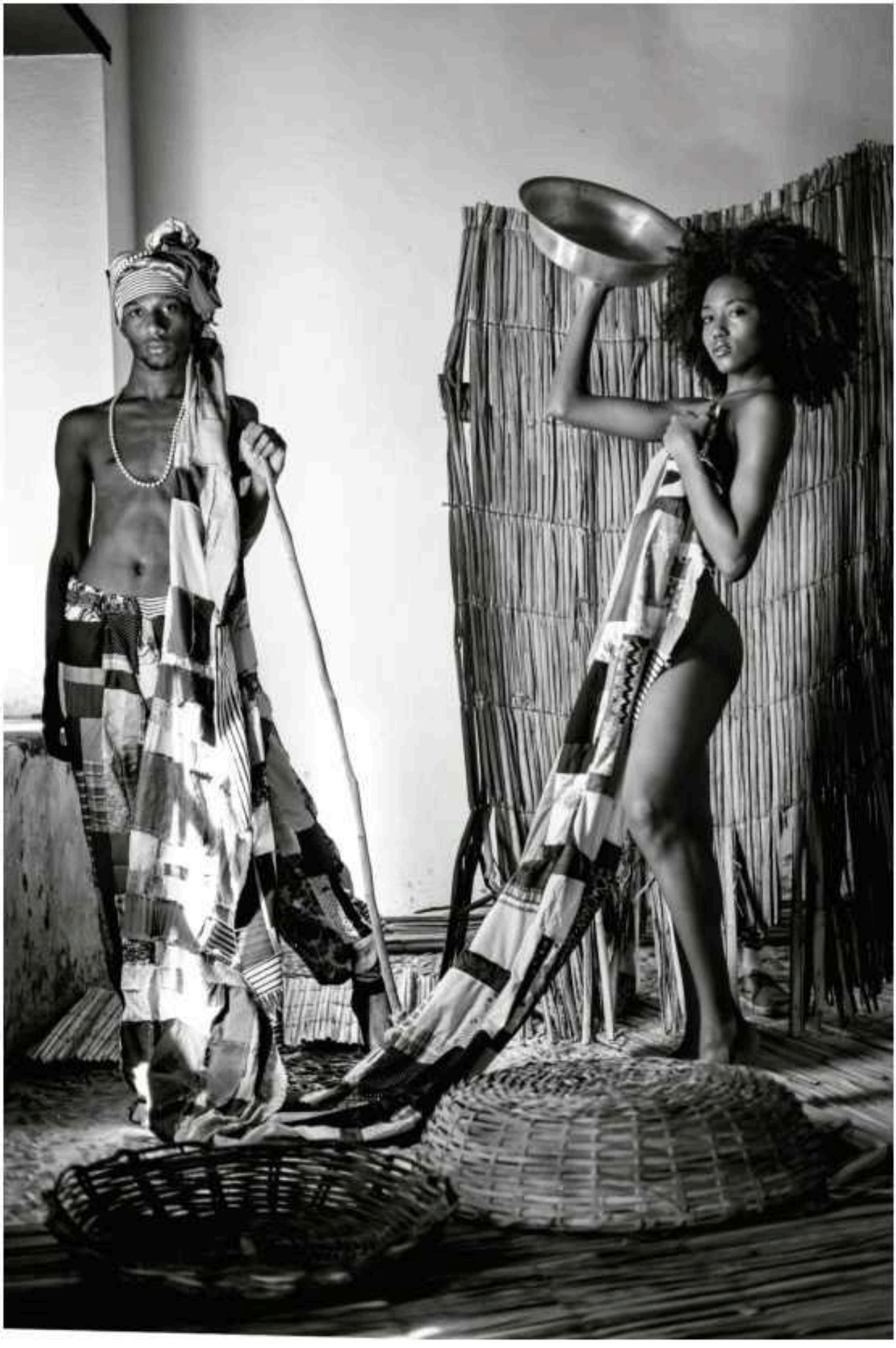
Assim nasceu Black Soul. Uma obra que transcende os limites da fotografia para se tornar um manifesto visual sobre pertencimento, ancestralidade e humanidade. Cada retrato produzido pelo projeto carrega uma narrativa própria, construída não apenas pela estética das imagens, mas pela profundidade das pessoas retratadas. "Mais do que uma série fotográfica, Black Soul tornou-se uma celebração da identidade, da ancestralidade, da força e da beleza de um povo", afirma Glauber. O projeto cresceu impulsionado por conexões humanas genuínas e pelo desejo de revelar histórias frequentemente invisibilizadas.

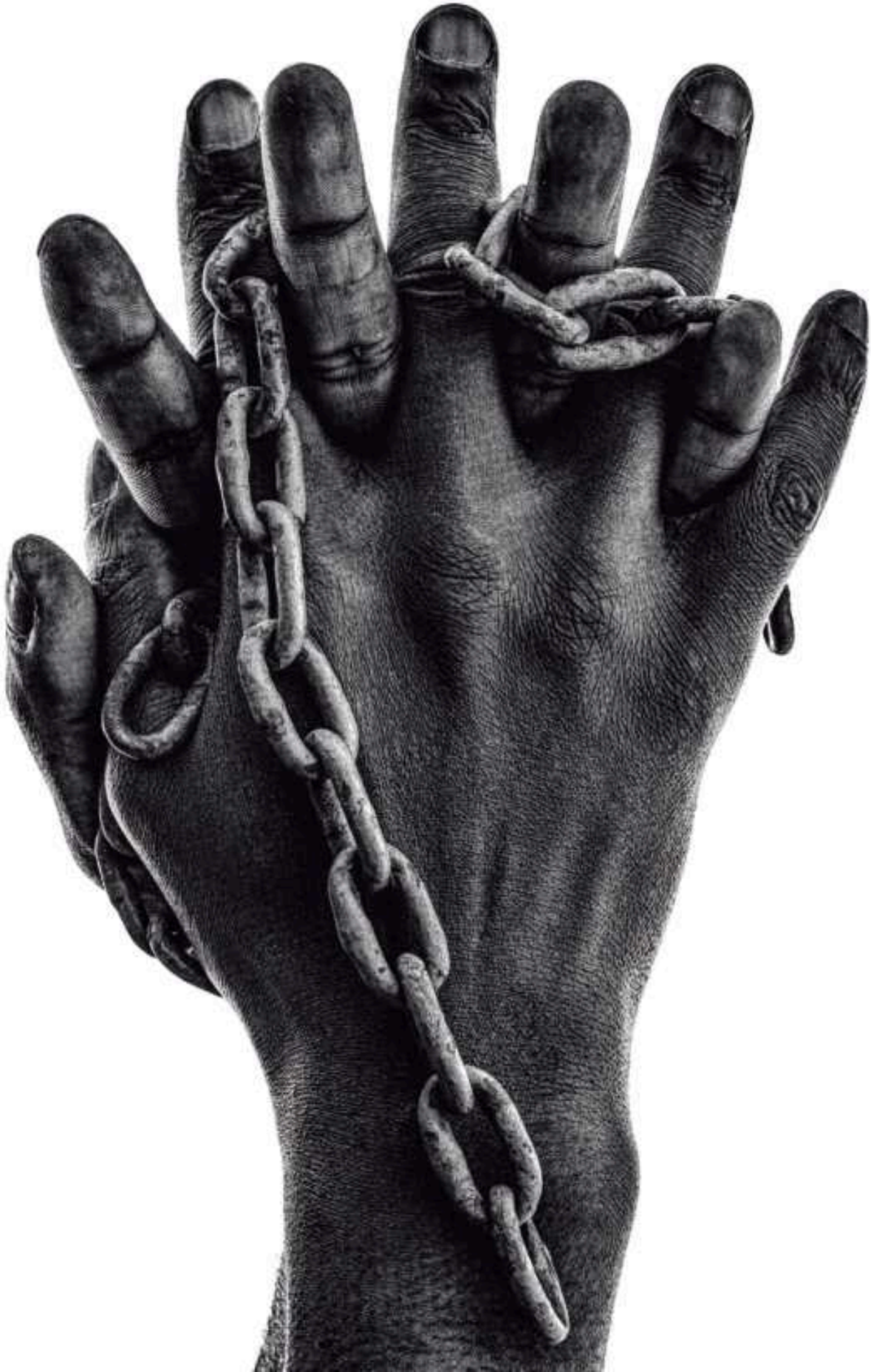
A intensidade emocional do trabalho foi muito além do que o fotógrafo poderia prever. Ao longo das sessões realizadas na Bahia, ele mergulhou profundamente na riqueza cultural que buscava documentar. O que inicialmente era um projeto fotográfico tornou-se uma experiência humana transformadora. "Foi um verdadeiro mix de emoções. Como fotógrafo, meu objetivo era retratar com sensibilidade a riqueza da cultura baiana. Mas, como ser humano, vivi uma experiência muito mais profunda." Entre encontros, relatos e tradições compartilhadas, Glauber encontrou algo que ultrapassava a imagem. Encontrou conexão. "Em diversos momentos me arrepiei ouvindo relatos reais, conhecendo tradições e tendo contato direto com elementos que fazem parte da identidade daquele povo."

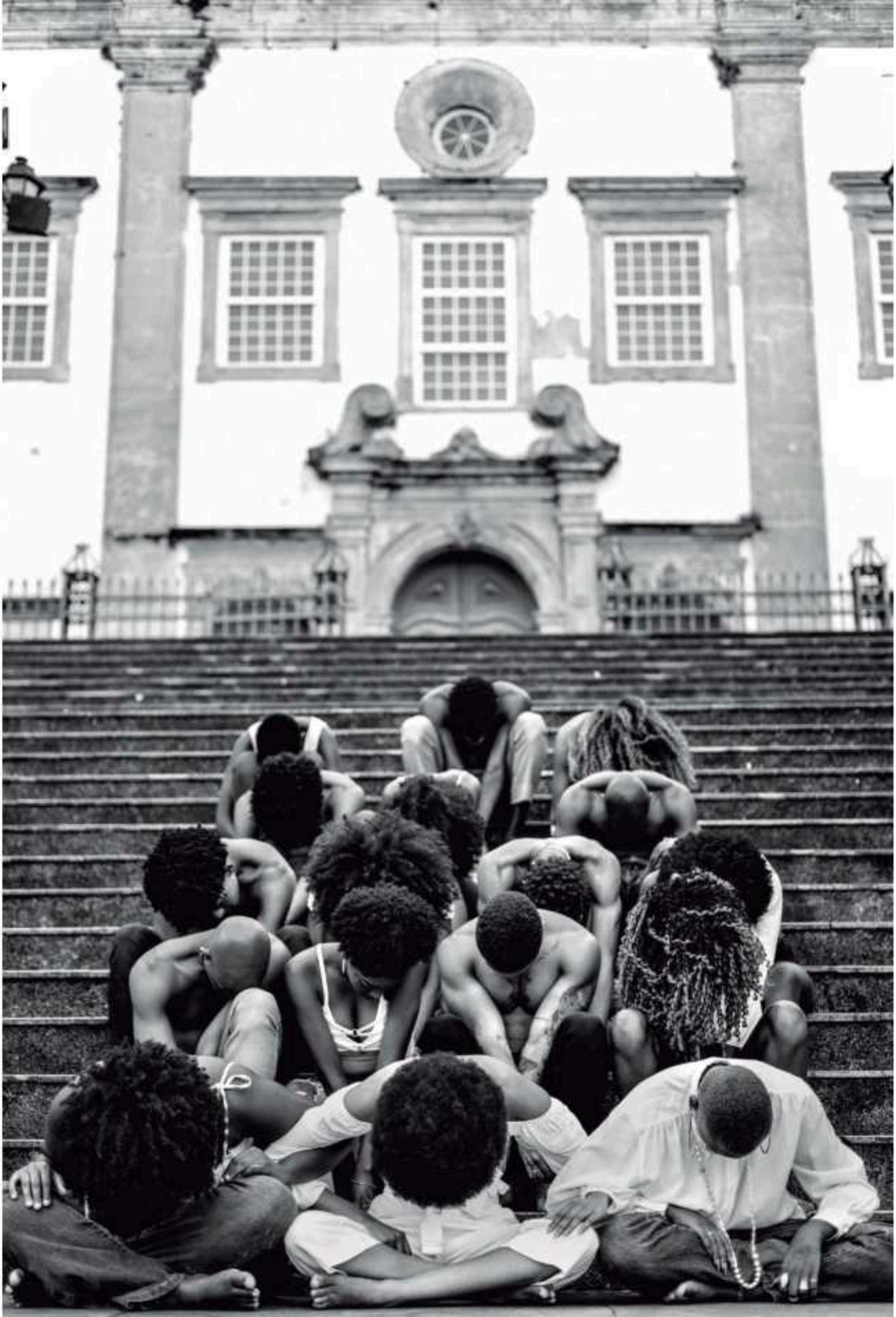
Mesmo anos depois, a força daqueles dias continua presente em sua memória. Para ele, não se tratava apenas de fotografar pessoas. Tratava-se de testemunhar uma cultura viva em toda a sua potência. "Eu não vivenciei apenas pessoas e histórias; eu vivenciei uma cultura de perto. E foi uma experiência tão intensa e verdadeira que, até hoje, dificilmente consigo comparar com a energia que senti durante aqueles três dias de fotografias." Essa emoção se reflete em cada imagem do projeto, transformando cada retrato em uma ponte entre quem observa e quem é observado.

No centro de Black Soul está também uma reflexão poderosa sobre os padrões de beleza contemporâneos. Glauber acredita que a fotografia tem o dever de ampliar percepções e desafiar limitações impostas pela sociedade. "Acredito que o meu papel como fotógrafo vai muito além de criar imagens bonitas. Meu papel é mostrar que a beleza existe de inúmeras formas e que cada pessoa pode ser bonita exatamente do seu jeito." Essa filosofia está presente em toda a construção do projeto, que reúne diferentes corpos, identidades, gerações e histórias de vida. Modelos curvy, pessoas trans, modelos non-gender, mães, filhas e representantes de diversas idades compartilham o mesmo protagonismo visual e simbólico. Essa diversidade não aparece como tendência ou discurso. Ela surge como realidade. Como verdade. Como representação legítima da pluralidade humana. "Não existe um único padrão de beleza dentro desse projeto. Existe a beleza real, autêntica e humana." Ao desafiar narrativas limitantes e valorizar a individualidade de cada retratado, Black Soul transforma a fotografia em um instrumento de reconhecimento. Um espaço onde identidade e beleza coexistem sem a necessidade de validação externa.

O sucesso das exposições despertou um desejo coletivo que acabaria dando origem a uma nova etapa do projeto. Durante as primeiras vernissages, visitantes emocionados manifestavam a vontade de levar aquela experiência para além das paredes da galeria. "Muitas pessoas me diziam: 'Glauber, além de ter uma obra na nossa casa, gostaríamos de ter um livro'." Foi então que nasceu o livro Black Soul, concebido não apenas como uma coleção de fotografias, mas como um arquivo afetivo de memórias, histórias e emoções. Uma obra destinada a preservar, compartilhar e eternizar uma cultura cuja força continua ecoando através de cada olhar retratado. Porque, como o próprio fotógrafo define, preservar histórias é garantir que elas permaneçam vivas para sempre.





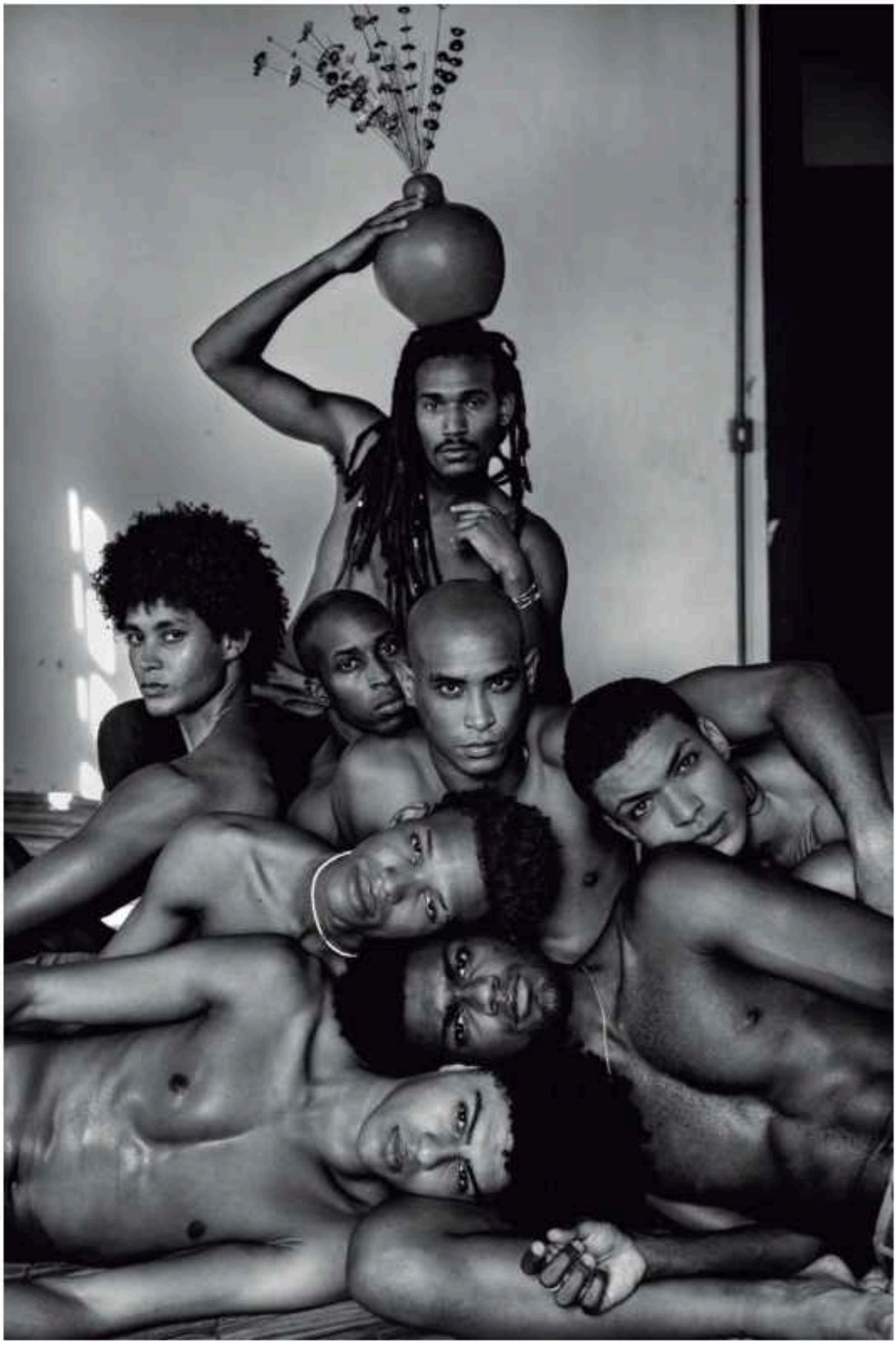














TREND

DIRETOR DA ALPEDINA BRASIL	RODRIGO MENTZ
EDITOR	MARCO PACE
EDITOR DE DESENVOLVIMENTO	RAFAEL LIMA
ASSISTENTES EDITORIAIS	LARISSA NOGUEIRA E LETICIA GABRIELLA BATISTA
ESTAGIÁRIA DE PRODUÇÃO	LAURA ROBERTI
TEXTO	DENISE CAMARGO
PRODUÇÃO EXECUTIVA	NILDA GINO
PROJETO GRÁFICO	DANIEL RAMPAZZO / CASA DE IDEIAS
DIAGRAMAÇÃO E CAPA	CASA DE IDEIAS
TRATAMENTO DE IMAGENS	PEPPO SAMELE
ASSISTENTE	MILENA VITÓRIA
REALIZAÇÃO	HIT_PHOTO

MODELOS: ADILSON SANTOS, ADRIAN BARBOSA, ALBERT WOODY, AMANDA SANTOS, CAIO COSTA, CARINA SANTANA, CARLOS CRUZ, DENILSON CERQUEIRA, DIANA RAMOS, EDNEI WILLIAM, EMILE JANINE, FÁBIO FILHO, FERNANDA ANDRADE, GABRIEL PINHÃO, HELEN SILVA, IAGO AZEVEDO, ILDE FERREIRA, JOÃO VICTOR, JOICE SIMAS, JONAS BUENO, JUNIOR BACELAR, KARINA SANTANA, KAUANE SANTOS, LEONIANE OLIVEIRA, LUAN CARDOSO, LUANE SANTANA, LUCAS CABRAL, LUCAS CERQUEIRA, LUCY ANDRADE, MALU ANDRADE, FERNANDA ANDRADE, MATHEUS ALVES, MATHEUS FIGUEREDO, MATHEUS GONÇALVES, MATHEUS SANTANNA, MIRALVA COUTO, NEIL ALMEIDA, NÚBIA FERREIRA, PENELOPE SANTOS, RAFAELA NAZARÉ, RAPHAEL SANTOS, RICARDO QUERINO, SÔNIA CAROLINE, TAIANE ANDRADE, TAUANE FARINE, THULASI MENDES, VITÓRIA ANJOS, WESLEY JESUS, YARA MADUREIRA, YASMIN VITÓRIA.

PATROCINADORES GRUPO CRL, ELYTORETS, ABC PRODUCTION + TRAINS NOGUEIRA **REALIZAÇÃO** HIT_PHOTO



HADALABO

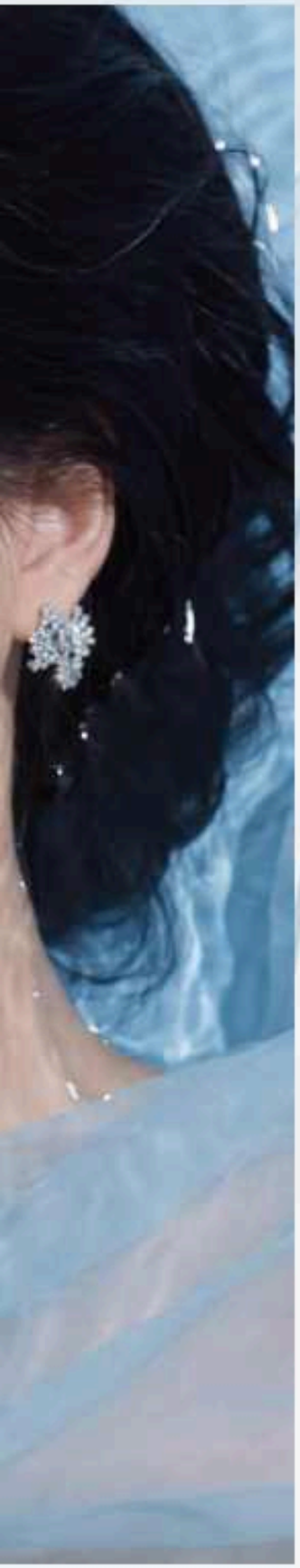
TECNOLOGIA JAPONESA
EXCLUSIVA



Nº1 em vendas
NO JAPÃO HÁ 17 ANOS

Criado por quem transforma
cuidado com a pele em ciência

Pureza, tecnologia e eficácia em cada gota



ÁCIDO HIALURÔNICO
COMO VOCÊ NUNCA VIU

GOKUJYUN LOTION
Loção hidratante facial

Hidratação Intensa *com*

4 *tipos de* **Ácido Hialurônico**

Hidratação profunda

Maior retenção de umidade

Pele com mais viço e maciez

Tecnologia japonesa de alta performance



EXCLUSIVO

Ácido Hialurônico
Fermentado com Lactobacilos

Fortalece a barreira da pele, protegendo contra agressões externas e preservando a hidratação natural

Hada Labo® é uma marca do grupo

Moving the Heart
ROHTO



Simple & Perfect:

a beleza da rotina essencial

O skincare contemporâneo deixou de ser apenas uma rotina de beleza. Hoje, ele se conecta com bem-estar, autocuidado e uma estética mais inteligente, minimalista e eficiente. Em um momento em que menos parece significar mais, marcas asiáticas conquistam espaço justamente por unir tecnologia, sensorialidade e fórmulas focadas no essencial.

É nesse cenário que **Hada Labo** do grupo **Rohto Mentholatum**, marca de skincare nº1 do Japão há 17 anos consecutivos, ganha destaque ao trazer ao Brasil a filosofia japonesa do "*Simple & Perfect*": fórmulas minimalistas, livres de fragrâncias e corantes, mas altamente potentes em hidratação e cuidado da pele.

Com tecnologia avançada de ácido hialurônico, combinando diferentes tamanhos de moléculas para atuar em múltiplas camadas da pele, a marca transforma a hidratação em um gesto sofisticado, leve e profundamente eficaz. O resultado são produtos que unem performance, simplicidade e aquela estética clean que domina a nova geração de beleza.





A **Shirojyun Premium Lotion** hidrata profundamente enquanto uniformiza e ilumina a pele, combinando ácido tranexâmico, vitaminas antioxidantes e ácido hialurônico em uma textura leve, aquosa e confortável para o uso diário.

O **Cleansing Oil Hada Labo Gokujyun** remove maquiagem e impurezas com suavidade enquanto hidrata profundamente a pele, combinando ácido hialurônico e óleos vegetais em uma fórmula leve, eficaz e confortável até para peles oleosas.

O creme facial anti-idade **Gokujyun Aging Care Cream** combina niacinamida, ácido hialurônico e ativos antioxidantes em uma fórmula hidratante que suaviza rugas, ilumina a pele e promove um efeito visivelmente mais firme e uniforme.

O **Gokujyun Face Wash** promove uma limpeza gentil e profundamente hidratante, combinando múltiplos tipos de ácido hialurônico em uma fórmula cremosa que purifica a pele sem ressecar.

O **Gokujyun White Gel FPS 50** combina hidratação profunda, proteção solar e ação antioxidante em uma textura leve e multifuncional que protege a pele diariamente sem pesar.

OUSE



Backstage de Oscar de la Renta A/W 2017

UNHAS

Se você procura um tom sazonal para combinar com sua personalidade, experimente o azul. A maquiadora de desfiles da OPI, Natalie Minerva, usou o esmalte OPI Infinite Shine Nail Lacquer

BOCHECHAS

A modelo Nina Ricci, Kenzo e Gucci foi levemente iluminada com um blush rosa intenso aplicado desde o início das maçãs do rosto até as sobrancelhas, criando um efeito semelhante ao da icônica boneca Barbie.

OLHOS

A maquiagem pode ser aplicada espessa e rápida, com o efeito de um único tom primário marcante. A maquiadora de desfiles da Shiseido, Yadim, combinou uma camada de Shiseido Paperlight Cream Eye Color com o delineador NARS Dual-Intensity Eyeliner, em tons vibrantes de azul e roxo, criando um visual gráfico e moderno.

LÁBIOS

Dos tons profundos de ameixa ao clássico azul e fúcsia, a cartela de cores dos lábios foi ampliada para abraçar todas as possibilidades. Entre os destaques estão os batons Laura Mercier Colour Luxe Lipstick, Giorgio Armani Lip Maestro e NARS Velvet Lip Glide.

NUDE



Backstage de Coach AW 2017

PELE

Se sair sem base não é uma opção para você, a maquiadora Chanel Lucia Pica recomenda o Healthy Glow Gel Touch Foundation SPF 25, uma fórmula à base de água que proporciona uma sensação tão leve quanto seu sérum.

UNHAS

O estilo natural nunca sai de moda. Para uma manicure discreta, experimente o Mavala Mini Color Nail Polish Cream Orchid, um tom suave e elegante que deixa as unhas respirarem sem perder o charme.

LÁBIOS

Lábios perfeitos são aqueles que parecem naturalmente seus. A maquiadora Val Garland buscou um efeito de "lábios recém-beijados" com o Napoleon Perdis Ms Jean Lipstick, criando um acabamento delicado e sofisticado.

OLHOS

Nem sempre a natureza resolve tudo. Nos bastidores da Stella McCartney, Pat McGrath misturou um pouco de base ao hidratante e aplicou nas pálpebras para uniformizar o tom da pele. O acabamento foi finalizado com o Maybelline New York Dream Lumi Touch Concealer, proporcionando um olhar fresco e natural.



NA *SKIN* VENENOSA

As estampas de cobra em tons vibrantes e marcantes deslizaram para o centro das atenções. Para uma interpretação mais discreta da tendência, aposte em combinações monocromáticas.

TREND SUNGLASS *EDIT*







Armações oversized, lentes coloridas, formatos geométricos e releituras do clássico aviador compõem a seleção TREND para a temporada. Em diferentes tamanhos, cores e proporções, os modelos escolhidos celebram a irreverência e a originalidade, transformando os óculos em peças de destaque para quem busca estilo, personalidade e exclusividade em cada detalhe.



Marilyn Monroe

100 anos de uma estrela que o mundo jamais esqueceu

No centenário de seu nascimento, uma revisão necessária da mulher por trás do mito: leitora voraz, empresária pioneira, atriz dedicada e uma das figuras mais incompreendidas da cultura do século XX.



No centenário de seu nascimento, uma revisão necessária da mulher por trás do mito: leitora voraz, empresária pioneira, atriz dedicada e uma das figuras mais incompreendidas da cultura do século XX.

Marilyn Monroe completaria 100 anos em 1º de junho de 2026. Um século após o nascimento de Norma Jeane Baker, seu nome permanece vivo com uma força rara na história da cultura popular. Poucas personalidades atravessaram tantas gerações sem perder relevância. Seu rosto continua reconhecido em praticamente todos os continentes, suas fotografias seguem sendo reproduzidas em museus e exposições, e sua influência ainda ecoa na moda, na publicidade, no cinema e até na maneira como entendemos o conceito de celebridade. Mas talvez o aspecto mais fascinante de Marilyn seja que, quanto mais famosa ela se tornou, menos o público conheceu a mulher real por trás da personagem.

Durante décadas, Hollywood insistiu em vender a imagem da loira ingênua, sensual e despreocupada. Era uma narrativa conveniente para a indústria do entretenimento dos anos 1950. No entanto, a realidade era muito diferente. Norma Jeane era uma mulher profundamente curiosa, intelectualmente inquieta e constantemente empenhada em expandir seus horizontes. Em uma época em que atrizes eram frequentemente desencorajadas a demonstrar ambições intelectuais, Marilyn construiu uma vasta biblioteca pessoal e cultivou o hábito da leitura como parte fundamental de sua rotina.

Uma das curiosidades mais surpreendentes sobre sua trajetória é justamente sua relação com os livros. Após sua morte, pesquisadores catalogaram mais de 400 volumes pertencentes à atriz. Em suas estantes havia obras de literatura clássica, filosofia, poesia, psicologia, política e história. Entre os autores que admirava estavam Dostoiévski, Tolstói, James Joyce, John Steinbeck, Walt Whitman e Sigmund Freud. Para alguém que foi transformada em símbolo da superficialidade pela cultura popular, a profundidade de seus interesses intelectuais continua impressionante.

Ao longo dos anos, diversos biógrafos e estudiosos também chamaram atenção para sua inteligência acima da média. Embora não exista um registro oficial e comprovado de testes de QI realizados por Marilyn, pessoas próximas frequentemente relatavam sua rapidez de raciocínio, memória excepcional e enorme capacidade de observação. Mais importante do que qualquer número era sua permanente sede de conhecimento. Ela fazia perguntas, estudava obsessivamente e demonstrava uma consciência incomum sobre o mundo ao seu redor e sobre os mecanismos que produziam sua própria fama.

Marilyn Monroe completaria 100 anos em 1º de junho de 2026. Um século após o nascimento de Norma Jeane Baker, seu nome permanece vivo com uma força rara na história da cultura popular. Poucas personalidades atravessaram tantas gerações sem perder relevância. Seu rosto continua reconhecido em praticamente todos os continentes, suas fotografias seguem sendo reproduzidas em museus e exposições, e sua influência ainda ecoa na moda, na publicidade, no cinema e até na maneira como entendemos o conceito de celebridade. Mas talvez o aspecto mais fascinante de Marilyn seja que, quanto mais famosa ela se tornou, menos o público conheceu a mulher real por trás da personagem.

Durante décadas, Hollywood insistiu em vender a imagem da loira ingênua, sensual e despreocupada. Era uma narrativa conveniente para a indústria do entretenimento dos anos 1950. No entanto, a realidade era muito diferente. Norma Jeane era uma mulher profundamente curiosa, intelectualmente inquieta e constantemente empenhada em expandir seus horizontes. Em uma época em que atrizes eram frequentemente desencorajadas a demonstrar ambições intelectuais, Marilyn construiu uma vasta biblioteca pessoal e cultivou o hábito da leitura como parte fundamental de sua rotina.

O resultado dessa dedicação pode ser observado em filmes que revelam muito mais do que charme e beleza. Obras como "Bus Stop", "The Prince and the Showgirl" e "The Misfits" mostraram uma atriz sensível, vulnerável e tecnicamente competente. Muitos críticos contemporâneos acreditam que, caso tivesse vivido mais tempo, Marilyn teria alcançado reconhecimento semelhante ao das maiores intérpretes dramáticas de sua geração.

Sua influência também transformou a fotografia. Poucas pessoas compreenderam tão bem o poder da imagem quanto Marilyn Monroe. Ela dominava a relação com a câmera de maneira quase intuitiva. Fotógrafos como Richard Avedon, Cecil Beaton, Milton Greene e Bert Stern encontraram nela uma modelo capaz de transmitir múltiplas emoções em uma única imagem. Décadas depois, seus retratos continuam sendo estudados como exemplos de construção visual de identidade e celebridade.

Mas o que realmente diferenciava Marilyn era sua humanidade. Ao contrário das estrelas inacessíveis da era de ouro de Hollywood, ela demonstrava fragilidade. O público enxergava nela não apenas uma deusa cinematográfica, mas alguém que compartilhava medos, inseguranças e dúvidas universais. Essa combinação entre glamour e vulnerabilidade redefiniu a relação entre celebridade e audiência e influenciou praticamente todas as gerações seguintes.

Sua história também antecipa debates extremamente atuais. A pressão estética, a exploração da imagem feminina, a invasão da privacidade, os impactos psicológicos da fama e a distância entre a pessoa real e sua versão pública são questões centrais do século XXI. Marilyn viveu tudo isso décadas antes da existência das redes sociais, tornando-se uma espécie de precursora involuntária dos dilemas contemporâneos.

Ao longo dos últimos anos, historiadores e pesquisadores vêm reconstruindo sua imagem de maneira mais justa. Aos poucos, a caricatura da loira ingênua cede espaço para o retrato de uma mulher complexa, determinada e intelectualmente curiosa. Surge uma Marilyn mais próxima da realidade: ambiciosa, estratégica, sensível e profundamente consciente dos desafios que enfrentava.

Talvez seja justamente essa complexidade que explique sua permanência. Existem estrelas famosas, existem lendas e existem raríssimos personagens que se







transformam em símbolos permanentes da cultura. Marilyn Monroe pertence a essa última categoria. Seu nome transcendeu o cinema, ultrapassou a moda e superou seu próprio tempo.

Cem anos após seu nascimento, o fascínio permanece intacto. Não apenas pela beleza que encantou gerações, mas pela mulher extraordinária escondida atrás da imagem mais reproduzida do século

Marilyn





XX. Marilyn Monroe continua nos lembrando que os grandes ícones nunca são aquilo que parecem à primeira vista. E talvez seja exatamente por isso que, um século depois, o mundo ainda não tenha conseguido esquecê-la.
Marilyn Monroe: 100 anos de uma estrela que o mundo jamais esqueceu.

por Ale Monteiro

Monroe

A nova fronteira da *Frequência* e da *Consciência*

Em um mundo onde ciência, tecnologia e bem-estar caminham cada vez mais integrados, novas abordagens terapêuticas surgem propondo não apenas o alívio de sintomas, mas uma experiência ampliada de equilíbrio, regeneração e consciência.

Entre essas inovações está o RASHA®, uma tecnologia neuroenergética e escalar desenvolvida pelo Dr. Jere Rivera-Dugenio, que vem despertando interesse internacional por sua proposta de harmonização profunda do corpo e da mente por meio de frequências harmônicas, campos magnéticos sutis e princípios de física quântica que conduzem o cliente a um estado de quietude interna e bioregeneração.

Mais do que um recurso tecnológico, o RASHA® apresenta-se como uma experiência de reconexão. Seu princípio fundamental parte da compreensão de que o organismo humano possui uma inteligência natural capaz de restaurar estados de equilíbrio e auto-cura quando encontra as condições adequadas de relaxamento e alinhamento energético.

A tecnologia utiliza combinações específicas de frequências sonoras harmônicas associadas a campos magnéticos suaves e ondas escalares, promovendo um estado de profundo repouso neurológico e reorganização do campo. Durante as sessões, o cliente é conduzido a um estado de relaxamento que favorece processos regenerativos naturais, sem qualquer procedimento invasivo, sem dor e sem contraindicações conhecidas.

Há 10 anos no mercado, com diversas publicações internacionais em revistas científicas e uma fundação sem fins lucrativos criada para crianças autistas e neurodivergentes nas Filipinas (GC Rivera Foundation), que utiliza a tecnologia, já foi comprovado que a interação dessas frequências com o sistema nervoso e com o campo bioenergético celular estimula estados de coerência fisiológica e emocional, auxiliando na redução do estresse, da fadiga mental e da sobrecarga emocional tão presentes na vida contemporânea.



Dr. Jere Rivera-Dugenio

Outro conceito central dentro da experiência RASHA® é o chamado Código Eterno Base-12 — uma abordagem fundamentada em padrões matemáticos e harmônicos considerados naturais à organização universal. A proposta sugere que frequências associadas a essa estrutura Base-12 favorecem uma reorganização energética capaz de estimular o organismo a "recordar" estados naturais de equilíbrio e se reorganizar naturalmente, trazendo vitalidade e clareza mental, entre muitas outras possibilidades.

Embora a experiência seja profundamente subjetiva e individual, muitos relatam sensações de serenidade intensa, expansão da percepção, melhora na qualidade do sono, aumento de foco e clareza cognitiva, além de uma significativa sensação de leveza emocional após as sessões.

Entre os principais benefícios associados ao RASHA® destacam-se:

- Redução do estresse, ansiedade e fadiga mental
- Melhora do sono e do relaxamento profundo
- Maior clareza mental, foco e performance cognitiva
- Liberação de padrões emocionais densos e tensões sutis
- Estímulo ao autoconhecimento e à expansão da consciência
- Sensação ampliada de energia vital e equilíbrio interno
- Alívio de dores e aceleração na recuperação pós-operatória ou pós-treino
- TDAH, Autismo e Alzheimer, entre outras patologias neurológicas
- Diabetes, doenças reumatológicas e inflamatórias
- Detox de COVID, microplásticos e agrotóxicos



O diferencial do método está justamente em sua abordagem integrativa. O RASHA® não substitui tratamentos médicos convencionais, mas pode atuar de maneira complementar, oferecendo uma experiência não invasiva e compatível com diferentes abordagens terapêuticas. Sua aplicação é indicada para pessoas de todas as idades que buscam qualidade de vida, equilíbrio emocional e reconexão consigo mesmas.

No Brasil, tenho a honra de ser a única médica brasileira detentora da tecnologia RASHA® e de testemunhar com muita alegria as mudanças extraordinárias nas vidas dos meus clientes. Minha atuação tem contribuído para apresentar ao público brasileiro uma visão contemporânea sobre terapias frequenciais e estados ampliados de regeneração biológica e consciência.

Outro aspecto que amplia o alcance da experiência é a possibilidade de realização das sessões tanto de forma presencial quanto à distância. A modalidade remota permite que pessoas em diferentes regiões possam acessar a tecnologia e vivenciar seus efeitos sem limitações geográficas, mantendo a proposta de harmonização energética e relaxamento profundo.

Mais do que uma tendência no universo do bem-estar, o RASHA® propõe uma reflexão sobre o futuro da saúde integrativa: um espaço onde tecnologia, frequência e consciência coexistem em busca de uma experiência humana mais equilibrada, regenerativa e conectada.

Para aqueles que desejam explorar novas possibilidades de bem-estar e expansão pessoal, a experiência RASHA® surge como um convite sofisticado à pausa, à restauração e à redescoberta do próprio estado natural de harmonia. Para vivenciar essa experiência transformadora e conhecer mais sobre a tecnologia RASHA®, acesse o site oficial www.therasha.com. Acompanhe também os conteúdos e atualizações nas páginas do Instagram: @rashabrasil, @rashaelite, @dra.alinelago, @jereunfiltered e @gcriverafoundation.

Para agendamentos, informações sobre sessões presenciais ou à distância e atendimento personalizado, entre em contato pelo WhatsApp: (12) 98820-1188.





MONET & RENOIR

Uma lição sobre percepção, autenticidade e singularidade

POR **LAURA FRANCO**

Entender as características de um movimento artístico nos faz olhar para as obras com mais profundidade, muitas vezes tendo uma melhor compreensão das intenções do artista. E essa compreensão faz muito mais sentido quando olhamos para o contexto histórico daquele período. Até porque nenhuma arte é por acaso. É sempre um ato de rebeldia, de contradição a um movimento anterior que já foi fadigado, um reflexo da sociedade daquele momento... Então, entender o que acontecia no final do século XIX vai te teletransportar para o imaginário dos pintores impressionistas.

O Impressionismo surgiu na França, na década de 1870, como uma reação de artistas jovens contra as regras rígidas e acadêmicas do Salão oficial, que era controlado pelo Estado e definia o que podia ou não ser reconhecido como arte de valor. Esses pintores rejeitavam a exigência de obras excessivamente acabadas, históricas e idealizadas, porque queriam representar o mundo moderno de forma mais direta e fiel à experiência visual real. Em vez de permanecerem presos ao ateliê, muitos passaram a pintar ao ar livre, em prática conhecida como en plein air, para observar com mais precisão os efeitos passageiros da luz, da atmosfera e das mudanças do tempo sobre as paisagens e os objetos. Por isso, suas obras apresentam pinceladas rápidas e visíveis, contornos menos rígidos e cores mais claras e puras, muitas vezes aplicadas sem grande mistura prévia, para produzir uma sensação imediata do que era visto.

O marco decisivo do movimento ocorreu em 15 de abril de 1874, em Paris, quando um grupo de artistas, reunidos sob o nome de Sociedade Anônima de Pintores, Escultores, Gravadores etc., organizou uma exposição independente fora do circuito oficial do Salão. Esse evento foi fundamental porque representou não apenas uma mostra de obras, mas uma ruptura institucional: esses artistas decidiram criar seu próprio espaço de exibição diante da rejeição frequente da arte acadêmica. Foi nesse contexto que surgiu o nome "Impressionismo". O termo foi criado de forma pejorativa pelo crítico Louis Leroy, ao comentar a pintura Impression, Sunrise (Impressão, nascer do sol), de Claude Monet, de 1872. Ao zombar da obra, Leroy disse que aquilo parecia apenas uma "impressão", e não uma pintura finalizada. O que começou como crítica acabou sendo adotado como nome do movimento.



IMPRESSÃO, NASCER DO SOL (1872) - CLAUDE MONET

Em oposição à tradição acadêmica, que valorizava cenas históricas, mitológicas ou religiosas, os impressionistas passaram a se interessar por temas da vida cotidiana, pelas paisagens, pelos ambientes urbanos e pelos momentos de lazer da classe média. Em vez de buscar grandes narrativas heroicas, eles procuravam registrar cenas comuns, como pessoas caminhando, cafés, jardins, rios, bailes e estações de trem. Essa escolha temática estava ligada ao desejo de representar a modernidade e a experiência visual tal como ela se apresentava no instante. Mais do que retratar objetos de forma precisa e estática, os impressionistas queriam captar a luz em transformação, o movimento, a vibração das cores e a sensação imediata de um momento passageiro.

Entre os principais nomes do Impressionismo estão Claude Monet, Pierre-Auguste Renoir, Camille Pissarro, Edgar Degas e Alfred Sisley, que foram fundamentais para a consolidação do movimento. Cada um possuía características próprias, mas todos contribuíram para essa nova forma de pintar. Além deles, Édouard Manet teve papel importante como precursor e inspiração, mesmo não sendo exatamente um impressionista no sentido mais estrito. Sua defesa de temas modernos e sua quebra de convenções acadêmicas abriram caminho para que esses artistas avançassem ainda mais na renovação da pintura. Assim, o Impressionismo pode ser entendido como um movimento de ruptura estética e institucional, que transformou a arte ao deslocar o foco da pintura da narrativa tradicional para a percepção visual imediata do mundo moderno. E, para mim, o mais mágico nesse tipo de história é quando temos dois grandes nomes convivendo e trabalhando juntos. Frédéric Chopin e Franz Liszt, no romantismo da música no início do século XIX; Ernest Hemingway e F. Scott Fitzgerald, na literatura da década de 20;



AUTORRETRATO COM BOINA, 1886,
DE CLAUDE MONET



AUTORRETRATO, 1899,
DE RENOIR

Frédéric Chopin, novamente, e George Sand, em seu relacionamento romântico músico-literário; e Pierre-Auguste Renoir e Claude Monet, no impressionismo, são extraordinários exemplos disso. Eles pintaram lado a lado em vários momentos importantes da formação do Impressionismo, e isso ajuda a entender como o movimento não surgiu apenas de ideias abstratas, mas também de convivência, troca prática e observação conjunta da realidade. Os dois se conheceram em 1862, no ateliê de Charles Gleyre, em Paris, mas logo se afastaram do ensino acadêmico tradicional e se aproximaram por meio de uma aspiração em comum: o desejo de pintar a natureza e a vida moderna de modo mais direto.



"IN MOTHER ANTHONY'S TAVERN", 1866, PIERRE-AUGUSTE RENOIR

Um dos primeiros momentos marcantes em que trabalharam lado a lado aconteceu em 1866, na floresta de Fontainebleau. Nessa fase, os dois ainda estavam construindo suas identidades artísticas, mas já se percebe a troca direta entre eles. Renoir pintou a estalagem conhecida como The Cabaret of Mother Antony, onde estavam hospedados, e incluiu Monet dentro da cena, em pé, de avental azul, como parte daquele ambiente de artistas reunidos. Esse dado é importante porque mostra que a relação entre os dois era de amizade, convivência de trabalho, observação mútua e influência concreta no processo criativo. Eles dividiam espaço, dificuldades financeiras, conversas e experimentações pictóricas.



"LA GRENOUILLÈRE", 1869, PIERRE-AUGUSTE RENOIR

O episódio mais importante dessa pintura lado a lado ocorreu em 1869, em La Grenouillière, um balneário e área de lazer às margens do Sena, perto de Bougival. Ali, Monet e Renoir pintaram praticamente o mesmo tema ao mesmo tempo: a água, os barcos, a pequena ilha central, a ponte, os frequentadores e a atmosfera vibrante de um espaço moderno de lazer. Esse momento é central para a história da arte porque permite comparar duas visões muito próximas na intenção, mas diferentes na execução. Renoir adotou um ponto de vista mais próximo e deu mais destaque às figuras humanas, ao convívio social e à animação da cena. Monet, por sua vez, organizou a composição de forma mais estruturada, dando maior ênfase à relação entre luz, reflexo e construção espacial da paisagem. Ou seja, os dois estavam olhando para o mesmo assunto, mas cada um revelava sua própria prioridade visual: Renoir era mais atraído pela presença humana, pela pele, pela roupa e pela sociabilidade; Monet, pela luz, pela atmosfera e pelas variações de cor da natureza.

Esse trabalho em paralelo é importante porque mostra que o Impressionismo não significava uniformidade. Mesmo quando pintavam o mesmo lugar, Renoir e Monet não produziam quadros idênticos em sentido profundo. Havia influência recíproca, mas não apagamento da individualidade.

No caso de La Grenouillière, a pintura de Renoir ficou tão próxima da de Monet que seria fácil confundir uma com a outra à primeira vista, o que revela o quanto Renoir, naquele momento, assimilava a técnica e o espírito do amigo. Ainda assim, as diferenças de estrutura, foco e sensibilidade permaneciam claras. Isso ajuda a estudar o Impressionismo de forma mais madura: como um grupo de artistas unidos por certos princípios comuns, embora cada um preservasse sua maneira própria de ver. Além desses episódios, Monet e Renoir continuaram trabalhando juntos em outros verões, especialmente entre 1872 e 1874. A convivência artística permaneceu forte por muitos anos, com troca de estímulo, críticas, encorajamento e admiração mútua. Monet tinha uma personalidade mais combativa e segura, enquanto Renoir era mais hesitante e dependia bastante desse apoio. Essa diferença de temperamento também ajuda a explicar por que pintar lado a lado foi tão importante para os dois: além de enriquecer a prática técnica, era uma forma de sustentação intelectual e emocional em meio à pobreza, à rejeição do Salão e à hostilidade dos críticos. Com o tempo, Monet e Renoir seguiram caminhos distintos, mas o período em que trabalharam juntos foi fundamental para consolidar os princípios do Impressionismo: a observação direta da natureza, a captura do instante e a liberdade pictórica.



"LA GRENOUILLÈRE", 1869, CLAUDE MONET

Mas, se tem uma coisa que aprendemos com a arte, é não apenas ver e esquecer. Precisamos transformar nosso olhar em pensamentos mais profundos, conectando-os com acontecimentos passados, correlacionando-os com contextos presentes e, a partir disso, refletir sobre o futuro. E, afinal, o que essa história nos ensina? No fundo, a arte também nos mostra isso: diante de uma mesma obra, de um mesmo tema ou até de um mesmo tempo histórico, ninguém enxerga exatamente da mesma forma. Cada pessoa é conduzida a um imaginário diferente a partir das próprias experiências, referências e modos de perceber o mundo.

Ao falar de passado, fiz conexão a outro momento em que dois gigantes pintaram lado a lado. Leonardo da Vinci e Michelangelo receberam uma encomenda do governo republicano de Florença: pintar dois murais, em paredes opostas, no Salone dei Cinquecento, a grande sala do conselho do Palazzo Vecchio. Leonardo da Vinci pintaria a Batalha de Anghiari, e Michelangelo pintaria a Batalha de Cascina. As duas imagens deveriam celebrar vitórias militares florentinas e exaltar a virtude cívica da república. Esse é outro momento em que conseguimos ver dois artistas do mesmo movimento tendo perspectivas muito diferentes sobre um tema extremamente parecido. Mas o mais interessante dessa história é que ambas as obras ficaram inacabadas e foram cobertas por novos murais feitos por outros artistas. Então, não. Infelizmente, não é possível visitar o palácio pintado por dois gênios simultaneamente.

No presente, isso conversa diretamente com a vida profissional. Muitas pessoas olham para setores do mercado de trabalho e concluem que não há mais espaço. Podemos refletir, por meio dessas obras, que, mesmo com a mesma formação e visões de mundo parecidas, cada pessoa tem uma maneira singular de perceber e se expressar. O problema é que muitos são convencidos de que, em ambientes corporativos, acadêmicos ou até criativos, deve-se copiar um formato ou uma linguagem para ter sucesso. Quando, na verdade, o que satura aquele setor é justamente o excesso de repetição e a falta de singularidade. Pessoas que exploram sua autenticidade e a usam para observar, correlacionar, interpretar e reorganizar o que veem geralmente se destacam em qualquer meio. Por isso, ter um olhar profundo exige mais do que repertório. Exige comparação histórica, senso de contexto e coragem para sustentar uma leitura própria. O que, inclusive, estamos treinando neste momento da coluna.



SALONE DEI CINQUECENTO, NO PALAZZO VECCHIO IN FLORENCE



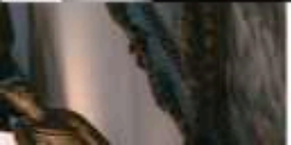
Quanto ao futuro, ao falar de arte, é difícil não pensar em como ela se comportará em meio à inteligência artificial. A arte humana continuará sendo indispensável não porque a tecnologia seja incapaz de gerar forma. A IA pode organizar padrões, recombinar estilos e acelerar processos, mas ela não carrega memória, risco, contradição, perda, desejo nem trajetória vivida. Ela opera sobre dados, enquanto o ser humano cria a partir da experiência, assim como vimos e revimos nas histórias do passado. Por isso, a discussão mais séria não é se a máquina vai substituir diretamente o artista, e sim se, em meio à facilidade da automação, o cérebro das pessoas não vai, aos poucos, atrofiar e perder essa sensibilidade que torna a arte tão bela e humana. No fim, o futuro da arte talvez pertença menos a quem consegue produzir mais e mais rapidamente, e mais a quem ainda consegue olhar o mundo com profundidade suficiente para transformar existência em sentido. Talvez seja justamente esse o papel mais valioso da arte em qualquer época: impedir que o olhar se torne automático. Quando estudamos um movimento, observamos suas rupturas, suas amizades, suas divergências e os contextos que o cercam, percebemos que nenhuma obra nasce isolada e que nenhuma leitura precisa ser superficial. A arte nos treina para perceber nuances, distinguir repetição de originalidade e reconhecer que forma e pensamento caminham juntos. Em um tempo marcado por velocidade, excesso e respostas prontas, preservar essa capacidade de olhar com profundidade talvez seja não apenas uma forma de compreender melhor o passado, mas também de continuar humano no presente.



LAURA FRANCO

@LAURAQFRANCO (INSTAGRAM, TIKTOK, SUBSTACK E YOUTUBE)

Laura Franco, 20 anos, é estudante de Medicina, pianista e criadora de conteúdo. Em seu trabalho, reúne moda, história, arte, etiqueta e cotidiano, propondo um olhar mais atento e profundo sobre a vida contemporânea. Seu propósito é compartilhar, por meio da escrita e das redes sociais, uma visão de mundo construída a partir do repertório cultural, da arte clássica, da filosofia e da observação sensível da experiência humana, inspirando outras pessoas a desenvolverem o mesmo olhar.





Orano

Arthur *Bender*

A AUTORIDADE NÃO SE COMPRA: COMO CONSTRUIR *MARCA, IMAGEM E LEGADO* NA ERA DIGITAL

Em um mundo dominado por algoritmos, exposição instantânea e atenção fragmentada, o especialista em branding Artur Bender defende que a verdadeira autoridade nasce da combinação entre autenticidade, coerência e obra. Mais do que aparecer, é preciso deixar um legado.

Arthur Bender chegou para a gravação da entrevista nos estúdios da Dinastia sempre como se espera de alguém que dedicou mais de quatro décadas ao estudo das marcas: elegantemente trajado, atento aos detalhes, bem-humorado e absolutamente disponível para a conversa. Antes mesmo de ser microfonado, surpreendeu nosso diretor, Alê Monteiro, com um gesto que traduz muito da sua personalidade. Tirou da bolsa dois de seus livros, ambos best-sellers sobre branding e posicionamento, e os entregou como presente. Entre uma conversa e outra, contou que está atualmente revisitando uma de suas obras mais conhecidas, Personal Branding, em uma nova edição adaptada aos desafios e transformações dos tempos atuais.

Quando as câmeras ainda nem haviam começado a gravar, a conversa já fluía naturalmente. Branding, comportamento, imagem, consumo, autenticidade e comunicação surgiam como temas inevitáveis entre duas pessoas apaixonadas pelo poder das narrativas. Foi então que Bender fez uma observação que sintetizaria boa parte da entrevista. Ao comentar sobre o lançamento da Trend, uma revista física em plena era digital, ele sorriu e classificou o projeto como um verdadeiro "ato de resistência". Para ele, enquanto o mundo acelera rumo ao descarte instantâneo, ao consumo rápido de conteúdo e à superficialidade dos algoritmos, produzir uma publicação impressa, feita para ser folheada, colecionada e revisitadas vezes sem conta, representa um posicionamento claro de valor, autenticidade e permanência.

Essa percepção serviu como ponto de partida para uma conversa profunda sobre construção de imagem, autoridade e relevância em uma sociedade dominada pela economia da atenção. Ao longo de quase uma hora de entrevista, Bender compartilhou reflexões acumuladas em 43 anos de experiência, defendendo uma tese que se tornou o fio condutor de sua trajetória: marcas fortes não nascem da pressa, mas da coerência; não se sustentam pela exposição, mas pelo significado; e não constroem legado apenas pela imagem, mas pela obra que deixam para trás.

Em uma época em que qualquer pessoa pode alcançar milhões de visualizações com um único vídeo e desaparecer na semana seguinte, construir uma marca sólida tornou-se um dos maiores desafios da contemporaneidade. A velocidade das redes sociais criou uma cultura de imediatismo que privilegia o impacto rápido, mas raramente recompensa a profundidade. Para Artur Bender, uma das maiores referências brasileiras em branding, essa lógica tem produzido uma geração obcecada por visibilidade, mas pouco comprometida com a construção de significado. Após mais de quatro décadas dedicadas ao estudo das marcas, ele defende que a verdadeira autoridade continua seguindo princípios que atravessam o tempo.

Bender iniciou sua trajetória nos anos 1980, quando a comunicação ainda era artesanal. Passou pela serigrafia, pela indústria gráfica, pela publicidade e pelo planejamento estratégico,

acompanhando cada transformação tecnológica das últimas décadas. Viu nascer a telefonia móvel, a internet comercial, as redes sociais e, agora, a inteligência artificial. Apesar de todas essas revoluções, ele afirma que os fundamentos da construção de marca permanecem praticamente os mesmos. "As ferramentas mudaram, mas os fundamentos continuam. Quando estou em dúvida, volto sempre para eles", resume.

Para o especialista, um dos grandes problemas do ambiente digital é a pressão constante para simplificar excessivamente ideias complexas. A necessidade de atender aos algoritmos e produzir conteúdo em escala frequentemente transforma reflexões profundas em mensagens superficiais. O resultado é uma sensação cada vez mais comum entre os usuários das redes sociais. "Muitas vezes a gente passa meia hora consumindo conteúdo e sente que o cérebro andou para trás. Não ficou nada, não agregou nada", afirma.

Essa realidade, segundo ele, exige uma nova postura de profissionais, empreendedores e criadores de conteúdo. Em vez de competir apenas pela velocidade, talvez seja necessário competir pela profundidade. Bender acredita que existe espaço para quem consegue traduzir temas complexos em linguagem acessível sem abrir mão da consistência intelectual. Ele cita nomes como Clóvis de Barros Filho, Luiz Felipe Pondé e Leandro Karnal como exemplos de pensadores que conseguiram construir relevância nas redes sociais justamente por oferecerem conteúdo que ultrapassa a superficialidade dominante.

Mas construir uma marca forte vai muito além da produção de conteúdo. Para Bender, as grandes marcas são aquelas capazes de criar significado. Elas não vendem apenas produtos ou serviços, mas histórias, símbolos e pertencimento. É o caso de marcas de luxo que transformam características aparentemente negativas em atributos desejados. "As pessoas não compram apenas funcionalidade. Elas compram significado emocional", explica. É justamente essa narrativa que diferencia um produto comum de um objeto de desejo.

Ao longo da entrevista, Bender reforça que as marcas mais poderosas do mundo são aquelas que conseguiram sustentar uma narrativa coerente por décadas. Mercedes-Benz continua associada ao prestígio, Volvo à segurança e BMW ao prazer de dirigir. O mesmo acontece com personalidades que se transformam em referências dentro de suas áreas. A consistência cria reconhecimento e o reconhecimento gera valor.

"As marcas que conseguem contar uma boa história tornam-se imunes ao tempo", afirma.

Essa lógica também se aplica às marcas pessoais. Em um mercado cada vez mais competitivo, não basta ser competente. É preciso ser reconhecido. E esse reconhecimento passa inevitavelmente pela construção de uma identidade clara. Segundo Bender, posicionamento significa apropriar-se de um território específico e defendê-lo com coerência ao longo do tempo. Ele cita o fotógrafo David LaChapelle e o brasileiro Sebastião Salgado como exemplos de profissionais completamente distintos, mas igualmente fortes. Cada um construiu uma linguagem própria e uma assinatura visual impossível de ser confundida.

Outro aspecto que ganhou relevância nos últimos anos é a humanização das marcas. As novas gerações desejam saber quem está por trás das empresas, quais valores movem seus fundadores e quais causas defendem. Se antes os consumidores se relacionavam apenas com logotipos, hoje querem conhecer as pessoas por trás deles. "Eu quero saber quem é o dono, o que ele pensa, no que ele acredita. Isso cria conexão", observa. Para ele, o fundador tornou-se uma extensão natural da cultura da marca.

Nesse contexto, as redes sociais assumem um papel central. Embora possam ser ambientes hostis e muitas vezes dominados pela superficialidade, elas oferecem uma oportunidade inédita de construção de autoridade. A diferença é que o conceito de autoridade mudou radicalmente. "Antigamente a autoridade vinha de esconder conhecimento. Hoje ela nasce de compartilhar conhecimento", afirma Bender. O acesso à informação democratizou o aprendizado e tornou a generosidade intelectual um dos ativos mais valiosos da era digital.

A imagem pessoal também continua sendo uma ferramenta poderosa na construção de reputação. Para o especialista, a forma como uma pessoa se apresenta ao mundo comunica mensagens antes mesmo de qualquer palavra ser dita. Não se trata de vaidade ou superficialidade, mas de estratégia. Vestuário, postura e comportamento funcionam como códigos que ajudam as pessoas a compreender rapidamente quem somos e quais valores representamos. "A imagem é uma forma de dizer ao mundo quem eu sou", explica.



No entanto, Bender alerta para um equívoco cada vez mais comum: acreditar que imagem, sozinha, é suficiente. Em uma cultura dominada pela aparência, muitos profissionais investem na estética da autoridade sem desenvolver substância. É justamente nesse ponto que ele introduz um conceito fundamental para compreender o que chama de autenticidade. Para ele, a autenticidade não é fazer qualquer coisa em nome da individualidade, mas alinhar imagem, comportamento e realização concreta.

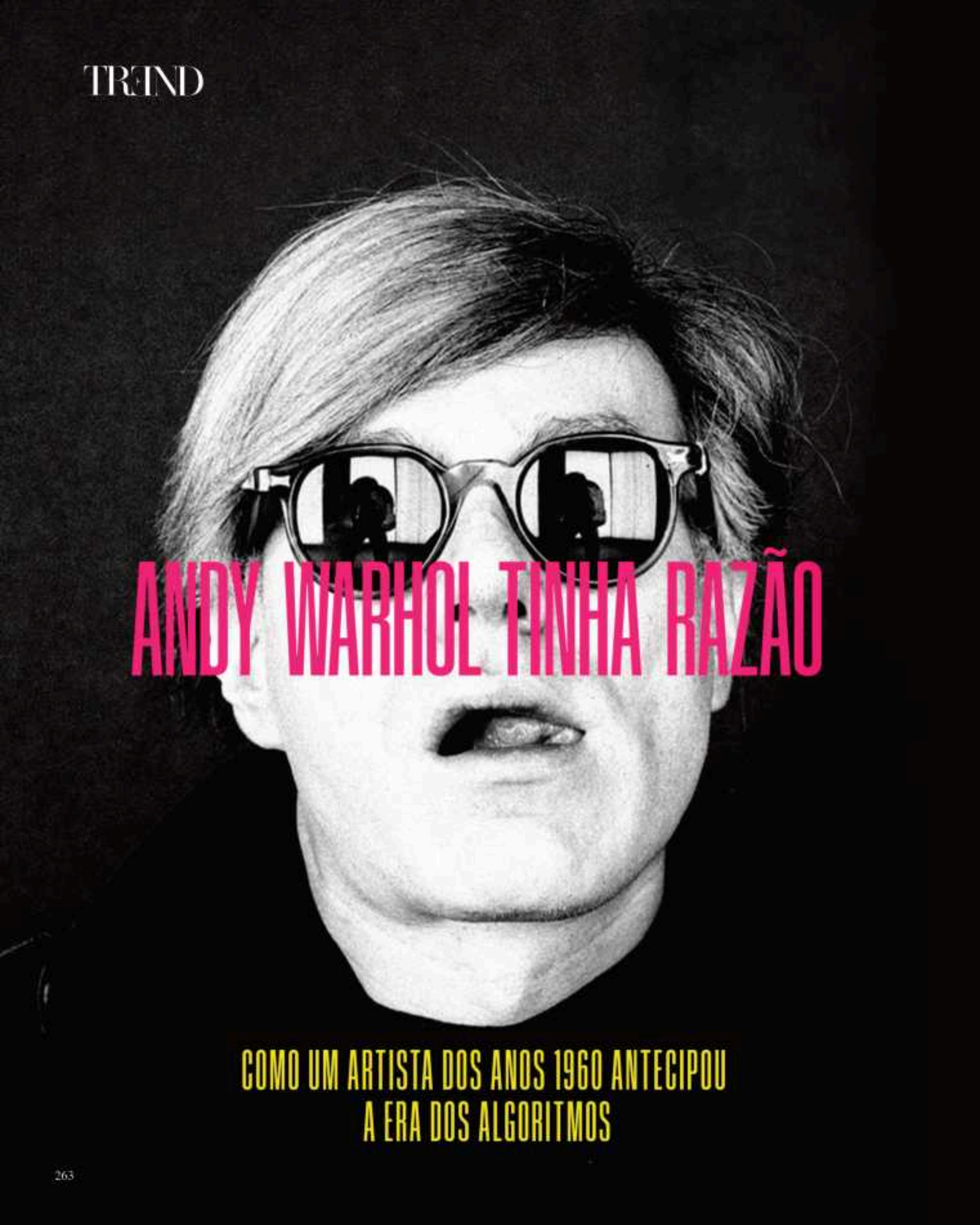


"Uma imagem que te represente, atitudes coerentes com essa imagem e uma obra. Esses são os três pilares da autenticidade", afirma. A obra, segundo ele, é aquilo que permanece quando o brilho da exposição desaparece. São os livros escritos, as empresas construídas, os projetos realizados, as ideias que transformam pessoas. É a contribuição real que alguém deixa para o mundo. Sem obra, toda construção de imagem torna-se frágil e passageira.

Em uma sociedade que premia tendências instantâneas e celebridades de curto prazo, Bender faz uma defesa contundente da construção paciente de legado. Para ele, o verdadeiro sucesso não está em tornar-se assunto do momento, mas em permanecer relevante ao longo do tempo. "Existe uma ansiedade enorme de querer fazer sucesso e ganhar dinheiro sem construir uma obra. Muita gente vira trending topic por uma semana e depois desaparece das nossas vidas." Em um universo dominado por algoritmos, essa talvez seja a reflexão mais importante: a autoridade genuína não nasce da exposição, mas da combinação rara entre significado, coerência e legado.



por AleMonteiro



ANDY WARHOL TINHA RAZÃO

COMO UM ARTISTA DOS ANOS 1960 ANTECIPOU A ERA DOS ALGORITMOS



Muito antes das redes sociais, o pai da Pop Art compreendeu que a repetição cria influência, que a visibilidade gera poder e que a fama se tornaria um produto de consumo rápido. Seu legado ajuda a explicar o mundo digital em que vivemos hoje.

"NO FUTURO, TODOS SERÃO FAMOSOS POR 15 MINUTOS."

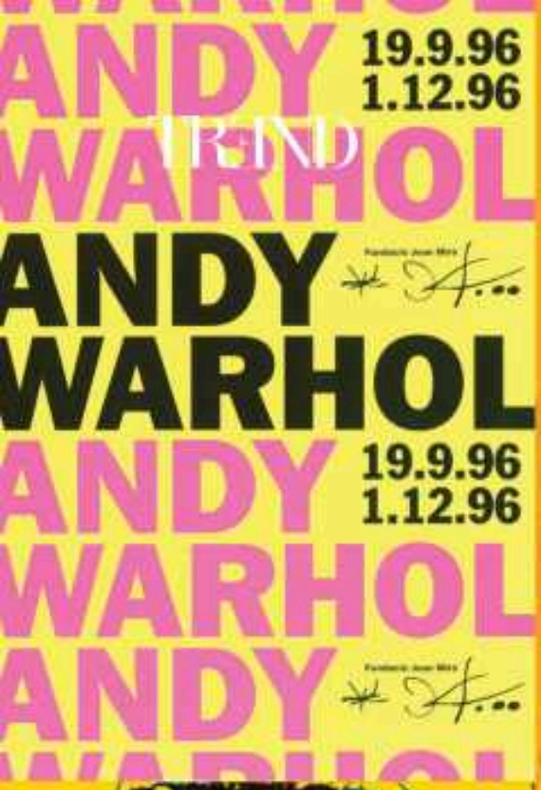
Poucas frases atravessaram tantas décadas com tanta força quanto a célebre previsão atribuída a ***Andy Warhol***. Quando a pronunciou, em meados dos anos 1960, o artista parecia fazer uma provocação sobre a cultura das celebridades. Hoje, porém, a frase soa quase como um relatório antecipado da sociedade digital. Em uma era dominada por redes sociais, influenciadores, algoritmos e viralizações instantâneas, a observação de Warhol deixou de ser uma reflexão artística para se transformar em uma descrição precisa da realidade contemporânea.

Mas talvez a genialidade de Warhol não estivesse apenas na frase. Ela estava, sobretudo, em sua própria obra.

Décadas antes do surgimento da internet, o artista já trabalhava conceitos que hoje sustentam a lógica das plataformas digitais. Suas telas reproduziam as mesmas imagens inúmeras vezes, exploravam cores intensas, contrastes quase agressivos e transformavam figuras públicas em produtos visuais facilmente reconhecíveis. Ao multiplicar rostos como os de Marilyn Monroe, Elvis Presley e Elizabeth Taylor, Warhol não apenas retratava celebridades. Ele investigava como a repetição molda o imaginário coletivo e transforma pessoas em ícones culturais.

Vista a partir de 2026, sua estética parece surpreendentemente familiar. O que suas serigrafias faziam manualmente, os algoritmos fazem hoje em escala planetária. A repetição constante de uma imagem, de uma tendência ou de um rosto continua sendo uma das ferramentas mais eficazes para capturar atenção. O mesmo vídeo aparece diversas vezes no feed. O mesmo influenciador surge em múltiplas plataformas. O mesmo assunto domina conversas, manchetes e timelines durante dias. Warhol compreendeu antes de todos que a exposição repetida não apenas aumenta a visibilidade, mas cria uma sensação de familiaridade que o cérebro humano tende a interpretar como relevância.




ANDY
19.9.96
1.12.96
WARHOL
ANDY
WARHOL
19.9.96
1.12.96
WARHOL
ANDY




"I Shot
Andy Warhol"







Essa percepção encontra respaldo em estudos contemporâneos da psicologia cognitiva. O chamado "efeito da mera exposição" demonstra que tendemos a confiar mais e a nos sentir mais confortáveis com aquilo que vemos repetidamente. Embora não utilizasse linguagem científica, Warhol entendia intuitivamente esse mecanismo. Sua arte era, em muitos aspectos, uma investigação sobre o poder da repetição na construção da fama. Não por acaso, ele escolheu justamente os rostos mais reconhecíveis da cultura popular. Seu interesse não estava apenas na pessoa retratada, mas no fenômeno social da celebridade.

O mundo digital elevou esse processo a uma escala sem precedentes. Hoje, qualquer indivíduo com um smartphone pode alcançar milhões de pessoas sem a intermediação de jornais, emissoras de televisão ou grandes estúdios. Um vídeo publicado pela manhã pode transformar um desconhecido em fenômeno global antes do anoitecer. A democratização da visibilidade cumpriu exatamente aquilo que Warhol imaginava. O acesso à fama deixou de ser restrito a artistas, atletas ou figuras públicas tradicionais. Tornou-se potencialmente acessível a qualquer pessoa conectada à internet.

No entanto, a mesma velocidade que impulsiona a ascensão também acelera o esquecimento. A economia da atenção funciona como uma esteira em movimento permanente. Novos assuntos substituem antigos. Novos rostos substituem rostos que pareciam onipresentes apenas alguns dias antes. A viralização tornou-se um processo industrial. O algoritmo recompensa o impacto imediato, a capacidade de gerar reação e a retenção de audiência. A profundidade, muitas vezes, torna-se secundária diante da necessidade constante de produzir estímulos novos.

É justamente nesse ponto que a reflexão de ***Warhol*** revela uma dimensão ainda mais sofisticada. ***Sua frase nunca foi apenas sobre fama***. Era sobre efemeridade. Era sobre a transformação da atenção em mercadoria. Era sobre uma sociedade cada vez mais fascinada pela imagem e menos interessada na permanência. O artista percebeu que a cele-






MARYLIN MO
ANDY WARH
1964





CONTUDO, EXISTE UMA DIFERENÇA FUNDAMENTAL ENTRE VISIBIULIDADE E RELEVÂNCIA

A primeira pode ser conquistada em minutos. A segunda exige anos. A fama é um pico de atenção. A reputação é uma construção contínua. Empresas, líderes, artistas e criadores que permanecem influentes ao longo do tempo compreendem essa distinção. Eles utilizam a visibilidade como ponto de partida, não como objetivo final. Porque, em um ambiente onde todos podem conquistar seus quinze minutos, o verdadeiro diferencial está na capacidade de construir algo que sobreviva quando os holofotes inevitavelmente se apagam.

Se estivesse vivo hoje, Andy Warhol provavelmente observaria as redes sociais com fascínio. Não porque elas contradizem sua visão de mundo, mas porque a confirmam. Os feeds infinitos, a repetição de conteúdos, a busca incessante por engajamento e a fabricação acelerada de celebridades representam a materialização de muitas das ideias que ele explorou em sua arte. Mais do que prever a fama instantânea, Warhol antecipou a própria arquitetura cultural do século XXI. E talvez essa seja sua profecia mais impressionante: compreender, décadas antes de todos nós, que o futuro seria governado pela atenção.

por AleMonteiro
@oalemonteiro





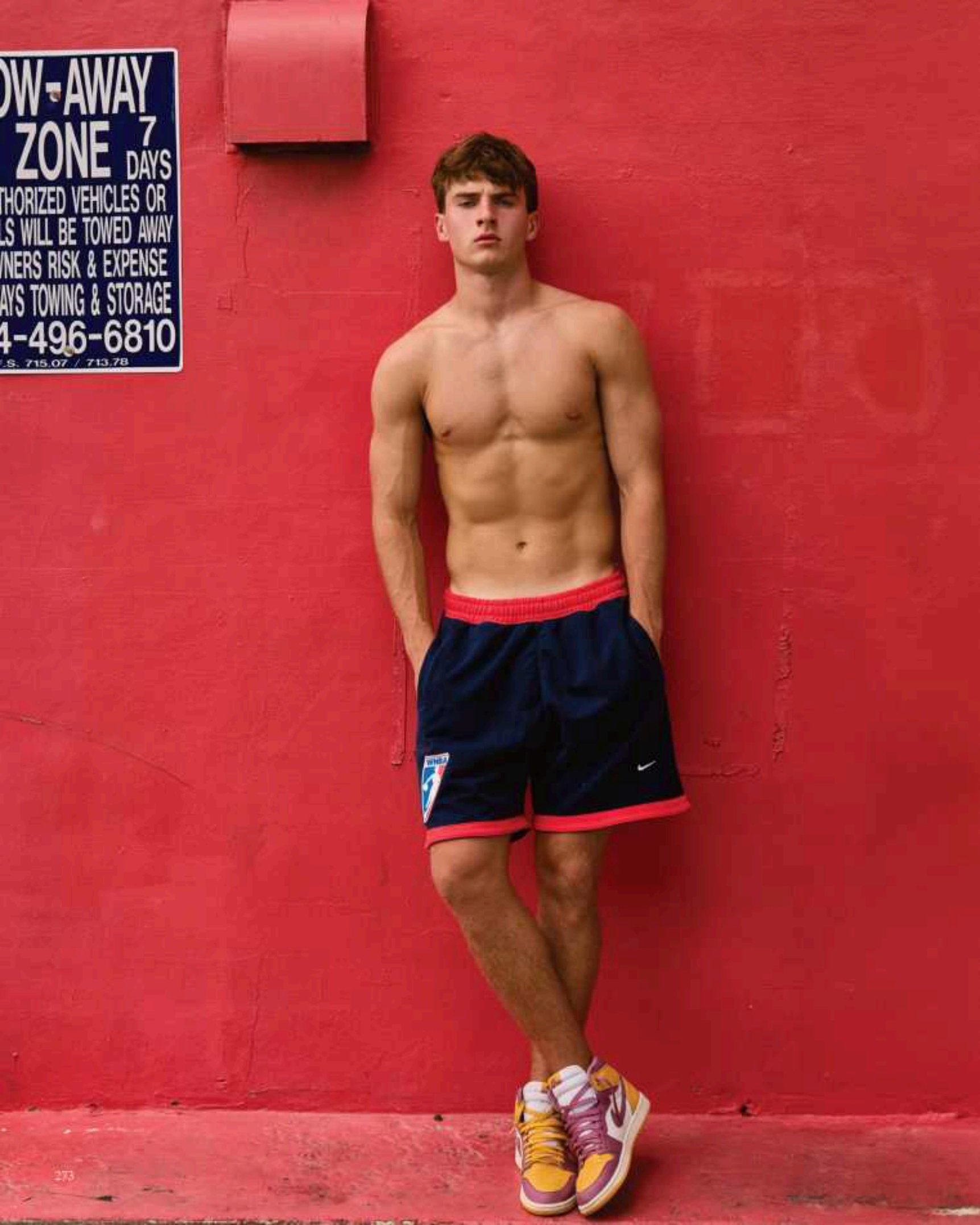
AFTERPARTY

in Miami

FOTO MARCIO AMARAL






OW-AWAY
ZONE 7 DAYS
THORIZED VEHICLES OR
LS WILL BE TOWED AWAY
VNERS RISK & EXPENSE
AYS TOWING & STORAGE
4-496-6810
.S. 715.07 / 713.78

Quando as luzes da festa se apagam, é nas ruas que as histórias mais interessantes começam. Em After Party, Marcio Amaral transporta seu olhar para Miami e transforma a cidade em cenário de uma narrativa contemporânea, onde estilo, liberdade e atitude se encontram em perfeita sintonia.

Protagonizado pelos modelos Diego Jorge e Ethan (Rock Management), o editorial captura a energia espontânea de uma geração que faz da moda uma extensão da própria personalidade. Em sua versão mais descontraída, sexy e autêntica, a dupla percorre a cidade entre avenidas iluminadas, fachadas icônicas e cenários urbanos que traduzem o espírito vibrante de Miami.

Com forte inspiração no street style internacional, a produção combina elegância e casualidade em uma estética que reflete a atmosfera cosmopolita da cidade. Silhuetas contemporâneas, styling descomplicado e uma atitude naturalmente cool constroem uma narrativa visual marcada pela autenticidade, pela cumplicidade e pela liberdade de viver o momento.

Ao longo do editorial, Diego Jorge e Ethan transformam as ruas em passarela e cenário de uma história que vai além da moda. Entre conversas, caminhadas e a energia que permanece no ar após uma noite memorável, as imagens revelam uma conexão genuína entre os personagens e a cidade, criando um retrato moderno da masculinidade contemporânea.

Mais do que um editorial fashion, After Party é uma celebração da amizade, do movimento e da cultura urbana. Uma história visual que encontra beleza na espontaneidade e transforma o cotidiano em algo extraordinário, tendo Miami como pano de fundo para uma narrativa cheia de personalidade.

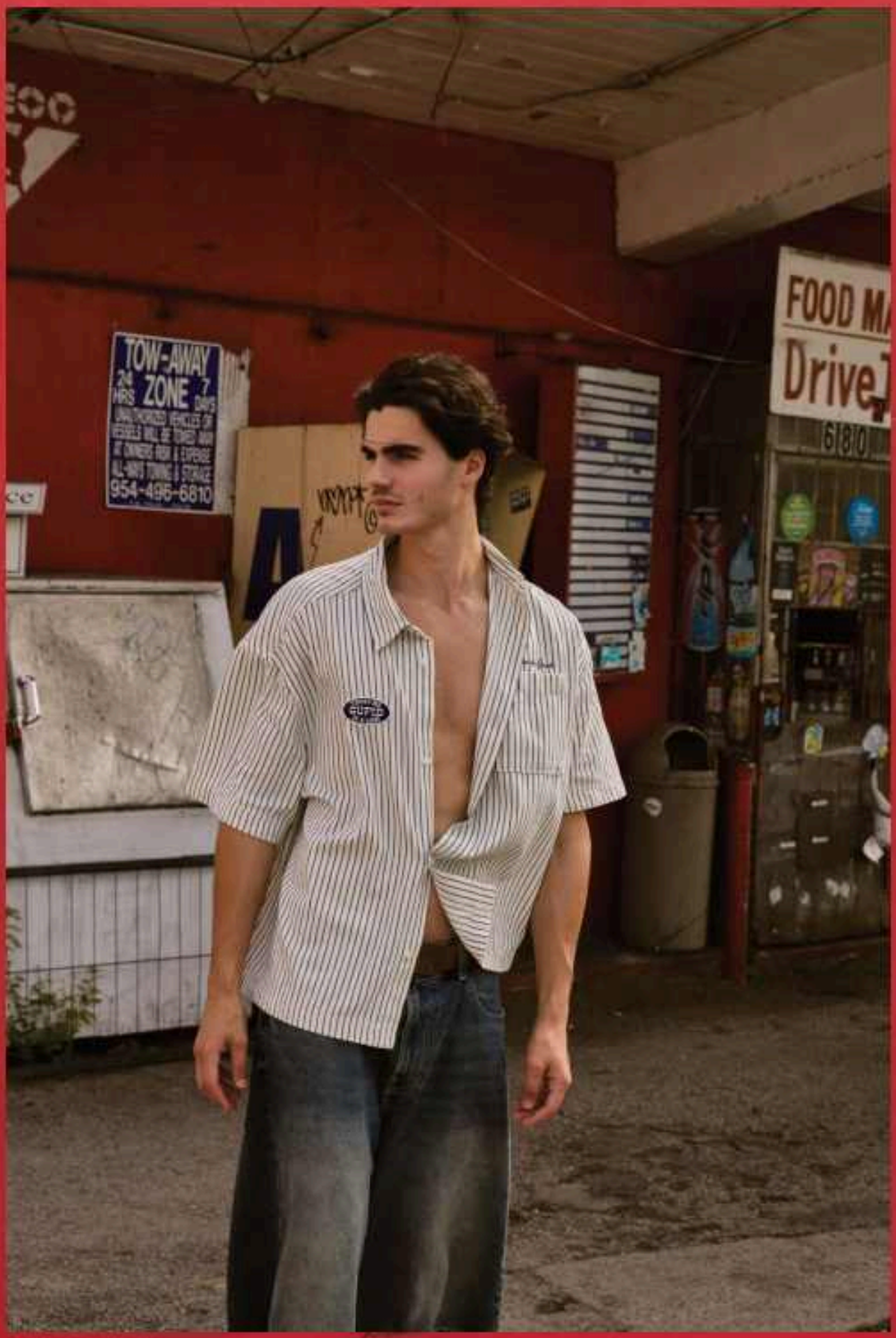
TREND


PICK-UP
HOME OF THE 2-FOR
CHICKEN BITES FRIES BOX
SIDES
FAMOUS FRIES
SWEET SIDE
BACON SOURDOUGH
PHILLY CHEESESTEAK BITES


2 FOR $5
2 FOR $7
CHICKEN BITES FRIES BOX
EVERYDAY DEALS
SIDES
FAMOUS FRIES
LOADED FRIES
CHICKEN BITES & FRIES BOX
MONSTERELLA STIX
PHILLY CHEESESTEAK BITES
SWEET SIDE
APPLE PIE
DRINKS
SAUCES
PICK-UP
PHILLY CHEESESTEAK BITES
CLASSIC MILKSHAKES


HOME OF THE 2-FOR
MAKE IT A MEAL $3.25 MORE
2 FOR $5
2 FOR $7
CHICKEN BITES & FRIES BOX
EVERYDAY DEALS
BACON SOURDOUGH SANDWICHES
Bacon Sourdough Bullard
Bacon Sourdough Chicker
PHILLY CHEESESTEAK BITES
COMBOS
GO LARGE
SWEET SIDE
DRINKS
SAUCES
ANALOG STUDIO


ORDER
COMBO
1 BIG BUFORD
COMBO
$11.29
SANDWICH
$6.59
2 SMOKY BBQ BACON BUFORD
COMBO
$12.29
SANDWICH
$7.79
3 BACONZILLA!
COMBO
$12.29
SANDWICH
$7.49
4 FINISH LINE BURGE
COMBO
$ 9.49
SANDWICH
$4.99
5 FRY LOVER'S DOUBL
COMBO
$ 8.99
SANDWICH
NEW
Strawberry
CHEESECAKE
$2.99
Sip like a
Superstar at
SummerSlam
WIN
RESTAURANT HOURS
Sun.-Wed. 10:30AM – 02:00AM
Thursday 10:30AM – 04:00AM
Fri.-Sat. 10:30AM – 04:00AM
REWARDS
JOIN AND GET
BOGO
ANY SANDWICH
ENJOY EXCLUSIVE DEALS AND MORE!
FOR GUESTS
PAYING IN CASH
FREE!



T-shirt and pants Zara



Hoodie Nike para NBA




ank you
or your
usiness,
olease
me back
soon!



FOTO MARCIO AMARAL
STYLIST LIANDRA SKYPE 360°
MODELS ETHAN AND DIEGO JOSE
ROCKMODEL


a-Co



Camisa Rafael Cipriano

THE ETERNAL IT BOY

LÉO PICON

Dentro da Picon House, um mergulho na mente criativa de um dos nomes mais influentes da cultura, da moda e do comportamento digital brasileiro.



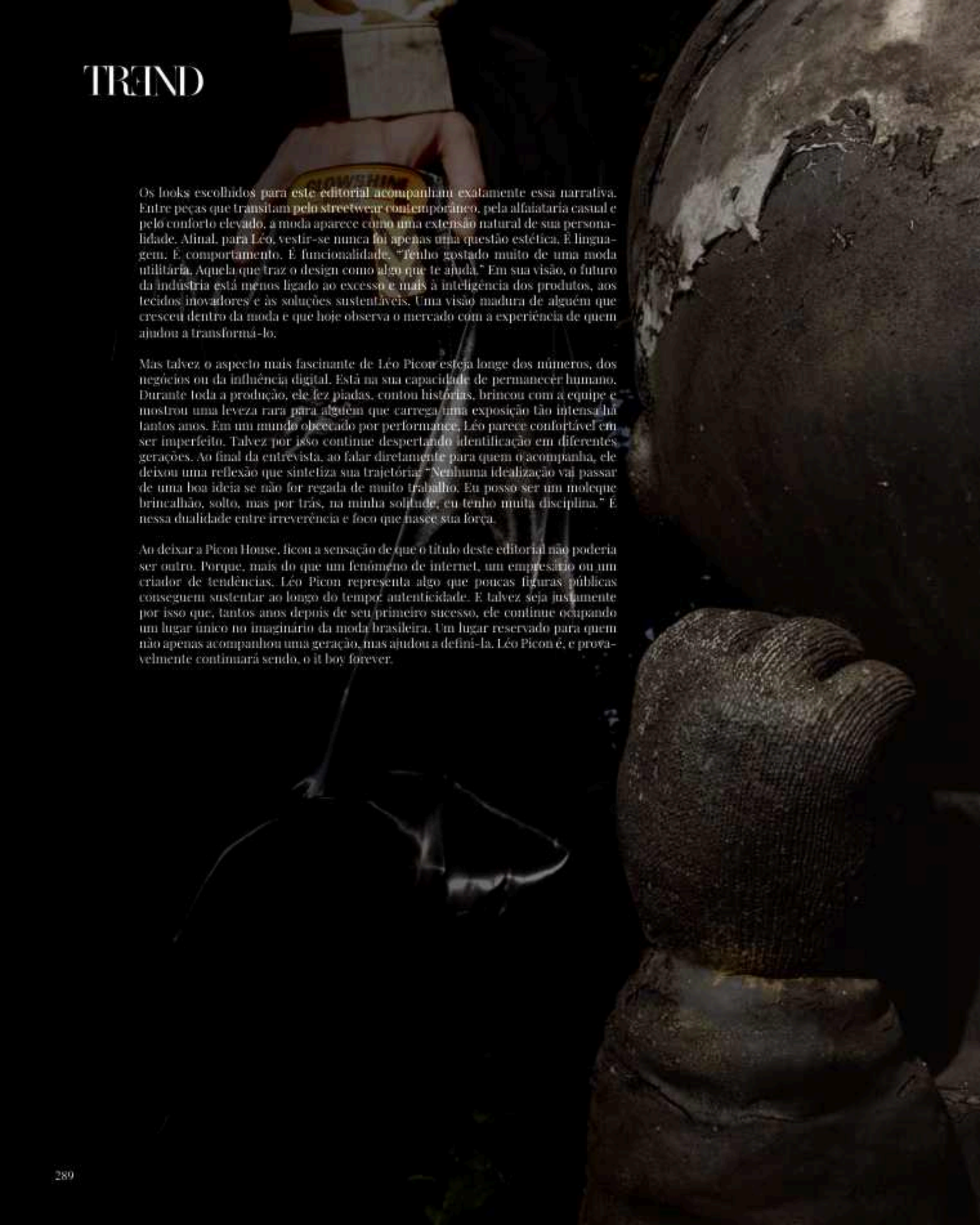
Cassco Rafael Garmon
Camiseta e Calça
GlowShine



Existem pessoas que seguem tendências. Outras as criam. E existe Léo Picon, alguém que parece habitar um espaço raro entre os dois universos. Fotografado por Glauber Bassi, com styling de Rafael Menezes, este editorial aconteceu dentro da Picon House, endereço que funciona quase como uma extensão da personalidade de seu dono. Fomos recebidos por Léo e sua mãe em um dia comum de sua rotina multifacetada. Quando chegamos, ele gravava o programa "Pode Entrar", do Pode Delas. Entre câmeras, conversas e compromissos, a casa pulsava criatividade. Mas o que mais chamou atenção foi perceber que, por trás do empresário, DJ, comunicador, músico e fundador de uma das marcas mais relevantes do streetwear brasileiro, existe alguém que continua preservando a espontaneidade de quem nunca deixou de se divertir com o próprio caminho.

Traduzir Léo Picon em imagens talvez seja um desafio justamente porque ele nunca se limitou a uma única identidade. Durante anos foi um dos maiores fenômenos da internet brasileira, tornando-se um dos eternos it boys do país. Depois veio a Approve, marca criada em 2012 quando o streetwear ainda engatinhava no Brasil. Durante nossa conversa, ele relembrou esse momento pioneiro. "A gente queria criar roupas para a gente. Nossa loja era no Facebook e a gente vendia para os nossos amigos, para quem acompanhava a gente na internet." Mais do que vender roupas, Léo percebeu cedo algo que definiria toda sua trajetória: a capacidade de observar comportamentos antes que eles se tornassem tendência. "Observar em silêncio é muito bom", diz ele. Uma frase simples, mas que ajuda a explicar como alguém consegue permanecer relevante por mais de uma década em um mercado que vive de novidades.

Essa habilidade de enxergar movimentos antes da maioria também aparece em sua relação com a música. Durante o ensaio, enquanto transitava entre um look e outro, Léo falou sobre referências que moldaram sua identidade artística. "Quando eu comecei a gravar mais sons, eu olhava muito para o Machine Gun Kelly e para o Bad Bunny. Eram caras que ainda estavam crescendo e a gente pensava: se eu for desenvolver uma identidade musical, preciso estar nessa onda." O mesmo olhar que anos atrás o levou a descobrir conceitos de streetwear em Boston e transformá-los em uma marca nacionalmente relevante agora o conduz pela música. Não por acaso, ele evita rótulos. Quando perguntado sobre o gênero de seu trabalho musical, responden com bom humor: "Tenho dificuldade em dar um nome porque minha vontade como músico é circular todos os gêneros." A frase resume perfeitamente quem ele é. Um criador que nunca aceitou fronteiras criativas



Os looks escolhidos para este editorial acompanham exatamente essa narrativa. Entre peças que transitam pelo streetwear contemporâneo, pela alfaiataria casual e pelo conforto elevado, a moda aparece como uma extensão natural de sua personalidade. Afinal, para Léo, vestir-se nunca foi apenas uma questão estética. É linguagem. É comportamento. É funcionalidade. "Tenho gostado muito de uma moda utilitária. Aquela que traz o design como algo que te ajuda." Em sua visão, o futuro da indústria está menos ligado ao excesso e mais à inteligência dos produtos, aos tecidos inovadores e às soluções sustentáveis. Uma visão madura de alguém que cresceu dentro da moda e que hoje observa o mercado com a experiência de quem ajudou a transformá-lo.

Mas talvez o aspecto mais fascinante de Léo Picon esteja longe dos números, dos negócios ou da influência digital. Está na sua capacidade de permanecer humano. Durante toda a produção, ele fez piadas, contou histórias, brincou com a equipe e mostrou uma leveza rara para alguém que carrega uma exposição tão intensa há tantos anos. Em um mundo obcecado por performance, Léo parece confortável em ser imperfeito. Talvez por isso continue despertando identificação em diferentes gerações. Ao final da entrevista, ao falar diretamente para quem o acompanha, ele deixou uma reflexão que sintetiza sua trajetória: "Nenhuma idealização vai passar de uma boa ideia se não for regada de muito trabalho. Eu posso ser um moleque brincalhão, solto, mas por trás, na minha solitude, eu tenho muita disciplina." É nessa dualidade entre irreverência e foco que nasce sua força.

Ao deixar a Picon House, ficou a sensação de que o título deste editorial não poderia ser outro. Porque, mais do que um fenômeno de internet, um empresário ou um criador de tendências, Léo Picon representa algo que poucas figuras públicas conseguem sustentar ao longo do tempo: autenticidade. E talvez seja justamente por isso que, tantos anos depois de seu primeiro sucesso, ele continue ocupando um lugar único no imaginário da moda brasileira. Um lugar reservado para quem não apenas acompanhou uma geração, mas ajudou a defini-la. Léo Picon é, e provavelmente continuará sendo, o it boy forever.





Blazer, Shirt, Cargopants, Boots, Necklace, Ohrstecker, Ring








THE END



Jaqueta xadrez Casa Artucho, Calça linnen Casa Artucho e cachimbo Xavier de Menezes



FOTO: GLAUBER BASSI

BEAUTY: ZIEL MOURA

STYLING E TENDÊNCIA: RAFAEL MENEZES

ASSISTENTE: NELSON MARTINEZ

RENATA *KUERTEN*

MATERIAL*GIRL*

Entre a volta da estética analógica, a rejeição da perfeição artificial e a busca por identidade, a modelo e apresentadora revela por que a emoção voltou a ser o verdadeiro luxo da indústria fashion.

DIREÇÃO E STYLING RAFAEL MENEZES

FOTO PASCHOAL RODRIGUEZ



Casaco de lã com saia plissada de seda Gianni Versace; sutiã e meias Agent Provocateur

Pontualmente às duas da tarde, Renata Kuerten atravessou a porta do estúdio de Pascoal Rodrigues, no Brooklin Paulista, trazendo consigo uma presença rara dentro de uma indústria acostumada a excessos performáticos. O cabelo ainda úmido, recém-lavado, o rosto completamente sem maquiagem e um sorriso espontâneo que imediatamente preencheu o ambiente. Simpática, luminosa e absolutamente disponível, ela cumprimentou cada pessoa da equipe antes mesmo de olhar os looks organizados para o ensaio. Havia algo profundamente elegante naquela ausência de esforço. Depois dos compromentos iniciais, enquanto observava atentamente os looks escolhidos e conversava com curiosidade genuína sobre o conceito do editorial, a proposta estética da revista e o desejo de resgatar uma imagem mais conceitual, mais artística, quase rebelde. Encantou-se especialmente com a valorização do analógico, da fotografia que respira textura, sombra e silêncio. "Existe uma emoção diferente quando a imagem parece viva", comentou em meio às conversas iniciais, antes de sentar na cadeira de maquiagem da multifacetada Maxime Weber. Entre referências de beleza, conversas sobre feminilidade contemporânea e caminhos visuais possíveis para o ensaio, decidiram abandonar qualquer excesso óbvio. A escolha final foi uma pequena peruca preta, quase cinematográfica, carregada de mistério e personalidade.

A cena parecia resumir perfeitamente o momento atual da moda. Durante décadas, a indústria viveu sustentada por uma distância quase ritualística entre imagem e realidade. As campanhas eram inalcançáveis, as modelos pareciam criaturas míticas e a estética da perfeição funcionava como linguagem dominante. Hoje, porém, tudo acontece diante dos olhos do público, em tempo real. E é justamente nessa transformação que Renata identifica uma mudança profunda na maneira como a moda se relaciona com as pessoas. "A moda ganhou proximidade", afirma. Para ela, o acesso imediato aos desfiles, campanhas e bastidores democratizou não apenas a informação, mas também a possibilidade de pertencimento. "Hoje conseguimos acompanhar um desfile em tempo real através da internet, conhecer novas marcas e participar dessa conversa de uma forma muito mais acessível." Ainda assim, existe uma nostalgia sutil em sua fala ao lembrar de uma época em que o encantamento era construído lentamente. "Antigamente, existia uma expectativa maior em torno dos editoriais, dos bastidores, daquele momento certo de revelar uma imagem." O desafio contemporâneo, segundo ela, é encontrar equilíbrio entre velocidade e essência. Porque, para Renata, moda nunca foi apenas roupa. "Ela é narrativa, identidade e expressão."

Talvez por isso exista hoje uma evidente fadiga coletiva da perfeição artificial. Depois de anos dominados por filtros extremos, imagens excessivamente polidas e uma estética quase clínica da beleza, a indústria parece finalmente voltar os olhos para aquilo que é imperfeito, humano e emocionalmente reconhecível. Renata acredita que esse movimento não nasce de estratégia, mas de necessidade. "Existe hoje uma valorização maior do que é real, humano e autêntico, porque o público quer se reconhecer nas imagens, nas histórias e nas experiências que consome." O retorno da fotografia crua, dos filmes em película, dos bastidores espontâneos e da maquiagem menos construída revela um desejo de conexão genuína em meio ao excesso visual contemporâneo. "As pessoas querem ver textura, emoção, personalidade", explica. "Querem enxergar beleza na imperfeição também." E talvez seja justamente essa vulnerabilidade visual que esteja devolvendo potência à moda. Porque imagens impecáveis podem impressionar por segundos, mas são as imagens humanas que permanecem na memória.

Ao longo de sua trajetória, Renata observou também uma transformação radical no impacto da moda sobre o comportamento das pessoas. Se antes vestir-se significava principalmente pertencer a um grupo, hoje significa afirmar individualidade. "A moda continua impactando profundamente a vida das pessoas, talvez até de uma forma mais intensa", reflete. Para ela, o vestir deixou de ser apenas uma ferramenta estética para se tornar uma extensão emocional da identidade. "As pessoas querem usar a moda para comunicar quem são, seus valores, suas emoções e seus momentos de vida." Existe quase uma dimensão psicológica nessa relação contemporânea com a roupa. Mais do que tendência, ela se tornou linguagem pessoal. "Uma roupa pode transformar a maneira como alguém se posiciona, se enxerga e ocupa os espaços." E é justamente essa capacidade de reconstruir autoestima e percepção de si que continua tornando a moda relevante em uma era marcada pela efemeridade.











Jaqueta em seda e calça em veludo
Gianni Versace outono inverno 1991/92



"A roupa e a imagem são apenas a camada visível de algo muito mais profundo: identidade, autoestima, trajetória e transformação pessoal."

Como apresentadora do universo da moda, Renata passou a enxergar a indústria sob uma ótica ainda mais humana. O que mais a interessa hoje não é necessariamente a estética final, mas as histórias invisíveis que existem antes dela. "A roupa e a imagem são apenas a camada visível de algo muito mais profundo: identidade, autoestima, trajetória e transformação pessoal." Ao acompanhar mulheres reais diante das câmeras, ela percebeu o quanto moda e emoção caminham juntas. Mulheres inseguras, fragilizadas ou desconectadas de si mesmas muitas vezes reencontram confiança através da reconstrução da própria imagem. "Existe algo muito poderoso quando uma mulher volta a se enxergar com carinho", diz. Em um universo frequentemente acusado de superficialidade, Renata aponta justamente o contrário: a moda como espaço de reconexão emocional e descoberta pessoal.

Em tempos acelerados, onde tendências nascem e desaparecem em questão de dias, Renata acredita que apenas uma coisa permanece intacta: a verdade. "O que realmente atravessa o tempo é aquilo que gera emoção, identificação e conexão genuína." Para ela, imagens memoráveis não são necessariamente as mais perfeitas, mas as mais honestas. O mesmo vale para mulheres e trajetórias dentro da indústria. O que sustenta relevância hoje não é apenas estética, mas autenticidade, personalidade e sensibilidade. Talvez por isso sua presença naquele estúdio, horas antes de qualquer flash ou produção final, tenha sido tão simbólica. Sem maquiagem, sem personagem, sem esforço performático. Apenas uma mulher confortável na própria essência. E em uma era obcecada por filtros, talvez isso seja a coisa mais sofisticada que a moda conseguiu recuperar. Os looks escolhidos para o editorial reforçam exatamente essa ideia de permanência dentro da moda. Todas as peças usadas por Renata pertencem ao universo icônico de Gianni Versace dos anos 80 e 90, carregando não apenas valor histórico, mas também uma força estética que atravessa gerações. Em vez de apenas vestir arquivos de moda, o editorial propõe um novo olhar sobre essas criações, ressignificando silhuetas, excessos e códigos visuais que marcaram uma era. Existe algo profundamente contemporâneo em revisitar peças tão emblemáticas sob uma perspectiva mais humana, sensível e autoral. Mais do que nostalgia, o resultado traduz a moda como memória viva, capaz de conectar passado, presente e identidade em uma mesma imagem.

por Daizi Suchoj





Saia e xale com franjas Gianni Versace primavera-verão 1988, jaqueta 1989, Botas inverno 1991

Guardião da Memória VERSACE

Alexandre Stefani preserva peças de Gianni Versace como documentos vivos de uma das mentes mais revolucionárias da moda.



Há colecionadores que acumulam objetos. Há aqueles que preservam histórias. E existe Alexandre Stefani, considerado um dos maiores colecionadores de peças de Gianni Versace do mundo, cuja missão parece transcender o universo do colecionismo para ocupar um território mais próximo da curadoria cultural. Ao recebê lo para uma conversa sobre moda, arte e legado, rapidamente fica evidente que seu acervo não é apenas uma reunião extraordinária de roupas raras. Trata se de uma investigação profunda sobre a mente criativa de um dos estilistas mais influentes do século XX. Para Stefani, Versace nunca foi apenas uma marca. Sempre foi um artista.

A origem dessa paixão remonta à juventude, quando ainda vivia na França como estudante de intercâmbio. Foi ali, folheando catálogos da maison italiana, que teve sua primeira revelação. O que encontrou não se parecia com material publicitário convencional. Eram publicações que misturavam fotografia, ilustração, história da arte e narrativa visual. Quase livros de arte disfarçados de catálogos de moda. A descoberta tornou se definitiva quando experimentou uma icônica camisa barroca masculina. Naquele momento, enxergou algo que transformaria sua relação com a moda para sempre: uma peça que reunia arquitetura, história, design e liberdade criativa de uma forma raramente vista no vestuário masculino da época.

Essa percepção ajuda a compreender um dos aspectos mais fascinantes de seu acervo. Diferentemente de muitos colecionadores que perseguem apenas raridade ou valor de mercado, Stefani busca compreender a evolução criativa de Gianni Versace como se estivesse estudando a trajetória de um pintor ou escultor. Sua coleção não é dedicada à marca Versace, mas ao pensamento de Gianni Versace. Cada peça representa um capítulo de uma narrativa maior, revelando experimentações estéticas, pesquisas visuais e transformações criativas que ajudaram a redefinir os limites da moda contemporânea. Sob essa ótica, um vestido ou uma camisa deixam de ser produtos para se tornar artefatos culturais.

A visão de Stefani também desafia uma das interpretações mais superficiais associadas ao estilista italiano. Durante décadas, Versace foi frequentemente resumido a conceitos como excesso, sensualidade e exuberância. Embora esses elementos façam parte de seu legado, o colecionador acredita que essa leitura reduz a complexidade de sua obra. Em seu acervo, convivem peças espetaculares e silenciosas, exuberantes e discretas. Algumas impressionam imediatamente. Outras revelam sua genialidade apenas ao serem observadas de perto, nos acabamentos, nas construções internas e nos detalhes quase invisíveis ao olhar apressado. É justamente nesse território menos óbvio que Stefani encontra algumas das expressões mais sofisticadas do talento de Gianni Versace.

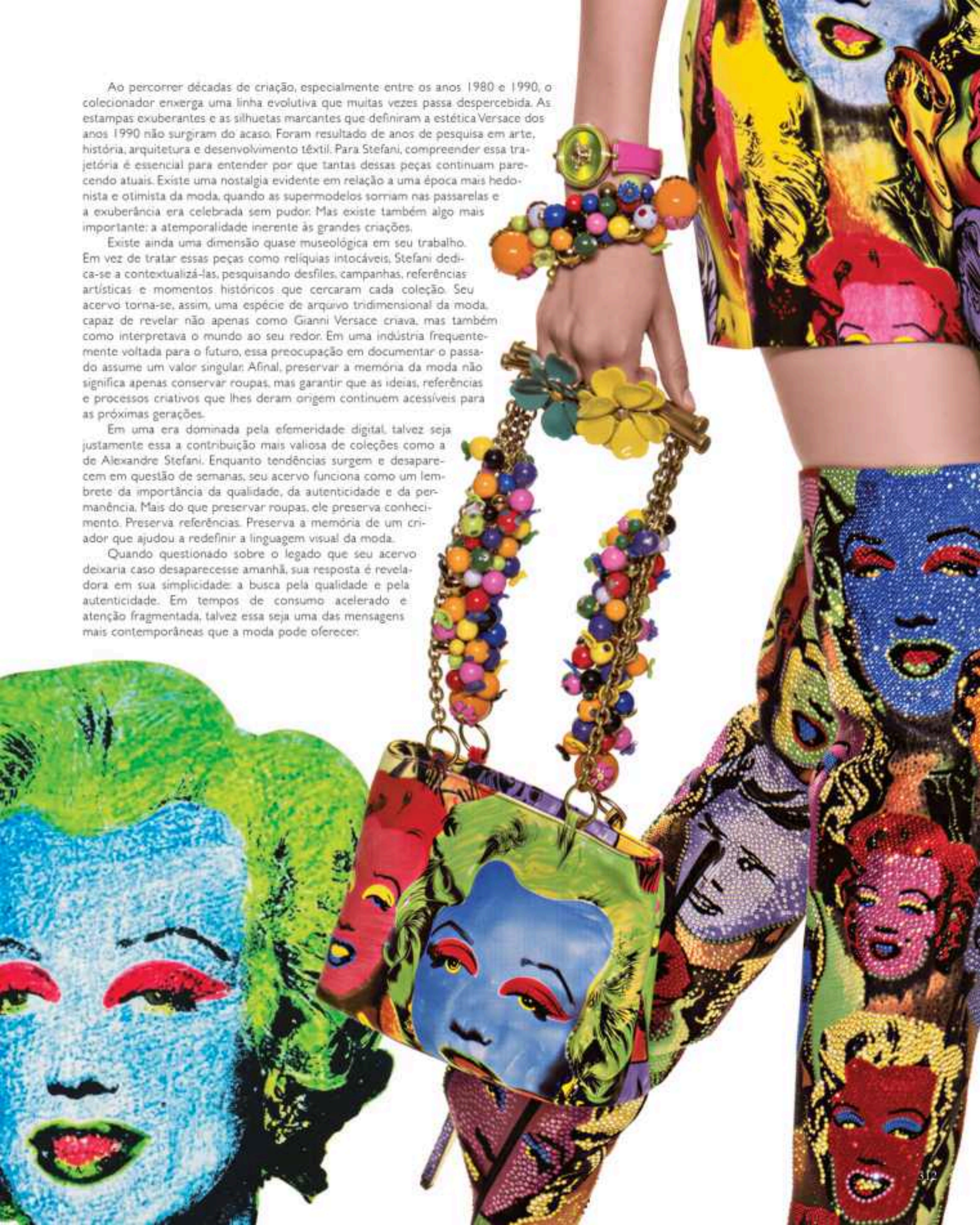


Ao percorrer décadas de criação, especialmente entre os anos 1980 e 1990, o colecionador enxerga uma linha evolutiva que muitas vezes passa despercebida. As estampas exuberantes e as silhuetas marcantes que definiram a estética Versace dos anos 1990 não surgiram do acaso. Foram resultado de anos de pesquisa em arte, história, arquitetura e desenvolvimento têxtil. Para Stefani, compreender essa trajetória é essencial para entender por que tantas dessas peças continuam parecendo atuais. Existe uma nostalgia evidente em relação a uma época mais hedonista e otimista da moda, quando as supermodelos sorriam nas passarelas e a exuberância era celebrada sem pudor. Mas existe também algo mais importante: a atemporalidade inerente às grandes criações.

Existe ainda uma dimensão quase museológica em seu trabalho. Em vez de tratar essas peças como relíquias intocáveis, Stefani dedica-se a contextualizá-las, pesquisando desfiles, campanhas, referências artísticas e momentos históricos que cercaram cada coleção. Seu acervo torna-se, assim, uma espécie de arquivo tridimensional da moda, capaz de revelar não apenas como Gianni Versace criava, mas também como interpretava o mundo ao seu redor. Em uma indústria frequentemente voltada para o futuro, essa preocupação em documentar o passado assume um valor singular. Afinal, preservar a memória da moda não significa apenas conservar roupas, mas garantir que as ideias, referências e processos criativos que lhes deram origem continuem acessíveis para as próximas gerações.

Em uma era dominada pela efemeridade digital, talvez seja justamente essa a contribuição mais valiosa de coleções como a de Alexandre Stefani. Enquanto tendências surgem e desaparecem em questão de semanas, seu acervo funciona como um lembrete da importância da qualidade, da autenticidade e da permanência. Mais do que preservar roupas, ele preserva conhecimento. Preserva referências. Preserva a memória de um criador que ajudou a redefinir a linguagem visual da moda.

Quando questionado sobre o legado que seu acervo deixaria caso desaparecesse amanhã, sua resposta é reveladora em sua simplicidade: a busca pela qualidade e pela autenticidade. Em tempos de consumo acelerado e atenção fragmentada, talvez essa seja uma das mensagens mais contemporâneas que a moda pode oferecer.



Schiaparelli

SPRING
SUMMER
2026



DANIEL ROSEBERRY

A Schiaparelli apresentou uma coleção Primavera/Verão 2026 marcada pelo encontro entre sensualidade e alfaiataria precisa. Poás, recortes ousados e detalhes dourados iluminaram a passarela, criando uma estética de glamour surreal e contemporâneo. Com nomes como Kendall Jenner, Alex Consani e Lulu Tenney no desfile, a coleção reafirmou a assinatura irreverente e sofisticada da maison.

ALAIA SPRING SUMMER 2026



PIETER MULIER

Na coleção Primavera/Verão 2026, a Alaïa explorou o movimento e a materialidade por meio de silhuetas esculturais e fluidas. Texturas marcantes, como couro de píton, lã estruturada e plissados leves, encontraram tons terrosos e verdes profundos, criando um equilíbrio entre suavidade e precisão. Uma coleção que traduz força silenciosa, onde cada dobra e curva carrega elegância, intenção e sofisticação.

A Dolce & Gabbana transformou a intimidade dos pijamas em uma poderosa declaração de estilo para a Primavera/Verão 2026. Sedas adornadas e camadas com detalhes em renda surgiram sobre blazers, jaquetas de couro e peças em denim, em um contraste marcante com estampas de oncinha e peles exuberantes. O resultado foi uma coleção que funde o conforto do universo doméstico ao glamour urbano, redefinindo o loungewear como uma nova expressão de elegância e poder.



SPRING
SUMMER
2026

DOLCE GABBANA

GIORGIO ARMANI ATRAVÉS DOS ANOS

Dos imponentes ternos de poder dos anos 1990 à fluidez sofisticada dos anos 2020, Giorgio Armani construiu uma linguagem única de elegância baseada no luxo discreto. Cada década revela seu domínio da alfaiataria, a inovação nos tecidos e uma sofisticação silenciosa que ajudou a moldar a moda contemporânea. Mais do que uma retrospectiva de estilo, esta linha do tempo celebra a visão atemporal de Armani e sua influência duradoura no universo da moda.



F/W 2003

F/W 1998

S/S 2006

S/S 2002

S/S 2020

S/S 2023

S/S 2027

TREND

No *Salto Alto* da Autenticidade

Formada em arquitetura e movida pela paixão pelo feito à mão, ***Priscilla Whitaker*** construiu uma marca onde luxo, identidade e propósito caminham lado a lado.






Em um cenário onde tendências surgem e desaparecem na mesma velocidade com que são consumidas, Priscilla Whitaker construiu sua trajetória apostando naquilo que resiste ao tempo. À frente de uma marca reconhecida pelo trabalho artesanal e pela atenção aos detalhes, a empresária transformou uma paixão pelo design em um negócio que hoje se sustenta sobre valores cada vez mais raros no mercado contemporâneo: autenticidade, propósito e permanência. Mais do que criar sapatos, ela constrói uma narrativa que conecta tradição, comportamento e identidade feminina.

A formação em arquitetura teve papel decisivo na construção desse olhar. Embora tenha encontrado na moda sua verdadeira vocação, Priscilla leva para cada coleção conceitos que aprendeu ao projetar espaços: equilíbrio, proporção, funcionalidade e harmonia. Para ela, um sapato deve ser tão bem resolvido quanto uma obra arquitetônica, unindo estética e conforto de forma natural. Essa visão ajudou a consolidar uma linguagem própria, onde o design não está apenas na aparência, mas também na experiência de quem usa. "A arquitetura me ensinou que beleza sem função não se sustenta", afirma.

Essa busca por significado também está presente na forma como a marca produz. Em uma indústria marcada pela aceleração constante, Whitaker escolheu preservar processos artesanais que exigem tempo, conhecimento e precisão. Cada peça passa pelas mãos de profissionais especializados, carregando técnicas e saberes que atravessam gerações. Para a empresária, o luxo contemporâneo está menos relacionado ao excesso e muito mais ligado ao cuidado. Em um mundo dominado pelo descartável, ela acredita que o verdadeiro valor está naquilo que é feito para durar, tanto em qualidade quanto em relevância emocional.

Essa percepção ganhou uma nova dimensão quando ela decidiu ocupar um espaço mais ativo na comunicação da marca. Durante muito tempo, acreditou que o protagonismo deveria permanecer exclusivamente nos produtos. Com a ascensão das redes sociais, percebeu que as consumidoras queriam conhecer quem estava por trás das criações, entender suas referências, acompanhar seu processo criativo e enxergar a pessoa além da empresária. Ao compartilhar bastidores, desafios e aprendizados, criou uma conexão mais próxima e genuína. "As pessoas compram de pessoas", diz. Para ela, a autenticidade se tornou um dos ativos mais valiosos da construção de marca na atualidade.



“A arquitetura me ensinou que ***beleza*** sem função não se sustenta”





A convivência diária com essa comunidade também transformou sua compreensão sobre comportamento e consumo. Em vez de buscar uma imagem idealizada, as mulheres passaram a valorizar identificação, transparência e propósito. Priscilla percebeu que as conversas mais relevantes surgiam justamente quando compartilhava dúvidas, aprendizados e experiências reais. Essa escuta constante fortaleceu uma relação baseada em troca e pertencimento. Hoje, ela acredita que as marcas mais relevantes são aquelas capazes de criar comunidades, e não apenas audiências. Uma mudança que reflete transformações profundas na forma como as pessoas se relacionam com o luxo e com o desejo.

Ao projetar o futuro, Priscilla Whitaker demonstra a mesma coerência que marcou sua trajetória até aqui. Embora celebre o crescimento da marca e sua expansão para novos mercados, seu principal objetivo permanece ligado à preservação do saber artesanal brasileiro e à construção de um legado que vá além dos negócios. Inspirada pelas histórias das mulheres para quem cria, ela segue defendendo que é possível crescer sem abrir mão da essência.

Em um tempo marcado pela velocidade e pela constante reinvenção, sua trajetória reafirma uma ideia cada vez mais relevante: algumas das maiores conquistas não estão em acompanhar o ritmo do mundo, mas em saber exatamente aquilo que merece permanecer.

No fim, talvez o maior diferencial de Priscilla Whitaker não esteja apenas nos sapatos que cria, mas na visão que sustenta cada decisão ao longo de sua trajetória. Em uma época em que tantas marcas perseguem relevância instantânea, ela escolheu construir significado. Ao preservar o valor do feito à mão, celebrar histórias reais e colocar a autenticidade no centro de sua narrativa, transformou uma empresa em algo maior: uma expressão de identidade, memória e pertencimento. Seu legado não se mede apenas pelos pares produzidos ou pelos mercados conquistados, mas pela capacidade de provar que tradição e futuro podem caminhar juntos, e que o verdadeiro luxo continuará sendo aquilo que carrega alma, propósito e tempo.

Entre *estampas* e *memórias*

Entre memória, provocação estética e identidade afetiva, **Claudia Jatahy** transforma o mobiliário contemporâneo em uma narrativa autoral onde design deixa de ser função e passa a ocupar o território da emoção.

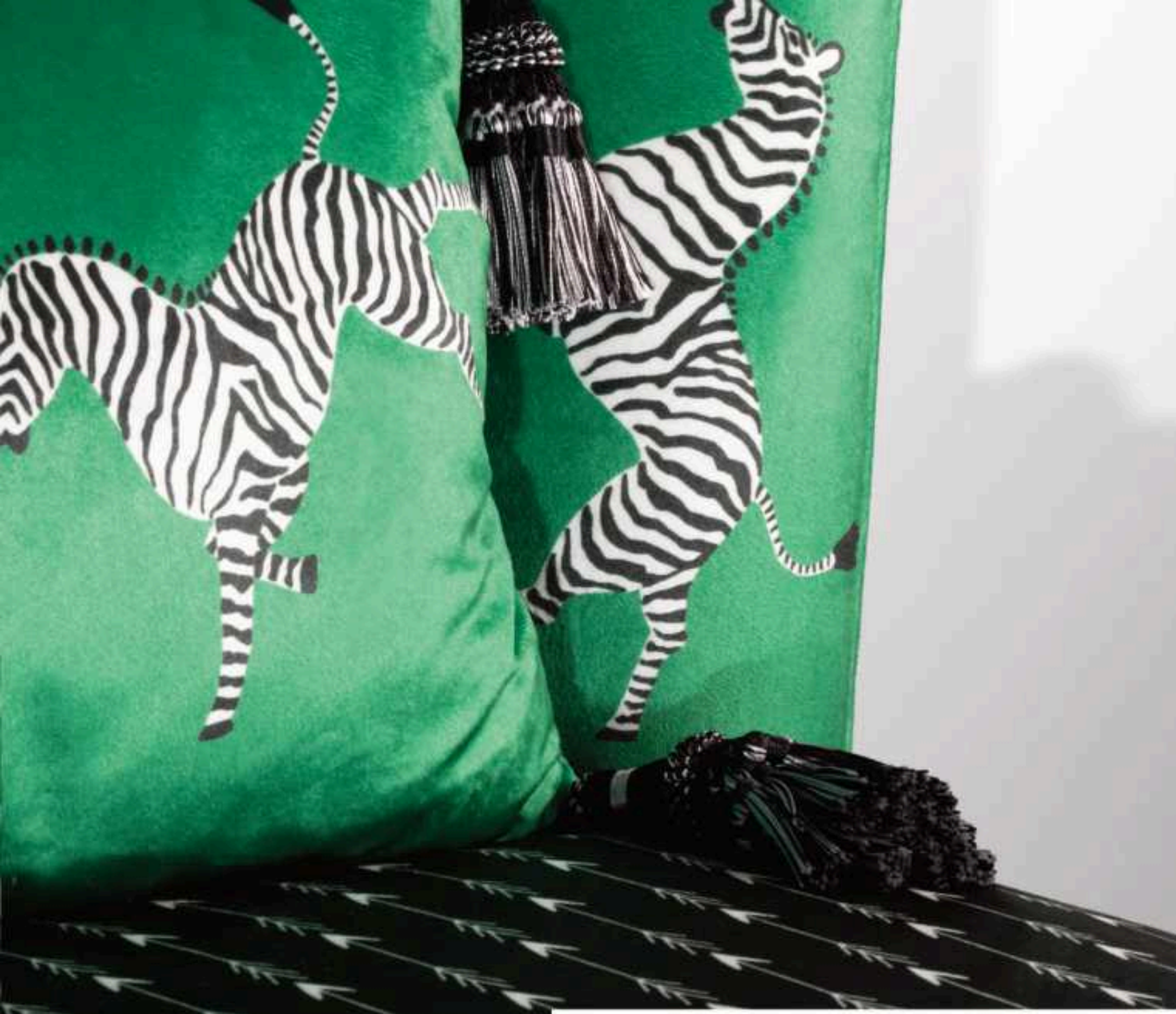
Durante décadas, o design de interiores perseguiu uma ideia quase absoluta de perfeição visual. Casas impecavelmente coordenadas, paletas neutras, composições calculadas e ambientes pensados para existir mais nas imagens do que na experiência real. Mas algo começa a mudar silenciosamente dentro do universo contemporâneo da decoração. Existe hoje uma fadiga estética diante do excesso de fórmulas reproduzíveis, uma necessidade urgente de recuperar a alma dos espaços. É justamente nesse ponto que o olhar de Claudia Jatahy emerge com força rara. Após 35 anos dedicados ao universo da moda, a criadora transporta sua linguagem inquieta para o design home com peças que rejeitam qualquer lógica industrializada. Suas poltronas não nascem para harmonizar discretamente com o ambiente. Elas chegam como presença, quase como personagens que interrompem a monotonia visual e instauram uma nova narrativa dentro da casa.

Existe algo profundamente emocional na maneira como Claudia constrói suas criações. Sua trajetória na moda ensinou a observar comportamento, proporção, textura e impacto visual, mas sobretudo ensinou a compreender o poder simbólico da estética. No universo home, essa percepção ganha uma camada ainda mais íntima. Se na moda o corpo atravessa o mundo em movimento, dentro da casa a experiência acontece em silêncio, na permanência, no afeto e na memória. Talvez por isso suas peças carreguem uma dimensão autobiográfica tão evidente. Cada composição parece revelar fragmentos de histórias, emoções e repertórios acumulados ao longo do tempo. Não se trata apenas de design, mas de uma construção sensível capaz de transformar mobiliário em linguagem afetiva.





CLAUDIA JATAHY



A SOFISTICAÇÃO DE ROMPER O PREVISÍVEL

Cada composição parece revelar fragmentos de histórias, emoções e repertórios acumulados ao longo do tempo. Não se trata apenas de design, mas de uma construção sensível capaz de transformar mobiliário em linguagem afetiva. Ao contrário da lógica minimalista que dominou os interiores contemporâneos durante anos, Claudia aposta na tensão estética como elemento de sofisticação. Florais delicados encontram animal prints, texturas clássicas dialogam com elementos gráficos e referências retrô convivem com traços contemporâneos em uma composição que desafia o previsível. Mas existe precisão nesse aparente caos visual. Nada é gratuito. Seu olhar trabalha equilíbrio, escala e ritmo com a mesma sofisticação de uma direção criativa editorial. O resultado são peças que provocam antes mesmo de serem compreendidas racionalmente. Em vez de buscar consenso, elas despertam emoção. E talvez seja exatamente essa coragem de não tentar agradar a todos que devolva autenticidade ao design contemporâneo.













Em um momento em que tendências nascem e desaparecem na velocidade de um scroll, Claudia propõe uma desaceleração estética. Suas criações rejeitam a ideia do consumo rápido e do objeto descartável visualmente impactante, mas emocionalmente vazio. Cada poltrona surge como peça única, sem reprodução em série, carregando imperfeições, matéria, textura e presença. Há algo quase artesanal em seu processo, uma tentativa de resgatar o valor do objeto que parece ter sido criado intuitivamente para encontrar determinada casa, determinada pessoa, determinada história. Mais do quepreencher espaços, suas peças transformam ambientesem experiências emocionais.

São objetos que carregam memória antes mesmo de pertencerem a alguém. Esse retorno à singularidade talvez seja um dos movimentos mais sofisticados do design contemporâneo atual. Em tempos de excesso imagético e referências infinitamente acessíveis, luxo deixa de significar perfeição estética e passa a representar curadoria pessoal. Já não basta possuir repertório visual; é preciso saber construir identidade a partir dele. Claudia entende isso com rara clareza. Suas criações falam sobre escolhas afetivas, sobre ambientes que revelam quem habita ali sem necessidade de explicação. Existe uma elegância silenciosa na mistura, na imperfeição e no repertório emocional que suas peças carregam. Uma sofisticação que não nasce da rigidez, mas da autenticidade.

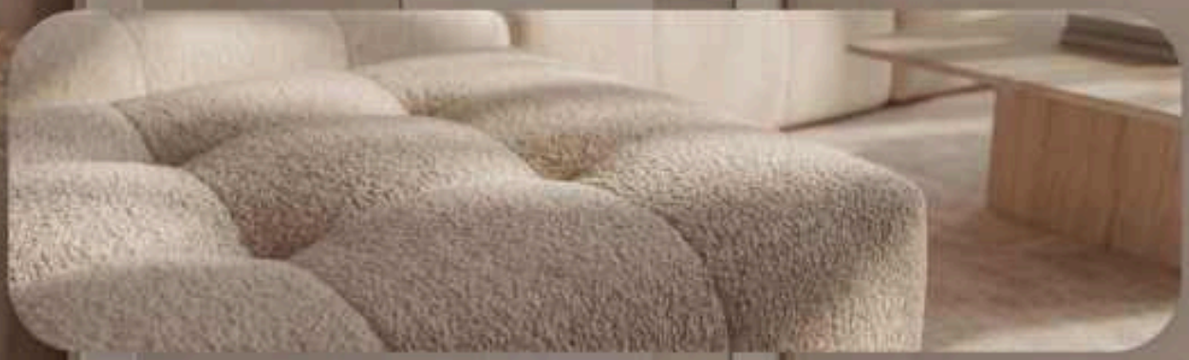


A EMOÇÃO COMO ESSÊNCIA DO ATEMPORAL

No fim, o trabalho de Claudia Jatahy parece dialogar diretamente com uma nova geração de interiores que busca menos espetáculo e mais verdade. Suas poltronas não ocupam apenas um espaço físico dentro da arquitetura; ocupam também um espaço simbólico dentro da experiência da casa contemporânea. São peças que desafiam a neutralidade excessiva e devolvem emoção aos ambientes. Porque, para Claudia, criar nunca foi apenas produzir algo belo. Criar é provocar sensações, despertar memória, construir permanência. E talvez seja justamente essa capacidade de emocionar antes mesmo de ser explicada que transforme seu design em algo verdadeiramente atemporal.

O NOVO LUXO

cabe em **uma caixa.**




TUDO PENSADO
✓ Design inteligente
✓ Entrega simples.
✓ Conforto de verdade.
sofá na caixa

A Arquitetura do *Encontro*

Desenvolvida para a CASACOR São Paulo 2026, a Arena do Conhecimento revela o potencial da arquitetura como ferramenta de conexão humana.

POR **KAIQUE SEPULVEDA**

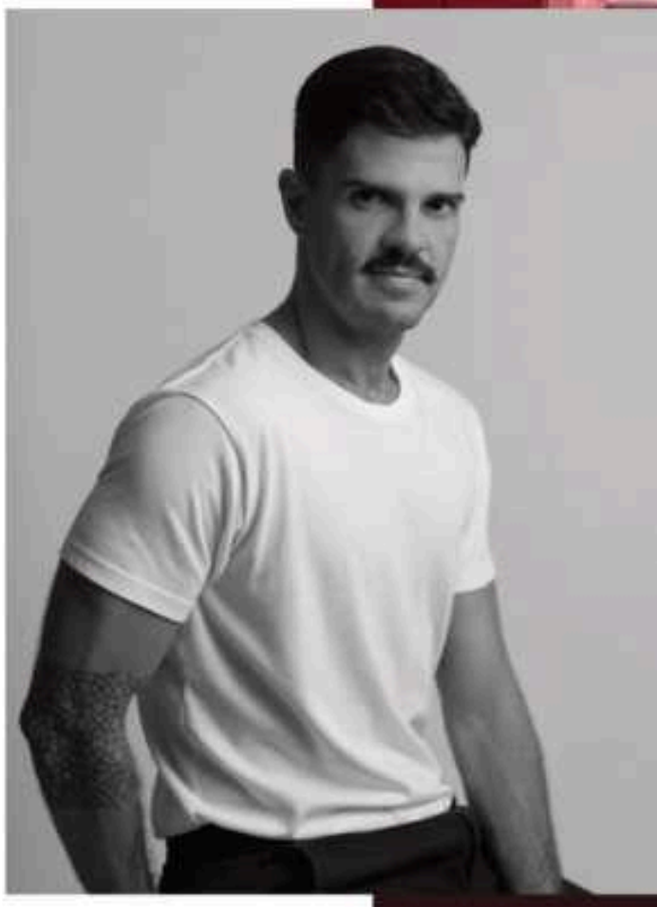
Em sua edição de 2026, a CASACOR apresenta um espaço que vai além da função expositiva para se tornar um território de encontro, aprendizado e construção coletiva de conhecimento. Fruto da primeira parceria entre o Senac São Paulo e a mostra, a Arena do Conhecimento foi concebida como um ambiente dedicado a palestras, workshops e rodas de conversa, colocando a educação, a sustentabilidade e a colaboração no centro do projeto arquitetônico.

Desenvolvida sob a coordenação do Estudio Guto Requena e de professores do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Senac, a Arena mobilizou oito estudantes da graduação em todas as etapas de concepção do espaço. Durante o processo, os alunos participaram ativamente das decisões relacionadas à escolha de materiais, desempenho acústico, sustentabilidade e iluminação, experimentando na prática os desafios e responsabilidades de um projeto de grande escala.

Com 100 m², o ambiente foi desenhado para acolher até 50 participantes e traduz fisicamente uma das principais ideias que orientaram sua criação: a valorização do diálogo. Um sofá contínuo em configuração circular estrutura o espaço e resgata a roda como símbolo de encontro, criando uma espacialidade sem hierarquias. A iluminação acompanha o ciclo circadiano e reproduz os ritmos naturais da luz solar, contribuindo para o bem-estar e a concentração dos usuários.

A sustentabilidade também orienta cada escolha do projeto, que incorpora 400 kg de embalagens plásticas reaproveitadas, painéis acústicos produzidos com lã de PET reciclada e mais de 200 metros de tecido desenvolvido a partir de garrafas PET.

Mais do que um espaço funcional dentro da CASACOR, a Arena do Conhecimento sintetiza questões que atravessam a produção contemporânea de Guto Requena: a valorização das relações humanas, a responsabilidade ambiental e a arquitetura como ferramenta capaz de estimular conexões, pertencimento e transformação social. A partir desse projeto, conversamos com o arquiteto sobre os desafios da profissão, o papel das novas gerações e os caminhos para uma arquitetura mais consciente, inclusiva e conectada ao futuro.



GUTO REQUENA



Além de receber palestras, workshops e rodas de conversa ao longo da mostra, a Arena do Conhecimento também abriga iniciativas como o "Diálogos CASACOR", promovido pelo Shopping Lar Center, primeiro shopping de arquitetura e decoração de São Paulo e empreendimento da Cidade Center Norte. Realizados semanalmente, os encontros ampliam a proposta do espaço ao reunir profissionais, estudantes, marcas e visitantes em discussões sobre arquitetura, design, arte, patrimônio, diversidade e sustentabilidade.

FOTO ANA MELLO



EQUIPE RESPONSÁVEL PELO DESENVOLVIMENTO DA ARENA DO CONHECIMENTO, PROJETO APRESENTADO NA **CASACOR 2026** PELO **SENAC SÃO PAULO** EM PARCERIA COM O **ESTÚDIO GUTO REQUENA**

Para Guto Requena, no entanto, a verdadeira transformação da arquitetura não está apenas nos materiais, nas tecnologias ou nos formatos espaciais. Está na capacidade dos ambientes de promover encontros mais significativos e fortalecer o senso de coletividade.

"Arquitetura e design são ferramentas de transformação. O que me interessa é olhar a arquitetura por essa ideia social. Para além da estética e da função, os espaços impactam diretamente o bem-estar e podem influenciar a maneira como nos entendemos como um grande coletivo, como sociedade", afirma.

Essa visão ganha forma na própria Arena do Conhecimento. Concebida para acolher diferentes vozes em um ambiente sem hierarquias, a instalação propõe uma experiência pautada pelo diálogo e pela conexão. Mais do que abrigar palestras e rodas de conversa, o espaço busca criar uma atmosfera de acolhimento, onde arquitetura, luz, acústica e materialidade atuam como elementos ativos da experiência.

"A Arena é um espaço que abraça visualmente e sensorialmente. Precisamos olhar com mais atenção para a materialidade, para a acústica e para a luz, criando espaços afetivos, que convidem ao repouso e à conexão", explica o arquiteto.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, realizado em parceria com estudantes do Centro Universitário Senac, outro aspecto chamou a atenção de Requena: a relação das novas gerações com a tecnologia e com a possibilidade de participar ativamente da construção dos espaços.

"Hoje somos todos editores de conteúdo. O celular nos permitiu editar imagens, vídeos e textos. Agora queremos editar os espaços, ser coautores deles. Isso aparece de forma muito clara nos estudantes, que demonstram interesse por ambientes flexíveis, multifuncionais e capazes de promover novas formas de interação."

Embora reconheça o potencial das novas tecnologias e da inteligência artificial no processo criativo, Guto acredita que o futuro da arquitetura continuará sendo definido por uma dimensão essencialmente humana.

"O que não pode faltar para os novos profissionais é esse olhar humano, dar um zoom na escala da arquitetura para chegar ao pixel fundamental que é a humanidade."

— Guto Requena

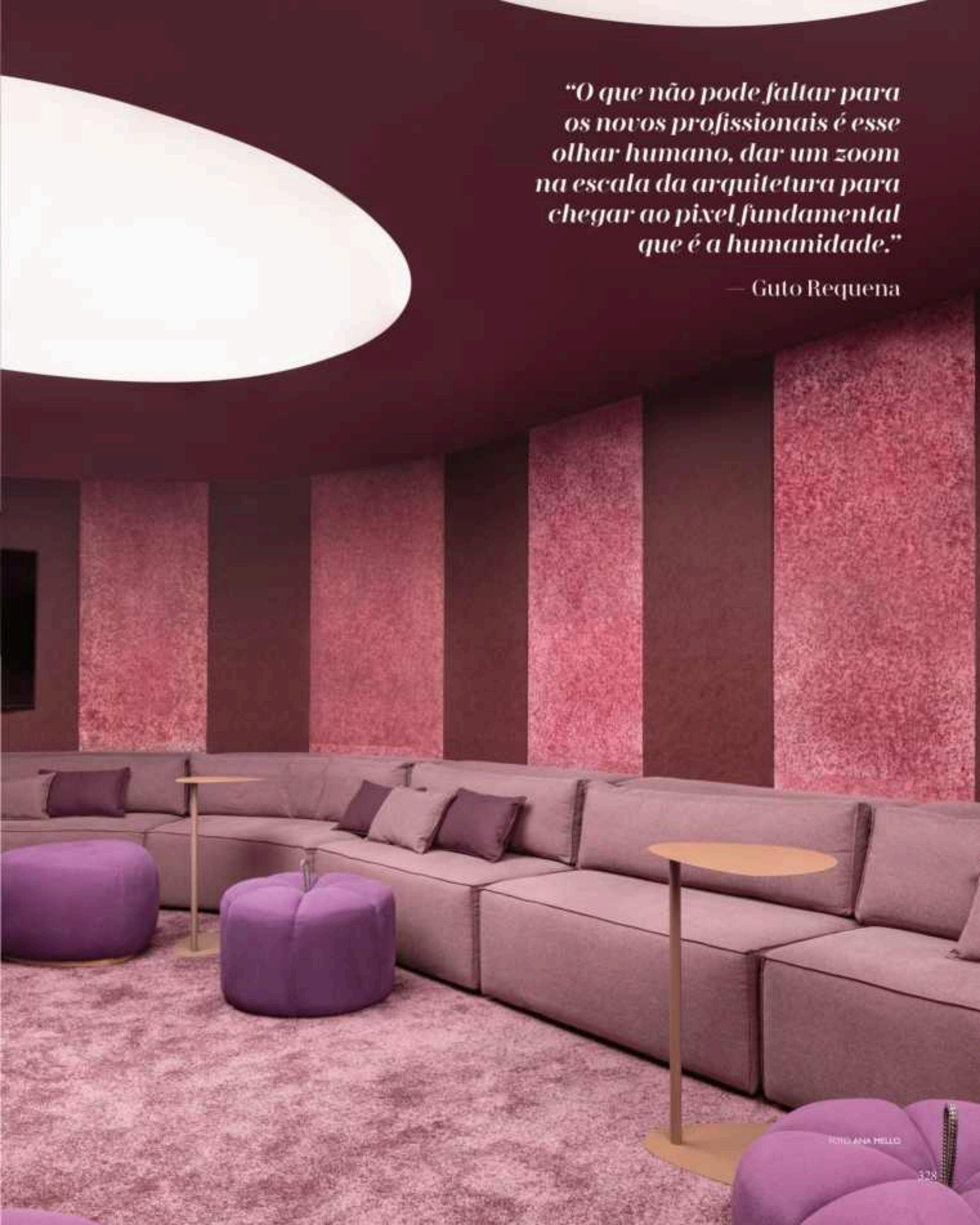
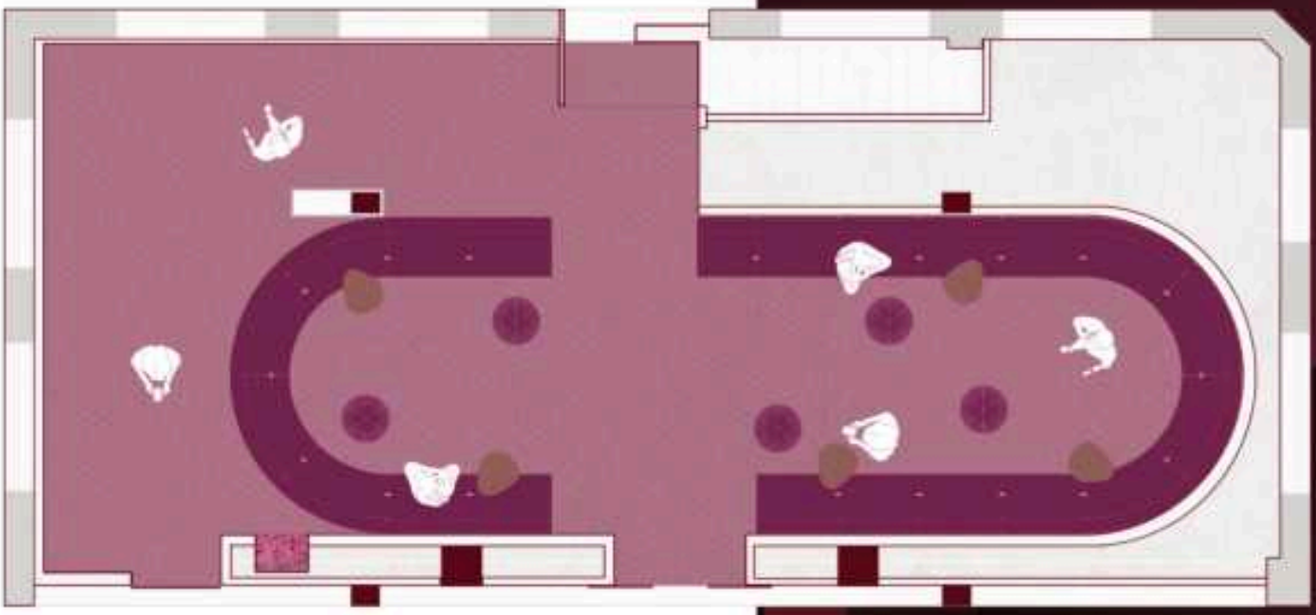


FOTO ANA MELLO



Mais do que um espaço para palestras e encontros, a Arena do Conhecimento também reflete uma mudança de comportamento que vem se tornando cada vez mais evidente na arquitetura, no design e na forma como escolhemos habitar os espaços. A vocação do ambiente para a troca de ideias ficou evidente na programação especial promovida pelo Senac São Paulo entre os dias 9 e 12 de junho, quando rodas de conversa mediadas por Guto Requena reuniram profissionais de diferentes áreas para discutir temas como sustentabilidade, diversidade, natureza, inovação material e os novos caminhos para projetar e habitar os espaços.

Durante anos, a ideia de sofisticação esteve associada a ambientes minimalistas, neutros e extremamente controlados. Linhas retas, paletas contidas e uma estética quase silenciosa dominaram projetos residenciais, corporativos e comerciais. Embora elegantes, muitos desses espaços acabaram refletindo uma cultura marcada pela eficiência, pela produtividade e, em certa medida, pelo distanciamento.

Hoje, observa-se um movimento diferente. Em resposta a uma sociedade profundamente digitalizada, cresce o desejo por experiências mais sensoriais, afetivas e humanas. Se os aplicativos passaram a mediar tarefas cotidianas como pedir comida, chamar um transporte ou realizar compras, também se tornou mais evidente a necessidade de recuperar aquilo que nenhuma tecnologia é capaz de substituir: a convivência, a presença e a troca entre pessoas.

Não por acaso, cores mais saturadas, formas orgânicas, texturas táteis e configurações espaciais voltadas ao encontro voltam a ganhar protagonismo. A arquitetura deixa de ser apenas cenário para se tornar ferramenta de conexão.

A Arena do Conhecimento materializa essa transformação. Sua configuração circular elimina hierarquias visuais, enquanto as cores, os materiais e a atmosfera acolhedora convidam à permanência e ao diálogo. O projeto se afasta da neutralidade impessoal que marcou parte da produção recente e abraça uma arquitetura mais calorosa, coletiva e emocional.

Essa percepção também ecoa em diversos ambientes da CASACOR 2026, que sinalizam uma valorização crescente do maximalismo sensorial, da diversidade material e do conforto emocional. Mais do que uma tendência estética, trata-se de uma resposta cultural a um tempo em que, paradoxalmente, estamos mais conectados digitalmente do que nunca e, ao mesmo tempo, em busca de formas mais autênticas de conexão humana.

Nesse contexto, a Arena do Conhecimento surge não apenas como um espaço de aprendizagem, mas como um manifesto silencioso sobre aquilo que talvez seja a principal função da arquitetura contemporânea: aproximar pessoas.

EQUIPE SENAC

ESTUDANTES: AMANDA DIAMANTINO, BRENDA TEIXEIRA, CAROLINA SANT'ANNA, HENRIQUE FIORI, JONATAS FALCÃO, LUCIANA HOLUSKA, PATRICK CONTELI, RAFAEL CASSIANO

DOCENTES: MARCELLA OCKE, RODRIGO GUTIERREZ, VALÉRIA FIALHO, WALTER GALVÃO

EQUIPE ESTUDIO GUTO REQUENA

DIREÇÃO CRIATIVA: GUTO REQUENA

ARQUITETURA: MATEUS FRAGA



FOTO ANA MELLO

O Fim do Design Perfeito

Da matéria-prima à inteligência artificial, o verdadeiro diferencial talvez esteja naquilo que não pode ser replicado.

POR **KAIQUE SEPULVEDA**

Durante décadas, o design perseguiu um ideal quase obsessivo de perfeição. Superfícies impecáveis, processos eficientes e soluções universais tornaram-se sinônimos de qualidade e inovação. A busca dela excelência técnica moldou objetos, edifícios e experiências, consolidando uma estética baseada na pre- cisão e no controle absoluto. Mas algo começa a mudar. Em diferentes segmentos da indústria criativa, cresce o interesse por materiais que revelam sua origem, por processos que preservam vestígios da fabricação e por projetos que assumem características únicas em vez de perseguirem a uniformidade. O que antes poderia ser considerado uma imperfeição passa a ser interpretado como expressão de identidade.

Esse movimento ganha força justamente em um momento histórico marcado pela ascensão da inteligência artificial e pela crescente capacidade de automatizar processos criativos. Quanto mais acessíveis se tornam as ferramentas de geração de imagens, objetos e conteúdos, mais valioso passa a ser aquilo que carrega repertório, contexto e autoria. Em um cenário onde a reprodução se torna cada vez mais simples a singularidade emerge como um novo ativo cultural.



POLTRONA MAUI DESIGN DIEDERIK DIAAN PARA A **RIVA 1920**

"A imperfeição deixou de ser defeito. Tornou-se identidade."



Poltrona MAUI, da Riva 1920, design de Terry Dwa.
Esculpida a partir de um único bloco de cedro maciço, a peça destaca os veios, texturas e características naturais da madeira, refletindo o retorno da autenticidade e da valorização da matéria-prima no design contemporâneo.



PRODUÇÃO DOS VASOS DA COLEÇÃO DITTICO, DE MARTINO GAMPER PARA **BITOSSI CERAMICHE**

O retorno da *matéria*

Entre as tendências mais consistentes observadas no design contemporâneo está a valorização dos materiais em sua forma mais autêntica. Madeira maciça, pedras naturais, fibras vegetais, cerâmicas artesanais e metais com acabamento envelhecido aparecem com frequência crescente em projetos de mobiliário, arquitetura e interiores.

Mais do que uma escolha estética, esse movimento reflete uma busca por experiências sensoriais em um cotidiano cada vez mais mediado por telas. Texturas, relevos, densidades e superfícies táteis voltam a desempenhar um papel importante na construção da relação entre pessoas e espaços. Em vez de esconder as marcas do tempo ou os sinais da fabricação, muitos projetos passaram a incorporá-los como parte essencial de sua narrativa.

A valorização da matéria também revela uma transformação na própria ideia de luxo. Se durante grande parte do século passado o luxo esteve associado à perfeição e à exclusividade material, hoje ele parece estar mais ligado à autenticidade, à procedência e à capacidade de transmitir significado. Quanto mais digital se torna o mundo, maior parece ser o desejo por elementos que expressem presença, permanência e conexão humana.



Vaso da coleção Dittico, de Martino Gamper para Bitossi Ceramiche.
Desenvolvida em argila branca e produzida por meio da técnica de colagem em molde (*slip casting*), a série explora o equilíbrio entre formas orgânicas e arquitetônicas. Os contrastes cromáticos e os contornos marcados evidenciam a profundidade dos volumes, realçando o protagonismo da matéria e da experimentação artesanal no design contemporâneo.

A *criatividade* na era da inteligência artificial

A presença da inteligência artificial no universo criativo já não pertence ao campo das previsões. Ela faz parte do presente. Ferramentas generativas vêm sendo incorporadas a processos que vão da concepção de produtos ao desenvolvimento de campanhas visuais, ampliando possibilidades e acelerando etapas que antes exigiam meses de trabalho.

O avanço dessas tecnologias tem provocado debates sobre autoria, originalidade e o papel do criador em um cenário capaz de produzir infinitas variações em questão de segundos. No entanto, em vez de substituir a criatividade humana, a inteligência artificial parece estar redefinindo suas funções. O foco deixa de estar apenas na execução e passa a se concentrar cada vez mais na curadoria, na interpretação e na construção de significado.

Projetos apresentados por marcas e designers internacionais ilustram esse novo momento.

Durante a Semana de Design de Milão, por exemplo, a Kartell apresentou parte de seus lançamentos diante de grandes imagens geradas por inteligência artificial, criando um diálogo provocativo entre design autoral e produção algorítmica. O resultado não sugere uma disputa entre homem e máquina, mas evidencia uma convivência cada vez mais natural entre tecnologia e criatividade.

Em um contexto onde gerar tornou-se fácil, a verdadeira diferenciação talvez esteja na capacidade de escolher. Afinal, produzir possibilidades é apenas o começo. O valor continua residindo naquilo que merece existir.





INSTALAÇÃO DA **KARTELL** NO SALONE DEL MOBILE 2024.



"O futuro do design não está apenas na forma dos objetos, mas nas histórias que eles são capazes de contar."



AMBIENTAÇÃO CONCEBIDA PELA **MAISON NUMÉRO 20** PARA O SALONE DEL MOBILE 2025.

O design como *experiência*

Se durante muito tempo o design esteve concentrado na criação de objetos, hoje cresce o interesse por experiências capazes de gerar emoção, memória e envolvimento. Ambientes, exposições, hotéis, lojas e instalações passam a ser concebidos não apenas como espaços funcionais, mas como narrativas tridimensionais capazes de despertar sensações e construir conexões.

Essa transformação reflete uma mudança cultural mais ampla. Em um mundo saturado por informações, produtos e estímulos visuais, a experiência torna-se um dos principais fatores de diferenciação. O design deixa de ser apenas uma questão de forma ou função para atuar também como ferramenta de storytelling.

Instalações recentes apresentadas em eventos internacionais ilustram esse movimento. Entre elas, projetos como Aurea, concebido pela Maison Numéro 20 para a Semana de Design de Milão, demonstram como referências históricas, imaginário cultural, cenografia e narrativa podem se combinar para criar experiências imersivas. Nesses casos, o valor não está apenas nos objetos apresentados, mas na atmosfera construída ao redor deles.

Mais do que ocupar espaços, o design contemporâneo parece cada vez mais interessado em criar significados. E é justamente nessa capacidade de emocionar que muitos projetos encontram sua força.



PLANO DA INSTALAÇÃO STUDIO SCHAPER | DAYTIME PLANO APRESENTADA PELA **LOMO PIANA** INTERIORS DURANTE A MILAN DESIGN WEEK 2016.



O novo luxo

Durante décadas, o luxo esteve associado à raridade, à exclusividade e à demonstração de status. Hoje, porém, uma nova interpretação começa a ganhar espaço. Em vez da ostentação, cresce a valorização de atributos como autenticidade, tempo, conhecimento, processo e significado.

Essa mudança pode ser percebida em diferentes setores da economia criativa. Objetos produzidos em pequena escala, técnicas artesanais, materiais duráveis e experiências cuidadosamente construídas passam a ocupar uma posição de destaque. O valor deixa de estar apenas no produto final e passa a incluir a história, a origem e o percurso que tornaram sua existência possível.

Durante a Milan Design Week 2026, a Loro Piana Interiors apresentou Studies, Chapter I: On the Plaid, uma instalação dedicada a um objeto tão simples quanto revelador: a manta. Em vez de construir uma narrativa em torno do produto acabado, a marca voltou seu olhar para a matéria-prima, para a estrutura têxtil e para o conhecimento acumulado por trás de sua fabricação. Fibras, tramas e detalhes construtivos tornaram-se protagonistas de uma experiência que convidava o visitante a observar aquilo que normalmente permanece invisível.

O projeto evidencia uma mudança mais ampla no universo do design contemporâneo. Em uma cultura marcada pela velocidade e pelo consumo instantâneo, cresce o interesse por compreender como os objetos são produzidos, quem os produz e quais saberes estão envolvidos em sua criação. O processo deixa de ocupar os bastidores e passa a integrar o próprio valor da peça.

Também ganha força a ideia de um luxo mais consciente, associado à longevidade, à sustentabilidade e à responsabilidade na escolha dos materiais e processos. Em vez de consumir mais, o desejo passa a ser consumir melhor. Em vez de acumular, busca-se estabelecer relações mais significativas com aquilo que se escolhe manter ao longo do tempo.

Nesse contexto, o luxo contemporâneo deixa de ser definido apenas pela exclusividade e passa a ser medido pela profundidade. A excelência já não está necessariamente ligada ao excesso, mas à qualidade da matéria, ao domínio técnico e à capacidade de criar objetos que preservem tempo, memória, identidade e significado.



A assinatura *humana*

"O futuro não será definido pela tecnologia que utilizamos, mas pela humanidade que escolhemos preservar."

As transformações observadas no design contemporâneo apontam para um cenário curioso. Ao mesmo tempo em que a tecnologia amplia nossa capacidade de produzir, replicar e distribuir conteúdos, cresce também o interesse por aquilo que permanece exclusivamente humano.

Imperfeições, narrativas pessoais, referências culturais, processos artesanais e experiências sensoriais voltam a ocupar um lugar central na criação de valor. Não como oposição à tecnologia, mas como complemento a ela. O futuro não parece caminhar para um universo menos tecnológico. Pelo contrário. Tudo indica que as ferramentas digitais continuarão expandindo suas possibilidades de atuação.

O diferencial estará na forma como essas ferramentas serão utilizadas. Em um mundo onde a execução tende a se tornar cada vez mais acessível, atributos como sensibilidade, repertório, imaginação e capacidade de interpretação tornam-se recursos estratégicos.

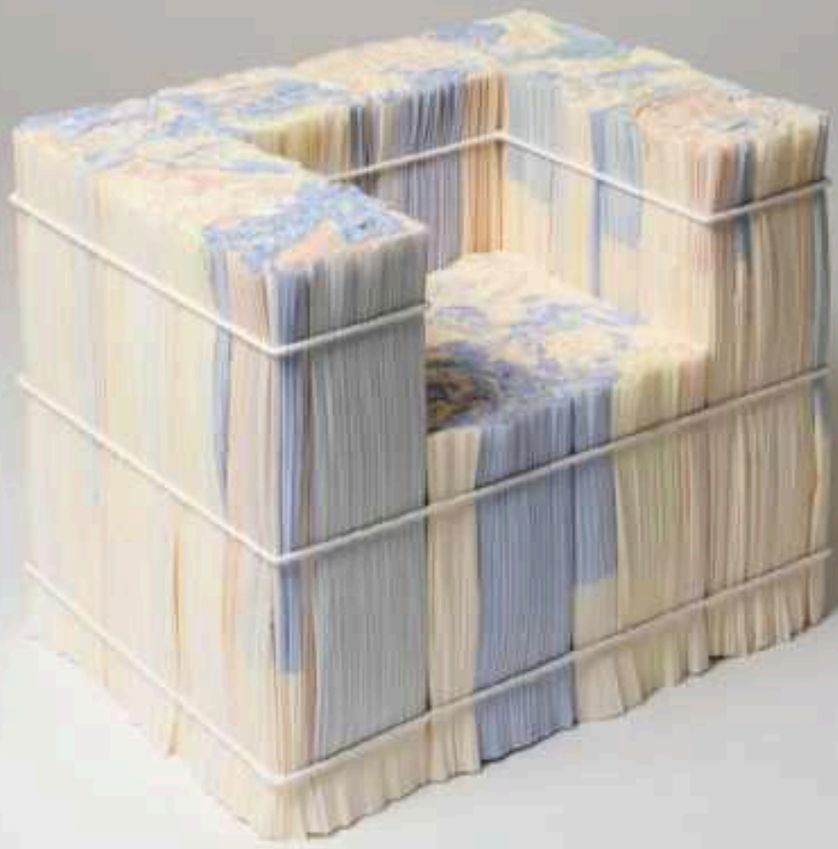
Essa valorização da autoria também se manifesta na forma como designers e marcas têm reinterpretado materiais, processos e resíduos produtivos. Durante a Milan Design Week 2026, a Issey Miyake apresentou a exposição The Paper Log: Shell and Core, transformando rolos de papel utilizados em seu tradicional processo de plissagem em bancos, cadeiras e mesas produzidos artesanalmente. Mais do que uma iniciativa de reaproveitamento, o projeto revela como a criatividade continua sendo capaz de enxergar potencial onde antes existia apenas descarte.

Ao serem cortados, esculpidos e trabalhados manualmente, os cilindros de papel revelam superfícies orgânicas que lembram madeira, pedra ou mármore. Cada peça apresenta desenhos únicos, resultado das camadas comprimidas ao longo do processo produtivo. O valor não está apenas no objeto final, mas na transformação da matéria por meio da observação, da experimentação e da capacidade de atribuir novos significados aos materiais.

Talvez a principal conclusão seja simples: a tecnologia continuará acelerando processos. Mas aquilo que gera conexão, desperta emoção e cria significado permanecerá profundamente humano. Em um cenário cada vez mais orientado pela automação, a originalidade passa a ser menos uma questão de novidade e mais uma expressão de visão, repertório e sensibilidade.



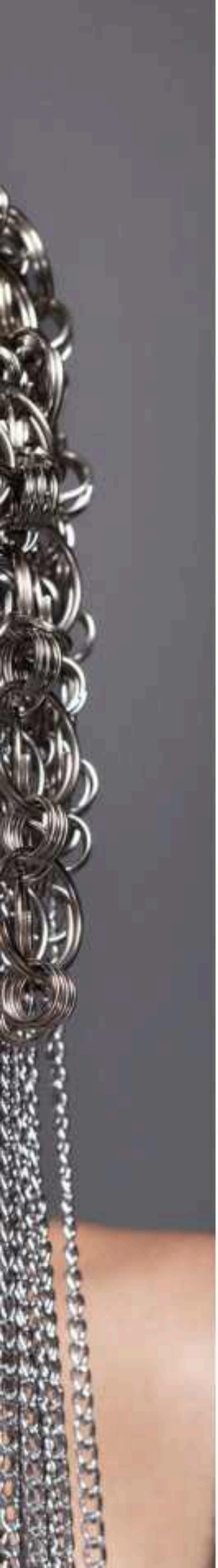
BANCO
THE PAPER LOG:
SHELL AND CORE,
ISSEY MIYAKE.



POLTRONA DA EXPOSIÇÃO THE PAPER LOG SHELL AND CORE DA **ISSEY MIYAKE**







Gianne Albertoni protagoniza um editorial que explora a beleza como linguagem de transformação. Guiada pela visão criativa de ***Maxime Weber*** na beleza e hair e pelas lentes de ***Paschoal Rodriguez***, ela transita entre força, rebeldia e pureza.

A *MULHER* EM TRÊS ATOS

FOTO PASCHOAL RODRIGUEZ

BELEZA MAXIME WEBER



Primeiro, emerge como uma figura mitológica. Os cabelos volumosos e indomáveis funcionam como extensão de sua personalidade, criando a imagem de uma mulher soberana, sensual e absolutamente segura de si.



Depois, o cenário ganha contornos de batalha. A cabeça metálica, quase uma coroa futurista, encontra o contraste dramático do batom preto. Surge então uma heroína contemporânea, uma Joana d'Arc punk que troca a espada pela atitude e transforma a estética em manifesto.



Por fim, a narrativa se esvazia de excessos para revelar sua forma mais pura. Com cabelo curto e traços suavizados por uma maquiagem de inspiração albina, Gianne desafia as definições tradicionais de feminilidade. O resultado é uma beleza silenciosa, sofisticada e profundamente moderna.



FOTOGRAFIA	PASCHOAL RODRIGUEZ
BELEZA	MAXIME WEBER
DIREÇÃO & STYLING	RAFAEL MENEZES
ASSISTENTE FOTO	ARTHUR G.
ASSISTENTE DE BELEZA	TOIPAM
PRODUÇÃO DE MODA	BRUM DELLUM
VIDEO	KELVIN RAMOS
PAPARAZZI	JEAN GUITTI - MEGA MODEL BRASIL

BENZIN MOTOR CLUB APRESENTA

UM NOVO MODELO DE CLUBE AUTOMOTIVO NO BRASIL, UNINDO ACESSO, CURADORIA E EXPERIÊNCIA

O Benzin Motor Club (BMC) surge como uma proposta inédita no cenário automotivo brasileiro ao integrar acesso, curadoria e experiência.


POWERED BY PETROL
SP 2025]
BENZIN
MOTOR
CLUB®
THE ART OF MOTION
001



O clube oferece aos membros uma coleção própria de veículos, reunindo modelos clássicos e contemporâneos e nasce como uma plataforma de encontros, ativações e conexões que aproxima o universo automotivo de outros territórios culturais, como design, arte, moda, gastronomia e lifestyle.

Mais do que um acervo, o acesso substitui a posse. Os membros exploram diferentes carros sem a necessidade de aquisição, enquanto o clube se estabelece como um ponto de conexão para os amantes da cultura automotiva.

É nesse contexto que nasce o 001.

Mais do que o primeiro carro do Benzin Motor Club, a Porsche 930 representa a essência da curadoria do clube. Um clássico absoluto, entre os esportivos mais icônicos e desejados de sua geração, atravessando o tempo sem perder relevância.

O 001 traduz a essência do BMC não como objeto, mas como experiência: vivida com presença, intenção e memória.

A Garage Collection será expandida progressivamente com base nos desejos da própria comunidade. No BMC, o membro não apenas participa, ele influencia diretamente a evolução do clube. Por meio de discussões, comitês e trocas constantes, a comunidade contribui para definir quais veículos passam a integrar a coleção, transformando o clube em uma curadoria viva e colaborativa.

Complementando essa proposta, o BMC também apresenta o QAP, um bar privado localizado na Casa Osten, em Pinheiros, São Paulo. Concebido como ponto de encontro do clube, o espaço recebe membros e convidados em uma atmosfera intimista e exclusiva, fortalecendo o senso de pertencimento e a qualidade das conexões construídas dentro da comunidade.

Com um processo seletivo de entrada e vagas limitadas, o Benzin Motor Club preserva a consistência de sua comunidade e o alinhamento entre seus participantes.

A proposta do clube é reunir pessoas interessadas não apenas em automóveis, mas em experiências, repertório e conexões construídas a partir da cultura contemporânea.








BENZIN
MOTOR
CLUB
001

TREND

Segurança blindada para *C-Levels*

Rhino, app de mobilidade com carros blindados, aposta em parcerias com grandes empresas para acompanhar tendência e consolidar presença no mercado corporativo.

Para atrair e reter executivos de alto escalão, o pacote de benefícios oferecido pelas empresas vêm passando por uma transformação. Se antes estava concentrado em bônus financeiros e planos de saúde mais robustos, hoje já inclui soluções que impactam diretamente o dia a dia - como o transporte em SUVs blindados.

Em grandes centros urbanos como São Paulo, a segurança durante o deslocamento se tornou uma preocupação crescente. Nesse contexto, empresas passaram a incorporar o transporte executivo blindado como benefício corporativo, garantindo não apenas proteção, mas também mais previsibilidade de rotas e conforto para seus executivos.

Outro fator relevante é a possibilidade de utilizar dispositivos pessoais, como notebook e smartphone, com tranquilidade durante o trajeto, transformando o tempo no carro em uma extensão produtiva do dia.

Empresas como Mitsubishi Corp, Votorantim, Porto Seguro SA, Terminal BTG Pactual, Revo e Urban Science já adotaram esse modelo, impulsionando o surgimento da Rhino For Business, vertical da Rhino, aplicativo de mobilidade com carros blindados que atua em São Paulo.

"Além do conforto para os executivos, percebemos uma demanda crescente das empresas por soluções que reduzam riscos operacionais e aumentem a previsibilidade



DANIEL SERGUNIN, CEO E COFUNDADOR DA RHINO, EMPRESA PIONEIRA EM MOBILIDADE COM CARROS BLINDADOS NO BRASIL.

dos deslocamentos. Com nossa tecnologia proprietária, conseguimos alocar motoristas em até três segundos após a solicitação, garantindo mais eficiência e controle para as companhias", explica Daniil Sergunin, CEO e cofundador da Rhino. Desde o lançamento, em julho do ano passado, o serviço já conta com mais de 100 empresas como clientes.

Diferente de modelos tradicionais de mobilidade, a Rhino opera com frota própria e motoristas contratados, o que permite maior controle sobre a operação e padronização do serviço - fatores essenciais no atendimento corporativo.

Além da experiência já consolidada, que inclui motoristas treinados, possibilidade de agendamento prévio e veículos higienizados e abastecidos diariamente pela própria empresa, a Rhino For Business oferece funcionalidades voltadas ao ambiente corporativo.

Entre os diferenciais estão a disponibilidade de motoristas bilíngues e a gestão centralizada das corridas, permitindo que áreas de Recursos Humanos acompanhem e administrem os deslocamentos dos colaboradores de forma eficiente.

Sobre a Rhino:

A Rhino é o primeiro aplicativo de mobilidade com carros blindados e motoristas treinados do Brasil. Fundada em 2023, a empresa já ultrapassou 300 mil usuários cadastrados em seu primeiro ano. Com operação em São Paulo, oferece corridas sob demanda e também por agendamento, além de disponibilizar viagens para outras cidades e estados por meio do serviço de concierge. A frota é composta por SUVs híbridos e blindados, conduzidos por motoristas selecionados e treinados para garantir segurança e qualidade no atendimento. O serviço está disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana, oferecendo praticidade tanto em deslocamentos diários quanto em ocasiões específicas. Idealizada pelos empreendedores Daniil Sergunin e Alexander Karbankov, a Rhino combina tecnologia, padronização e alto nível de serviço.



Download on the App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

Baixe o app e experimente agora mesmo!







O NOVO LUXO É ESTAR PRESENTE

COMO A REVO TRANSFORMA A MOBILIDADE EM UMA EXTENSÃO DO ESTILO DE VIDA

Mais do que encurtar distâncias, a marca aposta em parcerias estratégicas, em um modelo inédito de assinaturas e em uma malha de destinos cobiçados para devolver ao mercado premium seu ativo mais escasso: o tempo livre

No ritmo implacável das grandes metrópoles, o conceito de exclusividade passou por uma redefinição. Se antes o luxo era medido pela posse, hoje ele é mensurado pela liberdade. A verdadeira sofisticação não está apenas em chegar ao destino, mas na forma como você vivencia o trajeto. É exatamente nessa intersecção entre bem-estar, previsibilidade e lifestyle que a Revo, referência em mobilidade aérea de alto padrão, vem reescrevendo o deslocamento no Brasil desde o seu lançamento em agosto de 2023.

Para garantir que a devolução do tempo seja feita sob o mais absoluto rigor, a entrega da Revo vai muito além do voo. A marca chancelou o mais alto padrão de segurança do setor ao integrar o grupo multinacional de origem portuguesa Omni Helicopters International (OHI), líder em soluções de mobilidade aérea na América Latina. Para se ter a dimensão dessa expertise, a OHI opera uma frota com cerca de 90 helicópteros, realiza mais de 1.500 voos semanais e possui o marco de já ter transportado em segurança mais de 7 milhões de passageiros. No Brasil, a autoridade da marca é referendada pela Omni Táxi Aéreo, que atua com excelência no país há mais de 25 anos.

A jornada completa e o portfólio de destinos

O serviço da Revo foi pensado para um público de alta renda que não abre mão do conforto em nenhum momento. Por isso, a empresa desenvolveu um ecossistema com tecnologia proprietária e inteligência artificial, permitindo que as reservas sejam feitas de forma ágil via app, site ou por um concierge exclusivo. A jornada, contudo, inicia muito antes da decolagem.

A Revo oferece um serviço personalizado de ponta a ponta, com deslocamento porta a porta em carros blindados, além de recepção em lounges e acompanhamento por hosts exclusivos. No caso das rotas fixas para o Aeroporto Internacional de Guarulhos, a conveniência atinge outro patamar com o despacho terrestre das bagagens, garantindo que o passageiro chegue ao seu terminal com as mãos e a mente livres.

Além de Guarulhos, a Revo trabalha com rotas fixas – permitindo reservas de assentos únicos, múltiplos ou o fretamento da cabine completa (full cabin) – para destinos residenciais de alto padrão, como Fazenda Boa Vista, Quinta da Baroneza e, mais recentemente, Alphaville. Para os momentos de lazer, a empresa oferece voos privados com destinos sob demanda, incluindo os paraísos do litoral paulista durante o verão (Ilhabela, Juquehy-Baleia, Maresias e Guarujá) e o requinte de Campos do Jordão. A premissa operacional é inegociável em todos os trajetos: uso exclusivo de aeronaves bimotores e a presença de dois pilotos a bordo.



TREND

A CIDADE POR ASSINATURA





No ambiente urbano, essa previsibilidade ganhou contornos inéditos com o lançamento do Revo Urban Mobility, o primeiro programa de mobilidade aérea por assinatura do país voltado para deslocamentos curtos. Desenhado para quem exige máxima conveniência, o plano anual (US$ 13.650) oferece 30 Revo Seats que podem ser usados para contornar o trânsito da capital paulista. A malha de assinaturas incorpora eixos nevrálgicos de São Paulo, conectando clientes a pontos estratégicos como a Avenida Paulista e o Aeroporto de Congonhas.

O eixo Alphaville: inteligência logística de luxo

O mais recente e aguardado marco da expansão da companhia é a nova rota fixa para Alphaville. Consolidado como um polo residencial premium, o bairro historicamente sofria com a imprevisibilidade do trânsito. Agora, a operação foi viabilizada por meio de uma parceria com a Grand Brasil.

Os embarques e desembarques ocorrem no heliponto homologado na cobertura da suntuosa flagship da concessionária em Alphaville. Na prática, o que seria uma viagem exaustiva de carro a partir da Avenida Faria Lima se transforma em um voo panorâmico de meros 10 minutos (uma redução de 89% no tempo). Há ainda a conexão direta com o Aeroporto de Guarulhos, realizada em impressionantes 15 minutos.

Um olhar para o amanhã

Toda essa inteligência logística e excelência operacional que os clientes experimentam hoje funciona como o laboratório de um futuro iminente. A Revo lidera de forma pioneira a transição para a nova era da aviação urbana no Brasil, preparando o terreno e as rotas para a chegada dos modernos e silenciosos eVTOLs, aeronaves elétricas de pouso e decolagem vertical, cujos primeiros voos estão previstos para o último trimestre de 2027.

A aposta nesse futuro tem bases sólidas: recentemente, a Revo anunciou um investimento de 250 milhões de dólares para a aquisição de 50 eVTOLs da Eve, subsidiária da Embraer. O contrato é o primeiro deste tipo assinado pela fabricante no mundo todo, reafirmando o compromisso de longo prazo da companhia.

Até lá, a Revo segue provando que, no mercado de alto padrão, o céu não é o limite, é apenas o ponto de partida para quem escolhe viver com mais presença, estilo e propósito.

TREND

TEMPO:



Em São Paulo,
uma nova solução de
moradia redefine o
que significa viver bem,
com tudo pensado
para simplificar a rotina
e devolver tempo
aos moradores.

O Novo Ativo da Sofisticação

Em São Paulo, uma nova solução de moradia redefine o que significa viver bem, com tudo pensado para simplificar a rotina e devolver tempo aos moradores. Agendas lotadas, com viagens frequentes e compromissos em diferentes fusos horários. Junto disso, as horas perdidas no deslocamento para o trabalho, para a academia e para o lazer. Para muitos, a escolha está entre viver no centro da rotina ou abrir mão da praticidade em troca de conforto.

Esse dilema reflete o desafio de viver bem em São Paulo, mesmo que de forma temporária. Uma rotina intensa que vem se tornando uma experiência de moradia cada vez mais impessoal.

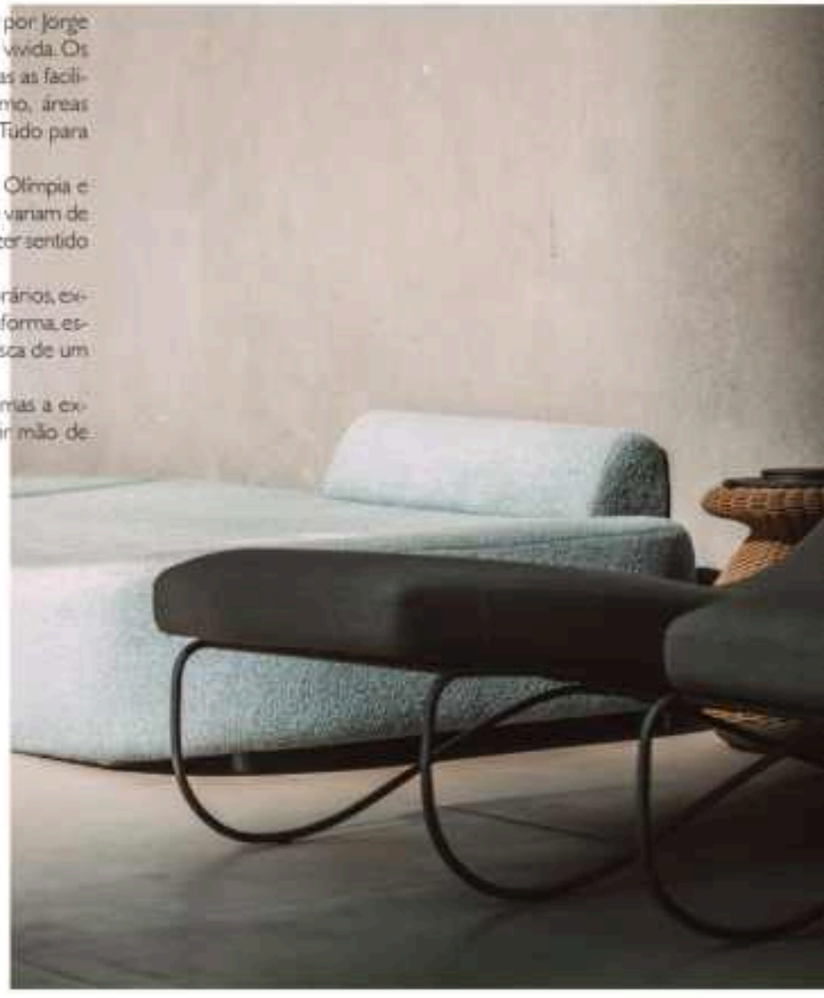
É claro, todos querem encaixar uma rotina corrida em um espaço confortável, com apartamentos amplos, condomínios de alto padrão e estrutura de lazer completa. O que mudou foi o conceito de luxo. Ele deixa de estar apenas no que se vê e passa a se revelar na forma como o tempo é vivido. Está na capacidade de tornar a rotina mais fluida, reduzir fricções e permitir que o cotidiano funcione a nosso favor.

Foi a partir dessa demanda que a JFL trouxe o multifamily para o Brasil. Criada por Jorge Felipe Lemann, a marca traz a premissa de que a moradia deve estar pronta para ser vivida. Os apartamentos são mobiliados, com enxoval de cama e banho, cozinha equipada e todas as facilidades integradas ao cotidiano. Arrumação diária, manutenção, contas de consumo, áreas comuns completas e até um café da manhã assinado por chef fazem parte da rotina. Tudo para viver o seu tempo, sem que a gestão da casa entre no caminho.

Hoje, a JFL opera cinco edifícios em regiões nobres de São Paulo, como Jardins, Vila Olímpia e Faria Lima, somando cerca de 600 apartamentos com até 4 dormitórios e metragens que variam de 36 a 431 metros quadrados. Os contratos são versáteis, a partir de um mês até quando fizer sentido ficar, criando um ambiente que se aproxima muito mais de um condomínio residencial.

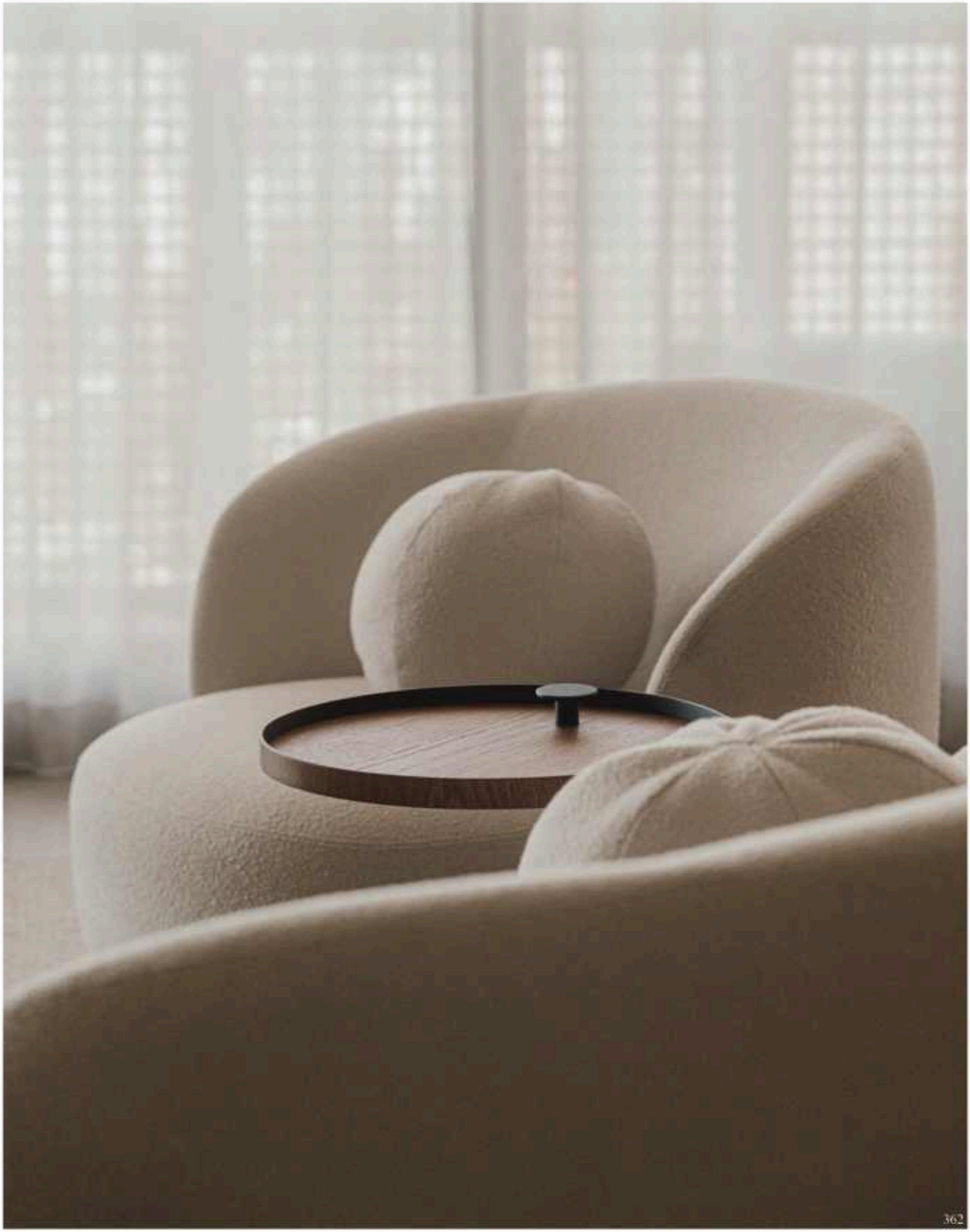
Uma solução que atrai cada vez mais perfis, como executivos em projetos temporários, expatriados de multinacionais, famílias em processo de mudança ou com o imóvel em reforma, estudantes de universidades de ponta e pacientes em tratamento médico. Todos em busca de um espaço que funcione como uma casa por um período determinado.

O que une esses perfis não é apenas a necessidade de um imóvel temporário, mas a expectativa de uma experiência mais leve e prática, que permita morar bem sem abrir mão de mobilidade ou de tempo livre.





"Tudo o que oferecemos é pensado para eliminar preocupações do dia a dia, desde a gestão da casa até pequenas decisões que consomem energia ao longo da rotina. No fim, o que entregamos vai além do conforto: é a possibilidade de viver com mais presença e foco no que realmente importa."
Lucas Cardozo, COO da JFL





Segundo Lucas Cardozo, três fatores seguem determinantes na escolha de onde morar: localização, espaço e flexibilidade. Estar próximo aos principais eixos de negócios da cidade, com inúmeras opções de lazer e gastronomia, reduz deslocamentos e amplia o tempo útil. O espaço, por sua vez, continua sendo um diferencial relevante, especialmente para quem permanece meses em um mesmo endereço e busca conforto real para o cotidiano. Por fim, a flexibilidade: poder definir o tempo de permanência conforme a vida pede, sem prazos rígidos nem amarras contratuais.

Nessa nova tendência, existe uma mudança cultural na relação com a casa. O lar deixa de ser um ponto definitivo e passa a ser entendido como um espaço de acolhimento temporário, adaptável e alinhado ao momento de vida de cada morador. Um modelo em que morar bem significa ter a liberdade de chegar e partir com a mesma facilidade, sem abrir mão de conforto.

"Para a JFL, o verdadeiro luxo é extrair o peso da rotina, devolvendo o essencial à vida. Está naquilo que conversa com um cotidiano mais leve. Menos preocupações e um ritmo que funciona a favor do morador são elementos que, juntos, ampliam a experiência de viver bem e devolvem aquilo que se tornou mais valioso: o tempo."



CHEF HENRIQUE

FOGA ÇA

BRUTO DE ALMA DOCE



FOTO HENRIQUE TARRICONE

De cozinheiro autodidata a ícone cultural brasileiro, o chef transformou a gastronomia em linguagem, a autenticidade em marca e a resiliência em legado. Entre panelas, palcos, negócios e causas sociais, Henrique Fogaça construiu uma trajetória que transcende a culinária para se tornar um dos retratos mais fascinantes do Brasil contemporâneo.

"Resiliente, determinado e sempre pronto para novos desafios"

Numa época em que a imagem muitas vezes precede a substância, Henrique Fogaça representa uma rara exceção. Sua trajetória não foi construída sobre atalhos ou fórmulas prontas, mas sobre uma combinação poderosa de coragem, disciplina e inconformismo. Nascido em Piracicaba, interior de São Paulo, ele chegou à capital sem imaginar que se tornaria um dos chefs mais influentes da América Latina. Antes dos restaurantes premiados, da televisão e da fama nacional, existia um jovem estudante de arquitetura e comércio exterior que descobriu a gastronomia da forma mais genuína possível: cozinhando para sobreviver. Foi na simplicidade da cozinha cotidiana, reproduzindo receitas ensinadas pela mãe e pela avó, que nasceu uma paixão capaz de redefinir completamente seu destino.

A decisão de abandonar caminhos considerados mais convencionais para mergulhar na gastronomia revelou um traço que marcaria toda sua carreira: a capacidade de apostar em suas próprias convicções. Durante a formação profissional, Fogaça buscou experiência nos mais respeitados restaurantes paulistanos, absorvendo técnicas, culturas e processos. Mas desde o início ficou evidente que seu objetivo não era apenas reproduzir modelos de sucesso. Havia uma inquietação criativa que o impulsionava a questionar padrões e construir uma identidade própria. Essa busca por autenticidade se tornaria um dos pilares de sua ascensão e da admiração que conquistaria ao longo dos anos. Mas limitar Henrique Fogaça à definição de chef seria ignorar a complexidade de sua trajetória. **Sua carreira é marcada por uma inquietação empreendedora que o levou a expandir constantemente seus horizontes.**

Criou a Mercado Feira Gastronômica, antecipando tendências da comida de rua no Brasil, inaugurou o gastropub Cão Véio, desenvolveu conceitos inovadores para bares e consolidou um ecossistema de negócios baseado em criatividade, experiência e personalidade. Em cada projeto existe uma assinatura clara: a capacidade de transformar ideias em espaços de convivência capazes de conectar pessoas, cultura e gastronomia.

Por trás do empresário existe também um **pensador da cozinha contemporânea**. Fogaça sempre defendeu que a boa comida não deveria ser um privilégio reservado a poucos. Sua filosofia desafia a ideia da gastronomia como símbolo de exclusividade e a reposiciona como instrumento de encontro, memória e afeto. Seus pratos transitam entre a sofisticação técnica e a familiaridade dos sabores brasileiros, provando que excelência não depende de ostentação. É justamente essa visão democrática que faz de sua cozinha uma experiência profundamente humana e, ao mesmo tempo, universal.

A popularidade nacional ganhou uma nova dimensão em 2014, quando estreou como jurado do MasterChef Brasil. O programa não apenas apresentou seu trabalho para milhões de espectadores, como revelou ao público uma personalidade que fugia dos estereótipos televisivos. A aparência austera, as tatuagens e o olhar rigoroso escondiam um profissional movido por empatia, sensibilidade e um profundo respeito pelo esforço alheio. Ao longo de mais de uma década no programa, **Fogaça tornou-se uma referência para uma geração inteira de cozinheiros, empreendedores e criativos** que enxergam na disciplina uma ferramenta de transformação pessoal.

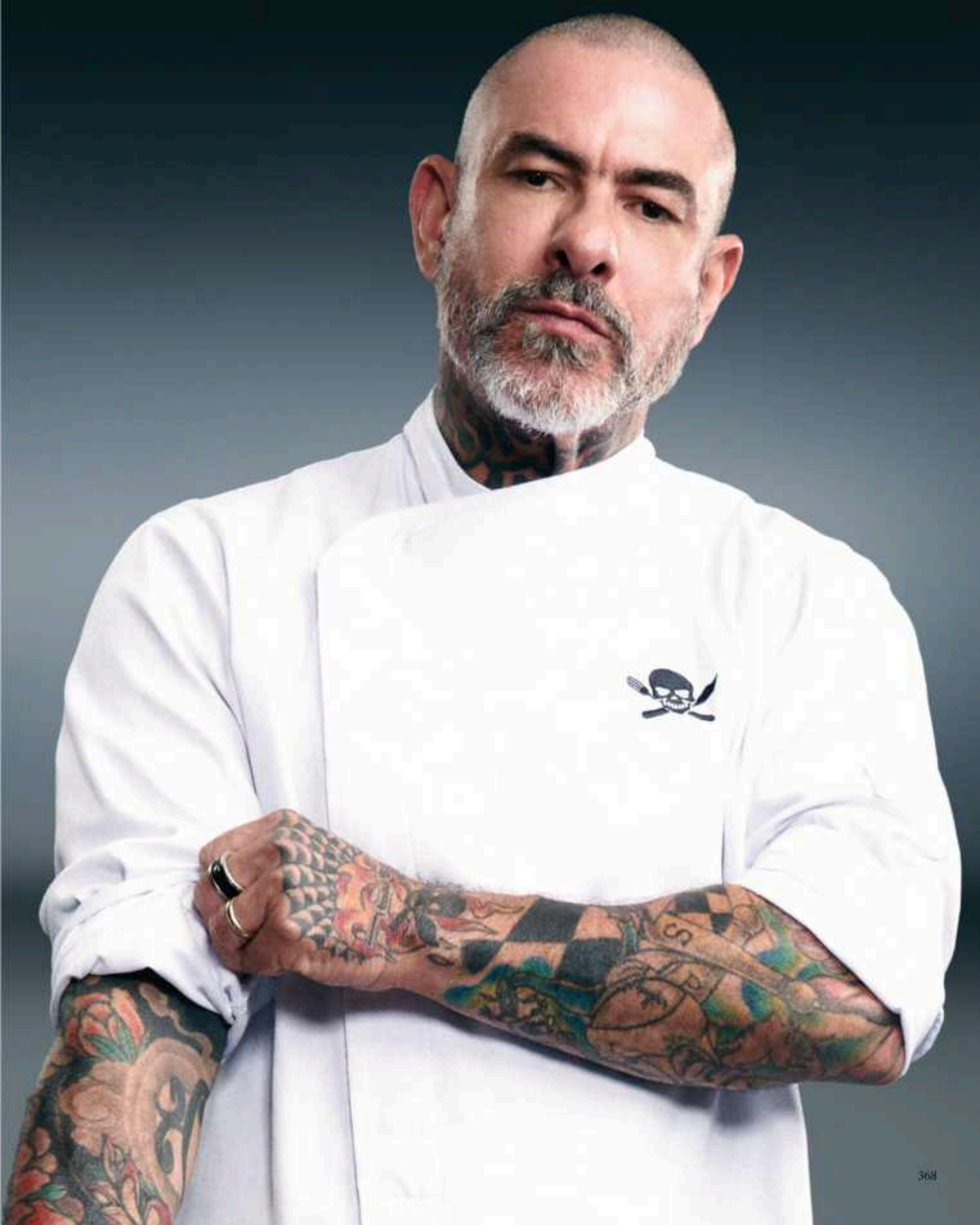
Sua identidade multifacetada se manifesta também na música. Vocalista e fundador da banda Oitão, Fogaça encontrou no hardcore uma extensão natural de sua personalidade. A energia crua dos palcos dialoga com a intensidade que leva para os negócios e para a cozinha. Em um mercado frequentemente dominado por narrativas cuidadosamente calculadas, ele construiu uma carreira baseada na coerência entre quem é e o que faz. Seja diante de um fogão, de uma câmera ou de uma plateia, existe uma mesma verdade conduzindo sua atuação: a recusa em se tornar uma versão artificial de si mesmo.

Essa autenticidade também se traduz em sua força como marca. Poucos nomes no Brasil transitam com tanta naturalidade entre universos aparentemente distintos. Fogaça dialoga com amantes da alta gastronomia, motociclistas, músicos, empresários e famílias sem perder sua essência. Suas parcerias comerciais refletem exatamente essa coerência. Em vez de emprestar apenas sua imagem, participa ativamente dos processos criativos, reforçando uma filosofia rara no universo contemporâneo das celebridades: a de que credibilidade é um ativo que não pode ser terceirizado.

Entretanto, talvez seja fora dos holofotes que Henrique Fogaça revele sua faceta mais admirável. **Pai de Olivia, João e Maria Letícia, ele encontrou na experiência familiar uma missão que ultrapassa qualquer conquista profissional.** A luta ao lado da filha Olivia, portadora de uma síndrome rara, transformou sua vida e ampliou seu compromisso social. Ao defender o acesso à cannabis medicinal e lançar a plataforma Komunidade, Fogaça converteu uma dor pessoal em um movimento de acolhimento e informação para milhares de famílias brasileiras. É um exemplo poderoso de como liderança também significa usar a própria voz para promover mudanças concretas na sociedade.

Talvez seja por isso que a definição mais precisa sobre Henrique Fogaça continue sendo a mais simples: um bruto de alma doce. As mais de cem tatuagens, a paixão pelo rock, pelas motocicletas e pelo skate compõem apenas a superfície de uma personalidade muito mais profunda. Sob a estética rebelde existe um homem guiado por valores sólidos, pela crença na igualdade humana e pela disposição constante de recomeçar. Em uma era obcecada por personagens, Fogaça tornou-se algo muito mais raro: uma figura genuína. **Sua história não é apenas sobre gastronomia, sucesso ou reconhecimento. É sobre a coragem de permanecer fiel a si mesmo enquanto reinventa, dia após dia, o significado da própria trajetória.**

por Ale Monteiro





Emile: a nova *sofisticação* do *sabor* carioca

Sob o comando de Bernabé Simón Padrós, o Emile celebra os ingredientes brasileiros com técnica refinada e uma gastronomia contemporânea de luxo discreto.

Sob o comando do chef argentino Bernabé Simón Padrós, o restaurante Emile inaugura uma fase marcada pela valorização dos ingredientes brasileiros, pela precisão técnica e por uma gastronomia contemporânea que transforma

Instalado no elegante Emile, endereço gastronômico do sofisticado Hotel Emiliano Rio de Janeiro, o restaurante inicia uma nova etapa de sua trajetória ao receber o chef argentino Bernabé Simón Padrós. A mudança representa mais do que uma renovação de cardápio. Trata-se de uma redefinição de identidade que coloca o produto brasileiro no centro da experiência, elevando ingredientes locais a um patamar de protagonismo raramente alcançado com tamanha elegância e sensibilidade. Em uma cidade onde a gastronomia vive um momento de grande efervescência criativa, o Emile reafirma sua posição entre os destinos mais relevantes da alta cozinha contemporânea.

Nascido em Salta, no norte da Argentina, Bernabé construiu uma carreira sólida e cosmopolita em algumas das cozinhas mais influentes do mundo. Sua formação pela Universidade de Buenos Aires e pelo Instituto Argentino de Gastronomia abriu caminho para experiências em casas que redefiniram a culinária latino-americana contemporânea. Entre elas estão os icônicos Astrid y Gastón e Central, onde trabalhou sob a liderança dos renomados chefs Virgilio Martínez e Pía León. Ao longo dos anos, participou da criação de projetos internacionais e coordenou operações gastronômicas em diferentes continentes, acumulando uma visão global que agora encontra no Rio de Janeiro um novo território de expressão.









O conceito que orienta sua estreia no Emile é tão sofisticado quanto aparentemente simples: cozinhar menos para revelar mais. Em vez de esconder os ingredientes sob camadas de técnica ou apresentações excessivamente elaboradas, o chef busca evidenciar a essência de cada produto. Sua filosofia parte da convicção de que a técnica existe para sustentar o sabor e não para competir com ele. O resultado é uma cozinha refinada, precisa e contemporânea, onde cada elemento encontra sua razão de existir e onde a autenticidade da matéria-prima se torna o verdadeiro luxo.

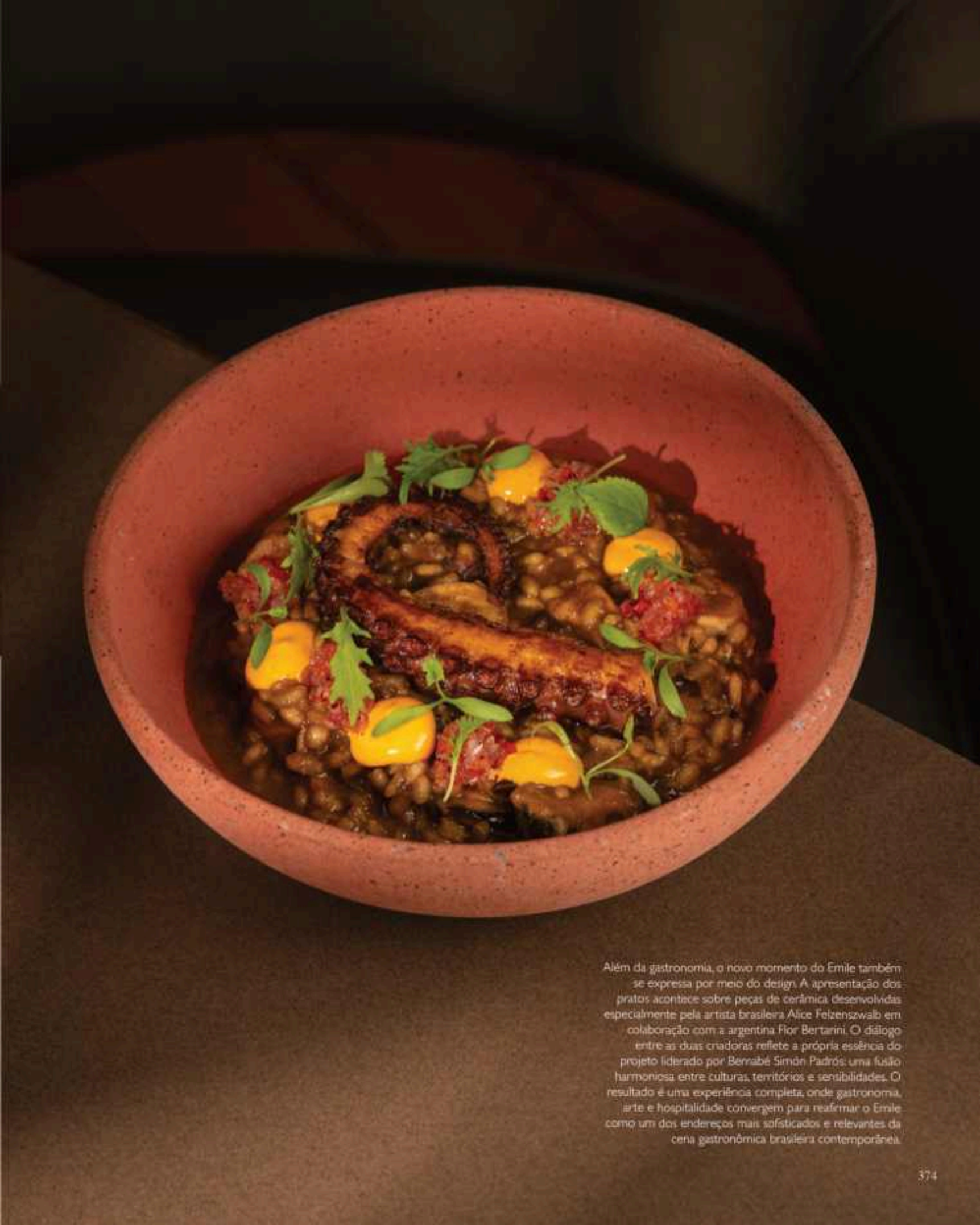
brasileiros, especialmente aqueles provenientes do estado do Rio de Janeiro. A proposta valoriza produtores locais e respeita a sazonalidade dos alimentos, criando uma narrativa gastronômica profundamente conectada ao território. Em tempos em que a alta gastronomia internacional volta seu olhar para a origem dos ingredientes, o Emile acompanha essa tendência global sem abrir mão de uma identidade própria, marcada pela leveza, pela elegância e pelo respeito absoluto ao produto.

A experiência começa de forma compartilhada, incentivando a convivência à mesa através de pequenos pratos que despertam a curiosidade do paladar. Entre as entradas, destacam-se combinações de grande personalidade, como a pupunha na brasa acompanhada por molho de pimenta e emulsão de kimchi, além do delicado tiradito de peixe do dia com leite de tigre de yuzu kosho e azeite de coentro. São preparações que demonstram a habilidade do chef em equilibrar referências latino-americanas, influências asiáticas e ingredientes brasileiros, criando sabores ao mesmo tempo familiares e surpreendentes.

Outras criações reforçam essa narrativa contemporânea. O atum curado servido com molho de atum e anchovas, gel de limão, batata e alcaparras fritas revela uma construção precisa de texturas e intensidades. Já a lula com nduja e feijão branco estabelece um diálogo entre o Mediterrâneo e a América do Sul, enquanto o tomate acompanhado por crustáceos e melão apresenta uma combinação fresca e sofisticada. O menu ainda contempla opções que exploram a riqueza vegetal de forma inventiva, como os cogumelos preparados em diferentes técnicas, servidos com creme de amêndoas, alho e lardo crocante.

Nos pratos principais, a mesma filosofia se manifesta de maneira ainda mais evidente. O preparo de brócolis, aspargos e miso demonstra que a cozinha vegetal pode ocupar posição de destaque em um restaurante de alta gastronomia sem recorrer a excessos. Já o peixe do dia preparado na brasa, acompanhado por feijão Santarém, purê de abóbora e molho elaborado a partir do próprio pescado, sintetiza a proposta de Bernabé: respeitar o ingrediente, compreender sua essência e amplificar suas qualidades naturais através de intervenções precisas e discretas.

As sobremesas seguem a mesma lógica criativa, explorando ingredientes profundamente enraizados na cultura brasileira sob uma perspectiva contemporânea. Milho, acerola e goiabada aparecem reinterpretados com refinamento, enquanto combinações como cacau, café e miso revelam uma complexidade surpreendente. Coco, cupuaçu e citron oferecem frescor tropical, ao passo que caju, castanha e maracujá traduzem a exuberância dos biomas brasileiros. O arroz-doce com paçoca e canela encerra a experiência evocando memórias afetivas em uma leitura sofisticada e atual.



Além da gastronomia, o novo momento do Emile também se expressa por meio do design. A apresentação dos pratos acontece sobre peças de cerâmica desenvolvidas especialmente pela artista brasileira Alice Feizenszwalb em colaboração com a argentina Flor Bertarini. O diálogo entre as duas criadoras reflete a própria essência do projeto liderado por Bernabé Simón Padrós: uma fusão harmoniosa entre culturas, territórios e sensibilidades. O resultado é uma experiência completa, onde gastronomia, arte e hospitalidade convergem para reafirmar o Emile como um dos endereços mais sofisticados e relevantes da cena gastronômica brasileira contemporânea.

TREND

O *luxo* que não precisa **gritar**

Entre mesas cenográficas, gastronomia autoral e uma obsessão quase emocional pelos detalhes, a **Mandala** transforma eventos em experiências onde sofisticação deixa de ser excesso e passa a ser memória.



GUILHERME ALMENDRA

À FRENTE DA MANDALA EVENTOS, GUILHERME ALMENDRA CONDUZ PROJETOS QUE UNEM ORATÓRIA, EXCELÊNCIA OPERACIONAL E SENSIBILIDADE PARA ENTREGAR EVENTOS, ATIVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS QUE FORTALECEM MARCAS E PERMANECEM NA MEMÓRIA DO PÚBLICO.

Existe uma diferença brutal entre produzir eventos e criar atmosferas capazes de permanecer na memória de alguém por anos. Em uma era onde o luxo já não se mede pelo excesso evidente, mas pela capacidade de provocar sensações silenciosas e profundamente pessoais, a Mandala emerge como um dos nomes que melhor compreendem essa nova linguagem da sofisticação contemporânea. Liderada por Guilherme, CEO da marca, e por sua mãe, diretora de produção, a empresa nasceu dentro de um apartamento em São Paulo durante a pandemia e cresceu organicamente até se tornar uma operação que hoje movimenta eventos grandiosos, artistas, produções internacionais e estruturas que ultrapassam qualquer noção convencional de decoração.

Mas talvez o que realmente diferencie a Mandala não seja o tamanho das produções. É a maneira quase afetiva como cada detalhe é pensado. Nada ali parece existir apenas para ser bonito. Tudo precisa provocar impacto emocional. O olhar estético da marca nasce justamente dessa dualidade entre extravagância e delicadeza. Guilherme descreve a empresa como um reflexo direto da própria personalidade familiar: intensa, maximalista, emocional e profundamente conectada ao prazer de receber. Existe luxo, imponência e teatralidade em suas mesas cenográficas, mas há também uma tentativa constante de compreender quem será acolhido por aquele espaço. Antes de qualquer floral, porcelana ou composição visual, vem a leitura emocional do cliente. Quem é essa mulher? O que ela deseja sentir? Qual memória aquele evento precisa deixar? Talvez seja por isso que as produções da Mandala nunca se repitam. Cada mesa nasce quase como alta-costura: autoral, personalizada e construída para existir uma única vez. O resultado são cenários que transitam entre o angelical e o exuberante sem jamais perder refinamento.

Mas existe também um bastidor rigoroso sustentando toda essa estética aparentemente fluida. A excelência dentro da Mandala não funciona como diferencial. Funciona como obrigação emocional. Guilherme fala abertamente sobre a cobrança extrema que impõe a si mesmo e à equipe, a ponto de transformar terapia em parte fundamental da própria rotina. Em um universo onde erros podem comprometer experiências inteiras, a obsessão pelo controle se tornou quase estrutural dentro da empresa. Cada evento passa por pré-montagens minuciosas, testes de composição, estudos de fluxo e refinamento visual antes mesmo de existir oficialmente. Nada é improvisado. E talvez seja exatamente essa disciplina silenciosa que permita à Mandala criar experiências que parecem espontaneamente perfeitas. Hoje, com um acervo próprio avaliado em milhões e uma operação inteiramente familiar, a empresa rejeita a lógica da locação genérica para construir uma assinatura visual absolutamente reconhecível.

Na gastronomia, a Mandala entende que estética e sabor precisam coexistir. Em uma era de experiências hiperpersonalizadas, os cardápios deixaram de seguir fórmulas universais para refletir identidades, culturas e estilos de vida específicos. Eventos veganos, kosher, vegetarianos ou altamente personalizados desafiam diariamente a equipe a criar pratos visualmente sofisticados sem abrir mão da potência gastronômica. Mais do que serviço, a comida torna-se narrativa estética, um elemento sensorial tão importante quanto flores, iluminação ou porcelanas. Essa mesma filosofia aparece na forma como Guilherme entende o luxo contemporâneo: sofisticação não está no excesso, mas na intenção por trás de cada escolha. Elementos minimalistas, materiais orgânicos e uma curadoria precisa criam ambientes onde a elegância é percebida de maneira natural, sem precisar se impor visualmente.

O futuro da Mandala também segue essa lógica. Mais do que crescer, a marca busca preservar autenticidade enquanto expande suas produções e alcança novos públicos. Talvez seja justamente esse equilíbrio entre grandiosidade, emoção e identidade que torne seus eventos tão marcantes não apenas pelo que mostram, mas principalmente pelo que fazem sentir.









O *SABOR* DO TERRITÓRIO

Nascido em uma das vinícolas mais celebradas do planeta, o ***Floresta Field Blend Blanco*** transforma tradição, biodiversidade e precisão enológica em uma das mais sofisticadas interpretações dos vinhos brancos sul-americanos.

Em uma era em que os grandes vinhos buscam cada vez mais expressar sua origem com autenticidade, o Floresta Field Blend Blanco surge como um dos rótulos mais fascinantes da nova viticultura chilena. Produzido pela tradicional Santa Rita, o vinho nasce de vinhedos antigos cultivados em sistema field blend, prática ancestral na qual diferentes variedades convivem e são colhidas juntas, refletindo de forma mais pura a identidade do terroir. O resultado é um branco vibrante e multifacetado que se distancia das interpretações convencionais e oferece uma leitura sofisticada da diversidade que caracteriza os vales chilenos.

No nariz, o vinho revela uma composição aromática elegante e precisa. Notas cítricas lembram grapefruit, limão-siciliano e tangerina fresca, enquanto nuances florais delicadas acrescentam profundidade e refinamento. À medida que evolui na taça, surgem camadas minerais que evocam pedras molhadas, ervas frescas e uma sutil salinidade, características que reforçam sua vocação gastronômica. Em boca, apresenta textura envolvente, acidez viva e um equilíbrio notável entre tensão e cremosidade, criando uma experiência que permanece longa e sofisticada.



Essa complexidade natural faz do Floresta Field Blend Blanco um vinho extraordinariamente versátil à mesa. Sua energia cítrica e mineral harmoniza com perfeição com ostras frescas, ceviches, tartares de peixe e frutos do mar grelhados. Também encontra afinidade em preparações mediterrâneas à base de azeite, ervas aromáticas e vegetais da estação, além de pratos da culinária japonesa, especialmente sashimis e nigiris de peixes brancos. Para quem prefere opções mais estruturadas, o vinho acompanha com elegância aves assadas, risotos delicados e queijos de cabra de textura cremosa, valorizando tanto os sabores quanto as texturas dos ingredientes.

Mais do que um vinho branco, o Floresta Santa Rita Field Blend Blanco representa uma filosofia contemporânea de produção que privilegia a autenticidade acima da intervenção. Cada garrafa carrega a memória dos vinhedos históricos, a influência das montanhas e a expressão espontânea das variedades cultivadas em conjunto. Em um mercado cada vez mais interessado em vinhos com identidade e narrativa, o rótulo reafirma o potencial do Chile para produzir brancos de classe mundial, capazes de unir precisão técnica, emoção e um profundo senso de lugar em cada taça.

#1
Santa Rita
MELHOR VINÍCOLA DO MUNDO
GUIA FORBES
WORLD'S 50 BEST WINERIES
FORBES.COM

FLORESTA

Santa Rita



MELHOR LINHA DE VINHOS DO CHILE
ALISTAIR COOPER MW
By Catad'Or WINE GUIDE
2025

ELEITA A

MELHOR LINHA DE VINHOS DO CHILE

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS. BEBA COM MODERAÇÃO

APEROL

O DRINK Nº1 DA ITÁLIA



APEROL SPRITZ

BEBA COM MODERAÇÃO. VENDA E CONSUMO PROIBIDOS PARA MENORES DE 18 ANOS.



Esther Rooftop traz cozinha francesa de alma brasileira e curadoria de vinhos nacionais no centro de São Paulo

Sob o comando do chef francês Benoit Mathurin, o restaurante une técnica clássica, ingredientes locais e uma carta de vinhos 100% brasileira no terraço do edifício Esther

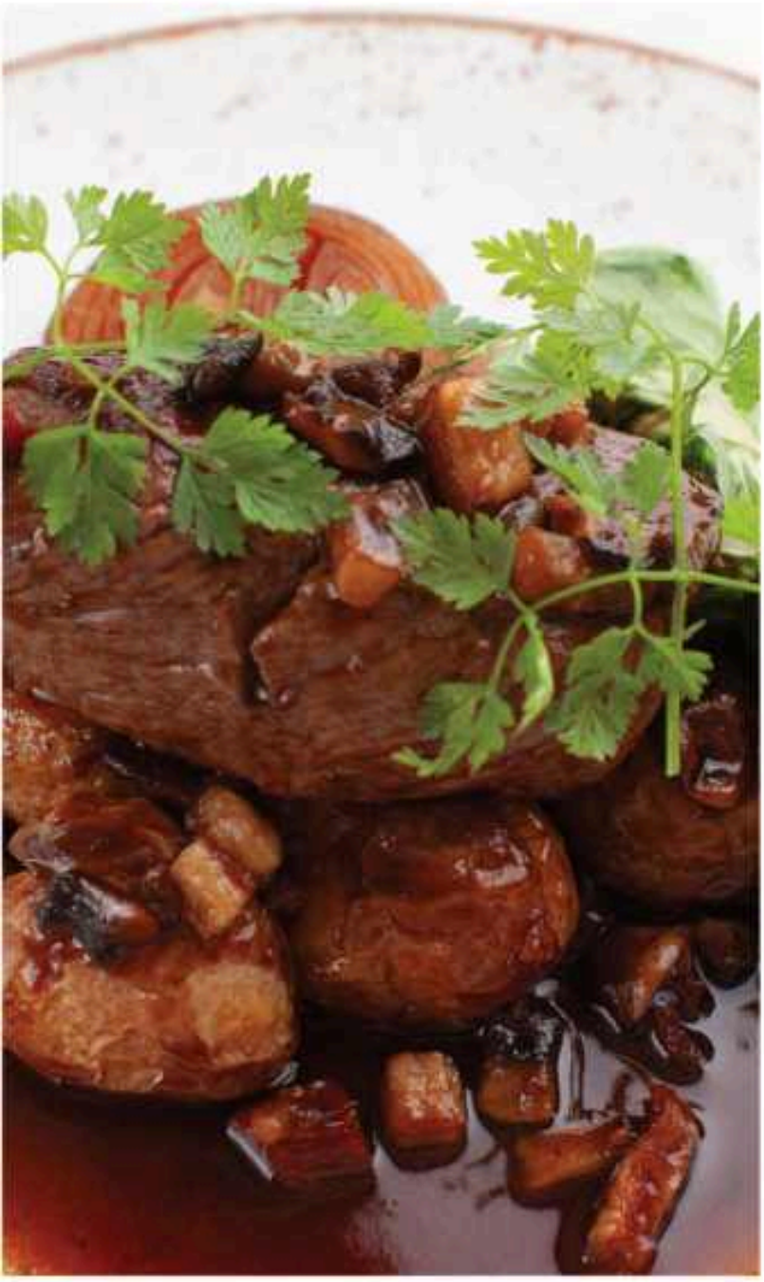
Localizado no topo do histórico edifício Esther, na Praça da República, o Esther Rooftop combina a técnica clássica francesa com a vibração da cultura brasileira. Sob o comando exclusivo do chef francês Benoit Mathurin, o restaurante une memória afetiva, arte e uma vista privilegiada do centro da cidade.

Desde o início, o restaurante é o projeto de vida de Benoit Mathurin. Criado em Chateaudun, região rural da França conhecida como o "sótão do país" pela fartura de cereais, o chef cresceu em uma família dedicada à agricultura. Antes de desembarcar no Brasil em 2014, Benoit desenvolveu seu estilo em casas de prestígio em Paris, como o Lasserre (2 estrelas Michelin) e o Tante Louise.

O menu do Esther equilibra clássicos europeus e nacionais. Para começar, a entrada "De lamber os dedos" (R$ 72) traz creme de cebola e cogumelos em massa de croissant, enquanto a Terrine do meu avô (R$ 72) resgata uma receita suína tradicional da família de Benoit.

Entre os pratos principais, o Arroz de Pato (R$ 125) servido caldoso com gema curada e picles de cebola, já se tornou marca registrada do restaurante. Outras opções incluem o Bombom de Alcatra com molho bourguignonne (R$ 118) e o Nhoque de mandioquinha com cogumelos grelhados e wakame (R$ 96). Para encerrar, a Noo Pavlova (R$ 45) e a Torta de limão com manjericão (R$ 45) trazem leveza ao menu.

Um dos pontos de maior destaque é a carta de vinhos, composta exclusivamente por rótulos nacionais. Benoit Mathurin foi uma das primeiras personalidades da gastronomia da cidade a apostar no potencial das vinícolas brasileiras e selecionou pessoalmente produtores de diversas regiões para compor a carta de seu restaurante. A completa lista inclui desde o espumante Cave Geisse Nature 2022 (R$ 236) até o tinto Etichetta Blu 2021 (R$ 405), produzido no interior de São Paulo, além de opções de rótulos laranjas, rosés, brancos e vinhos de sobremesa.





O Edifício Esther, marco inaugural da estética modernista e do uso misto no Brasil em 1938, empresta seu espírito de vanguarda ao restaurante, que funciona como uma extensão cultural do centro paulistano. Essa identidade se manifesta nas exposições de arte renovadas a cada três meses — sempre com artistas que retratam a região e em uma curadoria musical meticulosa que percorre a semana. A programação vai do jazz internacional às quintas e brasilidades do projeto "Riviera Sonora" às sextas, até o "Almoço à la française" e o set "Sunset" aos sábados, culminando no tradicional "Almoço com choninho" aos domingos.

End: Rua Basílio da Gama, 29, sala 1101 – Praça da República, SP.
Reservas: (11) 3256-1009 (Telefone/WhatsApp)
Instagram: @estherrooftop





Na Dodoma, jantar não é exatamente o destino final da noite. É o começo dela.

Nos Jardins, a Maison Dodoma transforma alta gastronomia, música e vida noturna em uma experiência de temporada limitada, com data marcada para desaparecer

Há lugares que chegam para ficar. Outros parecem saber, desde o primeiro serviço, que sua existência será breve. A Maison Dodoma pertence à segunda categoria.

Instalada em um dos endereços mais nobres dos Jardins, em São Paulo, a casa apresenta ao público brasileiro um conceito que há tempos movimenta as noites de Paris e da Riviera Francesa: o restaurant festif. A tradução literal — restaurante festivo — explica pouco. Na prática, trata-se de uma experiência em que gastronomia, música, hospitalidade e entretenimento dividem o mesmo protagonismo. O projeto foi idealizado pelos empresários e anfitriões Sergio K e Fernando Tchalian, que apostaram em uma atmosfera intimista, ousada e sofisticada. A arquitetura e a ambientação seguem uma inspiração pouco óbvia para os Jardins: uma tenda de exploradores instalada em meio à África selvagem. O resultado é um espaço que se distancia da formalidade tradicional dos grandes restaurantes sem abrir mão do cuidado estético e da sofisticação.

A proposta também passa pela cozinha, comandada pelo chef Thiago Tatini, do Casimiro Ristorante. Mais jovem representante de uma família que há décadas constrói sua história na gastronomia paulistana, Tatini assume a responsabilidade de fazer com que a experiência à mesa esteja à altura de tudo o que acontece ao redor dela.

E talvez esteja justamente aí o principal interesse da Dodoma: a casa não trata gastronomia e entretenimento como experiências independentes. Elas acontecem simultaneamente, em uma espécie de coreografia noturna.





O jantar convive com a música, a mesa com o bar, a conversa com a pista — e o restaurante deixa de ser apenas um lugar para comer para se transformar em um lugar para estar. A inspiração francesa ajuda a entender o espírito. Em Paris e na Riviera, o restaurant festif ganhou espaço ao propor uma nova maneira de ocupar a noite: começa-se à mesa, mas ninguém precisa ir embora quando termina o último prato. A energia muda, o volume aumenta, os copos continuam circulando e a experiência gastronômica passa a compartilhar o ambiente com o entretenimento.

Nos Jardins, a Maison Dodoma adapta esse ritual ao temperamento paulistano. Há, porém, um detalhe que torna a história ainda mais particular: a Dodoma já nasceu com data para acabar. O projeto tem encerramento previsto para o fim de 2026. O endereço que hoje abriga a casa dará lugar, no próximo ano, a um novo projeto urbanístico idealizado pelo próprio Fernando Tchalian. A temporariedade, portanto, não é consequência de uma mudança de planos. Faz parte da própria narrativa. E isso muda a maneira de olhar para o lugar.

Em uma cidade acostumada a inaugurações que prometem permanecer por décadas, a Maison Dodoma escolhe outro caminho: existir intensamente por uma temporada.

Como uma viagem que já vem com passagem de volta, a experiência ganha uma camada de urgência. Há algo de especial em saber que aquela mesa, aquela noite e aquele cenário não estarão ali para sempre. A própria ambientação parece reforçar essa sensação. Inspirada em uma expedição pela África, a casa assume um imaginário de descoberta, aventura e exotismo, como se o visitante estivesse entrando em um acampamento sofisticado no meio de uma narrativa maior. Uma espécie de escapismo cuidadosamente construído — e, sobretudo, temporário.

Talvez seja essa a maior aposta da Maison Dodoma. Em vez de competir apenas pela excelência do prato ou pela exclusividade do endereço, a casa disputa um espaço mais difícil: o da memória.

Porque restaurantes podem ser avaliados. Experiências, nem sempre.

E quando a última noite chegar, no fim de 2026, a Dodoma deixará de ser um endereço nos Jardins para se tornar aquilo que talvez tenha sido desde o princípio: uma temporada. Daquelas que passam rápido, fazem barulho e permanecem na lembrança.

Como as borbulhas de uma taça de champagne — breves, luminosas e impossíveis de segurar.

SÓ ELE É ASSIM.

CAMPARI



BEBA COM MODERAÇÃO. VENDA E CONSUMO PROIBIDOS PARA MENORES DE 18 ANOS.

LE LABO: o mundo em uma fragrância

Na coleção Cidades Exclusivas, a Le Labo transforma destinos em memória olfativa. Em 2026, Pequim ganha um novo capítulo com SHIU 25, uma composição inspirada na quietude, na contemplação e na arquitetura tradicional chinesa.



Há cidades que permanecem na memória por uma imagem. Outras, por uma música, uma textura, uma luz. E existem aquelas que podem ser reconhecidas pelo olfato, como se sua identidade pudesse ser condensada em algumas notas e preservada dentro de um frasco. É a partir dessa ideia que a Le Labo criou a coleção Cidades Exclusivas, um projeto que transforma diferentes metrópoles do mundo em experiências sensoriais.

A lógica da coleção é também parte de seu fascínio. Durante quase todo o ano, essas fragrâncias permanecem vinculadas às cidades que lhes deram origem. Uma vez por ano, porém, durante o mês de setembro, elas deixam seus laboratórios natais e podem ser encontradas mundialmente. É um ritual de disponibilidade limitada que transforma a descoberta do perfume em uma espécie de viagem sem deslocamento.
Em 2026, a coleção ganha um novo destino: Pequim. SHIU 25 nasce da experiência da marca na capital chinesa e encontra inspiração em seus espaços tradicionais de contemplação, nos jardins escondidos, nos ambientes de artesanato e na atmosfera silenciosa de lugares concebidos para a pausa e o retorno interior. A criação é construída ao redor do Shiu, apresentado pela marca como a expressão mais serena da árvore Ho, associada ao equilíbrio e à paz interior. Íris e olíbano aparecem sobre madeiras quentes, criando uma composição descrita como compacta, envolvente e centrada.

A própria arquitetura da Le Labo em Pequim reforça esse diálogo entre perfume e lugar. O laboratório He Yuan, inaugurado no coração da cidade, ocupa a histórica Casa 19, uma construção protegida culturalmente. O espaço combina a estética wabi-sabi característica da marca à arquitetura tradicional dos siheyuan, criando uma experiência dividida em três ambientes. É ali que SHIU 25 encontra sua casa.



A coleção parte de uma premissa sofisticadamente simples: uma cidade não precisa ser representada de maneira literal para ser reconhecida. Cada fragrância procura traduzir uma atmosfera, uma tensão ou uma memória. Em Quioto, OSMANTHUS 19 parte da delicadeza efêmera da flor de osmanthus. Na Cidade do México, CORIANDRE 39 explora o contraste entre o frescor cítrico, o coentro e notas verdes e aquáticas. Xangai aparece em MYRRHE 55, marcada pela mirra, pelo jasmim, pelo patchouli, pelo oud e pelo âmbar-gris.

Em outras geografias, a tradução olfativa assume diferentes personalidades. CEDRAT 37 associa Berlim à liberdade e à luminosidade por meio da cidra e do gengibre. CITRON 28 encontra em Seul uma combinação de limão, gengibre, jasmim, cedro e almíscar, refletindo a convivência entre tradição e vanguarda. TABAC 28 transforma Miami em uma composição de tabaco, oud, cedro, madeira de guaiaco, rum e cardamomo.

Há ainda perfumes que se aproximam da literatura e da música para construir suas cidades. BENJOIN 19, de Moscou, evoca o encontro entre Anna Karenina e o Conde Vronsky na estação de trem descrita por Tolstói. BAIE ROSE 26, de Chicago, encontra no jazz a inspiração para trabalhar a tensão entre especiarias, pimenta rosa, rosa de Grasse, aldeídos e almíscares.

Tóquio surge em GAIAC 10, centrado na madeira de guaiaco e em quatro tipos de almíscar. Paris recebe VANILLE 44, uma interpretação da baunilha que passa por âmbar, incenso, madeira e bourbon de baunilha.

Nova York é representada por TUBEREUSE 40, em uma composição que combina tuberosa, bergamota, tangerina, flor de laranjeira, cedro, sândalo, musgo de carvalho e almíscares.

É justamente nessa relação entre geografia e memória que a coleção encontra sua força. A Le Labo não procura simplesmente reproduzir o cheiro de uma cidade. O exercício é mais subjetivo: transformar referências culturais, arquitetônicas, paisagísticas e históricas em uma linguagem sensorial. O perfume deixa de ser apenas uma composição para se tornar uma espécie de documento invisível de um lugar.

Em setembro, essa cartografia olfativa ganha uma rara liberdade. As fragrâncias Cidades Exclusivas em tamanho normal ficam disponíveis mundialmente de 1º a 30 de setembro, enquanto amostras e kits de descoberta podem ser encontrados durante um período mais amplo, de 1º de agosto a 30 de setembro. A coleção reúne 19 fragrâncias, em versões de 15 ml, 50 ml e 100 ml, além de formatos de descoberta.

SHIU 25 chega em 2026 como o mais novo endereço desse mapa. Pequim, aqui, não é apenas uma coordenada. É silêncio, madeira, sombra, jardim, arquitetura e contemplação. Uma cidade traduzida não por sua aparência imediata, mas por aquilo que permanece quando o ruído desaparece.

Porque talvez seja essa a natureza mais sofisticada da perfumaria: não registrar exatamente onde estivemos, mas criar uma maneira de voltar.

A um "deslizar" da próxima solidão

Sobre o paradoxo curioso de uma geração que se aperfeiçoa em tudo, menos na arte de ficar.

Como um bon vivant, solteiro e publicitário inquieto, antes mesmo da sexta-feira chegar é de costume eu e metade da classe criativa estarmos relaxando em algum bar de São Paulo com colegas de trabalho ou amigos de vida. Sempre entregues a uma dose e à teoria da vez, chegamos no mesmo assunto: não é o trabalho, não é a terapia (embora a terapia apareça logo em seguida, como coadjuvante obrigatória), é o amor, ou a falta dele, ou a suspeita crescente de que a gente pode estar, deliberadamente, se esquivando dos dois. Tenho observado isso de perto, em primeira pessoa: essa geração de pessoas interessantes, realizadas, articuladas, que chegam nos 30 com currículo emocional invejável e uma capacidade impressionante de explicar por que não deu certo com o último. A questão que me intriga não é exatamente a falta de candidatos, é outra coisa, ainda mais incômoda.



@imjohnsato

Publicitário, apaixonado, um criativo inspirado e idealista.

É que amar alguém de verdade exige negociação, exige renúncias, exige abrir mão de parte das suas decisões para construir algo que só existe entre duas pessoas. E isso, convenhamos, soa cada vez mais como proposta suspeita numa época que vende autonomia como virtude máxima e trata a dependência emocional como diagnóstico.

> "Estamos nos tornando especialistas em autocuidado e analfabetos funcionais na arte de ceder."

A vulnerabilidade virou fraqueza a ser trabalhada na sessão de quinta, a intimidade virou processo, o apego virou red flag. E o pior: tem uma lógica nisso tudo que a gente entende perfeitamente, porque quem nunca se perdeu dentro de uma relação para depois precisar se achar do zero?

Eu mesmo me perdi algumas vezes: amei errado, amei torto, amei numa proporção que o outro não correspondeu. Então sim, eu entendo o blindado, entendo o "primeiro eu" tatuado na alma. O problema é quando o primeiro eu vira o único eu e a gente começa a tratar o outro como ameaça ao projeto pessoal.

Existe um paradoxo generoso no amor depois dos 30: ficamos mais seletivos num mundo que nos oferece mais opções do que nunca. Maturidade, dizemos, autoconhecimento, dizemos. Mas tem um filão ali que é simples comodidade, a confortável ilusão de que sempre existe alguém potencialmente

"Nos tornamos a geração que mais se desenvolve e menos consegue escolher alguém para dividir o desenvolvimento."

*sato*cacidade

melhor esperando na próxima rolagem.

Fazemos terapia, lemos ensaios sobre apego ansioso, treinamos o corpo com disciplina de atleta olímpico, construímos carreiras, desenvolvemos autoestima. Até o treino de domingo virou compromisso inegociável, e olha que domingo era dia de preguiça, antes de virarmos projetos andantes de alta performance.

Enquanto isso, perdemos a tolerância para aquilo que nenhuma planilha consegue otimizar: o encontro com o outro na sua imperfeição bruta, sem edição, sem versão melhorada disponível no mês que vem.

Vivemos como se o próximo grande amor não estivesse do outro lado de uma conversa difícil, mas a um deslizar para o lado. E talvez essa seja a pergunta que a geração vai precisar responder em algum momento, de preferência antes de acabar o vinho:

Estamos escolhendo melhor, ou estamos apenas deixando abertas possibilidades demais para nunca precisar escolher de verdade?

Ney Matogrosso já sabia. Em parceria com Tiago Iorc, ele canta sobre liberdade e pertencimento com uma lucidez que a maioria dos podcasts sobre relacionamento nunca vai alcançar. No ápice da canção, uma pergunta disfarçada de letra:

Livre — Tiago Iorc feat. Ney Matogrosso

Livre, era o que ela mais queria ser
Livre, pra ir e vir e ser o que quiser
Quando quiser e se quiser
Mas só o tempo, só pra descobrir
Se a liberdade é só solidão
E só o tempo, só pra descobrir
O que é ser

Talvez seja exatamente isso. No fim das contas, entre a autonomia e a entrega, entre a liberdade e a construção a dois, existe uma resposta que nenhum algoritmo, aplicativo ou retreat de autoconhecimento pode antecipar.

Só o Tempo.





Luxe Villacentum

Mayana Neïva

DE VOLTA PRA MIM

Depois de conquistar a televisão, o cinema e a música, Mayana Neiva vive a fase mais autoral de sua trajetória. Entre a atriz que emocionou milhões de brasileiros e a mulher que hoje dirige, escreve, canta e produz seus próprios projetos, existe um caminho de volta às origens, ao pertencimento e à liberdade de criar.

FOTO MAURICIO NAHAS STYLING E DIREÇÃO RAFAEL MENEZES

Nascida em Campina Grande, na Paraíba, Mayana jamais deixou que o sucesso a afastasse de suas origens. Pelo contrário. Quanto mais sua carreira crescia, maior parecia tornar-se o desejo de compreender o lugar de onde veio. Suas raízes nordestinas nunca funcionaram como um ponto de partida que ficou para trás. Elas permanecem sendo um centro para o qual retorna constantemente, seja na música, no cinema, na literatura ou na maneira como observa o mundo.

Durante anos, o público conheceu inúmeras versões de Mayana através da televisão. Personagens intensas, delicadas, fortes e inesquecíveis consolidaram seu espaço entre as grandes atrizes brasileiras. Atualmente, ela integra o elenco de Guerreiros do Sol, reafirmando uma carreira construída com consistência e escolhas criteriosas. Mas, curiosamente, é longe dos estúdios tradicionais que vive sua transformação mais profunda.

A pandemia trouxe uma pausa inesperada. E, com ela, vieram perguntas que talvez nunca tivessem encontrado espaço em uma rotina acelerada de gravações. Depois de tantos anos interpretando histórias de outras pessoas, surgiu uma inquietação inevitável: onde começava a sua própria história? A resposta não veio imediatamente. Transformou-se em pesquisa, escrita, música e cinema. Nascia ali uma artista ainda mais completa, interessada não apenas em interpretar personagens, mas em criar universos inteiros.

Essa busca deu origem ao documentário Onde Eu Começo, uma obra profundamente pessoal que investiga pertencimento, memória, identidade e ancestralidade. Produzido de maneira independente e filmado no interior da Paraíba, o longa parte de uma pergunta íntima para alcançar uma reflexão universal. Afinal, todos nós, em algum momento, precisamos descobrir onde realmente começamos.













Gianni Versace inverno 1991/92

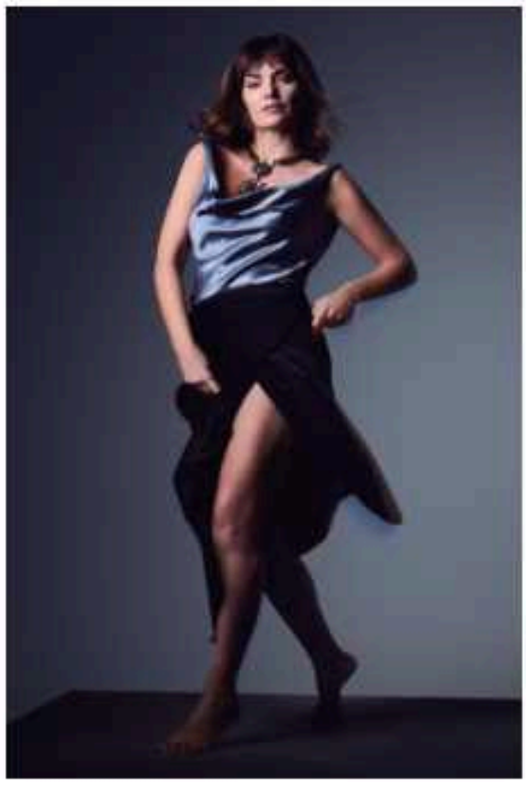
O reconhecimento internacional confirmou a potência dessa narrativa. Entr milhares de produções inscritas por cineastas do mundo inteiro, Onde E Começo conquistou o prêmio de Melhor Documentário no Beverly Hills Film Festival. Mais do que uma premiação, o reconhecimento representou a vitóri de uma obra construída com verdade, sensibilidade e absoluta liberdad criativa.

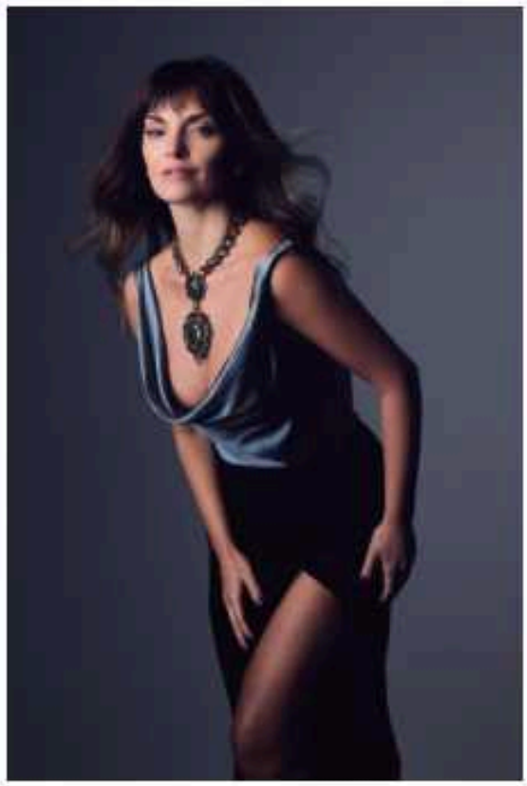
Essa mesma necessidade de retornar às origens também atravessa seu espetá culo musical, Tá Tudo Aqui Dentro. Em cena, Mayana percorre a cultura latino -americana, a música nordestina, o cordel e a MPB para construir uma experi ência que mistura concerto, memória e narrativa. Não é apenas um show. É um encontro entre passado e presente, entre identidade e pertencimento, entr artista e público.

Sua relação com a moda também nasce desse olhar simbólico. Muito antes d vestir tendências, Mayana enxerga significado. Para ela, um figurino nunc serve apenas para vestir um personagem. Ele altera postura, respiração, movi mento e emoção. Um sapato pode mudar a maneira de caminhar. Um vestid pode revelar uma personalidade inteira. Um lenço lançado ao vento pode cria uma personagem inesquecível.

Ela recorda com carinho momentos marcantes da carreira, como a construçã visual de Daisy, em Ti Ti Ti, ou a experiência ao lado de Luiz Fernando Carva lho em A Pedra do Reino, quando um simples lenço azul transformou comple tamente sua percepção sobre uma personagem. São lembranças que revelam uma atriz que constrói suas interpretações não apenas pela palavra, ma também pela imagem, pela matéria e pelo gesto.







Top John Galliano, saia Gianni Versace, colar Lanvin

o surpreende, portanto, que Mayana seja apaixonada pela fotografia analóca. Em uma época dominada pela velocidade dos algoritmos e pelo consumo stantâneo de imagens, ela encontra beleza justamente naquilo que exige pera. Gosta do ritual da fotografia em filme, da imprevisibilidade da revelao e da emoção que existe antes mesmo da imagem aparecer. Para ela, o alógico preserva algo que o digital frequentemente esquece: o valor do mpo.

se pensamento também explica seu entusiasmo ao participar de uma revista pressa. Enquanto tantas narrativas são reduzidas a poucos segundos de enção, uma publicação física continua oferecendo espaço para contemplao, profundidade e permanência. Um editorial não é apenas uma sequência fotografias. É uma história cuidadosamente construída. Uma conversa tre imagem, moda, texto e emoção.

longo desta entrevista, torna-se evidente que Mayana Neiva jamais separa te de vida. Tudo o que cria nasce da mesma fonte: o desejo permanente de mpreender quem somos. Talvez seja justamente por isso que suas diferentes guagens convivam com tanta naturalidade. Atriz, cantora, diretora, escritoou filósofa não são identidades distintas. São apenas diferentes maneiras de zer a mesma pergunta.

uando as últimas fotografias terminam e o estúdio começa a silenciar, fica a nsação de que aquele ensaio registrou muito mais do que uma capa. Registou um reencontro. Depois de dar vida a dezenas de personagens, Mayana iva vive hoje o papel mais desafiador e, ao mesmo tempo, o mais verdadeiro sua trajetória: o de voltar para si mesma. E é justamente nesse retorno que sce sua arte mais bonita.

"Eu vivo de contar histórias. Na maioria das vezes, histórias de outras pessoas. Mas, em algum momento, eu me perguntei: onde é que a minha história começa?"





FOTO: MAURICIO NAHAS

STYLING E DIREÇÃO: RAFAEL MENEZES

PRODUÇÃO DE MODA: ALEXANDRE STERMA

BELEZA: EDU HYDE

TRATAMENTO DE IMAGEM: FUJIOKA CREATIVE IMAGES

ASSISTÊNCIA FOTOGRÁFICA: VICTORIA CAVALCANTE, RAFAELLA DI GIAMMARIA

CATERING: MANDALA EVENTOS

ASSESSORIA: CAPELA NOVO

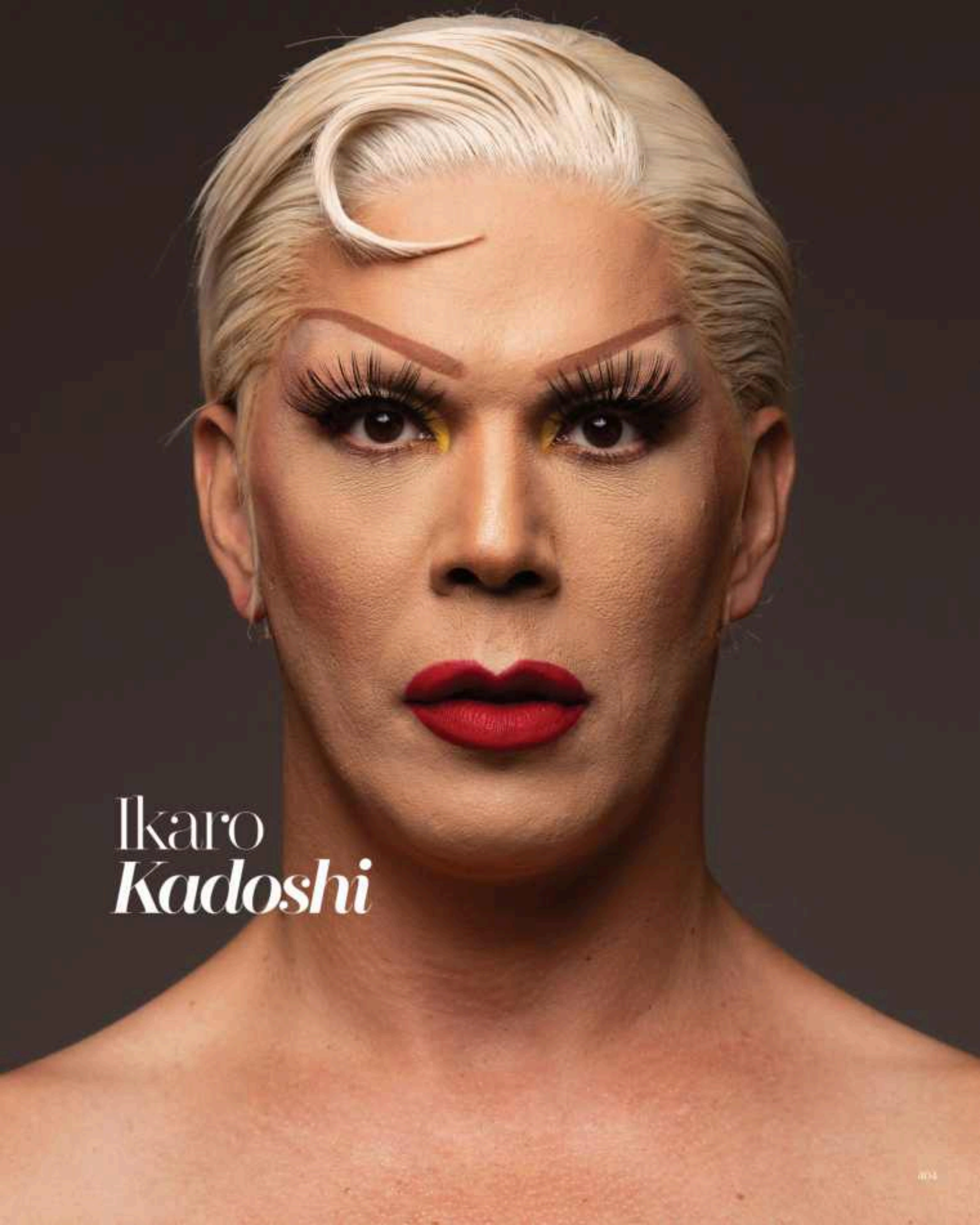
PRODUÇÃO EXECUTIVA: POLLY RIVA

Gianni Versace vestito 1991

Desconstrução

A Última Camada da *Pele*

Em um editorial visceral sobre identidade, humanidade e resistência. Ao revelar o processo de desmontagem diante das câmeras, Ikaro Kadoshi transforma a arte drag em um manifesto sobre humanidade, exaustão, identidade e resistência.


Ikaro
Kadoshi

Durante décadas, o imaginário coletivo aprendeu a enxergar a arte drag através do excesso: cílios impossíveis, contornos dramáticos, brilho, teatralidade e transformação. Mas existe algo profundamente equivoco em acreditar que a potência drag nasce apenas quando a maquiagem feminina. Ao longo de 25 anos de trajetória, Ikaro Kadoshi constrói uma presença artística que ultrapassa qualquer estética. No editorial que expõe sua desmontagem diante das câmeras, o que se revela não é o fim da fantasia, mas a permanência da arte em estado bruto. Enquanto camadas desaparecem lentamente diante do espelho, surge uma verdade desconfortável para quem sempre enxergou a drag apenas como espetáculo: existe um corpo exausto, um humano atravessado por violência social, e sobretudo uma artista cuja existência começa muito antes do delineador e permanece muito depois dele.

Para Ikaro, a maquiagem nunca foi esconderijo. Sempre foi linguagem. Um mecanismo de questionamento capaz de tensionar ideias rígidas sobre masculino, feminino, comportamento e pertencimento. Em vez de mascarar identidades, a drag escancara construções sociais que diariamente aprisionam corpos e subjetividades. "Homem não chora", "não posso vestir isso", "o que vão pensar de mim": pequenas frases aparentemente banais sustentam silenciosamente estruturas inteiras de repressão cotidiana. Ao sair montada pelas ruas, Ikaro percebeu que carregava no rosto muito mais do que maquiagem. Tornou-se um espelho ambulante, refletindo desejos, medos, preconceitos e fascínios de quem cruzava seu caminho. A drag, então, deixa de ser personagem para se tornar uma espécie de dispositivo social capaz de produzir novas verdades ao redor de si.

Existe também algo ritualístico, quase brutal, no ato de desmontar uma drag. Retirar cílios, apagar traços, dissolver contornos. Mas o processo de desconstrução revelado por Ikaro diante da câmera carrega uma urgência que ultrapassa a estética. Mostrar o que existe por trás da personagem é também reivindicar humanidade em um mundo que ainda insiste em negar isso às pessoas LGBTQIAPN+. Ikaro fala sobre a violência silenciosa de ser tratada como objeto: corpos tocados sem consentimento, hipersexualização constante, a expectativa de que a drag exista apenas para divertir ambientes e servir ao olhar alheio. Há uma brutalidade social em desumanizar aquilo que não se compreende. E talvez seja justamente por isso que revelar o intervalo entre fantasia e pele se torne um gesto tão político. Porque antes da personagem existe alguém que sente, trabalha, adoece, resiste e continua existindo quando as luzes se apagam.

Ao contrário da lógica da permanência estética que domina a cultura contemporânea, Ikaro nunca enxergou sua arte como resposta definitiva. "Ikaro sempre será uma pergunta", afirma. Talvez seja justamente essa capacidade de permanecer em transformação que sustente sua trajetória por tanto tempo. Ao longo de duas décadas e meia, sua estética mudou inúmeras vezes, assim como sua relação com o próprio corpo, com a maquiagem e com o discurso que deseja produzir através da drag. A arte drag, afinal, nunca foi estática. Ela pulsa, tensiona, escapa e se reinventa continuamente. Mas existe algo que envelhece mais rápido do que qualquer maquiagem: o olhar humano diante do outro. Ikaro fala sobre o desgaste emocional de viver em uma sociedade cada vez mais brutalizada, onde as relações se deterioram na mesma velocidade em que cresce a incapacidade coletiva de enxergar humanidade nas diferenças.

E ainda assim, apesar de tudo, a arte permanece. Talvez mais forte justamente porque continua incomodando. Para Ikaro, revelar o processo de construção e desconstrução drag não fragiliza o encantamento, mas amplia sua potência ao expor disciplina, dor, trabalho e existência humana por trás da ilusão. Quem enxerga a drag como arte encontra ali beleza, complexidade e admiração. Quem escolhe olhar através do preconceito continuará usando qualquer imagem como argumento para sustentar violências que já existiam antes mesmo da maquiagem. Mas a arte drag sobreviveu a tudo: perseguições, apagamentos, caricaturas e tentativas históricas de silenciamento. E continuará sobrevivendo. Porque sua existência nunca foi apenas entretenimento. A drag segue sendo pergunta, ruptura e espelho. Uma presença que desafia normas, provoca desconfortos e obriga o mundo a confrontar aquilo que ele tenta esconder sobre si mesmo.





O Hábito ~~CAFONA~~

Por Que Ninguém Responde Mais?

Da mensagem visualizada ao e-mail ignorado: o estranho colapso da comunicação na era digital.

Trabalho com comunicação há mais de duas décadas. Vi nascerem redes sociais, plataformas, aplicativos, smartphones e uma infinidade de ferramentas criadas com uma promessa simples: aproximar pessoas. A tecnologia veio para encurtar distâncias, acelerar processos e democratizar o diálogo. Mas, em algum momento do caminho, aconteceu algo curioso. Quanto mais acessível ficou a comunicação, mais rara ela se tornou. Vivemos a era da mensagem visualizada e ignorada. Do e-mail lido sem retorno. Do convite recebido sem confirmação. Da ligação rejeitada sem uma explicação. O que deveria ser uma ferramenta de aproximação transformou-se, para muitos, em um instrumento de ausência. E a pergunta que não sai da minha cabeça é simples: **o que aconteceu com a boa educação?**

Existe hoje uma espécie de aristocracia imaginária ocupando caixas de entrada, aplicativos de mensagens e perfis corporativos. Pessoas comuns, profissionais comuns, muitas vezes ocupando cargos comuns, comportam-se como se estivessem sentadas em tronos invisíveis, distribuindo silêncio como demonstração de relevância. Como se responder alguém fosse um favor. Como se a ausência de retorno conferisse status. Como se ignorar fosse uma linguagem de poder. Não é. Ignorar continua sendo apenas ignorar.

Responder sempre foi um gesto de elegância. E elegância nunca teve relação com dinheiro, cargo ou quantidade de seguidores. Elegância é reconhecer que existe um ser humano do outro lado da tela. Alguém que dedicou tempo para escrever uma mensagem, formular um convite, enviar uma proposta ou simplesmente iniciar uma conversa. Mesmo quando não é possível responder imediatamente, existe uma saída simples, educada e civilizada: "Recebi sua mensagem. Assim que possível, retorno." Pronto. A comunicação permanece viva. O respeito permanece intacto.

O mais curioso é que essa cultura do silêncio parece prosperar justamente entre aqueles que deveriam compreender melhor o valor da comunicação. Vejo isso diariamente em assessorias de imprensa, departamentos de marketing, agências e escritórios que representam grandes marcas. Muitas vezes, profissionais contratados para comunicar transformam-se em barreiras de acesso. Esquecem que são pontes e passam a agir como portões fechados. Algumas assessorias chegam a incorporar uma espécie de soberba emprestada, como se a importância da marca fosse automaticamente transferida para quem responde seus e-mails. Não é raro encontrar profissionais que tratam uma simples solicitação de informação como se estivessem administrando os segredos de Estado de uma potência mundial.



de ~~IGNORAR~~ Pessoas

Por ***Ale Monteiro***

O paradoxo fica ainda mais evidente quando observamos grandes empresas internacionais. Ao longo da minha trajetória, tive contato com algumas das marcas mais desejadas e respeitadas do mundo. E uma característica se repetia entre elas: a atenção. O cuidado. A capacidade de responder. O entendimento de que cada contato representa uma oportunidade de relacionamento. As maiores marcas do planeta frequentemente demonstram mais disponibilidade do que pequenas estruturas locais que ainda confundem inacessibilidade com prestígio.

Talvez estejamos diante de um fenômeno maior. Uma geração que cresceu acreditando que visibilidade é sinônimo de autoridade. Que exposição equivale a conhecimento. Que seguidores representam competência. Formada muitas vezes não pela experiência, mas pela velocidade. Não pelo aprofundamento, mas pela superficialidade. Não há problema algum em aprender através do YouTube, de podcasts ou de plataformas digitais. O problema começa quando a informação passa a substituir a formação. Quando o acesso passa a ser confundido com domínio. Quando a opinião passa a ocupar o espaço da reflexão.

E é justamente nesse ambiente que nasce uma das figuras mais curiosas da nossa época: **o comunicador que não comunica**. Uma contradição tão absurda quanto um publicitário que não publica. Um jornalista que não apura. Um arquiteto que não projeta. Ou, para usar uma metáfora simples, um careca vendendo shampoo.

A comunicação não é apenas uma ferramenta profissional. É uma demonstração de caráter. A forma como respondemos, retornamos, acolhemos ou ignoramos revela mais sobre nós do que qualquer currículo. Porque comunicação não é sobre falar. É sobre reconhecer a existência do outro.

Talvez esteja na hora de resgatar algo que parece antiquado em tempos de inteligência artificial, algoritmos e automações: a gentileza. Ela continua sendo uma das tecnologias mais sofisticadas já inventadas. Não precisa de atualização, não depende de bateria e nunca sai de moda. Afinal as ferramentas para se comunicar mudaram, mas os fundamentos permanecem os mesmos. Responder alguém ainda é um dos atos mais elegantes que existem. E o silêncio, quando usado para demonstrar importância, continua sendo apenas barulho disfarçado de vaidade.



Irreversível

@marladequeiroz

Quando terminei de falar, senti a dentada da tristeza em meu peito. Eu fui andando, andando, e quase olhei para trás e pedi que desconsiderasse aquilo tudo. Mas não dava para desmanchar aquele ponto final. Não se remove um "adeus" com um "esqueça tudo o que eu disse".

É que eu pensava que nem ia doer.

E foi com meu coração disparado que apressei o passo e ganhei a estrada. Eu respirava fundo, chamando a tranquilidade de volta, mas ela não veio. Enquanto eu me afastava, pensei que eu estava indo embora de tudo nele. E sei que fiquei feito um ranço, algo que lateja até que se perdoe. Era ele aprisionado na lembrança do que eu havia sido.

Só tive paz mesmo quando o seu coração desmanchou o hematoma da saudade num choro compulsivo, no colo do melhor amigo. Porque nem calma eu tinha para ajudar. A carne, sempre fraca para afagar, acabava indo mais longe, e tudo voltava ao antigamente.

Aí eu tive que ficar quieta no meu canto, toda lacerada pela falta. Foi um período solitário em que vivi o luto necessário. Ele nem desconfiou que eu também estava triste; talvez se sentisse melhor se soubesse. Mas eu tinha que fazer valer minha palavra. Demorei muito tempo tomando coragem. Demorei muito tempo desaprafusando aquela gaiola e, depois, reaprendendo a voar.

Tive ímpetos de escrever uma carta falando das qualidades dele, de tudo o que havia me feito crescer, mas, quando escrevi, só consegui dizer: desculpe, não se pode negociar com a paixão, e eu também não entendo, às vezes, esses caminhos que a vida tece.

E nós, que morávamos um no outro, ficamos sem casa.
Perdoe a falta de abrigo, é que agora eu moro no caminho.



Marla de Queiroz é jornalista e escritora natural de Brasília. Autora de obras como "**Matrioska**" e "**Tem dia que o coração prende o dedo na porta**", compartilha suas reflexões e textos em suas páginas oficiais no Instagram e Facebook.





maxior

JOIAS

FlagshipStore Shopping Eldorado / Bourbon Shopping / Shopping Ibirapuera
Shopping Villa Lobos / ParkShopping São Caetano / Shopping Center Norte

www.maxior.com.br

MAXIORJOIAS

Minimalismo no design.
Tecnologia elevada ao máximo.

INSIDER


Smart wear. Better Living.
insiderstore.com.br


NFL
LIX
SUPER BOWL



www.justapprove.com.br

Lojas físicas em São Paulo (Shopping Anália Franco, Shopping Eldorado
e Ribeirão Shopping), Rio de Janeiro (Barra Shopping) e Porto Alegre



JO MALONE

LONDON